

Ana Crhistina Vanali
Andrea Maila Voss Kominek
Vanessa Vargas Bober

PROFESSORAS
Correia de Freitas
trajetórias femininas na Curitiba Republicana



É com satisfação que apresento a obra “Professoras Correia de Freitas: trajetórias femininas na Curitiba Republicana”, de Ana Christina Vanali, Andrea Maila Voss Kominek e Vanessa Vargas Bober. Inserida na nova história cultural, a pesquisa analisa a trajetória de três mulheres da família Correia de Freitas – Luiza, a mãe, Josepha e Soledade, filhas, ao longo de pouco mais de um século, que vai do nascimento de Luiza até a morte de Soledade. O contexto trata da mulher na sociedade patriarcal brasileira e paranaense, na qual o movimento feminista obteve aos poucos esperadas conquistas. As autoras demonstram competência na tessitura da história abrangendo a origem familiar das professoras, sua educação e a formação de uma rede de relacionamentos sociais que as auxiliaram em sua atuação profissional e política. Em capítulos bem estruturados, com linguagem clara e fluida, utilizando documentos preciosos, a narrativa preenche importante lacuna na história das mulheres professoras do Paraná.

Prof.^a Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira
PPGE/PUCPR



editora *fi*.org



PROFESSORAS CORREIA DE FREITAS



TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

experiências e reflexões

DIRETORA DA SÉRIE

Prof.^a Dr.^a Andrea Maila Voss Kominek

UTFPR

COMITÊ EDITORIAL DA SÉRIE

Prof.^a Dr.^a Andrea Maila Voss Kominek

UTFPR

Prof.^a Dr.^a Ana Christina Vanali

UFPR

Prof.^a Dr.^a Megg Rayara Gomes de Oliveira

UFPR

Prof.^a Dr.^a Débora Araújo

UFES

Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti

UTFPR

Prof. Dr. Celso Fernando Claro de Oliveira

IFPR

PROFESSORAS CORREIA DE FREITAS

TRAJETÓRIAS FEMININAS NA CURITIBA REPUBLICANA

Ana Crhistina Vanali
Andrea Maila Voss Kominék
Vanessa Vargas Bober



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

Fotografias de Capa: Acervo de Paulo José da Costa/Curitiba-PR



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VANALI, Ana Crhistina; KOMINEK, Andrea Maila Voss; BOBER, Vanessa Vargas

Professoras Correia de Freitas: trajetórias femininas na Curitiba Republicana [recurso eletrônico] / Ana Crhistina Vanali; Andrea Maila Voss Kominek; Vanessa Vargas Bober -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2023.

276.

ISBN: 978-65-5917-667-0

DOI: 10.22350/9786559176670

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Feminismo; 2. Família Correia de Freitas; 3. Educação; 4. Sociedade; 5. Curitiba I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

SUMÁRIO

1932-2022: NOVENTA ANOS DA CONQUISTA DO VOTO FEMININO NO BRASIL 11

Ana Crhistina Vanali

Andrea Maila Voss Kominek

Vanessa Vargas Bober

PREFÁCIO 15

Marília Gomes de Carvalho

APRESENTAÇÃO 20

Lucimara Rocha Ernlund

Mariana Bazzo

1 23

SER MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL

- 1.1 AS OPRESSÕES DE SER MULHER NA SOCIEDADE OCIDENTAL PATRIARCAL: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA..... 24
- 1.2 BREVE HISTÓRICO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E SUAS CONQUISTAS 29
- 1.3 IMPORTÂNCIA DA PERCEPÇÃO E VALORIZAÇÃO DA INTERSECCIONALIDADE E DO 'LUGAR DE FALA' NA DISCUSSÃO DO FEMINISMO ATUAL 40

2 48

SER MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

- 2.1 BRASIL COLÔNIA: A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER..... 50
- 2.2 BRASIL REPÚBLICA: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DA POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER 52
- 2.3 MULHERES NO BRASIL NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO 56
- 2.4 MULHERES NO BRASIL DO SÉCULO XX 59

3 64

A MULHER NA SOCIEDADE PARANAENSE

- 3.1 A EDUCAÇÃO DAS MULHERES 68
- 3.2 COMPOSIÇÃO DAS FIGURAS: AS MULHERES DA FAMÍLIA CORREIA DE FREITAS 76
- 3.3 O CONGRESSO DE ENSINO PRIMÁRIO E NORMAL (CEPN) DE 1926..... 89
- 3.4 PRATA DA CASA 95
- 3.5 NOME/SOBRENOME: AS LÓGICAS DE DISTINÇÃO NO SEIO DAS CLASSES DOMINANTES 102

4 109

AS MULHERES DA FAMÍLIA CORREIA DE FREITAS

4.1 LUIZA NETTO CORREIA DE FREITAS (1862-1947)	109
4.2 JOSEPHA CORREIA DE FREITAS (1889-1960).....	145
4.3 SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1900 - 1968).....	177

CONSIDERAÇÕES FINAIS 205

REFERÊNCIAS 210

FONTES 219

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ 220

PERIÓDICOS 223

APÊNDICES 225

APÊNDICE 1 - CRONOLOGIA DE LUIZA CARDOZO NETTO CORREIA DE FREITAS (1862-1947)....	225
APÊNDICE 2 - CRONOLOGIA DE JOSÉ CORREIA DE FREITAS (1856-1933)	228
APÊNDICE 3 - CRONOLOGIA DE JOSEPHA CORREIA DE FREITAS (1889-1960)	233
APÊNDICE 4 - CRONOLOGIA DE SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1900-1968).....	239

ANEXOS 242

ANEXO 1 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO	242
ANEXO 2 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO	243
ANEXO 3 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO	244
ANEXO 4 - SOLICITAÇÃO LUIZA NETTO PARA SER NOMEADA DEFINITIVO EM CASTRO.....	245
ANEXO 5 - SOLICITAÇÃO DE PAGAMENTO DE LUIZA NETTO.....	246
ANEXO 6 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ.....	247
ANEXO 7 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ.....	248
ANEXO 8 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ.....	249
ANEXO 9 - SOLICITAÇÃO DE UMA AUXILIAR PARA A PROFESSORA LUIZA NETO	251
ANEXO 10 – TRANSFERÊNCIA DE PARANAGUÁ PARA CURITIBA – LUIZA NETTO	253

ANEXO 11 - PETIÇÃO DE SUBVENÇÃO ANUAL A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL.....	255
ANEXO 12 - SOLICITAÇÃO DE REINTEGRAÇÃO AO QUADRO DO MAGISTÉRIO PÚBLICO.....	257
ANEXO 13 - REINTEGRAÇÃO AO QUADRO DO MAGISTÉRIO – 2ª CADEIRA.....	258
ANEXO 14 - LOCAL DE FUNCIONAMENTO DA 2ª CADEIRA.....	259
ANEXO 15 - PEDIDO LICENÇA MÉDICA DE LUIZA NETTO.....	260
ANEXO 16 - FIM DA LICENÇA MÉDICA DE LUIZA NETTO.....	262
ANEXO 17 - FICHA FUNCIONAL Nº 13.612 DE JOSEPHA CORREIA DE FREITAS.....	264
ANEXO 18 - AUTOS DE JOSEPHA E SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1957).....	268
ANEXO 19 - FICHA FUNCIONAL Nº 13.679 DE SOLEDADE CORREIA DE FREITAS.....	271

SOBRE AS AUTORAS

1932-2022: NOVENTA ANOS DA CONQUISTA DO VOTO FEMININO NO BRASIL

Ana Crhistina Vanali

Andrea Maila Voss Kominek

Vanessa Vargas Bober

No ano de 2022, completam-se noventa anos do marco histórico da conquista do direito do voto feminino no Brasil. Foi em 1932 que o Código Eleitoral Brasileiro¹ passou a garantir o voto das brasileiras, quando em seu Artigo 2º estabeleceu que “*E' eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código*”. Dois anos depois, na Constituição de 1934², o Artigo 109 estabeleceu “*O alistamento e o voto são obrigatórios para os homens e para as mulheres, quando estas exerçam função pública remunerada, sob as sanções e salvas as exceções que a lei determinar*”.

Enquanto no Brasil as mulheres já votavam desde 1932, na França, reconhecida mundialmente como berço do feminismo e da luta pela universalização dos direitos civis, o voto feminino foi assegurado legalmente somente em 1944. A Suíça, rico e desenvolvido país europeu, garantiu este direito, somente em 1971.

Apesar do relativo avanço em questões feministas, comparado aos mencionados países, paradoxalmente, no Brasil Colônia, a maior parte das mulheres vivia subordinada à autoridade paterna ou do marido. Nessa época, se o marido flagrasse a mulher em adultério, por exemplo,

¹ Decreto nº 21.076 de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em Diário Oficial da União, 26/2/1932, p. 3385.

² Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 16 de julho de 1934.

a lei lhe cedia o direito de matar a esposa em nome da “legítima defesa da honra”. Segundo as leis, ainda, as mulheres não tinham acesso à cidadania plena, à política ou à educação formal. Quando trabalhavam, ganhavam menos que os homens, sem que isso gerasse desconforto ou fosse questionado. Desigualdades formais, legais e normalizadas.

Em discurso no senado no ano de 1826, Dom Pedro I havia chegado a pedir aos deputados e senadores que priorizassem os projetos de lei de educação da mocidade de ambos os sexos, porém não foi apoiado pela maioria. A primeira lei referente a escolarização no Brasil, de 15 de outubro de 1827³, estabeleceu “*criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império*”. Nessa época, as meninas podiam estudar, porém separadas dos meninos e com currículos diferentes. Os meninos, por exemplo, na matemática, aprendiam adição, subtração, multiplicação, divisão, números decimais, fração e geometria. As mulheres aprendiam apenas as quatro operações básicas.

Durante a discussão para a elaboração dessa lei, o senador Visconde de Cairu afirmou que, para as mulheres, era suficiente que a educação escolar ensinasse a ler, escrever e contar, pois o “belo sexo” não tinha capacidade intelectual para ir mais adiante. Além disso, o saber poderia corromper as mulheres. Outro senador, o Marques de Caravelas, concordou, alegando que, para a mulher, importava ser bem instruída na economia da casa, para que o marido não se visse obrigado a entrar no domínio dos arranjos domésticos.

Em 1868, ainda no Brasil imperial e escravocrata, sob as iniciais ARTS⁴, foi publicado um “Tratado sobre a emancipação política da

³ Coleção de Leis do Império do Brasil, 1827, p. 71, Vol. 1.

⁴ A historiadora Cristiane de Paula Ribeiro desvendou que as iniciais ARTS referia-se a Anna Rosa Termacsics dos Santos, uma das pioneiras do feminismo no Brasil.

mulher e o direito de votar”⁵, que questionava os princípios que mantinham as mulheres longe das escolas, do trabalho e da vida política e defendia o direito da mulher ao voto.

Quinze dias após a proclamação da república, no dia 30 de novembro de 1889, uma importante percussora do feminismo no Brasil, a jornalista Josefina Alvares de Azevedo, publicou no jornal ‘A Família’, fundado por ela na cidade do Rio de Janeiro, a afirmação sobre a condição feminina, de que “brilhará, como a fulgente aurora da república brasileira, a luz deslumbradora de nossa emancipação”. Mas a Constituição de 1891 não concedeu às mulheres o direito ao voto. Solicitações individuais para votar eram feitas judicialmente e, caso a caso, as solicitações eram analisadas pelos juízes eleitorais. Os opositores da emancipação feminina declaravam que a mulher não possuía o mesmo valor que o homem e que o voto feminino iria degradar a família e a figura da mulher.

Na década de 1910 o movimento sufragista feminino ganhou mais corpo sob a liderança da professora Leolinda Daltro, fundadora do Partido Republicano Feminino. Mas somente em 1932 é que esse direito foi conquistado.

É nesse contexto da luta pela emancipação política da mulher que estiveram inseridas as personagens protagonistas deste livro. Não foram militantes feministas, engajadas no movimento pela emancipação da mulher, mas seus modos de vida demonstram trajetórias de mulheres autônomas, que tomaram as decisões de suas vidas, fazendo com que

RIBEIRO, Cristiane de Paula. **A vida caseira é a sepultura dos talentos: gênero e participação política nos escritos de Anna Rosa Termacsics dos Santos (1850 1886)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFJF, 2019.

⁵ ARTS. **Tratado sobre a emancipação política da mulher e o direito de votar**. Rio de Janeiro: Paula Brito Editor, 1868. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6702>.

fossem lembradas como “diferentes” por suas ex-alunas. Suas proclamadas “diferenças” demonstram terem sido exceção e não exemplo a regra da conduta feminina naquele período. Através da observação de suas vidas excepcionais, é possível compreender qual era o padrão social e culturalmente esperado para o ‘ser mulher’.

Assim, para atingir tal objetivo, o presente livro segue um percurso investigativo: (1) procura refletir sobre o que representa o ‘ser mulher’ na sociedade patriarcal, suas opressões e desafios; (2) investiga, de modo mais específico, através de um breve recorrido histórico, o lugar do ‘ser mulher’, na sociedade brasileira, desde o Brasil Colônia; (3) finalmente, apresenta aspectos do ‘ser mulher’, vivendo em um estado do sul do país, no período republicano. A partir da compreensão histórica, cultural e social das mudanças do significado do ‘ser mulher’ e das expectativas que esta particularidade de gênero representa, na última parte do livro, (4) apresentam-se as trajetórias das mulheres da família Correia de Freitas, como exemplos de trajetórias de mulheres que romperam com muitos dos cânones ‘ser mulher’. Conhecer um pouco de suas posturas, escolhas e movimentos, nos permite lembrar que padrões e convenções podem ser alterados, que expectativas são filhas do tempo e que mudanças exigem rupturas.

Desejamos uma boa leitura!

As autoras

PREFÁCIO

*Marília Gomes de Carvalho*¹

Transformações são inerentes à vida social e o livro trata justamente deste processo no que se refere à questão das mulheres, à organização social patriarcal, ao movimento feminista, à sociedade curitibana e à vida de três mulheres paranaenses no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Ao fazer a articulação entre os elementos citados pode-se interpretar que a luta das mulheres para a conquista do voto, por exemplo, acompanhou um movimento mais amplo de mudança em toda a nossa sociedade que inclui o comportamento das mulheres e suas atividades profissionais, cujo foco principal foi a transgressão ao código patriarcal que as limitava à esfera doméstica.

Partindo da conquista do direito ao voto, nos primeiros capítulos do livro as autoras apresentam o movimento feminista e a luta das mulheres em busca da igualdade, contra as relações desiguais de gênero que marcaram a sociedade ocidental desde as suas origens. Este movimento que questionava a desigualdade das mulheres em relação aos homens e a opressão que sofriam, impedindo-as de participarem em todas as esferas da vida social como cidadãs, não aconteceu isolado das relações sociais mais amplas.

¹ Doutora em Antropologia Social. Mestre e Licenciada em Ciências Sociais. Professora aposentada do Departamento de Antropologia e do Curso de Mestrado em Antropologia, na Universidade Federal do Paraná. Professora aposentada do Departamento de Estudos Sociais da UTFPR. Professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Fundadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia-GETEC.

Ele surgiu dentro de uma sociedade que também estava em transformação, onde as relações de trabalho se modificam, os conceitos de liberdade proliferam e os ideais de igualdade surgem como algo a ser alcançado. É na consolidação da industrialização e do capitalismo na Europa do século XIX que os valores da modernidade afloram e criam as condições para a luta contra várias formas de dominação, seja nas relações de trabalho, contra a escravidão e a exploração da classe trabalhadora, seja nas relações de gênero contra a dominação masculina. Todas essas formas de opressão advêm de uma estrutura social que se convencionou chamar de patriarcal, dada a prevalência dos homens, associada ao modo de produção capitalista que partiu da Europa e espalhou-se para grande parte do mundo, inclusive para o Brasil.

As vidas de Luiza Neto Correia de Freitas, de Josepha Correia de Freitas e de Soledade Correia de Freitas se passam justamente neste período histórico, na cidade de Curitiba, Estado do Paraná. O país estava sob a influência das transformações na Europa e a sociedade curitibana não ficou imune a elas. A sociedade brasileira formou-se desde o início não apenas copiando os modelos europeus, mas também os valorizando, assim, esses padrões de comportamento espalharam-se por todo o país. É de se supor que o destino das mulheres brancas, de camadas médias, católicas, escolarizadas nesta época e neste tipo de estrutura social, de acordo com os padrões culturais vigentes deveria ser o casamento, filhos, a dedicação à vida doméstica e a subordinação ao marido. Mas com essas três mulheres não foi assim. Elas são o exemplo de que, em que pesem padrões rígidos de comportamento na sociedade, haverá sempre transgressões, pessoas que não os reproduzem e que necessariamente criam modelos outros que possam inclusive influenciar ou inspirar outras formas de agir, abrindo espaço para mudanças.

O fato de Luiza ter dedicado sua vida ao magistério, inclusive como empreendedora, fundando sua própria escola e administrando-a, revela que ela não se moldava pelos padrões femininos do seu tempo. Da mesma forma, suas duas filhas desde cedo dedicaram-se muito mais para os estudos do que para as prendas domésticas. Ambas trabalharam como professoras a vida toda e dedicaram-se às atividades artísticas, apresentando-se como cantoras, cuja formação musical as preparou para concertos e recitais em teatros, festas e comemorações da alta sociedade. Elas não se casaram, mas pelos relatos pesquisados não foram banidas do convívio social, como acontecia com algumas mulheres solteiras da época. Depoimentos trazidos pelas Autoras mostram que elas foram vistas com excentricidade, especialmente por suas alunas, devido a sua maneira de ser e, acredito, por serem mulheres “diferentes” das outras. No entanto isto não as impediu de viverem suas vidas, realizando suas atividades profissionais até a aposentadoria, o que lhes permitiram condições financeiras para viverem uma autonomia que as outras mulheres não possuíam.

As histórias de vida apresentadas no livro permitem pensar que as possibilidades de romper com padrões sociais estabelecidos propiciam transformações, o que não significa que conflitos e lutas não sejam necessários para vê-las concretizadas. Ao mesmo tempo em que as três protagonistas do livro viviam suas experiências profissionais, consideradas “à frente de seu tempo” ocorria nos centros urbanos brasileiros campanhas das mulheres para a conquista do voto feminino, proibido no Brasil, e também campanhas para que às mulheres fosse permitido frequentar uma Universidade. Daí a importância do movimento feminista que vem abrindo espaço para maior participação das mulheres na esfera pública da vida social, incluindo outras atividades profissionais,

a sua participação na política, o direito à educação e uma maior autonomia. Não nos esqueçamos que a Semana de Arte Moderna de 1922 está completando um século e ela representou a contestação e a crítica de muitos padrões culturais da sociedade brasileira, inclusive os de gênero. Em virtude das transformações sociais ocorridas neste século como as lutas e conquistas das mulheres, muito do que foi considerado de vanguarda, hoje pode ser visto como corriqueiro, tais como a participação das mulheres na produção e nas exposições artísticas, nas discussões políticas, nas viagens internacionais, nas relações entre homens e mulheres, dentre outras. Hoje, outras causas foram acrescentadas às iniciais.

Deve-se destacar que essas mudanças não ocorreram para todas as mulheres da sociedade, elas atingiram apenas uma parcela privilegiada, ou seja, mulheres brancas, das camadas médias, participantes de um movimento feminista que não questionava outras realidades. Uma boa parte das mulheres brasileiras ficou fora destas conquistas, como as mulheres pobres, analfabetas, mulheres que viviam sob a égide de um marido machista e autoritário, mulheres pretas cujo passado escravocrata praticamente as excluía da vida social. Para estas, as necessidades são diferentes das primeiras, portanto surge no próprio movimento, o feminismo negro, com outras lutas e outras reivindicações, ampliando o campo de luta para a conquista da igualdade de direitos.

Assim, o feminismo se desdobra, se diversifica, inclui outras protagonistas pertencentes a realidades sociais diversas, transformando-se e dando resposta às necessidades de uma sociedade que é caracterizada pela diversidade, cada vez mais plural. É onde cabe uma multiplicidade de sujeitos sociais e políticos que vivem uma realidade de mão dupla: ao mesmo tempo em que transformam a sociedade com suas reivindicações, lutas e conquistas para encontrar um espaço digno

de cidadania, são também transformados por ela que os envolve em sua dinâmica.

Ao trazerem para os leitores os desdobramentos dos feminismos, a contextualização histórica das mulheres e os relatos sobre a vida das três professoras curitibanas, as Autoras nos permitem perceber o quanto a vida das mulheres tem alcançado outros patamares nestas primeiras décadas do século XXI. Por outro lado, sabemos o quanto ainda temos que galgar para chegar à verdadeira igualdade de gênero em que todos os homens e todas as mulheres efetivamente usufruam dos mesmos direitos. Mudanças sociais continuam acontecendo. A sociedade de hoje (chamada por alguns de pós-moderna) possui as condições concretas onde a luta e a conquista pelos direitos humanos extensivos a todas as pessoas, independentemente de classe social, gênero, orientação sexual, origem étnica, cor da pele, credo religioso, profissão, etc. sejam possíveis. Essas condições não existiam na época das professoras Correia de Freitas. Valores como a liberdade, a igualdade e a justiça social são atualmente consideradas metas legítimas a serem conquistadas.

Não restam dúvidas de que a luta continua!

APRESENTAÇÃO

*Lucimara Rocha Ernlund*¹

*Mariana Bazzo*²

A tarefa que nos foi confiada na apresentação desta original e instigante obra não apenas é honrosa, mas também construtiva. Perpassando suas páginas e degustando seu conteúdo percebemos o chamado para a construção coletiva feminina, que toca cada uma de nós.

Sabidamente, o silêncio histórico, e também literário, não nos oportunizou contato com uma bagagem sociocultural de matriz feminina, tão necessária à afirmação individual e ao incentivo à inserção da mulher no contexto público e social. Nesse prisma lacunoso, não é demais reconhecer que pagamos um alto preço no que concerne à formação das identidades femininas. Por outro lado, os relatos histórico-biográficos, tais e quais o presente, adquirem importância fulcral nesse processo.

A obra “Mulheres da Família Correia de Freitas” é um trabalho cuidadoso de análise de documentos históricos que tem como objeto a vida de uma mãe e de suas duas filhas, curitibanas dedicadas à arte de ensinar, e especialmente à formação musical de crianças, jovens e adultos paranaenses, durante a Primeira República, exatamente quando se deu a conquista feminina do elementar direito ao voto.

¹ Promotora de Justiça no Ministério Público do Estado do Paraná. Escritora e leitora de temas relacionados à história do Direito, democracia e direitos fundamentais, cidadania feminina, construção de identidades, emancipação individual e coletiva.

² Promotora de Justiça do Ministério Público do Estado do Paraná. Mestra em Estudos sobre Mulheres – Gênero, Cidadania e Desenvolvimento. Autora da obra: <https://www.editorajuspodivm.com.br/crimes-contra-mulheres-lei-maria-da-penha-crimes-sexuais-e-feminicidio-2020>

Ao mesmo tempo, com base em preciosos estudos de gênero, o livro contextualiza a importância da trajetória de tais fortes mulheres na construção de modelos femininos diferentes daqueles esperados pela sociedade da época, coincidentes com os papéis de mãe, esposa e profissional do lar e dos assuntos domésticos.

As filhas de Luiza, Josepha e Soledade, não casaram e não tiveram filhos. Jamais se afirmaram feministas, mas foram responsáveis pela educação de diversos grandes músicos do Brasil, transformaram métodos de estudo da música, revelando inclusive sua dimensão maior em todos os aspectos da vida.

Foram as primeiras professoras a participarem, com teses relevantes, de um Congresso de Ensino Primário e Normal. Sua atuação era “fora de casa” e seus ideais transformadores eram exercidos na comunidade. Dentro das limitações de seu contexto, ousaram exercer liderança, e, por isso, eram vistas como mulheres excêntricas ou “diferentes”, até mesmo por suas ex-alunas.

Mulheres com conhecidos sobrenomes da elite cultural curitibana optaram por transformar o mundo para além de seu lar, nos estimulando à reflexão de que ainda hoje, cerca de um século depois, é sinalizador o número de mulheres sem participação significativa nos processos sociais, econômicos e políticos.

Assim, os relatos historiográficos nos revelam a ausência de linearidade no desenvolvimento da luta de emancipação feminina em nossa sociedade, marcadamente desigual. Em diferentes momentos históricos vê-se a convivência entre movimento e permanência.

Outro ponto deveras importante é a observação de que as irmãs Correia de Freitas possivelmente não tinham plena consciência das questões de gênero e não foram militantes diretamente engajadas no

movimento pela emancipação da mulher. Todavia, seus modos de vida demonstram trajetórias de mulheres autônomas, que tomaram decisões e fizeram escolhas, independentemente das expectativas sociais.

Para a geração atual, o contato com a história dessas mulheres da Primeira República demonstra que, para além do ativismo feminista, importa a todas nós a construção de modelos reais, que representem modos de vida, de pensamento e de comportamento concretamente emancipatórios, capazes de influenciar outras vidas femininas e fomentar a tão sonhada mudança coletiva.

Afinal, as pessoas comuns não conhecem teorias, mas podem reconhecer exemplos vivos de Luizas, Josephas e Soledades que, junto com cada uma nós, constroem suas histórias de lutas pessoais e conquistas. Esperamos que muitas delas possam ser contadas.

1

SER MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL¹

A sociedade contemporânea ocidental ainda é organizada a partir da desigualdade entre homens e mulheres, fundamentando sua estrutura na diferença entre os gêneros. Logo, a organização social está pautada num contrato sexual, agregando valor àquilo que é atribuído ao masculino, em detrimento do feminino. Desta maneira, historicamente, as mulheres tiveram que travar lutas para conquistar e assegurar seus direitos fundamentais, organizando-se nos movimentos feministas. (ADICHIE, 2015).

A palavra feminismo, nos últimos anos, tem sido modulada num estereótipo limitado. Na realidade, trata-se de um movimento que se constrói e se transforma para combater o sexismo e as mais diversas formas de opressão pelas quais passam as mulheres.

Podemos descrever, resumidamente, o feminismo como um movimento político que reivindica a libertação da mulher de todos os padrões e expectativas comportamentais, melhorando condições de ser e existir nos diferentes contextos socioculturais. (ADICHIE, 2015). Segundo Silva (2019a), o feminismo tem uma historicidade própria que articula luta, militância e fundamentação teórica. Por esse motivo, ainda hoje, consolida-se como discurso de caráter intelectual, filosófico e político, assim como de lutas e construções práticas de transformação

¹ Uma primeira versão desse capítulo foi publicada sob o título "A luta contra o patriarcado: uma revisão histórica dos movimentos feministas", na Revista *Ártemis*, João Pessoa/UFPB, vol.33, n. 1; jan/jun, 2022. pp. 342-359. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/61039>.

social. O feminismo, em um contexto ocidental, busca abolir os padrões que conferem base às opressões impostas às mulheres ao longo da história da humanidade.

Reconhecendo a importância desse movimento e de sua popularização, através do advento da Internet e das redes sociais, o presente capítulo busca realizar uma revisão de literatura acerca da fundamentação teórica do patriarcado, como principal estrutura de poder que oprime as mulheres. Busca, ainda, resgatar um pouco da construção histórica dos movimentos feministas e de suas conquistas, através de seus processos de lutas.

1.1 AS OPRESSÕES DE SER MULHER NA SOCIEDADE OCIDENTAL PATRIARCAL: UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA.

O patriarcado constitui um dos pilares que estruturam a sociedade contemporânea ocidental, influenciando diretamente na formação dos pensamentos e dos discursos sociais. As regras e a regulação social são influenciadas pelas desigualdades pautadas nas diferenças sexuais, delimitando o modo de funcionamento de cada pessoa, designando os papéis a serem desempenhados e agregando valores em cada um deles. Dessa forma, o patriarcado formula um contrato social que pode ser compreendido como um contrato sexual, o qual impacta diretamente nas produções simbólicas e materiais de uma sociedade. (SILVA, 2019a; NAVAZ; KOLLER, 2006).

Para Iaconelli (2020), as diferenças das expressões reprodutivas e sexuais sempre foram explicadas a partir de signos e símbolos culturais, a fim de favorecer a organização social. Entretanto, quando esses são pautados na hierarquização e na desigualdade, como na expressão contemporânea do patriarcado, temos sujeitos em situação de

vulnerabilidade e em desvantagem. Saffiotti (2013) afirma que o patriarcado atual, inclusive o experienciado na sociedade brasileira, é atravessado pelas produções culturais advindas do capitalismo, assumindo uma característica peculiar que culmina na exploração das mulheres e de sua mão de obra. Santos e Oliveira (2010), consideram que essa forma de poder se apropria das estruturas objetivas e simbólicas femininas, inferindo diretamente nas relações e construções do ‘ser e existir mulher’.

Segundo Navaz e KOLLER (2006), o patriarcado moderno contratual se inscreve em toda estrutura da sociedade civil capitalista neoliberal, a qual, apesar de apresentar um discurso reformista, mantém a base tradicional do patriarcado. O pensamento pautado nessa perspectiva chega a reconhecer que não há a imagem de “um pai” que detém o poder sobre as mulheres, entretanto mantém a figura simbólica masculina como autoridade e referência, tendo este por direito e competência autorização de regular sobre o que é dito e assumido como feminino.

O poder naturalizado dos homens sobre as mulheres abarca todos os aspectos da vida civil. Portanto, a liberdade e a igualdade, propagada nos discursos liberais, não são universais como costumam ser apresentados, mas sim condicionados e graduados de acordo com a identidade social e sexual. Logo, o acesso aos direitos civis, seguem atrelados à identificação biológica de sexo do sujeito e aos parâmetros morais designados pelo pensamento de dominação masculina, mesmo que advindo de um pacto social silenciado. (SILVA, 2019b).

Visto que o patriarcado atravessa as relações sócio históricas como base estrutural de poder, reconhece-se que as instituições modernas assimilam o pensamento vigente, transformando-se em espaços de propagação e perpetuação dessas desigualdades, dentre elas, a chamada

família tradicional. Logo, falar do impacto do patriarcado na vida das mulheres é reconhecer a participação dessas instituições como ferramenta de manutenção e reprodução das estruturas de poder baseadas em gênero.

Narvaz e Koller (2006) consideram que a família não é dada às pessoas por um fator biológico, mas sim como um produto histórico das organizações humanas. Nas sociedades ditas primitivas, os papéis e a disposição familiar não eram pautadas nas diferenças sexuais, nem incorporadas como instituições privadas, mas sim com uma perspectiva coletiva e flexível. Pelo desconhecimento do papel masculino na reprodução, essas sociedades eram organizadas em torno das mulheres-mães, e possuíam dinamismo e flexibilidade no desempenho dos papéis sociais.

Com a descoberta do papel masculino na reprodução, com o advento do patrimônio (como referência capitalista) e com a crescente influência da Igreja na organização social, a sociedade começou a ser pautada a partir de uma família nuclear, monogâmica (para garantir a descendência dos filhos e filhas). Com o estabelecimento de papéis sociais rígidos que, por sua vez, atendiam ao sistema econômico e colocava o homem como representação central do poder. (RAGO, 2014; NARVAZ; KOLLER, 2006).

Teperman (2014) afirma que a família pode ser compreendida como uma instituição de estrutura de poder hierárquico, cuja função essencial é a transmissão dos aspectos culturais, intra e intergeracionais. Logo, a família possui importância fundamental nas formações das representações estruturais dos indivíduos, como também na assimilação da linguagem que atravessa o sujeito e as relações sociais com as discursividades sócio históricas e culturais. (TERPERMAN, 2014). Assim, a

família transmite os valores e os significados de sua história, cultura e relações sociais.

A dinâmica e o funcionamento das famílias, dentro do âmbito privado, consistiam na designação de papéis rígidos a serem desempenhados pelos membros da família. Às mulheres, cabia a função do trabalho de reprodução e cuidado, que consistia nas tarefas domésticas, na procriação e criação dos filhos(as). Já aos homens, cabia a função produtiva, relacionada ao sustento da família (trabalho remunerado) e à representação social. A cada uma dessas atividades havia um valor agregado, proporcionalmente desigual, condicionando as mulheres à pouca mobilidade social, restrição de oportunidade e, conseqüentemente, desvalorização, uma vez que as atividades a elas designadas eram compreendidas como de segunda ordem. (LUZ; GITHAY, 2016; RAGO, 2014)

A atual concepção de família, apesar de estar em processo constante de resignificação de valores e papéis, segue permeada pelas concepções patriarcais, transmitindo valores e se organizando a partir das perspectivas de gênero. (DEVREUX, 2011). Neste sentido, mesmo a família brasileira não sendo majoritariamente estruturada nos moldes tradicionais burgueses (casal e filhos(as) biológicos), as mulheres mais valorizadas e com maiores oportunidades materiais e subjetivas de existência, na sociedade brasileira, são ainda aquelas que correspondem aos estereótipos e preceitos fomentados pelo pensamento patriarcal.

Esse desequilíbrio segue presente ainda hoje nas oportunidades e nas condições de vida das mulheres, como refletem os dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuo (Pnad), em 2019, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens

(48,2% de homens e 51,8% de mulheres). (IBGE, 2019). Mesmo com o decréscimo na natalidade (1,7 nascimentos por mulher), temos a maternidade como realidade da maioria das mulheres brasileiras (DONATH, 2017), com cerca de 67 milhões segundo pesquisa do Instituto Data Popular. (MELO, 2015). Além disso, o número de famílias monoparentais vem aumentando em todas classes sociais, por motivações e com afetações diferentes. Destacando que, na grande maioria dos casos, a responsável por estas famílias monoparentais são mulheres solteiras² (MELO, 2015).

Mulheres que trabalham fora de casa dedicam 8,1 horas a mais aos serviços domésticos comparados aos homens (IBGE, 2020) e, apesar de apresentarem maior tempo de escolaridade, ganham em torno de 30% a menos. (IBGE, 2019). Ao tornarem-se mães, observa-se um aumento da desigualdade: as horas de trabalhos domésticos aumentam 2,3 horas, para a dedicação aos cuidados e a educação das crianças. (IBGE, 2020). Isso pode reverberar no espaço social ocupado pelas mulheres, para além das tarefas reprodutivas e domésticas, como descreve o portal de notícias do IBGE. Além disso, a proporção de trabalhadores que exercem suas ocupações em tempo parcial é maior entre as mulheres (28,2%) em relação aos homens (14,1%). Segundo IBGE (2018), este fenômeno pode estar associado à predominância de cuidados femininos a outras pessoas do domicílio e ao compromisso com os afazeres domésticos, aos quais as mulheres que trabalhavam fora do domicílio dedicam-se mais (73% de horas a mais do que os homens). (IBGE, 2018).

² Segundo dados do Censos demográficos 1980-2010 do IBGE, citado por Cavenaghi e Alves (2018), as famílias monoparentais femininas tiveram um aumento de 14% em 2000 para 15,3% em 2010, e as famílias monoparentais masculinas de 1,8 em 2000 para 2,2 em 2010.

Perante as denúncias das desigualdades de gênero e opressões sofridas, as mulheres não permaneceram passivas e contemplativas. De acordo com seu contingente histórico, simbólico e material, as mulheres se organizaram em torno de lutas e reivindicações de melhores condições de vida e maior oportunidades sociais, em busca da extinção das desigualdades motivadas pelas diferenças. Desta maneira, os movimentos feministas em sua constituição e história instigam novos pensamentos e articulam um projeto emancipatório. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

A fim de contextualizar as lutas e os momentos históricos dos feminismos, o próximo tópico tratará de apresentar o desenvolvimento deste movimento. O feminismo se propagou a partir de ondas de pensamentos e discussões organizadas pelas mulheres dentro de um contingente histórico, que buscava a transformação da condição das mulheres, criando novas maneiras de enfrentar as diferentes formas de opressão. (BRASIL; COSTA, 2018; SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

1.2 BREVE HISTÓRICO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E SUAS CONQUISTAS

Ainda que não se entendam como feministas e nem sequer debatam as questões do feminismo, as mulheres da família Correia de Freitas, que protagonizam este livro, podem ser lidas, hoje em dia, como mulheres que assumiram posturas e fizeram escolhas que se aproximam de atitudes feministas, uma vez que rompiam com os padrões do que se esperava socialmente como atitude ‘de mulher’. Suas ações, ao colocarem em questão as expectativas do ‘ser mulher’, certamente contribuíram para que os horizontes femininos se ampliassem na capital paranaense.

O feminismo, como movimento social, defende a igualdade de direitos entre os gêneros, além de um equilíbrio dos valores agregados às categorias de homem e mulher. A luta feminista não se expressa como um fenômeno único e universal, havendo uma variedade de manifestações e discussões de acordo com a sociedade, o período histórico e o grupo de mulheres representados. (BORIS; CESIDIO, 2007).

Apesar das mulheres sempre lutarem, historicamente, contra as violências e opressões sociais sofridas, somente a partir do século XIX e XX que os movimentos organizados de mulheres, com pautas e reivindicações coletivas, ganham força e popularidade. A partir dos movimentos feministas houve o encorajamento das mulheres a denunciar a sujeição que sofriam nas diferentes esferas da vida, seja no âmbito familiar, social, jurídico, político, econômico, educacional. (BORIS; CESIDIO, 2007).

Marques e Xavier (2018) apontam que ao longo da história do ocidente sempre houve resistências e rebeliões das mulheres frente às contradições das estruturas patriarcais. Logo, para as autoras, falar de feminismo é se deparar com um amplo referencial de estudos e teorias, com potencial para esclarecer as relações de poder da sociedade na qual está inserido. Os movimentos feministas emergem das próprias críticas e reflexões que se apropriam com o decorrer do tempo e em suas lutas, levando ao aprofundamento das dialéticas sociais e a tomada de consciência das condições de desigualdades e subserviência imposta às mulheres. (MARQUES; XAVIER, 2018)

Para Boris e Cesídio (2007), o feminismo possui um enfoque multicultural e questiona tanto as ideologias que legitimam a superioridade masculina, como outros sistemas de opressão e exploração, como o capitalismo e aqueles que justificam privilégios de classes e de outros

estratos dominantes. Os autores, apontam que o patriarcado culmina em opressões não somente às mulheres, mas também às pessoas negras, às pessoas homossexuais, às pessoas pobres e assim por diante. Logo, o feminismo possui uma luta interseccional, por uma sociedade que se baseia pelos princípios de igualdade e equidade. (BORIS; CESIDIO, 2007).

Brasil e Costa (2018) consideram que o movimento feminista ocidental se organizou em três grandes ondas, as quais consistiram em articulações de pensamentos e reivindicações que pautavam as discussões feministas e caracterizavam o movimento na época.

A primeira onda do movimento feminista iniciou-se no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, quando as mulheres se aproximam das lutas sociais de modo organizado. Ela ocorreu com o advento da industrialização, e foi caracterizada como movimento maternalista, pois, apesar de não ter sido totalmente homogênea, suas pautas estavam fortemente relacionadas ao direito da maternidade. As feministas da primeira onda foram caracterizadas pela reivindicação do acesso e ampliação dos direitos civis, como o acesso aos direitos trabalhistas, liberdade de administrar bens e posses, participação da vida pública e melhores condições para a criação e cuidados com os filhos, como a criação da licença maternidade por exemplo. (SILVA, 2019a; BRASIL; COSTA, 2018). Segundo Marques e Xavier (2018) essa primeira onda é representada pelas mulheres brancas burguesas, que reivindicavam direitos políticos iguais, acesso à educação e modificações da legislação sobre o casamento.

Se as mulheres brancas lutavam por uma posição de igualdade em relação aos homens na sociedade, as mulheres negras nem como seres humanos eram consideradas pela lei, mas sim tratadas como objetos. Serem reconhecidas como sujeitos de direito era, portanto, sua

principal pauta de luta. Ainda assim, as mulheres negras tiveram seu protagonismo na primeira onda do feminismo, mesmo que este não seja reconhecido nas histórias oficiais. As mulheres negras feministas, já na primeira onda, lutavam pela sua existência e analisavam as condições de serem mulheres também sobre o prisma do racismo. (SILVA, 2019a).

O feminismo liberal buscou reduzir as desigualdades entre homens e mulheres, através de ações políticas positivas, tendo um caráter mais reformista. Devido ao processo de industrialização e às relações de classes, as mulheres operárias passaram a organizar reivindicações feministas no interior dos movimentos operários, conseguindo chamar a atenção, dando maior visibilidade ao movimento feminista (mesmo que de forma negativa perante os padrões da época). (MARQUES; XAVIER, 2018).

As sufragistas tiveram grande importância e destaque nesta primeira onda do feminismo. Iniciado na Inglaterra, esse movimento político organizou grandes manifestações e greves de fome em nome dos direitos igualitários entre homens e mulheres. Com as revoltas do proletariado e com o movimento sufragista, os princípios de liberdade e igualdade passaram a ser difundidos nas revoluções francesas desde o fim do século XIX, sendo então incorporados como pauta das mulheres.

No Brasil, o feminismo se expressou, principalmente, influenciado pelo movimento sufragista da Europa, que teve, como principal pauta, a luta pelos direitos políticos e civis, como o voto. Esta fase foi organizada pelas classes médias e altas, representadas pelas filhas de políticos e intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outros países, sendo caracterizado por um feminismo branco, burguês, bem comportado e difuso. Mesmo com representação restrita, as

sufragistas brasileiras conquistam o direito ao voto em 1932. (MARTINS, 2015; MATOS, 2010).

Nesse mesmo contexto, operárias se organizaram para ampliar os direitos das trabalhadoras de indústrias têxteis brasileiras. Esse feminismo inicial, que teve seu auge entre os anos 30 e 60, conferiu visibilidade às mulheres na esfera pública na luta por direitos políticos e sociais, apesar de o poder masculino manter-se assumido como categoria universal. (MARTINS, 2015).

A primeira onda estendeu-se até a Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres passaram a ser também convocadas a servirem à pátria, como enfermeiras ou em trabalhos de suporte para a grande guerra. Esse fenômeno redireciona a função social da esfera privada também para esfera pública, redirecionando os estudos e as reflexões do movimento feminista como um todo e dando início, assim, à chamada segunda onda do feminismo. (SILVA, 2019b).

Outro marco significativo do início da segunda onda foi a publicação do livro “Segundo Sexo” da *Simone de Beauvoir*, lançado no final da década de 40. A obra traz novas perspectivas e questiona o condicionamento da mulher às relações sociais dirigidas pelo discurso masculino dominante. Marca uma ruptura nos paradigmas sobre a identidade sexual, afirmando que não se nasce mulher, mas aprende-se a ser mulher, descolando a explicação biológica para a concepção cultural e social do sexo. Essa obra redirecionou as reflexões feministas na década de 60, apontando para além das desigualdades sociais, a construção social e a assimilação da cultura sobre as explicações do que é ser homem e o que é ser mulher. (MARQUES; XAVIER, 2018).

Silva (2019b) indica que nessa fase inicia-se a discriminação entre sexo e gênero, sendo sexo compreendido como marca biológica, e

gênero com constructo social, ou seja, um conjunto de características e papéis impostos pela cultura às pessoas de acordo com seu sexo. Sendo assim, a segunda onda do feminismo surge na metade do século XX, com a incorporação do movimento de pautas culturais, questionando os padrões sociais atribuídos aos homens e às mulheres, seja na vida afetiva, política ou no mundo do trabalho, uma vez que em todas estas as mulheres estariam em situação de desigualdade e desfavorecimento em relação aos homens. (MARQUES, 2015).

As feministas desta onda buscavam compreender a origem da condição feminina e a razão das opressões sofridas (SILVA, 2019b). Além de buscar um fator comum, essencial, que unisse todas as mulheres, e que justificasse sua situação de vulnerabilidade em relação aos homens. A resposta à questão levantada parecia ser o fato de as mulheres engravidarem. Sob a ótica dessa onda, a mulher é socialmente condicionada e explorada em razão do sexo biológico e de suas funções reprodutivas. Já o patriarcado é o sistema responsável pela opressão, social e econômica da mulher, baseado em sua função reprodutiva e limitando a mulher ao papel de mãe e esposa.

Logo, as feministas radicais (como ficaram conhecidas) traziam a “condição de procriação” como um limitador à mulher associando-o a um “fardo da natureza”. Por esse motivo, Silva (2019b) traz que a invenção da pílula anticoncepcional, em 1962, foi uma das maiores revoluções da história referente ao gênero. Uma vez que a relação das mulheres com o próprio corpo mudaria completamente. A gestação não seria uma consequência desagradável da prática sexual, mas poderia ser algo escolhido. Por influência dessa grande mudança a respeito da relação da mulher com o próprio corpo, a segunda onda se distingue como a fase em que aquilo que antes era restrito à esfera particular, foi trazido ao

âmbito público com as discussões acerca da liberdade sexual da mulher e a luta pelos direitos reprodutivos, por isso a frase “o pessoal é político” foi um dos slogans feministas da época.

Nesse momento histórico, a onda feminista afasta-se da luta pela igualdade, em favor de um feminismo centrado na mulher, politizando as questões da vida privada. A partir desse marco, inauguram-se as primeiras construções de cunho social do feminismo, refutando o suposto determinismo biológico que designa a mulher a um destino único: a maternidade e a vida doméstica. (BRASIL; COSTA, 2018)

A esfera privada e sua organização moderna passam a ser identificadas como consequências do patriarcado que, por sua vez, estruturam a vida doméstica e a vida pública. Sendo estas marcadas pela dominação e violência, originárias por uma cultura e instituições de poder masculino. Há, assim, uma resignificação sobre as perspectivas de igualdade, realocando-a de um direito do sujeito para a compreensão de que suas desigualdades são designadas pelas estruturas simbólicas e patriarcais na sociedade moderna, as quais devem, portanto, serem combatidas e eliminadas, para que possa haver a emancipação real das mulheres. (MARQUES; XAVIER, 2018; MARTINS, 2015).

No Brasil, a segunda onda feminista teria ganhado força durante o clima político do regime militar, sobretudo na década de 70. Este período foi caracterizado tanto pela desvalorização da cidadania no país, como pelo fortalecimento da opressão patriarcal. Logo, as organizações das mulheres levantaram questões e assumiram oposição ao autoritarismo militar, proporcionando discussão e articulação das demandas femininas e maior apropriação da esfera pública. Logo, a segunda onda do feminismo foi caracterizada, no Brasil e nos países latino-

americanos, cujo regime militar estava no poder, como uma posição de resistência à ditadura militar e à hegemonia masculina. (MATOS, 2010).

Na sociedade brasileira, mesmo com a conquista de alguns direitos civis, como ao voto, para Silva (2019b), as mulheres ainda estavam submetidas ao sistema familiar patriarcal rígido. Aquelas que não estivessem inseridas nos papéis ‘femininos’ e ousavam questioná-los, eram consideradas indignas e desonradas, sofrendo sanções sociais. O código civil de 1916, por exemplo, previa que a mulher fosse tutelada por uma figura masculina, por ser considerada incapaz. Este item da legislação só se modificou em 1962. Mesmo assim, com a não regulamentação do divórcio, as mulheres tinham pouco respaldo legal e autonomia frente ao matrimônio. Logo, o feminismo brasileiro buscou autonomia das mulheres e emancipação da figura masculina, garantindo-lhes sobretudo os direitos legais e reconhecimento para além da maternidade e do casamento. (SILVA, 2019b).

Embora a segunda onda buscasse atender de forma igualitária todas as mulheres, o movimento era marcado por compreender esta mulher de forma supostamente ‘universal’, porém em realidade, constituía-se como um feminismo branco, hegemônico, de classe econômica favorecida e provindas das universidades. Tal característica do movimento, influenciava suas análises, sendo consideradas insuficientes para contemplar outros grupos de mulheres que necessitavam de outros atravessamentos de análise, como as mulheres negras, por exemplo. (SILVA, 2019b).

A universalização da categoria mulher começou a ser questionada. O feminismo passa a ser acusado de ser alheio à realidade de outras mulheres que não possuíam o mesmo perfil das mulheres que até então direcionavam as discussões feministas (MARQUES; XAVIER, 2018).

Neste momento, as mulheres lésbicas, as mulheres da classe trabalhadoras e as mulheres negras passaram a intensificar, de forma mais ampla e sistematizada, discussões que existiam no interior do movimento, que ocorriam de forma isolada e pontual, dando origem ao chamado feminismo identitário. Para essas feministas, ser mulher precisa ser atravessado pelas outras identidades das pessoas, como a sexualidade, a raça/etnia e as diferenças de classe, fatores decisivos para a assimilação das experiências como também na posição que esta mulher ocupa em sua história e sociedade. A partir dessas novas discussões, teorias e reivindicações, surgiu a terceira onda do feminismo. (SILVA, 2019b; MARQUES; XAVIER, 2018).

A terceira onda feminista, portanto, não se refere à igualdade, mas sim à diferença, à alteridade e à produção de uma discursividade subjetiva. Descolando-se do estudo sobre as mulheres e o sexo, e direcionando para a compreensão dos gêneros e as relações dos mesmos na sociedade. (BRASIL; COSTA, 2018). As décadas de 80 e 90, foram marcadas por importantes mudanças no mundo ocidental, dentre elas, a queda do muro de Berlim, a diluição da União Soviética, a dissolução das ditaduras militares na América Latina, vivendo-se perspectivas sociais potencializadoras e renovadas. O movimento feminista acompanha essas grandes transformações, passando por modificações e inaugurando a terceira onda, trazendo à tona a discussão da diversidade e da pluralidade de ser mulher, assim como suas experiências associadas a outras identidades. (SILVA, 2019b; MARQUES; XAVIER, 2018).

As feministas da terceira onda denunciam a exclusão, por parte do movimento, daquelas mulheres que não pertenciam à elite, denunciam a falta de diversidade no interior do movimento e do não reconhecimento e acolhimento da luta daquelas que não seguiam aos padrões

brancos, burgueses e heteronormativos. Conseqüentemente, o movimento passa a ganhar novas correntes que consideram raça, classe, orientação sexual e a região, abrindo espaço para o reconhecimento da pluralidade feminina e para ouvir as vozes vindas de diferentes realidades e maneiras de expressar-se e de ser mulher. (MARQUES; XAVIER, 2018).

A terceira onda, conforme Silva (2019b), buscou entender as diversas identidades femininas, compreendendo suas opressões através da discussão de gênero e como as mesmas atingem de forma variada as diferentes mulheres. Respeitando, assim, as múltiplas expressões e experiência de ser mulher. Logo, as abordagens micropolíticas ganham força, buscando responder à questão sobre “o que é ser mulher”, e não determinar o que é melhor para cada mulher. Nesse período o termo interseccionalidade ganha força e prestígio dentro das teorias feministas, convocando as discussões de gênero a se associarem a outras categorias identitárias. (SILVA, 2019b).

Na sociedade brasileira, a terceira onda surge através da participação das mulheres brasileiras em todo o processo de redemocratização e na construção de um feminismo com ênfase no processo de institucionalização e discussão das diferenças entre as próprias mulheres. Os movimentos sociais incorporam os discursos feministas, confrontando novas maneiras de conceber a cultura política e de se organizar coletivamente, rejeitando alguns tons “moralistas” que emergiam no discurso da segunda onda. (MATOS, 2010; SILVA, 2019b).

Atualmente, discute-se a emergência de uma quarta onda feminista, a qual ainda estaria em curso e em plena elaboração. (PEREZ; RICOLDI, 2019). A Internet gerou uma revolução na comunicação que, por sua vez, transformou a maneira da sociedade se deparar com as informações e

as relações sociais. Esse movimento não tardou a chegar ao movimento feminista, sendo, portanto, característica dessa onda o uso em massa das redes sociais e da utilização da tecnologia (SILVA, 2019b; PEREZ; RICOLDI, 2019).

A quarta onda feminista é amplamente digital e associada ao uso das plataformas de redes sociais para organização, articulação e propagação das ideias feministas e da denúncia que a igualdade entre os gêneros ainda é uma ilusão. O avanço da tecnologia da informação e comunicação é usada para contestar a misoginia, o sexismo, a LGBTfobia e outros tipos de desigualdades e violências de gênero. A nova onda visa incluir grupos de mulheres que os movimentos feministas tradicionais e hegemônicos não haviam sido capazes de representar, como, por exemplo, as mulheres de países periféricos e as mulheres trans. (SILVA, 2019b; PEREZ; RICOLDI, 2019).

Perez e Ricoldi (2019) consideram que as novas tecnologias de comunicação e informação não são apenas um canal de comunicação e visibilidade dos feminismos, mas sim a gênese da constituição de um novo feminismo. As redes formam um território de ação política que busca democratizar acesso e participação das ações e discussões. Assim, ideais feministas, antes restritos a pequenos grupos elitizados e com privilégio de acesso ao conhecimento, extrapolam fronteiras e tomam grandes proporções.

No Brasil, a denúncia pelas redes sociais da violência contra a mulher e sobre ações de misoginia tomam proporções nacionais, havendo encaminhamentos populares e jurídicos a partir dos protestos e pressões virtuais. A partir do ciberativismo, há a articulação de grandes movimentos, encorajamento de denúncias e propagação de informação e teorias que buscam levar até as mulheres, informações e recursos para

o combate da opressão. O Brasil ocupa o ranking de 5º lugar mundial de feminicídio, o que acarretou na mudança do código penal tipificando o feminicídio como homicídio doloso. Muitos desses casos ganham popularidade nas redes sociais, motivando a articulação entre as mulheres e favorecendo a denúncia e encaminhamentos devidos. (SILVA, 2019b).

A quarta onda do feminismo brasileiro e latino-americano seria caracterizado, principalmente, pela institucionalização das demandas das mulheres, incluindo a evidenciação do movimento em torno das ONGs e das redes femininas, além da legitimação da luta trans. A importância das mídias virtuais, segundo Perez e Ricoldi (2019), é um caminho sem volta. Já não é possível as lutas das mulheres passarem despercebidas na sociedade, atravessando a formação de identidades coletivas entre as jovens.

Considerando a desconstrução e construção constante dos movimentos feministas, assim como os desafios enfrentados pelas mulheres na organização de um discurso plural e que respeite o princípio da diversidade, dois termos se fazem de grande relevância para a discussão: interseccionalidade e lugar de fala. Ambos apresentados brevemente no próximo tópico.

1.3 IMPORTÂNCIA DA PERCEPÇÃO E VALORIZAÇÃO DA INTERSECCIONALIDADE E DO 'LUGAR DE FALA' NA DISCUSSÃO DO FEMINISMO ATUAL

É inegável que o feminismo tradicional, como teoria e prática, desempenhou papel fundamental nas lutas e conquistas femininas, uma vez que ao apresentar novas questões e levantar a temática da desigualdade de gênero, não apenas estimulou a formação de coletivos de luta, mas também desenvolveu a busca por novas maneiras de compreender

a mulher enquanto indivíduo e nas relações sociais. Entretanto, é inegável também que a base dos movimentos feministas representava a luta não de todas as categorias de mulher, mas sim de uma parcela que generalizava sua condição, reivindicação e lutas a todas as mulheres, como se essa classe de mulheres fosse o referencial universal. Tal fato propagou e fortaleceu a perspectiva da hegemonia branca e colonial no movimento feminista, sobretudo na sociedade brasileira. (GONZALEZ, 2020; AKOTIRENE, 2019)

Ao contrário da crença do senso comum, promovida pela 'história oficial', a constituição histórico-cultural do Brasil não é formada exclusivamente por uma origem branca e europeia, mas sim por um inconsciente latino e africano. A ideologia do branqueamento furtou e empobreceu a conformação da diversidade brasileira, minimizando a participação da população negra e outras etnias nesse processo. O colonialismo deixou como herança a noção de uma suposta ideia de superioridade euro cristã (branca e patriarcal), internalizada pelos colonizados e que influencia ainda hoje o pensamento dominante dentro e fora da academia, inclusive nos movimentos feministas. (GONZALEZ, 2020).

Segundo Akotirene (2019), é importante que esta concepção hegemônica dominante não colonize a teoria feminista sob a perspectiva da interseccionalidade. Esse novo conceito apresentado ao movimento feminista desde a terceira onda, permite a defesa das identidades políticas contra a opressão colonialista, marcada pelo racismo cisgênero patriarcal capitalista. Ao centralizar suas análises em torno do conceito de capitalismo patriarcal, o feminismo eleva suas bases materiais e simbólicas contra a opressão das mulheres. (GONZALEZ, 2020).

A interseccionalidade problematiza, a partir da perspectiva descolonial, como o pensamento da ideologia dominante configurou uma estrutura social excludente que agravou a violência contra aqueles e aquelas que não se encaixavam nos padrões esperados pelas organizações sociais. Akotirene (2019) afirma que o pensamento interseccional permite reconhecer as diversas possibilidades de violência e as sobreposições de opressões impostas e legitimadas pelos poderes hegemônicos, coloniais e patriarcais. “Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto que as geografias do colonialismo limitam as capacidades humanas” (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

Reconhece-se que, se todas as mulheres estão sujeitas ao peso da discriminação de gênero da sociedade patriarcal, algumas delas, estão sujeitas, ainda, a fatores sobrepostos de discriminação. Fatores relacionados à classe social e às identidades sociais que, por sua vez, influenciam diretamente e de forma específica na maneira em que sofrem discriminação. A interação entre as identidades e as representações que cada uma possui, em dada sociedade, fornece uma compreensão analítica para a manutenção da desigualdade. (AKOTIRENE, 2019; PEREZ; RICOLDI, 2019).

O termo “Interseccional” vem se popularizando entre as feministas brasileiras, buscando a superação de um feminismo branco e de classe média. Para Djamilia Ribeiro (2019), o conceito evidencia o dilema do feminismo hegemônico no século XIX, ao questionar a universalização da categoria mulher. Essa nova concepção abdica da padronização de ser mulher, levando em consideração outras intersecções como raça,

gênero, orientação sexual e identidade de gênero. (PEREZ; RICOLDI, 2019; RIBEIRO, 2019).

A adoção de um olhar interseccional permite que os movimentos feministas somem força à luta contra a discriminação das mulheres negras e/ou contra o ódio direcionado à população LGBT. Logo, a abordagem interseccional é um parâmetro de justiça promovendo a reflexão e a inclusão das discussões das diferenças, considerando o inter cruzamento das desigualdades e, assim, lutando por um acesso de direito equânime. (PEREZ; RICOLDI, 2019). O sexismo é um sistema de opressão institucionalizado, comum entre todas as mulheres, entretanto, os fatores relacionados à classe, raça, religião, entre outros, mudam as experiências e as forças distintas como esta opressão é vivenciada (hooks, 2019).

O feminismo branco e burguês durante anos deu voz às dores e aos dramas das mulheres brancas e de elite, generalizando e universalizando sua condição e reivindicações para todas as mulheres e ignorando, por exemplo, as vozes das mulheres sozinhas, operárias, pobres, negras, e assim por diante (hooks, 2019). A fala feminista representava uma única classe, sem considerar outras condições, outras identidades. Logo, mesmo com os avanços e rupturas de paradigmas alcançados pelas primeiras feministas, o movimento não podia sucumbir ao processo de colonização do pensamento europeu. Precisa abrir espaços para outras expressões de realidades nas quais vivem mulheres nas mais diversas condições. (hooks,2019).

O lugar de fala representa a voz de distintos pontos de experiência, não se restringindo a experiência individuais somente, mas ao lugar que os grupos ocupam na dinâmica e representação social. Assim, o lugar de fala quebra a visão universal das categorias, permitindo reconhecer

diferentes posições sociais, assumidas por diferentes pessoas, representando discursos políticos sociais diferentes de acordo com a posição que ocupa. (RIBEIRO, 2019).

Ribeiro (2019) afirma que o lugar de fala é uma postura ética, pois saber do lugar de onde se representa a fala é fundamental para pensar a hierarquia e as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo. O lugar de fala não propõe o silenciamento das demais vozes, pelo contrário, assume que todas as pessoas possuem seu espaço situado de fala, reconhecendo a localização social do que é dito. A partir disso, é possível, sobretudo nos movimentos feministas, debater e refletir criticamente sobre a diversidade das mulheres, assim como suas diferentes reivindicações.

Neste contexto, o movimento feminista na América Latina passa por um processo de descolonização dos pensamentos e dogmas europeus. Reconhecendo suas características específicas e sua força a partir da diversidade de sua constituição, de suas culturas e etnias, da riqueza de suas heranças, de sua sabedoria ancestral e de sua história de resistência e luta contra a opressão e a exploração dos povos latinos em geral e de suas mulheres em especial. (GONZALEZ, 2020; AKOTIRENE, 2019).

Assim, é possível afirmar que feminismo atual é fruto de todo seu processo histórico e incorpora, em especial, as perspectivas do lugar de fala e da interseccionalidade. Busca abrir espaço para a discussão de diferentes formas de ser e existir mulher, considerando a construção sócio-histórica e cultural de cada povo. A inclusão das categorias identitárias proporcionou amplitude de representação e de luta, a qual junto com a potência do ciberativismo, chega às mulheres das mais diversas condições, com informação e reflexão sobre as desigualdades de gênero

e sociais, assim como das novas formas de combate à misoginia e à discriminação.

Feminismo é a luta para acabar com o sexismo e sua opressão. Seu objetivo é defender as mulheres, independentemente de sua condição e não em detrimento dos homens. O movimento feminista pode transformar a sociedade e as vidas de modo significativo, buscando o fim das manifestações de poder hierárquicas que promovem violência, desigualdades e sofrimento. Para tanto, a luta feminista não busca simplesmente reformas no sistema, mas reconhece a necessidade de erradicar estruturas sociais que mantêm os movimentos opressores. Logo, é necessário combater qualquer agressão à vida e à condição que perpetuem as diferenças. As defensoras do feminismo precisam estar atentas para não permitir que o movimento seja cooptado por agendas oportunistas, de reprodução no modelo opressor colonial, camuflado de boas intenções. (hooks, 2019).

O movimento feminista se popularizou e está presente nos discursos e suposições dos sujeitos, devido a rápida propagação de informação e democratização de informações permitidas pela revolução tecnológica da Internet. Entretanto, pouco se sabe sobre as bases históricas e conceituais que fazem do feminismo um movimento sólido que atravessou gerações, promoveu mudanças profundas nas estruturas patriarcais e deu visibilidade aos paradigmas sexistas, por muito tempo reproduzidos e silenciados. Os movimentos feministas transformaram e continuam transformando a sociedade.

O patriarcado, como forma de poder que promove a opressão das mulheres ao longo dos séculos, também é um dos conceitos sócio histórico passível de mudanças de acordo com as representações sociais. Ganhando força com o advento do capitalismo, o patriarcado

reproduziu as estruturas de poder masculino, tratadas como universais e normativas nas sociedades ocidentais. No Brasil, essa herança da colonização possui mais força considerando a condição de invisibilidade das mulheres de seu território.

Essa ideologia patriarcal foi compreendida e combatida pelas mulheres ao longo da história, mas somente a partir do século XIX, essa luta ganha estrutura e articulação com os movimentos feministas. O feminismo, como fenômeno social, possui seu discurso representado pelas articulações de pensamento provindas de uma determinada conjuntura histórica. Assim, o feminismo pode ser explicado através de ondas de pensamentos e reivindicações, caracterizadas pela forma que as mulheres do movimento compreendiam os fenômenos sociais associados a categoria mulher.

A luta feminista durante muitas décadas foi guiada por mulheres das classes dominantes, as quais tiveram grande visibilidade na história por seu poder de articulação e representação social. Entretanto, o feminismo em suas transformações históricas, trouxe crítica ao próprio movimento e sua universalização de ser mulher. Forçando a incorporação de outras categorias de análise, que contemplassem as mulheres que historicamente não tinham espaço na sociedade e ocupavam lugar de maior vulnerabilidade devido ao atravessamento de outras identidades sociais igualmente discriminadas, como raça, etnia, orientação sexual, classe, entre outras.

Logo, o movimento feminista incorporou, ao longo de sua história, percepções e fundamentação que traziam em seu discurso outras categorias de mulheres. Para tanto, a incorporação de conceitos como 'interseccionalidade' e 'lugar de fala' são essenciais para a transformação do movimento e a possibilidade de transformação social.

Este capítulo, que inicia o livro sobre as histórias das irmãs Correia de Freitas, buscou compreender, sob forma de uma breve revisão da história do movimento feminista, como se articularam as diversas formas de resistência feminina ante a pressão e exploração impostas pelo patriarcado. Conhecer um pouco da história das lutas femininas e feministas, contribui para compreender o quanto as irmãs Correia de Freitas foram transgressoras em sua época e estiveram, muitas vezes, à frente dos costumes do seu tempo. Permite-nos perceber nas suas ações e escolhas, posturas que poderíamos chamar de feministas, ainda que as próprias assim não o fizessem. A luta das mulheres é uma luta coletiva, ainda quando ocorre de forma individualizada. As conquistas de uma, abre portas para todas. O ambiente democrático e livre, inspira e é absorvido por todas e cada uma, ainda que menos rápida e amplamente do que gostaríamos.

2

SER MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA¹

Este é um livro que apresenta as ‘mulheres’ da família Correia de Freitas. Mulheres. Mas, o significa é ‘ser mulher’? O que significou ‘ser mulher’ nas mais diferentes épocas? O que significa e significou ‘ser mulher’ na sociedade brasileira? Estas são as questões sobre as quais o presente capítulo busca debruçar-se.

O conceito ‘ser mulher’, foi construído historicamente a partir da ideia do que seria ‘não ser homem’. Numa perspectiva binária, constituiu um limitante da análise social e cultural do ‘ser mulher’, como se houvesse somente uma única maneira de ‘ser mulher’, em oposição à identidade masculina. Esta percepção, frequente em diversas sociedades tradicionais e mesmo entre pesquisadores sociais, têm passado por processos de desconstruções teóricas e ressignificações. Os sujeitos passam a serem compreendidos como constituídos por discursos sócio históricos, associados às suas experiências individuais, ao invés de serem previamente determinados e biologicamente classificados. (MARIANO, 1999).

Diferenças sexuais são tradicionalmente expressas em crenças e costumes de diferentes povos, em diferentes tempos, podendo gerar a falsa percepção de uma condição biológica natural, como destino social. Diferenças anatômicas que justificariam (supostamente) valores e

¹ Uma primeira versão desse capítulo foi publicada sob o título “Ser mulher na sociedade brasileira”, no CGT-Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba/UTFPR, v. 15 n. 46, p. 12-25, jul./dez.2022. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>.

relações de poder historicamente impostas (IACONELLI, 2020). No caso específico do ‘ser mulher’, a resignificação desta percepção e o reconhecimento da construção social e cultural das identidades sexuais e de gênero, possibilitam libertá-las do caráter normativo que as mantém na condição de subordinação do sistema patriarcal. (MARIANO, 1999).

Assim, para se compreender o significado de ‘ser mulher’ em determinado espaço geográfico e temporal, é necessário pensar para além da condição biológica de uma compreensão binária de sexo anatômico. É preciso analisar o ‘ser mulher’ como categoria constituída pelo contexto histórico e social que articula signos e significados em cada cultura e tempo histórico específicos. (MARIANO, 1999).

É preciso lembrar que a história oficial das mulheres tem sido narrada predominantemente por vozes masculinas, minimizando os feitos femininos e restringindo suas identidades às funções de filha, esposa e mãe. Funções estas que, por serem associadas ao feminino, tradicionalmente receberam menor valor social. (REZZUTTI, 2018). Assim, não é possível conhecer e rever a história das mulheres, sem considerar as particularidades das questões de gênero como categoria fundamental da história da humanidade. Esse exercício permite uma reflexão permanente sobre os conceitos e preconceitos que rondam o significado de ‘ser mulher’. (IACONELLI, 2020).

Para compreender um pouco das imposições, limitações e significados do papel social da mulher brasileira, apresenta-se, a seguir, um breve resumo de suas transformações ao longo da história, do Brasil Colônia aos dias atuais.

2.1 BRASIL COLÔNIA: A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

A posição da mulher dentro da família e da sociedade brasileira constituiu-se a partir de um amplo e complexo sistema de dominação. Logo, compreender a organização deste papel ao longo da história inclui reconhecer a fundação do país em base escravocrata e em valores patriarcais, o que explica a exclusão das mulheres do espaço público, submetendo-as aos valores das castas sociais, impostas desde a colonização, aos papéis tradicionais reconhecidamente femininos. (SAFFIOTTI, 2013).

O Brasil foi construído sobre uma economia de exploração, que colonizou não somente o território, mas os pensamentos e as culturas dos povos que aqui estavam, assim como daqueles e daquelas que vieram povoar o território. O sistema de divisão em castas sociais², que contava com a dominação dos povos originários e com uma estrutura social e econômica escravocrata, deram às mulheres diferentes lugares de exploração e invisibilidade ao longo da história, porém todas sob um espaço de submissão e servidão. (SAFFIOTTI, 2013).

A Igreja Católica, no período das grandes navegações, estava perdendo fiéis e espaço de dominação devido à reforma protestante em curso na Europa. Sendo assim, as novas colônias serviam como possibilidade de angariar novos fiéis para manutenção de seu poder social e econômico. A partir disso, as mulheres brancas do senhorio, chegadas a “nova terra” tinham como missão o povoamento branco e a promoção de uma educação baseada nos dogmas católicos, mantendo assim a

² Temo utilizado por Heleieth Saffiotti, em seu livro *A mulher na sociedade de classes – mito e realidade*, a fim de destacar as diferenças das classes sociais no Brasil colônia, mas também a inflexibilidades de mobilidade entre as hierarquias estabelecidas na época. (SAFFIOTTI, 2013).

influência da igreja no território. As mulheres brancas do Brasil colonial vinham em condição de submissão ao sistema patriarcal, retrocedendo na discussão de direitos e liberdade em ascensão em alguns países da Europa. (SAFFIOTTI, 2013; IACONELLI, 2020). Esta mulher era educada para o casamento arranjado e possuía a missão de reprodução da prole, mas também de perpetuação da ideologia judaico-cristã vigente, que legitimava um sistema de produção. (SAFFIOTTI, 2013).

Nas camadas mais pobres, as mulheres que não possuíam posse e não conseguiam estabilidade social através do casamento, eram frequentemente submetidas à miséria e ao comércio do próprio corpo. A prostituição era uma prática usual na época colonial, com a função de manutenção de um sistema de perpetuação de poder sobre os corpos femininos. Tal sistema visava, por um lado, a manutenção do sistema de castidade das mulheres do senhoril e, por outro a manutenção da relação de exploração das mulheres para satisfação dos homens. (SAFFIOTTI, 2013).

Para a mulher branca, independentemente de sua situação socioeconômica, o casamento era a única alternativa de inserção social. Mulheres que perdiam a virgindade antes do casamento, eram condenadas ao isolamento em conventos caso não achassem um homem, mesmo que de uma classe social inferior, disposto a ‘reparar o erro’. O mesmo destino era dado às mulheres que não encontravam pretendentes e se mantinham solteiras, havendo uma equiparação dessas com as mulheres ditas “erradas”. No Brasil Colônia, a posição da mulher estava sempre associada à figura do homem, sendo esta sua única possibilidade de existir socialmente. (SAFFIOTTI, 2013). Fato que se estendeu até o século XX, e influencia o pensamento ainda vigente.

A visão sobre a figura da mulher, neste período, a partir do discurso dominante, influenciado pela Igreja, provém de dois arquétipos: Eva como pecadora, e Maria como figura da “boa mãe”, do suplício e da maternidade como valor. Estes arquétipos serviram para reafirmar o ideal do patriarcado e fortalecer o poder da religião no domínio das vidas e dos corpos femininos. Esta constituía a ideologia dominante para a possibilidade de instituir – assim como destituir – qualquer mulher de sua existência social. (BADINTER, 1985). Essa ideologia, entretanto, não foi aceita pelas mulheres sem que houvesse resistências.

Saffiotti (2013) afirma que o papel de reprodução associado à mulher e ao controle de seus corpos, expresso de maneiras distintas, mas sempre presente nas diferentes castas sociais, favorecia a manutenção do sistema econômico de exploração, que enriquecia o senhorio colonial.

Sendo assim, a construção do ‘sujeito mulher’ no Brasil colonial, que tinha como base a filosofia judaico-cristã de servidão e os preceitos capitalistas de exploração, contribuíram para a construção do espaço e da imagem da mulher, o que, por sua vez, influenciou diretamente no lugar ocupado pela mulher durante o Brasil República.

2.2 BRASIL REPÚBLICA: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DA POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Em poucos anos, muitas foram as mudanças políticas, com suas consequências sociais, ocorridas no Brasil. Com a chegada da família real portuguesa, o Brasil adentra um processo de modernização, iniciando mudanças profundas na sociedade e nas relações sociais. Já no século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações com a consolidação do capitalismo: a urbanização, as novas formas de

consolidação social, a ascensão da burguesia e, com ela, sua ideologia de pensamento. (D´INCAO, 2004).

Neste contexto, e com o fim da escravidão formal, o Brasil começa a receber imigrantes europeus, que trazem uma nova dinâmica às relações sociais e econômicas. Inicialmente destinados(as) às grandes plantações de café. Não tarda para os(as) mesmos(as) começarem a migrar para os grandes centros urbanos, formarem o proletariado das indústrias emergentes, concentrando suas moradias em cortiços, estabelecendo novas formas de relações de trabalho e, desta forma, construindo novas identidades sociais. Apesar da economia brasileira ainda ser, naquele momento, predominantemente agrícola, a dinâmica da vida urbana passou a gerar novas formas de relações, que interferiram diretamente na ideologia dominante vigente. (RAGO, 2014).

Dentre as muitas mudanças sociais, decorrentes das mudanças políticas, os hábitos populares foram os que sofreram as maiores transformações no momento em que o trabalho escravo passou a ser trabalho livre. Nesse sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo estado emergente, investindo-lhes valores e formas de comportamento que passavam pela rígida tentativa de disciplinar o trabalho e que se estendiam às demais esferas da vida. (SOIHET, 2004). O trabalho deveria ser organizado de acordo com interesses e exigências da expansão do capital, enquanto as relações familiares deveriam ser constituídas a partir de um novo modelo normativo, que atenderia aos interesses da nova burguesia brasileira em ascensão. (RAGO, 2014).

A ideologia da família burguesa emerge num novo formato: “reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante, que deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador,

integrando-o ao universo dos valores dominantes” (RAGO, 2014, p. 87). O ideal burguês exigiu uma série de medidas do Estado a fim de mudar a estrutura colonial e escravocrata que ainda pairava entre os pares. A modernização do país estaria atrelada à modificação das bases sociais, tendo o ideal da família nuclear burguesa como papel estratégico e, neste contexto, a função social da mulher como centro desta modificação. (D’INCAO, 2004).

Segundo Rago (2014) e Iaconelli (2020), o alto índice de mortalidade, morbidade e abandonos de bebês nos séculos anteriores, foi associado ao impacto significativo na economia e ao desenvolvimento do país, fato que fomentou a intervenção do Estado sobre esta problemática. Para que a nova geração sobrevivesse e tivesse saúde para tornar-se a nova mão de obra assalariada, houve grande incentivo de proteção e valorização do bebê, transformando-o na riqueza nacional. Para proteção deste “grande tesouro”, a pessoa designada para esta função foi a mulher, preferencialmente a mãe biológica, a partir da interpretação naturalista na qual a mesma supostamente possuía dons naturais para o cuidar, fato fundamentado pelos postulados científicos médicos da época. (IACONELLI, 2020; RAGO, 2014).

As mulheres foram designadas, ideologicamente, à função de cuidadoras e vigilantes, tendo que atentar aos detalhes cotidianos da vida familiar, promovendo o cuidado e prevenindo qualquer enfermidade ou desvios, inclusive morais. Desta maneira, a mulher assume a incumbência de ser a guardiã da família, da saúde e da moral, mesmo nas camadas mais pobres e trabalhadoras, independente da raça. Em uma missão romântica e idealizada das virtudes da alta burguesia de um modelo a seguir em nome da família, a figura da mulher se torna cada vez mais

centralizada, valorizando padrões de comportamento e limitando a mulher aos papéis sociais ligados ao lar. (RAGO, 2014).

A identidade social das mulheres como mães, está relacionada à formação da família moderna, configurada no Ocidente a partir das revoluções burguesas, que se respaldaram nas diferenças entre os sexos para determinar funções sociais de acordo com a construção de gênero (REIS, 2008). Logo, a ‘maternação’ não surgiu isoladamente ou por forças da natureza, mas como resultado de outros arranjos institucionais e formulações ideológicas e econômicas. O capitalismo passou a depender da divisão sexual do trabalho, na qual o homem era responsável pela vida produtiva e a mulher pela reprodutiva. O discurso colonizador europeu produziu uma doutrinação que atribuiu, à mulher, o papel exclusivo dos cuidados da prole. (DONATH, 2017).

A partir deste, a identidade feminina é cisada em duas: a mulher e a mãe. Esse paradoxo foi amplamente popularizado no discurso dominante, sendo revestido de uma influência judaico-cristã que santificou o “lado materno” em detrimento do papel e das expressões subjetivas “da mulher”, tendo a redução de sua identidade ao exercer a maternidade. (TOMAZ, 2015; CORDEIRO, 2017). A sacralidade da maternidade e o mito do amor materno, que convidava a mulher a dedicar-se totalmente à criança, negando-a para sempre como sujeito, convergiram para os interesses capitalistas burgueses. Construindo uma ideologia e uma sociedade que preconizam o ‘ser mãe’ como instintivo e inerente a todo ser feminino. Assim, a mulher só estaria completa se cumprissem os ciclos da vida de: crescer, casar, ser mãe e morrer. (CORDEIRO, 2013).

A nova organização da família, que articula o papel da mulher como centralizadora do cuidado, atende aos interesses de uma classe emergente: a burguesia brasileira. Fomentando valores e interesses que

atendem à lógica capitalista, formando a base da divisão sexual do trabalho brasileira que irá consolidar-se com a industrialização brasileira.

2.3 MULHERES NO BRASIL NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Decorrente das aceleradas transformações políticas, sociais e econômicas, no panorama nacional, começa a se constituir a representação simbólica da mulher da modernidade, associada aos papéis ditos ‘femininos’ de esposa-mãe-dona de casa, sendo valorizada não somente pelos estigmas morais, mas pela eficiência em manter o lar e o bem-estar dos diferentes membros da família. (RAGO, 2014).

Nesta nova configuração de família, o papel do médico ganha importância, uma vez que se torna aliado da mulher na “missão” de cuidar e proteger a criança. Com o empobrecimento das cidades e a propagação de doenças, as medidas higienistas e sanitárias ganharam valor, sendo incorporadas, inclusive, aos espaços privados das famílias, guiando as ações das mulheres em seu papel de cuidadora e educadora. (D’INCAO, 2004; RAGO, 2014).

Neste ponto, a ciência médica passou a justificar a posição social da mulher atrelada a uma perspectiva organicista, na qual o fator fisiológico a tornaria mais habilitadas para o cuidar, sendo seu grande ‘dominato’, a ‘maternidade’. Nota-se que, na sociedade ocidental, a evolução do conhecimento científico constituiu-se fundamentalmente pela dicotomia entre feminino e masculino. Sua construção histórica e simbólica de racionalização científica e a produção de pesquisa foi empreendida por e para os homens, trazendo justificativas “científicas” para o subjugamento das mulheres. Justificativas para o domínio de seus corpos e

da submissão nas relações, inclusive nas significações em relação à reprodução e à maternidade (CITELLI, 2001; IACONELLI, 2020).

A diferença sexual é expressa nos costumes e modos operantes em todas as culturas, e “esse reconhecimento pode fazer supor que algo de natureza biológica imprima uma consequência inequívoca ao destino social humano”. (IACONELLI, 2020, p. 39). Sendo assim, diante das diferenças sexuais anatômicas, as sociedades formatam novas formas de explicação destes objetos, criando diferentes paradigmas. (IACONELLI, 2020).

O cientista homem - que possuía poder hegemônico e determinava as diretrizes da ciência moderna - construiu uma leitura do corpo da mulher a partir da interpretação do seu próprio corpo, descrevendo o corpo feminino sob uma lógica inferior e valorizando-o exclusivamente sob os aspectos da reprodução. (CITELLI, 2001). Na história da ciência, a temática da reprodução e o lugar da mulher são muitas vezes confundidos, havendo uma sobreposição dos papéis (IACONELLI, 2020). Esta construção científica criou signos sobre o ‘ser mulher’ que permeiam ainda hoje o processo de subjetivação coletiva e individual, acrescida da história dos conceitos construídos historicamente na sociedade brasileira.

No século XIX, mesmo com o advento da independência de Portugal e com a promulgação da república, o domínio e os privilégios mantêm-se no poder masculino. O direito ao voto, por exemplo, estava diretamente associado ao critério de renda e gênero, sendo considerado cidadão somente homens brancos ricos, já que os negros não tinham direito às terras, nem ao voto. Na discussão da Constituição de 1891, apesar do movimento existente entre as mulheres militantes e simpatizantes da causa, não houve uma equiparação dos direitos civis femininos.

O acesso à educação das mulheres, que no Brasil Colônia era basicamente domiciliar, foi concedido somente em 1827 com a criação de escolas para mulheres, sendo que o acesso ao ensino superior ocorreu somente em 1870. Ainda assim, entretanto, a educação formal era destinada somente às meninas brancas, de alto poder aquisitivo, e o conteúdo associado à aquisição de qualidades e comportamentos compatíveis ao que se acreditava ser próprio do feminino, como por exemplo, o cuidado, adequação aos padrões de beleza, zelar pelo lar e pelas famílias, etc. Além disso, era necessária a autorização do responsável masculino para que as mesmas pudessem ser inseridas nas escolas, assim como no trabalho. (MELO E THOMÉ, 2018; PALAR E SILVA, 2018).

A partir da responsabilização das mulheres, não somente com os cuidados das crianças, mas também na sua formação moral e intelectual, houve uma busca pela capacitação das mulheres da burguesia, a fim de atender ao que compreendia-se ser ‘sua missão’. A educação formal, deste modo, foi incentivada para as mulheres que pertenciam às classes sociais mais ricas, porém somente em relação àquilo que compreendia-se ser ‘adequado’ para as mulheres. Diferentemente do esperado, no entanto, as mulheres, ao circularem pelos espaços públicos de formação, passando a ocupar os espaços ditos ‘produtivos’, começaram a circular pela esfera social e a descobrir outras possibilidades de existir em sociedade. Apesar de as mulheres, historicamente, desde sempre apresentarem movimentos de resistência à ideologia patriarcal, o acesso à educação formal constituiu um grande propulsor para a discussão e a propagação de movimentos sociais organizados das mulheres (MELO E THOMÉ, 2018; RAGO, 2004).

Segundo Rago (2004), tradicionalmente, mesmo as mulheres das classes trabalhadoras necessitavam intermediação e autorização da

figura masculina. Apesar de boa parte da classe operária ser constituída por crianças e mulheres, o pensamento vigente era de deslocar a mulher do espaço público para o privado, fortalecendo as condutas disciplinadoras para as mulheres, reforçando o novo ideal burguês do feminino como “mãe vigilante e do lar”. Desta forma, construiu-se um modelo ideal de mulher: burguesa. O que gerou uma progressiva desvalorização profissional da mulher, sua subordinação ao homem e uma precarização de suas condições de trabalho e de salário. Além disso, a mulher convivia com a culpa do abandono do lar e dos filhos, uma vez que havia já incorporado os preceitos morais da família burguesa. (RAGO, 2004).

Em resumo, ‘ser mulher’, em especial no Brasil, com suas agudas desigualdades, especialmente quando associado às diferenças de raça e classe, constitui-se um paradoxo: ocupar gradativamente mais espaços da esfera pública, conquistados através de lutas e reivindicações, mas, por outro lado, seguir atravessada pelo discurso moralista e determinista sobre seu destino, sobretudo àqueles associados ao casamento e à maternidade. Tal paradoxo persiste nas construções atuais sobre o feminino, fazendo com que, entre as mulheres, persista o conflito entre o universo produtivo e reprodutivo, a dedicação à esfera pública, e à privada.

2.4 MULHERES NO BRASIL DO SÉCULO XX

O discurso moralista e benevolente que circundava a mulher, já nos séculos XIX e XX, condicionava a mesma a uma imagem de fragilidade e fraqueza, de um ‘ser volúvel’. Uma pessoa, supostamente, levada por paixões e facilmente enganada por galanteios. Dessa maneira, a prostituição permanece como um fantasma constante, constituindo-se, ao

mesmo tempo, na perdição e a única opção, perante qualquer pequeno deslize. Assim, a mulher se contrapõe ao imaginário do homem, descrito por sua razão, produtividade, virilidade, firmeza e poder. (RAGO, 2004).

Leis e representações jurídicas possuem uma relação íntima com a sociedade de classes e suas intersecções de raça e gênero. Equilibram-se na dicotomia entre ser um caminho para promover mudanças nos costumes e hábitos sociais e, ao mesmo tempo, representar ideologias e pensamentos dominantes de sua época. (PALAR E SILVA, 2018).

As bases (inclusive jurídicas) que fundamentam a exclusão das mulheres e buscam justificar sua inferioridade, perpassam gerações. Sua herança perpetua preconceitos e discriminações, vigentes em pleno século XX. Registros históricos descreviam na década de 50, por exemplo, a designação da mulher como sexo frágil ou segundo sexo, tendo seus papéis sociais e legais atrelados exclusivamente à esposa e mãe, tendo o lar como sua grande realização, polarizando sua identidade estereotipada entre dois extremos: santa ou pecadora. (SOUZA, 2009; PALAR E SILVA, 2018).

A partir dessa perspectiva, mesmo com uma maior inserção das mulheres na luta pelos direitos femininos, a possibilidade dos direitos civis concedido às elas, era considerada, pelas classes dominantes, um perigo a ser evitado, uma vez que a centralidade do papel feminino no lar seria a garantia de manutenção do modelo de família vigente na época. (SOUZA, 2009).

Desta maneira, a primeira metade do século XX é marcada por uma sociedade na qual os arquétipos misóginos são prevalentes. Uma sociedade na qual a naturalização de seus supostos dons inatos e naturais, dentre eles o instinto da maternidade, são fortemente difundidos e defendidos. Além da maternidade “naturalizada”, o casamento segue

sendo o destino da mulher para sua aceitação social, sendo-lhes impostas restrições e exclusão social quando a mesma se mantinha solteira e, portanto, não seguia o modelo recomendado: casar-se. (MELO E THOMÉ, 2018; PALAR E SILVA, 2018).

O código civil brasileiro de 1916 ratificava a opressão feminina de diversas formas. Por exemplo: (1) condenando as mulheres que ‘perdiam’ a virgindade antes do casamento. Nestes casos, a lei autorizava, ao marido, anular o casamento, enquanto, à mulher, cabia responder juridicamente pelo ato de ‘já não ser pura’. (2) O homem tinha a prerrogativa de autorizar, ou não, a mulher a estudar ou trabalhar, sendo considerado formalmente o chefe da relação conjugal enquanto a mulher, quando casada, declarada incapaz. (PALAR E SILVA, 2018).

Outro exemplo das restrições sociais e legais da vida pública feminina, encontra-se no ambiente do esporte. Esportes incompatíveis com o que seria considerada a ‘natureza feminina’. No ano de 1941³, por exemplo, a prática destes esportes foram legalmente proibidos para as mulheres, configurando-se clara restrição da liberdade feminina, controlando seus corpos e condicionando-os à reprodução. Tendo inclusive pareceres médicos e estudos científicos que respaldavam esta legislação, com a justificativa de que determinado exercício poderia prejudicar a capacidade reprodutiva da mulher. (PALAR E SILVA, 2018). Essa conjuntura legal denuncia o pensamento com uma base histórica marcada pela exclusão e dominação. Pensamento que concebia as mulheres como seres inferiores, incapazes e que, portanto, precisariam ser tutoradas e controladas.

³ Um exemplo de esporte proibido às mulheres era o futebol, por ser considerado atividade que não condizia com o comportamento feminino, sendo apontado pela medicina, através de laudos de saúde, que sua prática poderia prejudicar a fertilidade feminina.

As conquistas mais consistentes das mulheres, no campo legal, começaram em 1932, com o direito ao voto, a partir da luta das mulheres dentro dos movimentos feministas. Um movimento vitorioso, porém, ao ser um movimento composto, majoritariamente, por mulheres brancas, da elite, não propunha mudanças estruturais mais profundas, inviabilizando discussões, por exemplo, as lutas das mulheres negras. Apesar disso, foi essa significativa vitória das mulheres nos marcos legais, que permitiram a transição de sua condição de ‘posse’ para condição de ‘cidadã’. (PALAR E SILVA, 2018). Abriu-se, através de muita luta, um caminho através do qual muitas outras vitórias se seguiriam, inclusive para as mulheres negras.

Somente em 1962 a mulher deixou de ser considerada incapaz quando sujeitada ao casamento e em 1977 teve direito ao divórcio. Esses marcos legais representaram uma crescente conquista dos movimentos sociais e das mulheres, que culminaram na Constituição de 1988. Somente a partir desta, as mulheres tiveram sua posição reconhecida legalmente como cidadãs, com direitos igualitários e dissociando sua identidade às funções sociais do gênero normativo. (PALAR E SILVA, 2018).

O significado de ser mulher na atualidade se deslocou da centralidade do lar e da família, assumindo outras funções sociais e outras significações nas mais diversas formas de ser e de expressar o que significa ‘ser mulher’. No Brasil, em “seu processo civilizatório” o controle do feminino ocorreu inicialmente em prol do processo de colonização e, posteriormente, da manutenção das estruturas de poder construídas. “O projeto de “domesticação” da mulher pela maternidade, entretanto, não ocorreu de forma passiva das mulheres. Com a imposição do mito do amor materno e tendo seus destinos submetidos a uma figura

masculina, surgiram também as mulheres que resistiram aos dogmas sociais. Inúmeras formas destas resistências encontram-se registradas na história: abortos, abandonos e confrontos. Muitas destas mulheres foram descritas ao longo da história oficial, como bruxas, prostitutas e loucas, uma vez que, apesar da forte imposição do sexo masculino, mantinham-se donas absolutas de suas casas e de seus corpos. (DANTAS, 1994). Essas histórias, entretanto, estão sendo recentemente resgatadas e recontadas, expondo a luta e as diversas formas de resistências das mulheres a um sistema que durante séculos tentou reduzi-las, silenciá-las e apagá-las.

3

A MULHER NA SOCIEDADE PARANAENSE

As mulheres deixaram suas marcas, conquistas e legados ao longo do tempo, porém nem sempre seu protagonismo foi reconhecido ou alvo de estudo ao longo da História. Segundo Follador (2009), a história das mulheres foi tratada de diferentes maneiras ao longo da História Oficial. Durante o século XIX, devido a visão positivista, muito pouco se estudou sobre a contribuição feminina. Somente a partir da segunda metade do século XX é que ela se torna um ramo da História sob a influência da Escola dos Annales¹. A partir da década de 1980 ocorre um crescimento no interesse por estudos acerca do feminino e do conceito de gênero. Cada vez mais, constata-se, através de novos estudos, que, na ‘História da Família’ e na ‘História da Sociedade, a mulher atuou de forma muito mais central do que se pensava ou se reconhecia.

Como destacou-se neste livro, até o momento, a sociedade tradicional patriarcal, sempre buscou controlar as mulheres, suas vidas e seus corpos, determinando seus papéis sociais e restringindo seus espaços de atuação. Destacou-se também, que tais ações de controle não ocorreram, no entanto, sem que houvesse reações e resistência por parte das mulheres.

¹ A escola dos Annales é um movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês “Annales d'histoire économique et sociale”, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista da história como crônica de acontecimentos, substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos por processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades.

As mulheres da família Correia de Freitas, ainda que não se reconhecessem feministas, representam mulheres que romperam com o que, em sua época, ‘se esperava’ de uma mulher. Trilharam caminhos diferentes daqueles determinados para as ‘mulheres honradas’. Fizeram escolhas e foram protagonistas de suas próprias vidas. Seus passos, certamente, inspiraram e abriram caminhos para muitas mulheres de sua própria geração, assim como das gerações de mulheres que se seguiram.

Através das trajetórias de Luiza, Josepha e Soledade Correia de Freitas, é possível compreender um pouco do comportamento e da atuação feminina no Paraná entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Para realizar tal intento, recorreu-se a uma ampla pesquisa documental e análise de uma série de fontes, como entrevistas com familiares e ex-alunas. Assim partiu-se do percurso dessas três personagens para buscar compreender suas teias de relações sociais e familiares. A partir desse objetivo, utilizou-se como fonte básica de pesquisa, a imprensa periódica local da época, que permitiu investigar o pensamento, compreender a documentação e descobrir as mulheres da família Correia de Freitas.

Por meio desta análise, é possível problematizar os modos de viver e atuar dessa família paranaense, assim como verificar por quais outras principais famílias essa parcela da população paranaense era constituída. O nome/sobrenome constitui-se o conceito condutor no cruzamento das fontes para se reconstituir esse período da história paranaense que, apesar de ser moldada nos alicerces do patriarcalismo, nos mostra que a mulher tinha uma atuação social e familiar muito mais presente e forte do que se esperava e se permitia.

As mulheres sempre foram o sustentáculo fundamental da sobrevivência da família, do Estado e da igreja, seja por questões

demográficas ou por necessidades de ordem econômica, social, cultural ou política. Seus comportamentos e atitudes estavam envolvidos por questões de ordem familiar e religiosa e muitas vezes articulavam seus interesses ou submetiam-se a situações inconvenientes em prol da sobrevivência e da manutenção (ou ascensão) social².

Assim, apresentar a trajetória dessa mãe, Luiza, e suas duas filhas, Josepha e Soledade nos permite compreender os inúmeros caminhos e descaminhos percorridos por essas mulheres na Curitiba da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Mulheres que não podem ser definidas como “umas quaisquer”, mas sim portadoras de prestígio e de um cabedal bastante destacado naquela sociedade. O fato das filhas Josepha e Soledade não terem optado pelo matrimônio as tornam ainda mais singulares, visto a importância dada a esta instituição. O fato de terem permanecido solteiras não as tornaram invisíveis na sociedade da época, o que normalmente ocorria com mulheres ‘sem marido’, como mostram as fontes analisadas. Essas personagens atuaram o tempo todo em diversas frentes deixando suas marcas. Possuíam ligações de reciprocidade que partiam da família e se estendiam, permitindo relações que se desdobravam num emaranhado de laços que atravessavam o âmbito público e privado sob a forma de parentesco, amizade, casamentos e compadrios, que embasavam as redes de relações nas quais essas mulheres estavam presentes. (FARINATTI, 2007).

As primeiras décadas da República no Brasil foram marcadas pela necessidade de consolidar o novo regime, fazendo surgir uma série de estratégias a que a mulher não ficou alheia. Em Curitiba, a presença

² A posição da mulher dentro da família, independentemente das condições de classe, tem como ponto comum sua função de reprodutora. Esta característica biológica é um fato universal e atemporal. É da função da maternidade que se origina a chamada estabilidade e permanência da família, em suas diferentes formas. (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

feminina vem à cena solicitada em múltiplas atividades numa sociedade que se achava em vias de transformação.

As mulheres da Primeira República apresentavam várias faces: ao mesmo tempo eram uma figura doméstica e dama social, ou seja, a rainha do lar, que se insinua em inúmeros espaços públicos e privados. Eram educadas para o mundo interior, mas ao mesmo tempo eram solicitadas para dar uma contribuição externa através da educação que acrescentava uma face externa treinada para a vida social e outros campos do trabalho, ainda que limitado. Torna-se figura importante nas festas e reuniões da alta sociedade, mas também está presente nas festas populares e nos eventos culturais.

Na escola, principalmente, é que se constrói o papel público dessas mulheres, além da concepção doméstica e religiosa, a prepara para uma participação mais ativa na sociedade através de um viés patriótico e sentimental, mas ainda sem direitos à cidadania. Nesse período, em Curitiba, havia várias combinações de ideias: o programa republicano positivista, o nacionalismo étnico dos imigrantes, o início de uma proposta emancipatória para o sexo feminino e a Igreja que lutava para retomar sua posição perdida. Cada um desses grupos desenvolve um ideário próprio da mulher a colocando na base da consolidação das suas causas. Assim, na Curitiba do início do século XX, encontram-se uma grande variedade de mulheres para além dos dois extremos: dona de casa e mãe de família (concepção ideal), por um lado e meretriz desqualificada (excluída socialmente), por outro. Encontram-se mulheres empenhadas nas mais diversas atividades e situações de lazer e de trabalho.

No caso das mulheres da família Correia de Freitas, algumas destas faces se destacam. São trabalhadoras, mulheres autônomas, donas de

escolas particulares, professoras da rede pública de ensino e musicistas (nesse caso somente Josepha e Soledade). Dedicam-se a projetos de filantropia doando dinheiro ou realizando recitais beneficentes. Participam de diversos eventos sociais importantes, dentre eles: concertos de aniversários de membros representativos da alta sociedade curitibana e do mundo político paranaense como Affonso Camargo, Carlos Cavalcanti e Manoel Ribas; casamento de Bento Munhoz e Flora Camargo, enlace matrimonial entre membros de duas famílias da classe dominante tradicional do Paraná; peças culturais com os maestros Leo Kessler, Raul Messing e Bento Mossurunga, grandes nomes da música paranaense; festividades como do dia da pátria, do dia da bandeira, do dia da telefonista; sessões de cinema; missas de falecimento de membros ou familiares da alta sociedade curitibana; eventos promovidos pelo Clube Curitibano; apresentações teatrais; enfim em eventos nos quais poderiam “serem vistas para serem lembradas”.

Assim, mulheres da família Correia de Freitas aproveitavam os espaços sociais que a República positivista oferecia. Quanto à sua de sua formação educacional, além de frequentarem a escola de cunho científico e liberal, participavam dos momentos cívicos e sociais da cidade. Ocupavam posições que a sua educação incentivou, sendo parte ativa da sociedade. São mulheres urbanas marcadas pelo reflexo de muitos espaços, pensares e personagens, num cenário híbrido e controverso de uma Curitiba que se modernizava.

3.1 A EDUCAÇÃO DAS MULHERES

A Curitiba do início do século XX encontrava-se em pleno processo de modernização com a higienização do centro urbano, limpeza pública,

água encanada e esgotos, implantação da arborização e instalação da iluminação pública. Os espaços públicos se diversificam com cafés e salas de espetáculo, parques e praças³. Nessa Curitiba “moderna” temos um círculo literário ativo que circula nos grêmios e salões fazendo o universo pensante da cidade. No meio dessa ebulição intelectual, a educação formal é uma preocupação constante. A formação e ampliação constante da rede escolar são provas desse interesse, concretizado na distribuição dos prédios escolares, dentro dos limites da cidade.

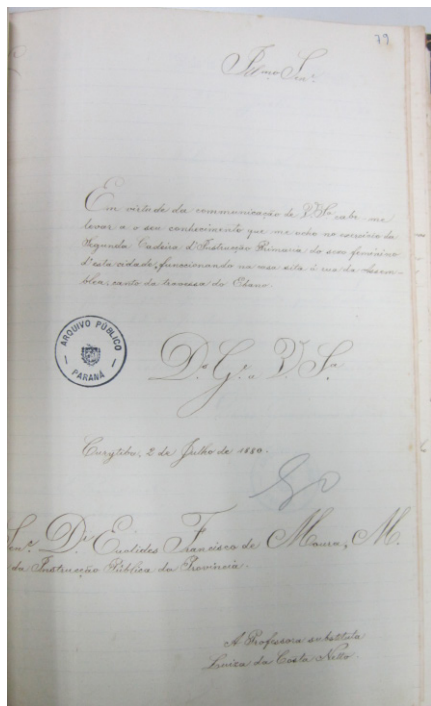
As escolas curitibanas se estendem da Praça Zacarias à rua Aquibadan⁴, chegando à rua Comendador Araújo, percorrem a rua do Rosário, descem a Treze de Maio e vão desembocar no largo da Praça Dezenove de Dezembro. Outras saem do traçado urbano e estão nas paisagens dos arredores da cidade. Na Curitiba republicana a escola pública primária (ou cadeira de instrução primária) é uma reivindicação constante das autoridades do ensino, desde final do século XIX⁵.

³ Alguns desses espaços frequentados pelas mulheres da família Correia de Freitas foram: cinematógrafos, Teatro Guaíra, Palácio do Governo, Horas da Arte, Clube Coritibano, salão nobre do Ginásio Paranaense, Catedral de Curitiba, Salão Sangerbund, Sociedade Thalia, Teatro Avenida, entre outros.

⁴ Atual rua Emiliano Perneta.

⁵ Ver correspondências da professora Luiza Netto Correia de Freitas ao diretor geral da Instrução Pública do Paraná disponível no acervo do Arquivo Público do Paraná.

Ofício da Professora Luiza ao Diretor de Instrução Pública



AP 0603 – Ano 1880, V. 15, p. 59.

Ilustríssimo Senhor

Em virtude da comunicação de Vossa Senhoria cabe-me levar ao seu conhecimento que me acho no exercício da Segunda Cadeira de Instrução Primária do sexo feminino desta cidade, funcionando na casa sita a Rua da Assembleia, canto da travessa da Ebano.

Curitiba, 2 de julho de 1880.

Senhor Doutor Euclides Francisco de Moura, Diretor da Instrução Pública da Província

A professora substituta
Luiza da Costa Netto

O pensamento pedagógico da época pretendia introduzir na escola pública a fé nas potencialidades humanas, a prática do sentimento patriótico, a ideologia das possibilidades impulsionadoras do progresso e a neutralidade religiosa do ensino, ou seja, a escola republicana deveria ser humanista, democrática e progressista. Com a propagação da escola primária, segue-se a valorização e crescimento do ensino secundário, de cunho propedêutico ou de cursos profissionalizantes.

Em Curitiba, temos o Gymnasio Paranaense, marcado pela mentalidade acadêmica dos estabelecimentos ginasiais, que ministra o ensino secundário misto em 5 anos (de acordo com o plano de ensino do Colégio Modelo Dom Pedro II do Rio de Janeiro) e prepara os alunos para o

ingresso nos cursos superiores. A Escola Normal, também mista, destina-se a formação de professores em curso de 4 anos. Essa visão acadêmica será superada por uma visão mais prática do ensino profissional com a proposta educacional de preparar o cidadão para o exercício do trabalho. Representantes dessa última proposta são a Escola de Aprendizes e Artífices (masculina) e a Escola Profissional Feminina.

Grande parte das numerosas escolas particulares de Curitiba são laicas e progressistas: do pequeno estabelecimento do professor Cleto da Silva, às instituições de maior prestígio social como o Colégio Paranaense, O Instituto Coritibano, a Escola Republicana, o Colégio Vianna, o Colégio Santos Dumont e o Colégio Moderno (esse de propriedade e direção de Luiza Netto Correia de Freitas). Funcionando, muitas vezes, em instalações vastas que acomodam alunos e alunas, internos ou externos, desenvolvem-se sob a égide do livre-pensamento. Esses estabelecimentos particulares empenham-se em bem preparar seus alunos para o ingresso no Gymnasio Paranaense ou na Escola Normal (figuras 1,2, e 3). As escolas particulares laicas de Curitiba perfazem um número aproximado de 90, embora seja variável sua permanência durante o período. Havia uma extrema diversificação das ofertas de estabelecimentos de ensino público e privado, confessionais ou laicos, formais e informais. (BENCOSTTA, 2001).

FIGURA 1 – Propaganda Collegio Moderno

Aos Srs. Paes de Familia

a professora **Luiza Netto Correia de Freitas** tem a honra de comunicar que abriu o seu COLLEGIO MODERNO, à rua Ratcliff n. 19, onde, por um **metodo proprio e facil**, propõe-se a ensinar, por preços módicos, crianças de ambos os sexos, desde a idade de cinco annos, a **lerem e escreverem bem o portuguez, em poucos mezes, sem que sintam o menor cansaço.**

Pelo mesmo methodo pratico e racional serão também ministradas **todas as materias concernentes à instrução primaria, inclusive musica, desenho, francez, gymnastica e prendas manuaes para as meninas.**

No fim de cada trimestre haverá exames parciais de todas as materias, sendo cantados peis alumnos cançonetes, hymnos e coros, **aos quaes poderão assistir os respectivos Paes, a fim de verificarem o adeantamento de seus filhos, que, estando habilitados, farão exames finais, passando para o segundo grau.**

Com mais de trinta annos de pratica, esta professora tem verificado ser **este um dos melhores methodos para preparar alumnos que desejem frequentar o Gymnasio ou a Escola Normal.**

As aulas começarão ao meio dia e terminarão às 16 horas de todos os dias uteis, **excepto os Sabbados.**

Desde já acha-se aberta a matricula para **trinta alumnos**.
Trata-se das 10 às 11 horas, ou das 17 às 18.
Curitiba, 26 de Agosto de 1916. 610

Diário da Tarde, 25/09/1916, p. 5.

AOS SENHORES PAIS DE FAMILIA

A professora Luiza Netto Correia de Freitas tem a honra de comunicar que abriu seu COLÉGIO MODERNO à rua Ratcliff⁶ n. 19, onde por um método próprio e fácil propõe-se a ensinar, por preços módicos, crianças de ambos os sexos, desde a idade de cinco anos, a lerem e escreverem bem o português, em poucos meses, sem que sintam o menor cansaço.

Pelo mesmo método prático e racional, serão também ministradas todas as disciplinas concernentes à instrução primária, inclusive música, desenho, francês, ginástica e prendas manuais para as meninas.

No fim de cada trimestre haverá exames parciais de todas as matérias, sendo cantados pelos alunos canções, hinos e coros, aos quais poderão assistir os respectivos pais, a fim de verificarem o adiantamento de seus filhos que, estando habilitados, farão exames finais, passando para o segundo grau.

Com mais de trinta anos de prática, esta professora tem verificado ser este um dos melhores métodos para preparar alunos que desejam frequentar o Ginásio ou a Escola Normal.

As aulas começarão ao meio dia e terminarão às 16 horas de todos os dias úteis, exceto aos sábados.

Desde já acha-se aberta a matrícula para trinta alunos.

Trata-se das 10 horas às 11 horas, ou das 17 às 18 horas.

Curitiba, 26 de agosto de 1916.

⁶ Atual Rua Desembargador Westphalen.

FIGURA 2 – Propaganda do Collegio Soledade

COLLEGIO
Soledade
(Inaugurado a 7 de Julho de 1906)
Externato para meninos e meninas
Rua Ractcliff n. 10

As aulas começarão a 2 de Janeiro entrante, para o que já se acham abertas as respectivas matriculas.

A professora d. Luiza Netto **Corrêa de Freitas**, com mais de 25 annos de effectivo exercicio de magisterio, e sua filha d. Josepha **Corrêa de Freitas**, diplomada pela Escola Normal, serão auxiliadas por d. Carlota Nogueira, professora adjuncta (habilitada neste collegio), e, nas aulas de musica e prendas domesticas, pelos professores Damazo Cardoso Netto e d. Virgilia da Silva Netto.

Dando noticia dos exames realizados neste collegio, o *Duário da Tarde* assim pronunciou-se :

«A assistimos hontem aos exames effectuados no collegio Soledade, sob a competente orientação directiva de d. Luiza Netto Corrêa de Freitas e de sua digna filha, a intelligente professora normalista senhorita Josepha Cor da de Freitas.

O methodo educativo, adoptado e seguido no importante estabelecimento, obedece aos principios da moderna pedagogia e norteia de tal modo o espirito da criança, que esta não sente a mais leve difficuldade em solucionar complicadas questoes que se lhe apresentem.

Instruindo-se, assim, na observancia de processos racionais e productivos, em accordo perfeito com os dias correntes, os escolares se mostraram aptos para ascender a grãos superiores, dando em respostas oraes e scriptas excellentes provas de sua habilitação.

A mesma Soledade Corrêa de Freitas, de 7 annos de idade, salientou-se bellamente pela correção com que se houve em portuguez, geographia, geometria, historia do Brazil e outras materias »

Neste COLLEGIO habilitam-se alumnos para a matricula na Escola Normal.

A Notícia, 05/01/1907, p. 3.

COLÉGIO SOLEDADE
(inaugurado a 7 de julho de 1906)
Externato para meninos e meninas
Rua Ratcliff n. 10

As aulas começarão a 2 de janeiro entrante, para o que já se acham abertas as respectivas matrículas.

A professora Dona Luiza Netto Correa de Freitas, com mais de 25 anos de efetivo exercício de magistério, e sua filha Dona Josepha Correa de Freitas, diplomada pela Escola Normal, serão auxiliadas por Dona Carlota Nogueira, professora adjunta (habilitada neste colégio) e, nas aulas de música e prendas domésticas pelos professores Damazo Cardoso Netto e Dona Virgilia da Silva Netto.

Dando noticia dos exames realizados neste colégio, o Diário da Tarde assim pronunciou-se:

“Assistimos ontem aos exames efetuados no Colégio Soledade, sob a competente orientação diretiva de dona Luiza Netto Correa de Freitas e de sua digna filha, a inteligente professora normalista senhorita Josepha Correa de Freitas.

O método educativo, adotado e seguido no importante estabelecimento, obedece aos princípios da moderna pedagogia e norteia de tal modo o espírito da criança, que esta não sente a mais leve dificuldade em solucionar complicadas questões que se lhe apresentem.

Instruindo-se, assim, na observância de processos racionais e produtivos, em acordo perfeito com os dias correntes, os escolares se mostram aptos para ascender a graus superiores, dando em respostas orais e escritas excelentes provas de sua habilitação.

A menina Soledade Correa de Freitas, de 7 anos de idade, salientou-se belamente pela correcção com que se houve em português, geografia, geometria, historia do Brasil e outras matérias”.

Neste colégio habilitam-se alumnos para a matrícula na Escola Normal.

Figura 3 – Propaganda Collegio Moderno

Collegio Moderno
Rua Ratcliff. n. 19. em frente da Sociedade dos Boleiros
REABRIU SUAS AULAS NO DIA 2 DE JANEIRO
Até o dia 15 acha-se aberta a matrícula para o 1º trimestre do corrente anno.
Neste collegio ensina-se por um novo methodo pratico e racional, fortalecendo o organismo dos alumnos por meio de gymnastica, e não os cansando com lições decoradas; mas fazendo-os comprehender todas as materias constantes do programma, por meio da leitura em voz alta e com boa pausa, não esquecendo a de respiração, tão necessaria na leitura como no canto.
Preparam-se alumnos para o Gymnasio, Escola Normal, Universidade e Instituto Nacional de Musica. Informações no mesmo Collegio, das 2 às 4 horas, todos os dias úteis.
Preços módicos)-(Pagamento adiantado.
A Directora : Luiza Netto **Correa de Freitas.**

Commercio do Paraná, 11/01/1922, p. 4.

COLÉGIO MODERNO

Rua Ratcliff n. 19 em frente da Sociedade dos Boleiros

REABRIU SUAS AULAS NO DIA 2 DE JANEIRO

Até o dia 15 acha-se aberta a matrícula para o 1º trimestre do corrente ano.

Neste colégio ensina-se por um método prático e racional, fortalecendo o organismo dos alunos por meio de ginástica e não os cansando com lições decoradas; mas fazendo-os compreender todas as matérias constantes do programa, por meio da leitura em voz alta e com boa pausa, não esquecendo da respiração, tão necessária na leitura como no canto.

Preparam-se alunos para o Ginásio, Escola Normal, Universidade e Instituto Nacional de Música. Informações no mesmo Colégio, das 2 às 4 horas, todos os dias úteis.

(Preços módicos - pagamento adiantado)

A Directora Luiza Netto Correa de Freitas

Pelos anúncios das figuras 1, 2 e 3, percebe-se que as escolas privadas de Luiza Netto Correia de Freitas, o Collegio Soledade e Collegio Moderno, procuravam se apresentar como sendo progressistas e inovadores, desdobrando suas orientações práticas para a adequação da nova proposta de ensino, no qual buscava-se disseminar a moral, difundir a ética, enaltecer o trabalho e o progresso, distribuir a disciplina e a ordem, incentivar o civismo, introduzir a saúde e a higiene.

Além da estrutura formal das escolas⁷, havia o projeto de fundação de uma universidade em Curitiba, sonhada desde 1892 por Rocha Pombo, e concretizada em 1912 por Victor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo e João Pamphilo d'Assunção, entre outros. A edificação do prédio da universidade é o ponto máximo na formação e instalação da rede escolar de ensino na Curitiba republicana. Essa Curitiba republicana convoca as mulheres à participarem da escola, seja nas salas de aula, nos exercícios ginásticos, nos pátios internos, nos quadros de formatura, etc. Na tríade família-sociedade-pátria, a educadora curitibana situa os níveis sucessivos de participação daqueles a quem a escola republicana concede o direito e cobra o dever de educar-se. Na mulher republicana, a escola pretende desenvolver atributos que a tornem apta a exprimir uma face interna e intimista, voltada à manutenção da unidade familiar, mas, também, uma figura externa e pública, que preencha os interesses e expectativas da sociedade e da nação. A face intimista, da mulher interior está contida, restrita aos espaços domésticos e ao círculo da parentela; a mulher pública está aberta ao mundo social, ao mercado de trabalho e

⁷ Conforme os relatórios dos presidentes do Estado do Paraná durante a Primeira República, o número de escolas públicas não era suficiente para atender todas as crianças em idade escolar no estado. Sendo assim houve a criação de um número significativo de escolas privadas nesse período na capital do estado. Para saber mais consultar <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>. Acesso em 19 ago.2021.

à comunidade política. Os grupos envolvidos com a formação da mulher nos espaços escolares seguem preocupados com o ser e o agir feminino, privilegiando a dimensão privada e da educação da mulher.

3.2 COMPOSIÇÃO DAS FIGURAS: AS MULHERES DA FAMÍLIA CORREIA DE FREITAS

A cada final de ano letivo,⁸ durante todo o período da Primeira República, os periódicos curitibanos noticiavam os resultados dos exames finais dos cursos primários das escolas públicas e particulares. Esses exames eram uma solenidade pública, realizada sob a forma de interrogatório, que consistia no núcleo central da cerimônia. Daí o caráter solene, com a presença de autoridades e testemunhas, além do caráter minucioso das formalidades. Nomes femininos constavam frequentemente nessas listas (figuras 4 e 5) que asseguram seus conhecimentos e demonstravam estarem habilitadas à matrícula no Gymnasio Paranaense ou na Escola Normal. A técnica do interrogatório servia para preparar o educando para a vida pública, o que para a mulher significava atuar no canto, na declamação ou na execução de algum instrumento musical, desenvolvendo o traquejo social.

⁸ Os exames parcelados ocorriam com a presença das bancas organizadoras que se reuniam, em geral, uma vez por ano, perante as quais os candidatos se submetiam as disciplinas obrigatórias para o concurso de ingresso na escola superior desejada.

FIGURA 4 – Anúncio dos resultados dos exames da Escola Normal
(onde consta o nome de Josepha)

ESCOLA NORMAL.

O resultado do exame de geographia do 1º anno ante hontem effectuado foi o seguinte :

Approvados com distincção:—
Maria C. Sentone, Fanny Pereira Marques, João Vallões e Theophilo Gomes. Plenamente — Anna Martins Gomes, Maria Ramos, Josepha Correia de Freitas, Olivia Correia e Raul R. Gomes. Simplesmente—Maria Duarte.

Reprovados 3

Portuguez, 2º anno. Approvado plenamente:—Jorge Manso. Simplesmente— Athalia de Miranda.

Pedagogia:— Jorge Manso, plenamente e Athalia Miranda, simplesmente.

FIGURA 5 – Anúncio dos exames da Escola Normal (onde consta o nome de Josepha)

Professorandos

No dia 10 do corrente, na Escola de Artes e Industrias, realizou-se o exame de desenho dos alumnos do 3º anno do curso normal. Com o referido exame terminaram o curso os seguintes :

João Schleder Junior, Jorge Mansos N. Teixeira, Lucia Arouca Laynes, Alice Cornelia Daniel, Maria Carmella Sentone, Esther Pereira, Joanna Falce, Josepha Correia de Freitas, Maria Angela Franco, Esther Franco, Ernestina Franco, Helena Xavier e Leonidia de Macedo.


A distribuição dos diplomas será feita com solemnidade no salão de honra do Gymnasio Paranaense.

A Escola, janeiro de 1906, p. 20.

Durante todo o tempo de sua permanência nas escolas, as alunas cumpriam uma programação oficial do ensino, em nada restritiva à sua condição feminina, não lhe sendo vedada ou indicada matéria alguma de forma específica – exceção feita às “prendas domésticas”, reiteradamente recomendadas pelas leis e regulamentos: costura, bordado e corte, para as meninas (figura 6). (PARANÁ, 1903, p. 89).

FIGURA 6 – Propaganda Collegio Santa Luiza

Collegio Santa Luiza



(Fundado em 1885)

PARA MENINAS.

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA E
PRENDAS DOMESTICAS.

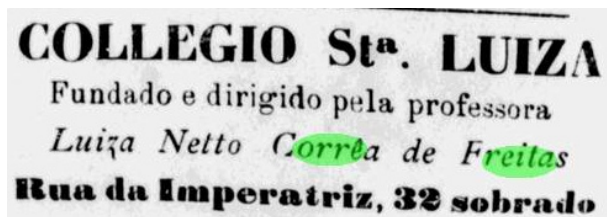
CONTRIBUIÇÃO MENSAL ADIANTADA.

RUADO IMPERADOR n.º 40

A profesora

LUIZA NETTO CORREA DE FREITAS

Sete de Março, 09/03/1889, p. 4.



XIX de Dezembro, 17/08/1889, p. 3.

A atribuição dos trabalhos manuais domésticos às alunas nos programas escolares, configura indício claro de uma filosofia educacional particularmente dirigida à mulher. No período republicano brasileiro, buscava-se garantir uma formação que contemplasse não apenas a inteligência e o espírito, mas também o corpo e os sentidos. Preserva-se, primeiramente, a integridade desse corpo, introduzindo na escola os exercícios ginásticos, que disputavam lugar com as matérias intelectuais na obra do aperfeiçoamento individual. As atividades das escolas particulares acompanham as mesmas orientações seguidas pela escola pública. O Collegio Moderno, em sua propaganda de 1922, exhibe uma carga significativa de estudos de ordem prática:

Neste collegio ensina-se por um novo methodo pratico e racional, fortalecendo o organismo dos allunos por meio de gymnastica, e não os cançando com lições decoradas; mas fazendo-se comprehender todas as matérias constantes do programma, por meio da leitura em voz alta e com boa pausa, não esquecendo a de respiração, tão necessária na leitura como no canto... (Commercio do Paraná, 11/01/1922, p. 4)

À publicidade dos exames, segue-se invariavelmente, o aparato da festa, das danças, das apresentações musicais que complementam a atuação profissional e social das mulheres da família Correia de Freitas (figura 7).

Em 20 de agosto de 1915, no salão nobre do Ginásio Paranaense ocorreu o festival artístico da cantora paranaense Josepha Correia de Freitas recentemente chegada de São Paulo e Rio de Janeiro, com o concurso de sua irmã a aluna Soledade. (A Notícia, 21/08/1915, p. 1)

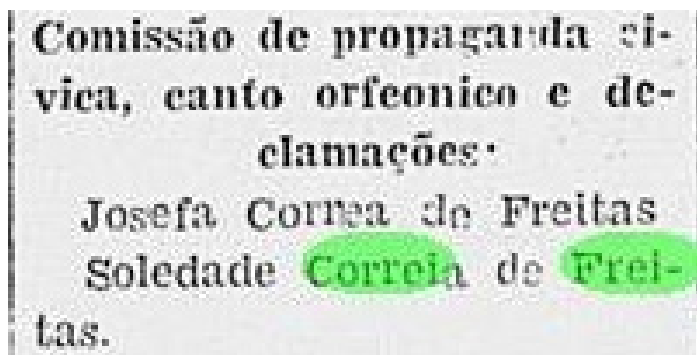
FIGURA 7 – Anúncio da festa em homenagem à Santa Terezinha

FESTA DE SANTA THEREZINHA NA IGREJA DE S. FRANCISCO
Nesta Igreja, á rua Saldanha Marinho, haverá hoje a novena dedicada aos estudantes da cidade, novena cantada pelo Orpheon da Escola Normal e sob a batuta de d. Josepha **Corrêa de Freitas.**

O Estado, 03/10/1936, p. 3.

O tom festivo das comemorações cívicas é dado, em grande parte, pelas associações femininas, sempre prontas à organização de bailes, reuniões, piqueniques, recepções e chás. É assim, que se homenageia em Curitiba, o dia da bandeira e a semana da pátria, sempre com a presença das irmãs Correia de Freitas nas comissões organizadoras (figura 8).

FIGURA 8 - Festividades em Curitiba referente ao Dia da Bandeira



Correio do Paraná, 17/11/1937, p. 3.

É interessante perceber, em toda a encenação, a utilização que a mulher faz da simbologia e dos mitos republicanos – a bandeira e o hino – constituindo ela própria alegoria e mito do regime. O uso frequente da bandeira e das canções patrióticas nas manifestações conduzidas por mulheres atinge seu ponto alto já no final do período da Primeira República, na década de 1930.

No conjunto da festa existe, ainda, o suspense da exposição artística onde as alunas exibem seus dotes, para viver um pequeno momento de brilho e de glória (figuras 9 e 10).

FIGURA 9 – Audição dos alunos da Escola Particular de Canto de Josepha e Soledade



O Estado, 23/05/1937, p. 2.

FIGURA 10 - 2ª Semana de Carlos Gomes em Curitiba – programa do dia 08/07/1951

8 — «Cavatina», da ópera Joana de Flandres, soprano Dioneia Gasparello. Colaboração da Escola de Canto Josefa e Soledade Correia de Freitas.

Caderno de Recortes do Maestro Bento Mossurunga.
Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.

As festas, a exposição, o interrogatório e as apresentações, são expressões de um momento específico da vivência feminina: a experiência escolar. A mesma mulher que a escola prepara para os ambientes festivos dos salões, é aquela que se debruça sobre as provas dos alunos. O exercício do magistério era um domínio quase exclusivo da mulher. Para algumas, o magistério oportunizava a ascensão social, como é o caso das mulheres da família Correia de Freitas, que chegaram a ter suas escolas particulares. Para outras, professoras da escola pública, restavam as dificuldades financeiras das escolas da periferia e o ônus inerente ao exercício da profissão.

As mulheres da família Correia de Freitas foram educadas nos princípios do livre-pensamento, mas não fugiam à célula básica dos âmbitos de atuação da mulher: a família, a sociedade e a pátria. Eram mulheres da sociedade e ocupavam lugar efetivo e dinâmico nos espaços exteriores. Eram presença constante nos teatros, cinemas, lojas e diversões. Diferente da maioria das mulheres, atuavam nos espaços tradicionalmente vedados ao sexo feminino: no mundo do trabalho, no campo político, nas manifestações populares.

O movimento republicano, no entanto, não estava alheio à invasão feminina nos espaços públicos. Porém, preparar a mulher para ser indivíduo útil nessa sociedade (como eram as propostas educacionais desse momento) significava deixá-la participar na agitação da vida

social, sem extrapolar um limite aceitável de atuação. Formar a mulher para a vida social, no entanto, não significa nivelá-la ao homem quanto ao conteúdo dos conhecimentos, muito menos na área científica. As filhas de Luiza dedicaram-se ao estudo das belas artes, pois o canto, a declamação e sobretudo a música eram considerados úteis à apresentação feminina nos salões, além de constituírem um recurso último em caso de celibato, viuvez ou desastre financeiro. As belas artes era um ofício mais honroso do que costurar e bordar. (TRINDADE, 1996).

Dentre os estudos musicais, as aulas de piano são as mais dispendiosas e ocupam boa parte do tempo livre dos programas escolares. O estudo da música complementa os programas das matérias elementares. Fator de inovação nos planos de ensino, a música é trabalhada como veículo da educação estética, moral e cívica. À educação das jovens mais favorecidas, além do fundo doméstico comum, acrescenta-se uma bagagem de artes e de conhecimentos literários. As Horas de Arte⁹, em Curitiba, apresentam inúmeras oportunidades de expressão individual, seja nas representações teatrais, seja nas execuções musicais das quais as irmãs Correia de Freitas participavam (figura 11). Profissional ou amadora, a mulher que se empenha na interpretação artística conquista a oportunidade de liberar o corpo ou desnudar a alma.

⁹ Festividade artística promovida em Curitiba por moços intelectuais, tais como Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Rodrigo Junior, Gastão Faria, entre outros, no sentido de aliar a poesia, a eloquência e a música às artes plásticas. (A República, 19/06/1914).

FIGURA 11 – Participação de Josepha em Horas de Arte

Horas de arte

Domingo proximo, 23 do corrente, o brilhante pugillo de moços intellectuaes promotor das Horas de Arte, levará a effeito a 3ª destas festividade artisticas, já firmadas em nosso culto meio.

O programma das Horas de Arte, de domingo, é o seguinte:

PRIMEIRA PARTE

I — Palavras — Samuel Cesar.

II — Piano — Senhorita Maria José Assumpção.

III Poesia — Rodrigo Junior.

IV — Prosa — Leonidas Loyola.

V — Humorismo — Euclides Chichorro e Leonidas Loyola.

VI — Violino — Professor Ernesto Dreyer.

SEGUNDA PARTE

I — Quartetto instrumental — Senhoritas Luiza, Helena e Mayl e Julio Nascimento.

II Prosa — Dr. Hugo Simas.

III — Canto — Senhorita Josepha Correia de Freitas.

IV — Piano — Senhorita Gelta Vasconcellos.

V — Poesia — Lacerda Pinto.

VI — Violino, concerto Mendelssohn (1º tempo) — Professor Antonio Lago.

Acompanhamentos pelo maestro Léo Hessler.

Outro campo de atuação menos expressivo, mas útil ao interesse geral exercido pelas mulheres, era a ação filantrópica que se tornava uma das formas de atuação das mulheres nas questões sociais, pois “a prática da filantropia acaba por superar a caridade pura e simples”. (TRINDADE, 1996, p. 254). Afinal, a caridade constitui-se somente numa troca de consolo que engrandece o doador, enquanto a filantropia resume-se em “novas modalidades de atribuição de socorros, na busca de um procedimento que permita, ao mesmo tempo, discriminar o ‘indigente factício’ da ‘verdadeira pobreza’ e introduzir na assistência a exigência de sua necessária supressão no futuro”. (DONZELOT, 1986, p. 55). Em Curitiba, o noticiário da imprensa mostra esse movimento cada vez mais significativo em direção à filantropia. As mulheres da família Correia de Freitas não ficaram à margem deste costume, conforme figura 12.

FIGURA 12 – Donativos à Maternidade Victor Ferreira do Amaral

Donativos á Maternidade — O benemerito cavalheiro, sr. Hermano Machado, continua a auxiliar o fornecimento de leite para a Maternidade de Victor do Amaral com a quantia aproximada de cem mil reis mensaes. A Senhorita Josefa Correia de Freitas, distinta Professora de Musica da Escola Normal, offereceu á Maternidade Victor do Amaral a quantia de 20\$000.

Correio do Paraná, 12/12/1933, p. 2.

DONATIVOS A MATERNIDADE

O benemérito cavalheiro, senhor Hermano Machado, continua a auxiliar o fornecimento de leite para a Maternidade Victor Ferreira do Amaral com a quantia aproximada de cem mil réis mensais.

A senhorita Josepha Correa de Freitas, distinta professora de música da Escola Normal, ofereceu à Maternidade Victor do Amaral a quantia de 20\$000.

Várias ações filantrópicas das professoras Correia de Freitas foram destacadas pelos jornais, uma vez que as professoras católicas de sua época eram convocadas para tais ações: “*o magistério, para boa parte das mulheres, caminhava perfilado com o catolicismo, e o catolicismo, com as campanhas filantrópicas*”. (ROMÃO, 2021, p. 145).

Na primeira década do século XX, a palavra grêmio definia uma entidade promotora de uma série de atividades de lazer descompromissados: bailes, festas carnavalescas, chás, saraus, serões de arte, sessões de dança, praticadas no círculo do “*high society*” curitibano. O nome de batismo desse tipo de associação, evocando flores, sugere o caráter efêmero de suas intenções como, por exemplo, o Grêmio das Violetas (do Clube Curitibano), do qual as irmãs Correia de Freitas e várias de suas alunas participavam. Embora esses grêmios se voltassem, preferencialmente, para as atividades recreativas, eventualmente, praticavam doação de bens materiais, com a intenção de atender às diversas formas de indigência ou socorrer entidades assistenciais. As ações filantrópicas eram um recurso do qual lançavam mão as mulheres ao se verem privadas do exercício mais ativo de sua cidadania, utilizando-as como elo entre o mundo doméstico e a participação social e política. (TRINDADE, 1996). Algumas notícias de jornais, por exemplo, apresentam atividades de cunho cultural do Grêmio das Violetas, como

a realização de bailes ou “festas eminentemente artísticas” (Gazeta do Povo, 22/04/1919, p.4). Segundo artigo da Gazeta do Povo, “o fidalgo grêmio muito tem concorrido para a educação de muito bom gosto e para o desembaraço de nossas graciosas senhoritas”, ou seja, a partir do século XIX, as mulheres de elite “tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada”. (Gazeta do Povo, 15/02/1919, p.1).

É interessante notar o grau de autonomia alcançado pelas mulheres da família Correia de Freitas, em um momento em que o matrimônio significava a obtenção de um status econômico e social. O magistério era, para os padrões da época, a profissão feminina aceita como caminho para as mulheres provenientes de setores empobrecidos, da camada média, mas não para a mulher de origem burguesa. O acesso à educação secundária profissional, representado pela Escola Normal, era condição de libertação da miséria e da organização de uma vida digna. Assim, a partir da segunda metade do século XIX houve um interessante aumento da atuação feminina no magistério, impulsionando as mulheres à vida profissional.

A atuação no magistério, através do ensino particular e público, foi a oportunidade dessas irmãs solteiras ganharem a vida. As escolas particulares competiam com os ginásios na busca pela clientela e eram quase sempre vitoriosas, pois os ginásios exigiam cursos regulares, frequência obrigatória e exames constantes que amedrontavam os jovens que preferiam o caminho mais curto através do preceptor ou das escolas particulares, laicas ou religiosas, para a obtenção da conclusão ginásial. Essas escolas particulares eram quase sempre fundadas por tradicionais famílias dedicadas ao ensino, como por exemplo, as escolas da professora Luiza Netto Correia de Freitas (Collegio Luiza, Collegio

Soledade e Collegio Moderno), do professor Cleto, do professor Elyσιο Viana ou do professor Sebastião Paraná. (MACHADO E CURY, 2013).

Os negócios dirigidos por mulheres, em especial as escolas particulares, representam no mínimo, uma certa tomada de posição que o sexo feminino ensaia e a sociedade passa a tolerar. Essas mulheres eram proprietárias de estabelecimento de ensino particular, ocupando posição de respeito no conjunto da sociedade. Trabalham de forma independente, como professoras particulares e vão aos jornais “gabar” suas virtudes, títulos e méritos, no intuito de seduzir uma possível clientela conforme figura 13.

FIGURA 13 – Propaganda do curso particular de música de Josepha e Soledade

AVISO

Josepha e Soledade **Corrêa de Freitas**, professoras diplomadas pelo Instituto Nacional de Musica da Universidade do Rio de Janeiro avisam seus alunos e a quem possa interessar que, de regresso de sua viagem a São Paulo e ao Rio, reabriram seus cursos de teoria musical solfejo, piano, canto, portuguez, ginastica respiratoria e todas as mat'rias concernentes á instrucção primaria continuando a preparar concorrentes para os exames de teoria musical e solfejo, bem como para os concursos de admissoão aos cursos de piano e canto para cujas provas no referido Instituto, não é necessario ter os preparatorios do Ginasio.
Rua Desembargador Westephalen 107.

Na Curitiba do século XX, mulheres de vários níveis de instrução e de projeção social buscam a carreira no magistério¹⁰. Começando por dar acesso às mais privilegiadas na hierarquia social, a carreira de professora acaba incluindo outras categorias, possibilitando-lhe a estas, também, uma certa ascensão na escala da sociedade. Aceita, preferencialmente, para solteiras e viúvas, ela lhe oferece um meio honesto de ganhar a vida. Em Curitiba, após o esforço pioneiro de Julia Wanderley¹¹, primeira mulher a cursar regularmente a Escola Normal, um número cada vez maior de representantes femininas busca essa forma de trabalho.

3.3 O CONGRESSO DE ENSINO PRIMÁRIO E NORMAL (CEPN) DE 1926

Na década de 1920 ocorreram no Paraná, na cidade de Curitiba, dois eventos marcados pelo discurso da modernidade: o Congresso de Ensino Primário e Normal (1926) e a Primeira Conferência Nacional de Educação (1927). Tais eventos inserem-se num momento em que o estado do Paraná passava por intensas reformas educacionais promovidas pelo então presidente do estado Caetano Munhoz da Rocha e liderada por Lysimaco Ferreira da Costa, Inspetor Geral de Ensino.

Realizado de 19 a 22 de dezembro de 1926, o I Congresso de Ensino Primário e Normal (CEPN) teve como pauta de discussão 127 teses com

¹⁰ Sabemos que nesse mesmo período outras mulheres atuavam em outras áreas do mercado de trabalho como as operárias nas fábricas, no comércio, na prostituição, no curandeirismo, datilógrafa, secretária, guarda-livros, telefonista, etc, mas focamos o estudo no magistério por ter sido a opção das mulheres da família Correia de Feitas.

¹¹ Júlia Wanderley Petriche nasceu em Ponta Grossa em 1874, vindo para Curitiba em 1879. Foi aluna de vários colégios e de famosos mestres do final do século XIX, como Mariano Lima, Euzébio da Mota, Justiniano de Mello e Francisco Guimarães. Requereu legalmente matrícula no curso da Escola Normal, então vedada ao sexo feminino, formando-se em 1892. Em 1893 foi nomeada para a 9ª Cadeira Promíscua da Capital e em 1894 para a 1ª Cadeira Feminina, depois convertida em escola, e mais tarde no Grupo Escolar Tiradentes onde permaneceu até a sua morte em 1918. (ARAUJO, 2013).

temas variados. As teses apresentadas pelos congressistas tinham o objetivo de discutir e propor alternativas aos problemas nacionais que acreditava-se poderiam ser sanados pela educação. (BONA JUNIOR, 2005). Josepha Correia de Freitas participou desse congresso com a tese 25 “Da educação musical nas escolas” onde afirmou:

Considero a educação musical nas escolas, de máxima importância, não só sob o ponto de vista estático, mas também como um dos fatores de aperfeiçoamento físico e moral ... o ensino de canto bem ministrado juntamente com o da ginástica respiratória, é um dos melhores remédios que se pode aconselhar para a preservação e a cura das moléstias pulmonares e laríngeas. (FREITAS, 1926, p.3).

Josepha discute, na sua tese sobre música, questões metodológicas sobre seu ensino e pontua algumas considerações sobre a qualificação dos professores com ênfase na necessidade de contratação de professores específicos para essas aulas. No entanto, o debate em torno do caráter mais metodológico e técnico sobre saber, foi superado por uma discussão sobre as possibilidades educativas. A música era vista como um procedimento civilizador, por um lado, por seu caráter intrinsecamente estético e ao conteúdo moral que poderia haver nas letras e canções, e, por outro, devido ao valor higienizador dos exercícios respiratórios das aulas de canto.

Questões referentes à formação de hábitos de patriotismo, que o ensino da música poderia suscitar, também estão presentes na tese de Josepha, pois para ela “os dias feriados também devem ser comemorados com hinos e poesias alusivos à data, para despertarem nos alunos sentimentos cívicos, entusiasmo pela pátria e devotamente por tudo quanto disser respeito à terra em que nasceram”. (FREITAS, 1926, p. 8).

O CEPN objetivou “tratar exclusivamente de assumptos pedagógicos que interessam à unidade e ao melhoramento do ensino público e particular ministrado no território paranaense” (CEPN, 1926, p. 1), mobilizando para tanto, autoridades civis, militares e eclesiásticas, bem como professores, professoras e normalistas de diferentes cidades do estado.

Souza (2021) destaca que a participação de mulheres professoras no CEPN foi bastante expressiva, principalmente quando se considera as representações em voga sobre os papéis que deveriam ser assumidos por homens e por mulheres nessa época. Na década 1920, a atuação da mulher estava fortemente associada à esfera doméstica, enquanto que dos homens era esperada sua inserção no trabalho público. Assim, a professora Josepha, que já ocupava uma posição de destaque no quadro de docentes vinculados ao ensino primário, assumia outros espaços na vida pública, juntamente com as outras professoras que apresentaram suas teses neste mesmo evento, conforme demonstrado no quadro 1.

QUADRO 1 - TESES APRESENTADAS POR PROFESSORAS NO CEPN - 1926

AUTORA	TESE
Rosa Pereira de Carvalho	O papel do professor de uma escola isolada
Tharcilla Armbruster Chapot	73º aniversário da emancipação política do Paraná
Maria Cercal Corrêa	Tese sobre a Música
Maria Galvão	Qual a ciência capaz de remodelar os caracteres da atualidade?
Marina de Albuquerque Maranhão	Sugestão sobre o ensino moral
Esther F. Ferreira da Costa	O método de projetos
Maria Luiza Ruth	Duas teses apresentadas: 1ª) Há necessidade de se tornar rigorosamente obrigatório o ensino primário elementar no território paranaense? 2ª) O ensino nas escolas frequentadas por filhos de colonos estrangeiros

Myriam de Souza	Qual a marcha mais eficaz para se realizar o ensino da moral e do civismo nos estabelecimentos de ensino primário e secundário do Estado?
Otacília Halsseman de Oliveira	Como podem os professores cooperar econômica e eficazmente na organização dos Museus Escolares?
Lúcia Dechandt	A função do professor primário deve ser restringida à simples execução dos programas e regulamentos oficiais? Qual deve ser a amplitude de sua ação na educação nacional?
Josepha Corrêa de Freitas	Da educação musical nas escolas

FONTE: MEMORIAL LYSÍMACO FERREIRA DA COSTA. CEPN (TESES), 1926.

Sua participação como congressista no CEPN demonstra que a professora Josepha estava sintonizada com os debates referentes à educação defendidas pelos dirigentes políticos da época, ou seja, que ela circulava nas redes das relações de poder¹², além da sua capacidade intelectual pois, o critério para a aprovação das teses pautou-se nos conteúdos abordados. Esses tinham que reafirmar e legitimar, entre outros pontos, a moral e o civismo – e aqui se encaixa o tema da tese da professora Josepha. Como bem aponta Souza (2021, p. 3) com relação à participação feminina nessa época:

[...] não era comum encontrar o nome de uma mulher inserido no quadro de membros participantes de círculos culturais e políticos relevantes e em voga no Paraná, entre eles: o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, fundado em 1900; o Centro de Letras do Paraná, fundado em 1912; a Academia de Letras do Paraná, criada em 1912; a Universidade do Paraná, fundada em 1912 e o Congresso Legislativo do Paraná. Inexistente foi a presença da mulher em cargos de chefia nas diferentes secretarias vinculadas ao poder

¹² José Correia de Freitas (1857-1933), esposo de Luiza e pai de Josepha e Soledade, enquanto deputado estadual propôs a construção da Escola Tiradentes que foi autorizada pela Lei N° 10 de 16 de maio de 1892, o que também demonstra envolvimento com a educação. O tio Manuel Correia de Freitas (1851-1932), enquanto deputado federal pelo Paraná e deputado estadual também apresentou vários projetos de leis de combate ao analfabetismo e de melhoria do ensino público. Foi um dos primeiros a tomar posição pública a favor da emancipação das mulheres propondo projeto de lei para o direito do voto feminino e apresentou projetos a favor da alteração do modelo de educação. (VANALI, 2017).

público e, ainda bastante limitada foi a sua participação frente às diretorias de escolas. Mesmo no corpo docente da Escola Normal e do Ensino Secundário, espaços também consagrados à participação de uma elite intelectual, a presença da professora era vista apenas em disciplinas relacionadas à representação predominante do feminino, logo associada ao zelo, à delicadeza e à ternura; é o caso de disciplinas como as Prendas Domésticas, a Música e a Ginástica feminina. Em contrapartida, a atuação da professora no ensino primário justificou-se por argumentos construídos em torno da relação “magistério primário e maternidade”.

A imagem da professora nesse período era de alguém dócil e delicada, sendo assim, a participação daquelas mulheres no CEPN revela um processo de deslocamento de significados e expectativas sociais sobre as representações associadas à masculinidade ou à feminilidade. As professoras que participaram do CEPN pertenciam a uma elite intelectual. Assim, a professora Josepha apresenta sua tese defendendo que o ensino da música também ajudaria na exaltação da nação brasileira. Nessa época, Josepha Correia de Freitas era professora de música da Escola Normal Secundária e da Escola Intermediária, além de dar aulas particulares de canto e música e junto com a mãe, Luiza Netto Correia de Freitas, dirigia o estabelecimento particular de ensino Collegio Moderno.

Em sua tese “Da educação musical nas escolas”, Josepha Freitas (1926) faz uma breve retrospectiva histórica de alguns compositores clássicos consagrados como Mozart e Beethoven. Antonio Tupy Pinheiro¹³ foi o responsável pelo parecer do trabalho da professora

¹³ Antonio Tupy Pinheiro era professor e diretor do Grupo Escolar Barão de Antonina, município de Rio Negro/PR no ano de 1926. Nasceu em Guarapuava em 15 de junho de 1898. Foi professor e diretor do Grupo Escolar de Guarapuava. Residiu em várias cidades paranaenses exercendo em todas elas atividades educacionais. Foi promovido a delegado de ensino e passou a residir em Curitiba onde

Josepha. Para ele essa introdução histórica “*pouco interessa aos nossos fins*” (PINHEIRO, 1926, p. 2) pois, a música ensinada nas escolas deveria “*moldurar o caráter cívico do nosso povo, traduzir sentimentos nacionais, e inspirá-los verdadeiramente*”. (PINHEIRO, 1926, p.9). Ou seja, o ensino de música nas escolas deveria ser de cânticos escolares e hinos pátrios para despertar os sentimentos e valores morais, patrióticos e cívicos.

Após essa retrospectiva histórica, a professora Josepha explana sua tese ressaltando a importância do ensino da música não apenas sob o ponto de vista estético, mas também como um dos fatores de aperfeiçoamento físico e moral. Argumentava que os feriados também deveriam ser comemorados com hinos e poesias referentes à data para despertarem nos alunos sentimentos cívicos, entusiasmo pela pátria e devotamento por tudo quanto for referente à terra em que nasceram. (FREITAS, 1926, p. 25). Em suma, a tese da professora Josepha estava sintonizada com o debate dos reformadores da instrução e, por sua vez, associado à crença de que estava nas mãos da elite intelectual dirigente do estado a organização da educação no Paraná.

O que vale ressaltar da participação da professora Josepha no CEPN é que ela estava atuando nos debates acerca da educação e essa atuação contrasta com as representações do feminino na época, pois ao ser professora, ela já havia rompido com a exclusividade do trabalho feminino na esfera doméstica, mas ao defender sua tese, causa uma nova ruptura, ao se inserir na política pública, defendendo uma tese que concorreria para as ações educacionais em pauta. De maneira geral sua tese não se diferenciou das outras que convergiram para a defesa da unidade nacional visando elevar o Brasil ao nível social e educacional das nações

faleceu em 1930. Além da dedicação ao ensino era jornalista e estava ligado ao esporte tendo sido presidente do Clube Atlético Paranaense. (SEED, 2021).

consideradas mais avançadas. Para tanto, o ensino da música ajudaria no desenvolvimento moral e cívico da nação pela via da escolarização.

O outro evento, realizado de 19 a 23 de dezembro de 1927, foi a Primeira Conferência Nacional de Educação (CNE), composta de 113 teses e teve como pauta as discussões do Primeiro CPEN. Neste evento, nenhuma das irmãs Correia de Freitas participou. Porém, como resultado do I CNE foi criada a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENSINO, seção do Paraná, filiada à do Rio de Janeiro - presidida pelo Sebastião Paraná. No Conselho Diretor, entre os membros está Josepha Correia de Freitas. Os outros membros eram os professores Lysimaco da Costa, Itacelina Bittencourt, Nicepharo Falarz, João Rodrigues, Algacyr Mader, Gelvira Correia Pacheco, Nair Santos, Delia Rugai, Julia Wecherlim Lobo, Eulalia Freitas, Benjamim Mourão, José Busnardo, Francisco Ribeiro, Luiz Woiski, João de Oliveira Franco, Roberto Mongruel, Antonio Tupy Piniheiro, Newton Guimarães e Osmar Conceição. (BONA JUNIOR e VIEIRA, 2007).

3.4 PRATA DA CASA

As professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas participaram da formação de grande parte da nova geração artística do Paraná do início do século XX. Muitos dos seus ex-alunos ganharam bolsas de estudos do governo do Estado do Paraná para irem estudar na capital federal, na época a cidade do Rio de Janeiro, e até mesmo no exterior. Como exemplo, temos Henrique Luz, João da Glória, Laura Neto do Vale e Leticia Mattana conforme figuras 14, 15, 16 e 17.

FIGURA 14 – Henrique Luz



Sr. Henrique Luz

A Divulgação, 1951, p. 38.

PRATA DE CASA

O Paraná agita-se, qual plumas ao vento, com maior anseio e liberdade. Em todos os setores da vida paranaense cresce e anima o espírito de “evoluir”, desobstruindo todo e qualquer empecilho, através da força constante do progresso humano.

A arte em nossa terra nunca poderiaser nrelagada a plano inferior, não só porque a inspiração aqui é múltipla e obrigatória pela natura e encanto que nos rodeiam com também pela alma poética dos paranaenses.

A pintura já foi rebuscada em seus mínimos detalhes. Seus aspectos já foram reproduzidos nos milhares de motivos que nossa terra oferece e rara é a mostra ou exposição onde não encontramos ao menos uma paisagem simbolizada pelo pinheiro.

A dança e a música já possuem seu lugar de destaque e, constituem alicerce na educação da mulher moderna do Paraná.

O bel-canto, já que contamos com ótimos mestres, encontrou também seu apoio nas várias camadas sociais. Inúmeros adeptos da difícil arte que tornou famoso Caruso, surgem a cada momento.

Dentre os valores novos da “Araucarilândia” que vem revelando com bastante agrado, destacamos o jovem Henrique Luz.

Com um temperamento artístico provado e voz excepcional, este elemento da nova geração artística do Paraná, está fadado, sem prejuízo, de incorrer em erro, a um dos mais promissores círculos de grandeza, na arte de Schipa e Gigli.

Detentor de uma bolsa especial de estudos, doada pelo governo estadual, o nosso conterrâneo partirá em janeiro próximo para a capital da república onde irá aprofundar seus conhecimentos, seguindo após para a França, onde em Paris, aperfeiçoará a arte que abraçou.

Ex-aluno das eminentes professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas, Henrique Luz, na capital do país receberá ensinamentos das distinguidas professoras, Mme. Ema Leblanc Papin, regente do Teatro Municipal, e de Lourdes Vallier, do Conservatório Brasileiro de Música. Seguirá para Paris, gozando dos privilégios da bolsa de estudos que lhe foi oferecida pelo governo da França.

Henrique da Luz, não se dedicará somente à música de Câmara, mas também às grandes obras, dos grandes mestres, isto é, às óperas.

Curitibano de nascimento, filho do coronel Modesto Luz e sua exma. Esposa sra. Dna. Maria Augusta Muller Luz, ambos de saudosa memória, descendendo pois, de uma das mais tradicionais famílias do Paraná, nós aqui, receberemos os ecos de sua glória, que temos certeza, alcançará, forjamos votos para que seu nome seja um astro de primeira grandeza na constelação da ribalta, elevando dessa forma bem alto o conceito do Paraná, na apreciação de quantos tiverem a ventura de ouvi-lo.

FIGURA 15 – João da Glória

Prata de Casa

Surgiu há muitos anos na elite burguesa e pacata Curitiba, um menino quieto e também pacato como a cidade em que viera morar. Seu nome: JOÃO DA GLÓRIA.

Matriculando-se no Grupo anexo à Escola Normal (hoje Instituto de educação), ali fez o seu curso primário, onde devido a lhanesa de seu trato e fina educação, grangeou enorme simpatia de todos os colegas, fazendo amigos que até hoje lhe são grados.

Da Escola Normal, passou ao Ginásio Paranaense onde tirou seu diploma secundário, mas já nesse tempo, a todos encantava com sua voz clara e agradável.

E assim tomando parte nos festivais escolares do Ginásio Paranaense, surgiu João da Glória, no Cenário artístico do Paraná.

Filho do distinto casal Ignácio da Glória Júnior e sua digníssima esposa Sra. Suzana Barmann de Toledo Glória, nasceu João da Glória no dia 22 de agosto de um ano não muito distante na cidade de Santos.

Seus primeiros estudos de canto, foram feitos com as eminentes professoras, Josefa e Soledade Correia de Freitas, passando-se a seguir, em São Paulo, para Marcelo Paranaaguá e mais recentemente para o Conservatório de Campinas.

Seu gênero musical preferido é o semiclássico.

Possuidor de uma bela voz de agradável timbre, emotivo e de grande sensibilidade, João da Glória sabe como poucos transmitir a arte aos nossos corações.

Em Curitiba tem atuado quasi sempre na P.R.E. 2 e nos diversos festivais e concertos que aqui se efetivam.

Amante perfeito da arte, não lhe dedica-se inteiramente à mesma, já que para tal se faz necessário grande dispêndio de

capital, o que é de lamentar, especialmente para um verdadeiro valor como este jovem santista. Os nossos poderes governamentais deveriam encarar tais questões com mais rigidez, pois somente dessa forma poderíamos concretizar algo de apreciável na arte musico-vocal paranaense.

A maior performance de João da Glória, foi sem sombra de dúvida, o seu magnífico papel de Papa em Tarcisio de Atico Rubino, no Teatro Municipal de São Paulo.

Funcionário correto dos Correios e Telégrafos do Paraná, João da Glória, vê as oportunidades passarem, por não encontrar o apoio de muitos dos nossos, mercê da indiferença com que é visto o nosso artista da fina arte.

Atualmente militando na GEOPA (Grupo Experimental de Operetas Paranaense), vem desenvolvendo sua útil e imprescindível colaboração nessa pliedade de distintos jovens da sociedade paranaense que resolveram um dia se unir para cantar as belas músicas de Lehár, Strauss e outros magnificentes da opereta.



Tenor JOÃO DA GLÓRIA, uma das mais belas e emotivas vozes que o Paraná possui

Apreciador de Puccini, De Curtis e Verdi, João da Glória é o cavalheiro de trato, lhanesa e distinção que se distinguia entre os demais, por seu valor incontestável, por sua reconhecida capacidade e amor

ao bel-canto. A ele, destas colunas, um apelo, para que continue sempre, elevando bem alto o nome do Paraná, trazendo, por sua vez, mais uma glória para o seu conceituado nome.

Srs. COMERCIANTES E INDUSTRIAIS :

Auflram as inúmeras vantagens que lhes oferece o nosso plano de AUDITORIA CONTÁBIL E JURÍDICO COMERCIAL, assinando a nossa CARTEIRA DE ASSISTÊNCIA FISCAL, CONTÁBIL E JURÍDICA, a qual lhes proporciona gratuitamente os seguintes serviços:

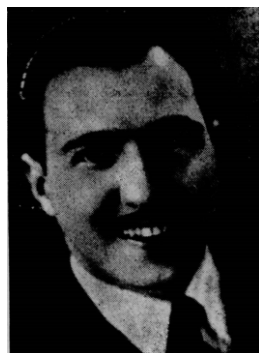
Orientações e Defesas em todas as Instâncias Fiscais e Trabalhistas - Cobranças em geral - Perícias, Revisões e Assistência Contábil - Advocacia em geral, etc.

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE, REVISÕES CONTÁBEIS E JURÍDICO COMERCIAL

A. Prolik & Flávio L. d'Avila
COM PERSONALIDADE JURÍDICA NOS TERMOS DO DECRETO 8.095

CONSULTORES JURÍDICOS:					S E C C O E S :				
Dr. Salvador de Maio		JURÍDICA		S E C C O E S :		CORRANÇAS E		AUDITORIA	
Dr. J. Nunes Ferreira		SALAS		DEFESAS FISCAIS		CONTÁBIL		CONTABILIDADE	
		123 e 132		SALA 124		SALA 133		SALA 134	
Dr. M. Cunha Rodrigues		ADVOGADOS		EDIFÍCIO AZULAY		- END. TELÉGR.: «CONTÁBIL»			
CURITIBA - PARANÁ		- RUA DR. MURICI, 708 - 1.º ANDAR -		CX. POSTAL 1206 -		FONE 1168			

PRATA DE CASA



Tenor JOÃO DA GLÓRIA, uma das mais belas e emotivas vozes que o Paraná possui.

Surgiu há muitoa anos na então burguesa e pacata Curitiba, um menino quieto e também pacato como a cidade em que viera morar. Seu nome: JOÃO DA GLÓRIA.

Matriculando-se ao Grupo anexo à Escola Normal (hoje Instituto de Educação), ali fez o seu curso primário, onde devido a lhanesa de seu trato e fina educação, granjeou enorme simpatia de todos os colegas, fazendo amigos que até hoje lhe são grados.

Da Escola Normal, passou ao Ginásio Paranaense onde tirou seu diploma secundário, mas já nesse tempo, a todos encantava com sua voz clara e agradável.

E assim, tomando parte nos festivais escolares do Ginásio Paranaense, surgiu João da Glória no cenário artístico do Paraná.

Filho do distinto casal Ignacio da Gloria Junior e de sua dignissima esposa Sra. Susana Barmann de Toledo Glória, nasceu João da Glória no dia 22 de agosto de um ano não muito distante na cidade de Santos.

Seus primeiros estudos de canto foram feitos com as eminentes professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas, passando-se a seguir, Em São Paulo, para Marcelo Paranaguá e mais recentemente para o Conservatório de Campinas,

Seu gênero musical preferido é o semiclássico.

Possuidor de uma bela voz de agradável timbre, emotivo e de grande sensibilidade, João da Glória sabe como pouco transmitir a arte aos nossos corações.

Em Curitiba tem atuado quase sempre na PRB-2 e nos diversos festivais e concertos que aqui se efetivam.

Amante perfeito da arte, não pode se dedicar inteiramente a mesma, já que para tal se faz necessário grande dispêndio de capital, o que é de lamentar, especialmente para um verdadeiro valor como esse jovem santista. Os nossos poderes governamentais deveriam encarar tais questões com mais rigidez, pois somente dessa forma poderíamos concretizar algo de apreciável na arte músico-vocal paranaense.

A maior performance de João da Glória, foi sem sombra de dúvida, o seu magnífico papel de Papa em Tarcísio de Atico Rubino no Teatro Municipal de São Paulo.

Funcionário correto dos Correios e Telégrafos do Paraná, João da Glória vê as oportunidades passarem, por não encontrar o apoio de muitos dos nossos, mercê da indiferença com que é visto o nosso artista da fina arte.

Atualmente militando na GEOPA (Grupo Experimental de Operetas Paranaense), vem emprestando sua útil e imprescindível colaboração nessa plêiade de distintos jovens da sociedade paranaense que resolveram um dia se unir para cantar as belas músicas de Lehar, Strauss e outros magnificentes de operetas.

Apreciador de Puccini, de Curtis e Verdi, João da Glória é o cavalheiro de trato, lhaneza e distinção que se distinguiu entre os demais, por seu valor inconteste, por sua reconhecida capacidade e amor ao bel canto. A ele, destas colunas, um apelo, para que continue sempre, elevando bem alto o nome do Paraná, trazendo, por sua vez, mais uma glória para seu conceituado nome.

FIGURA 16 – Laura Neto do Vale

**Paranaense que se distingue
no Rio**

No concurso a que se submeteu para o curso de canto, no Instituto Nacional de Musica, obteve o 1º lugar entre dezenove candidatas, a nossa destinta conterranea D. Laura Neto do Vale ligua esposa do 1º tenete Coaraciara Bricio do Vale, e que aqui fez os seus estudos com a conhecida professora patricia Sra. Josepha **Corrêa de Freitas.**

FIGURA 17– Leticia Mattana

Cultura Artística

AUDIÇÃO DE CANTO DA SRTA. LETICIA MATTANA

Realiza-se amanhã, dia 19 do corrente, com início às 20 e meia horas, nos salões da Sociedade Thalia, uma audição de canto, da gentil senhorita Leticia Mattana, a jovem artista conterrânea, que é alumna do Curso Superior de Canto da Prof. Josepha Corrêa de Freitas, vem se destacando com brilhantismo, motivo pelo qual a sua audição de amanhã, irá marcar epocha nos annaes artisticos e sociaes da capital.

A senhorita Leticia Mattana organizou para o seu recital de amanhã, um caprichoso programma, onde se destacam numeroes de grãnde valor.

O programma está assim organizado:

1.ª PARTE

1) Saint Saens — Samson et Dalila (Air transp. pour soprano)

2) Puccini — La Bohème (Solo di Mimi)

3) Franz Liszt — Sonho de Amor (arranjo de Francisco Mignone)

4) Paolo Tosti — Non t'amo piu (Melodia)

5) Hols chonbey — Dites lui

6) Campana — La Farfalla

7) Puccini — Mme. Butterfly (acto II solo Butterfly)

2.ª PARTE

1) Mattei — Non torno (Romanza)

2) Massenet — Manon (scena della seduzione)

3) Buzzl — Peccia — Torna Amore (Melodia)

4) Puccini — Manon Lescaut (solo di Manon nel duetto con Lescaut)

5) Marcello Tupinambá — Canção Triste.

6) Vogeler — A Canção Brasileira — Opereta (Vals)

7) Alberto Costa — Canto da Saudade.

* * *

Os acompanhamentos ao piano serão feitos pelas professoras Josepha e Soledade Corrêa de Freitas.

O Estado, 18/08/1937, p. 2.

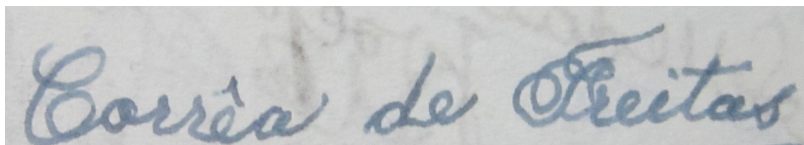
Os nomes das professoras Correia de Freitas aparecem com frequência nos noticiários dos jornais associados ao progresso artístico do Estado do Paraná ao lado de outros nomes de referência na área musical paranaense como Raul Mensing, Leo Kesler e Bento Mossurunga. Percebe-se que, para a família Correia de Freitas, a arte de ensinar era vista como uma tarefa nobre. Ser de uma família dedicada ao magistério era motivo de orgulho. Era grande a procura feminina de emprego no ensino público, onde se podia ingressar por concurso ou por tráfico de influência. O magistério, à época das professoras Correia de Freitas, era

o trabalho mais atraente à mulher de classe média letrada. Uma das práticas mais comuns eram as aulas particulares, indo a professora à casa dos alunos, recebendo-os em casa ou abrindo escolas particulares.

As ideias e o exemplo do pai José e do tio Manoel, republicanos históricos militantes, que as professoras Correia de Freitas possuíam em casa, marcaram suas vidas. (VANALI, 2017). Foram mulheres que cresceram estudando nas melhores instituições de sua época, envoltas na mentalidade republicana e constituindo-se mulheres que frequentam a esfera pública. Evidencia-se que as professoras Correia de Freitas tinham um círculo de relações bem estreito com famílias e personalidades importantes da sociedade curitibana. O privilégio de estudarem nas “melhores escolas” proporcionou a elas, estabelecer essa rede de relações com pessoas de nível cultural elevado, que se destacavam na política e no campo intelectual do Paraná.

3.5 NOME/SOBRENOME: AS LÓGICAS DE DISTINÇÃO NO SEIO DAS CLASSES DOMINANTES

Assinatura da professora Soledade



Fonte: Processo 5625/1957 do 3º Ofício Cível de Curitiba

Para Bourdieu (1979), um dos objetivos da classe dominante é garantir aos herdeiros a transmissão dos capitais econômico, cultural, social e simbólico e assegurar-lhes, por essa via, uma identidade distintiva, que encontrarão aliados da lógica de reprodução e distinção

classista no nome/sobrenome¹⁴. Seguindo essa linha analítica bourdieusiana, o nome/sobrenome e a escola frequentada podem configurar sinais distintos e distintivos que estão em relação com a posição ocupada no espaço social e são indissociáveis do habitus de classe, entendido como um sistema de disposições incorporado e naturalizado pelos agentes sociais. Habitus que torna-se, simultaneamente, modelado e modelador: modelado pelas condições históricas e sociais em que é produzido e modelador das ações, dos pensamentos e das preferências desses mesmos agentes sociais que o interiorizam, de forma duradoura, no quadro da socialização. Estas escolhas estarão, assim, longe de corresponder a decisões aleatórias, mas são balizadas por condicionantes sociais.

Assim, conhecer o universo onomástico dos alunos e alunas das professoras Correia de Freitas¹⁵, nos permite refletir sobre “marcas classistas”. O estudo dos nomes/sobrenomes tem despertado pouca curiosidade analítica da comunidade sociológica, percebe-se isso pela escassez de bibliografia, constituindo-se em um campo de reflexão a ser desbravado.

A análise das famílias da classe dominante nos permite identificar *“... as estratégias ... de continuidade da situação de distinção e privilégio destas famílias [que] se apoiam, em grande medida, na transmissão de um patrimônio composto por diversos elementos de identificação social no qual os nomes desempenham um papel fundamental”*. (LIMA, 2007, p. 41). O

¹⁴ O estabelecimento de ensino frequentado é outro meio de traço identitário e um identificador de pertença social que garante a distintividade almejada pelas classes dominantes, como acontece no que Bourdieu (1979) designa de “escola de elites”, instituições que cumprem simultaneamente a função de consagração e de reconhecimento.

¹⁵ Os documentos localizados trazem a variação da grafia Correia e Corrêa, Josepha e Josefa, Soledade e Soledad.

sobrenome funciona como um marcador de classe e recorda a “*mística de antiguidade da família*” (LIMA, 2007, p. 54), que é transmitida através dele. Um sobrenome de prestígio pode conferir vantagens, proporcionando aos seus detentores uma certa disponibilidade no acesso a determinados lugares de importância social (assim como também pode constituir um constrangimento). A importância de um sobrenome de prestígio herdado está no fato de que ele salvaguarda seu detentor do efeito da desvalorização simbólica inerente à massificação a que está sujeita a generalidade dos bens de consumo, nesse caso, sujeito ao anonimato. (FONSECA, 2003). A consulta aos periódicos da época em que viveram, nos fornece a relação dos alunos das professoras Correia de Freitas com sobrenomes de reconhecidas famílias paranaenses, presentes na vida social, econômica e política do Estado. Os nomes/sobrenomes seguem uma trajetória social e estão marcados pelas lutas simbólicas no espaço social e da procura/manutenção da distinção. (SIMMEL, 1957).

De acordo com as figuras 18, 19 e 20 pode-se fazer alguns apontamentos para uma reflexão onomástica. São citados os seguintes sobrenomes de famílias paranaenses: Miranda, Guimarães, Amaral, Marques, Assumpção Nascimento, Murray, Bley, Fagundes dos Reis, Mäder, Gonçalves, Cruz, Ferreira, Cunha e Silva. O “grupo de senhoritas e senhoras” apresentado nas figuras 18 e 19 são todas alunas de canto das professoras Correia de Freitas que desde sempre estiveram ligadas à educação das classes dominantes da capital paranaense e que tinham por público os jovens provenientes das classes mais capitalizadas. A identificação do lugar de classe de família dos alunos das professoras Correia de Freitas permite chegar a conclusão inicial de que os nomes/sobrenomes constituem um aspecto central da nossa condição

de pessoa, “*não só de quem somos para os outros, mas ainda de quem somos para nós mesmos*”. (CABRAL, 2008, p. 237). O nome/sobrenome é um bem cuja particularidade reside no fato de ser de consumo obrigatório e de ser um bem simbólico na medida em que pode conferir ao seu portador benefícios ou desvantagens em termos de prestígio. É sobretudo ao nível do sobrenome que mais se evidenciam o peso desse capital simbólico e o seu caráter de distinção e distintividade. (BOURDIEU, 1979).

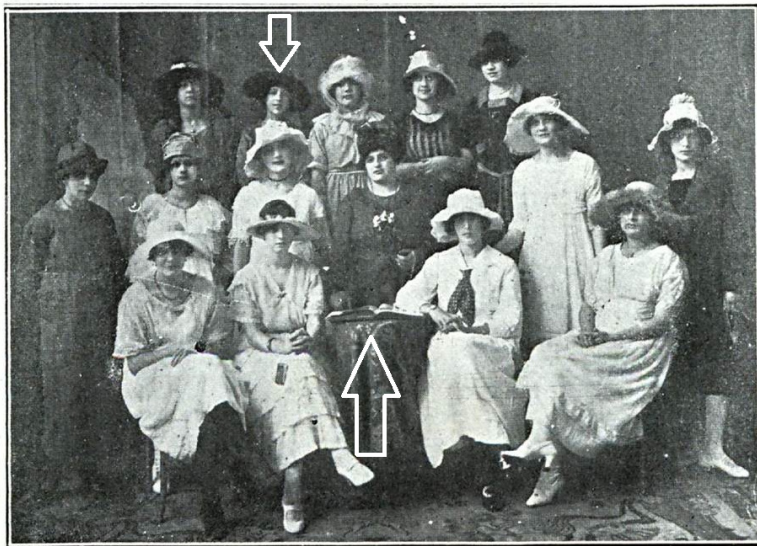
FIGURA 18 – Alunas de canto da professora Josepha/ Collegio Moderno



O Dia, 30/12/1923, p. 1.

FIGURA 19 – Alunas de canto das professoras Josepha e Soledade

FON-FON EM CURITYBA



Grupo das senhoritas e Senhora que, no dia 23 de Novembro de 1919, cantaram, na Cathedral de Curityba, uma missa, em louvor de Santa Cecilia, padroeira dos musicos, organizada pela professora senhorita Josepha Corrêa de Freitas. Essa solemnidade foi coroada do mais completo exito, achando-se a igreja repleta de fieis. — Na photographia veem-se da esquerda para a direita: 1ª fila. Senhoritas Angelica Miranda, Soledade Corrêa de Freitas, Andyara Guimarães, Estella Amaral e Fernandina Marques. — 2ª fila. Senhoritas Vina Assunção Nascimento, Sra Gloria Carvalho Carmo, e senhoritas Cecy Murray, Maninha Iley e Sara Fagundes dos Reis. — 3ª fila. Senhoritas Edy Gonçalves, Zoide Mäder, Elsie Murray e Arthemia Cruz. — Ao centro acha-se a professora senhorita Josepha Corrêa de Freitas. Além das que se veem na photographia, tomaram parte na missa, mais as seguintes senhoritas Maria Deolinda de Assumpção, Margarida Silva, Julinda do Amaral Ferreira e Marietta Cunha.

Em destaque, sentada a professora Josepha, em pé a professora Soledade.

REVISTA FON-FON, 27/03/1920, p. 35.

FIGURA 20 – Coro comandado pela professora Josepha



Em destaque, sentada no centro a professora Josepha, sentada a direita a professora Soledade.
Ilustração Paranaense, janeiro de 1928, p.11.

A identidade das classes dominantes tem um dos seus pilares na família e no espírito de “clã”. Legados em patrimônios e alimentados através da memória e das práticas de sociabilidade, os valores da família e a construção de um modelo à volta da família são transmitidos aos jovens herdeiros. O nome/sobrenome funciona como um operador de diferenciação social através do qual os grupos dominantes se reconhecem e são reconhecidos dentro e fora das fronteiras de classes. Reconstituir as trajetórias de famílias históricas e levantar os casos de parentesco nos permite identificar as complexas formas de manutenção que são utilizadas para manter sua identidade familiar, ao mesmo

tempo em que são dependentes de outras referências externas, mas que as mantém sob controle, como é o caso da escola.

O nome da escola frequentada constitui um traço identitário e um indicador de pertença social conferindo ao seu público uma distinção acadêmica almejada pelas classes dominantes, como acontece no que Bourdieu (1996) designa de “escolas de elite”, instituições que cumprem simultaneamente a função de consagração e reconhecimento. Assim, ao matricularem seus filhos nas aulas particulares de canto e música das professoras Correia de Freitas, além de uma “formação mais completa”, essas famílias estavam assegurando aos seus filhos um traço distintivo – uma educação integral e de excelência, visto as professoras serem consideradas umas das melhores da capital paranaense por terem se formado na capital federal e serem de uma família tradicional. Assim, o estabelecimento de ensino é também uma escola de tradição familiar por onde passam gerações da mesma linhagem sendo a socialização escolar complementar à socialização familiar que permitem a sobrevivência do habitus distintivo dessas famílias históricas.

4

AS MULHERES DA FAMÍLIA CORREIA DE FREITAS

4.1 LUIZA NETTO CORREIA DE FREITAS (1862-1947)

Professora Luiza Netto Correia de Freitas

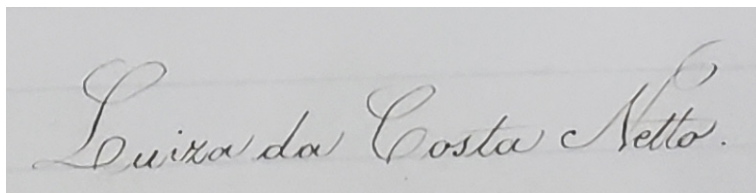


*A professora -
Luiza Netto Correia de Freitas.*

Foto do acervo de Paulo José da Costa

A professora Luiza da Costa Netto nasceu em Paranaguá em 06 de maio de 1862 (figura 21). Era filha dos professores Custódio Cardozo Netto e de Gertrudes Leocádia da Costa Netto que haviam se casado em 1861, na cidade de Guaratuba.

Figura 21 - Assinatura de solteira de Luiza



AP0675, 1882, v.01, p. 53.

Custódio Cardozo Netto nasceu em 02 de junho de 1812, na cidade de Sinfões, região do Minho, em Portugal (figura 22). Era filho de Antonio Cardozo Netto e Rosa Cardozo Netto. Com 15 anos de idade, no dia 26 de julho de 1827 saiu da cidade do Porto, em Portugal, em direção ao Brasil. Chegou em 14 de setembro de 1827 à cidade do Rio de Janeiro. Dedicou-se ao magistério público e particular, começando a lecionar no Rio de Janeiro e depois no Rio Grande do Sul, onde teve de tomar parte, à força, na Guerra dos Farrapos. A convite do então Diretor Geral da Instrução Pública da Província do Paraná, Joaquim Ignácio Silveira da Motta¹, mudou-se para o Paraná, sendo nomeado em 1857, para o magistério público. Lecionou em Guaratuba, Castro e Porto de Cima, onde se aposentou aos 76 anos. Faleceu aos 94 anos, no dia 28 de maio de 1906, na cidade de Curitiba. (A República,

¹ Joaquim Ignácio Silveira da Motta nasceu na Bahia em 1818. Era filho do desembargador Joaquim Ignácio Silveira da Motta e Anna Luiza da Gama. Após estudar o preparatório, foi para a Alemanha, onde se formou em Medicina. Depois de formado, mudou-se para o Paraná, então 5ª Comarca de São Paulo. Exerceu os cargos de delegado de polícia de Curitiba, de diretor geral da instrução pública do Paraná, foi deputado da Assembleia Provincial de São Paulo e deputado Provincial e Geral pelo Paraná. Morreu no dia 19 de agosto de 1891 no Rio de Janeiro. (ALEP, 2022).

29/05/1906, p.2). Era um professor muito conceituado e respeitado na sociedade curitibana, conforme pode se perceber nas notícias vinculadas sobre ele quando do seu falecimento (figura 23).

Figura 22 - Professor Custódio Cardozo Netto (1812-1906)



Fonte: Mausoléu da família no Cemitério Municipal São Francisco de Paula/Curitiba
Foto de Murilo Lazzarin

Figura 23 - Homenagens ao passamento do Professor Custódio Netto

— Falleceu nessa capital, rodeado da estima e consideração de todo o Paraná, aquelle que em vida chamou-se Custodio Cardoso Netto.

As noticias do seu fallecimento estampadas em diversos periodicos do nosso Estado, são uma prova cabal dessa estima e consideração geral tributada ao saudoso extinto, porque todas ellas são unanimes em fazer a sua memoria as mais honrosas referencias.

Effectivamente o illustre morto, é digno de todas essas manifestações, porque em vida soube tornar-se credor da veneração publica, quer no espinhoso cargo de professor diffundindo com proficiencia a instrucção por seus numerosos alumnos, quer como cidadão honesto pela correcção do seu proceder na sociedade. Ainda não ha muito tivemos o prazer de conhecê-lo mais de perto, quando em visita á sua digna filha A. Otilia Bastos, então professora em Mandaçuaia, esteve alguns dias n'este municipio. Por essa occasião foi-nos dado admirar a lucidez do seu espirito, que aos 91 annos ainda conservava-se intacta, recordando factos e anedoctas de longinquos tempos. Curvando-nos reverentes ante o túmulo do benemerito extinto, enviamos sinceras condolencias á sua distincta progenie, que consternada chora o desaparecimento do seu prezado chefe.

(Do correspondente)

A Notícia, 09/06/1906, p. 2.

PASSAMENTO

Finou-se hoje, nesta capital, em plena lucidez de espirito apezar da sua avançada idade, o sr. Custodio Cardoso Netto, antigo professor publico e um dos primeiros nomeados para o magisterio da ex-provincia.

Possuidor de solido preparo para a missão que com tanta competencia desempenhou, o professor Netto pôde assim ministrar o ensino a successivas gerações de paranaenses, colhendo estas, nas lições do eximio mestre-escola de então, todos os conhecimentos da epoca, adequados ao restricto programma de instrucção primaria.

Durante mais de 30 annos pertenceu ao quadro dos professores activos do Estado, tendo depois se aposentado, passando então a fruir na doce paz da familia o descanso necessario á velhice.

Não obstante a idade, o professor Netto até ha pouco tempo conservava ainda um resto do vigor antigo, passeando algumas vezes pelas ruas o seu venerando perfil sympathico corôado pelas cans, onde alvejava a historia de uma existencia trabalhosa e honrada.

O finado era portuguez de nacionalidade, e tendo vindo para o Brazil pouco antes da independencia, com esta adoptou a nascente nacionalidade, considerando-se brasileiro de coração pelos multiplos laços que o prendiam ao nosso paiz.

O enterramento terá lugar ás 4 horas da tarde, sahindo o feretro da rua Aquidaban n. 31.

Nestas linhas registramos o nosso fundo pesar pelo passamento do venerando cidadão, enviando á sua digna e carinhosa prole sinceras condolencias.

A República, 29/05/1906, p. 2.

Gertrudes Leocádia da Costa Netto nasceu em Guaratuba no ano de 1844 (figura 24). Era filha de Joaquim Antonio da Costa (capitão) e de Alexandrina Maria de Miranda. Os avós maternos eram João de Miranda Coutinho e Ana Silva de Freitas (filha do tenente Francisco José de Freitas Castro e de Úrsula da Silva). Era irmã do major Gregório Antonio da Costa, um dos fundadores das Câmaras Municipais de Paranaguá e de Guaratuba.

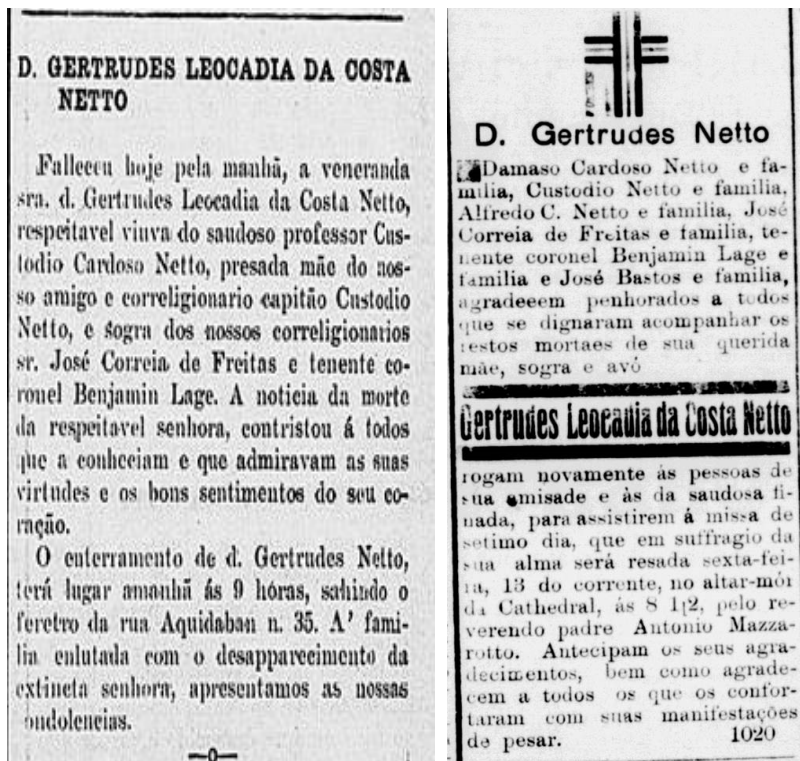
Após a aposentadoria do marido, passou a lecionar na Colônia Argelina, atual Bacacheri. Faleceu em Curitiba, no dia 07 de outubro de 1916, aos 72 anos (figura 25).

Figura 24 - Professora Gertrudes Leocádia da Costa Netto (1844-1916)



Fonte: Mausoléu da família no Cemitério Municipal São Francisco de Paula/Curitiba
Foto de Murilo Lazzarin

Figura 25 - Homenagens ao passamento da Professora Gertrudes Netto



A República, 07/10/1916, p. 1.

Diário da Tarde, 12/10/1916, p. 2.

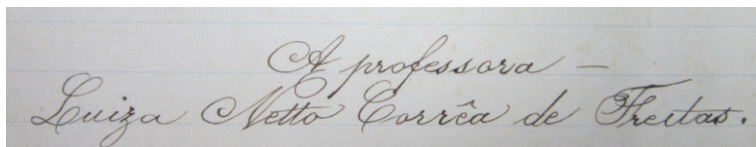
Os professores Custódio e Gertrudes casaram-se em 1861, na Vila de Guaratuba. Tiveram seis filhos:

1. Luiza da Costa Netto, nascida em 1862 (casada com José Correia de Freitas, passou assinar Luiza Netto Correia de Freitas) – professora. Falecida em 1947.
2. Damazo Cardozo Netto, nascido em 1864 (casado com Virgilia da Silva Netto) – professor de música, artista. Falecido em 1933.
3. Olympia Cardozo Netto (casada com Benjamin Augusto Lage, passou a assinar Olympia Netto Lage) – do lar.
4. Ottilia Cardozo Netto (casada com José Gonçalves da Silva Bastos, passou a assinar Ottilia Netto Bastos) – professora.

5. Alfredo Cardozo Netto, nascido em 1875 (casado com Maria Affonso Martins Netto) – militar.
6. Custódio Cardozo Netto Júnior, nascido em 1878 (casado com Ida Leal Netto) – industrial. Falecido em 1933.

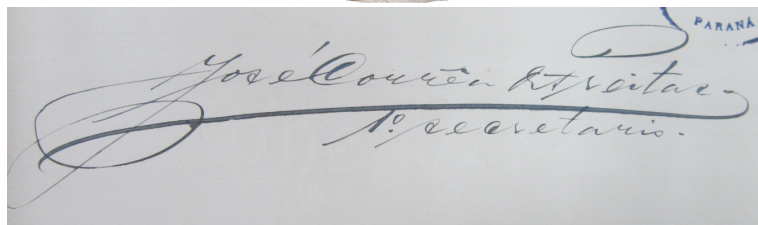
A primogênita do casal, Luiza casou com José Correia de Freitas (Apêndice 2), figura 27) em 08 de setembro de 1886, em Paranaguá. Passou a assinar Luiza Netto Correia de Freitas (figura 26).

Figura 26 - Assinatura de casada

A photograph of a handwritten signature in cursive script on a light-colored background. The text reads "A professora - Luiza Netto Correia de Freitas." The signature is written in dark ink and is centered on the page.

1895, AP1019, v.11, p. 89.

Figura 27 - José Correia de Freitas (1856-1933)



Fonte: Mausoléu da família no Cemitério Municipal São Francisco de Paula/Curitiba
Foto de Murilo Lazarin

Luiza e José tiveram 5 filhos:

1. Josepha Correia de Freitas: 07/01/1889 - 10/10/1960 aos 71 anos
2. Maria Correia de Freitas: falecida ao nascer
3. Conceição Correia de Freitas: 02/05/1890 - 1º/10/1892 com 30 meses².
4. Domingos Correia de Freitas: 07/08/1891- 12/11/1892 com 15 meses³.
5. Soledade Correia de Freitas: 07/07/1900 – 09/09/1968 aos 69 anos.

Luiza e José perderam os dois filhos menores, Conceição e Domingos, em um intervalo de 42 dias entre as suas mortes, vítimas das principais endemias e epidemias que assolaram Curitiba nos anos de 1890. As mais prejudicadas foram as crianças menores de seis anos, registrando-se 160 casos, com 80% de mortalidade, conforme Reis (1898). Conceição teve como causa morte, laringite e Domingos, febre palustre, como era conhecida a malária no final do século XIX. Josepha, na época com 4 anos, sobreviveu a esse período endêmico da capital paranaense (figura 28).

Conceição foi batizada no dia 8 de dezembro de 1890 pelo padre Alberto José Gonçalves, na Catedral de Curitiba. Foram seus padrinhos o comendador Antonio de Barros e a senhora Maria da Conceição Aguiar. Ele, importante comerciante português que ocupou cargos políticos no Paraná. Ela, conhecida como Dona Mariquinha, pintora, professora e diretora da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, esposa de Antonio de Mariano Lima.

Domingos foi batizado no dia 20 de outubro de 1892 pelo padre Francisco da Costa Pinto, na residência de seus pais. Foram seus

² Causa da morte: laringite. Fonte: Livro de Registro de Óbitos do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, folha 37, período de 01/05/1891 a 13/12/1898.

³ Causa da morte: febre palustre. Fonte: Livro de Registro de Óbitos do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, folha 38, período de 01/05/1891 a 13/12/1898.

padrinhos o jornalista e escritor Lucio Leocádio Pereira e a senhorita Escolástica Correia de Freitas, tia paterna.

Passados quase oito anos do falecimento dos filhos menores, nasceu Soledade, a filha caçula, que se tornou companheira da irmã mais velha, Josepha, até o final de sua vida (figura 29).

Figura 28

Conceição Correia de Freitas (1890-1892)



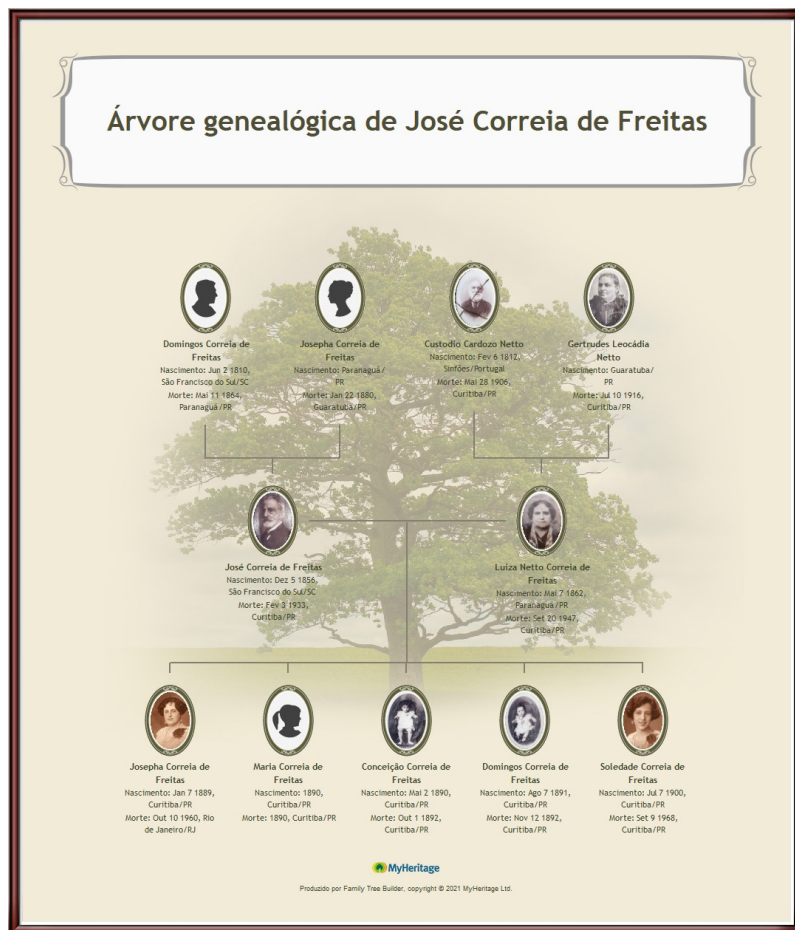
Domingos Correia de Freitas (1891-1892)



Fonte: Mausoléu da família no Cemitério Municipal São Francisco de Paula/Curitiba

Foto de Murilo Lazarin

Figura 29 - ÁRVORE GENEALÓGICA DE LUIZA E JOSÉ CORREIA DE FREITAS



Elaboração das autoras

Luiza Cardozo Netto, em 12 de fevereiro de 1880, prestou exame de habilitação na Diretoria Geral de Instrução Pública, sendo aprovada plenamente com distinção em todas as matérias. O quadro 1 apresenta o seu mapa de antiguidade no magistério que foi enviado em 1895 para o governo do estado do Paraná.

Quadro 1 – MAPA DE ANTIGUIDADE DA PROFESSORA LUIZA NETTO CORREIA DE FREITAS

Contendo também outras informações que lhe dizem respeito
(acompanhado de vários documentos)

Nome	Localidades onde exerceu o magistério	DATA			Nº dos documentos comprobatórios	Referências
		Dia	Mês	Ano		
Luiza da Costa Netto. Aos 8 de setembro de 1886 por ter se casado com o Sr. José Correia de Freitas, passou a assinar Luiza Netto Correia de Freitas	Paranaguá e Capital	12	Fevereiro	1880	1	Prestou exame de habilitação na Diretoria Geral da Instrução Pública, sendo aprovada plenamente, com distinção em todas as matérias.
		13	Março	1882	2	Ato nomeando-a para reger interinamente a 3ª Cadeira de Paranaguá (sexo feminino).
		30	Março	1882		Prestou juramento e entrou em exercício (nomeação acima).
		27	Março	1885	3	Ato renomeando-a a seu pedido da 3ª cadeira de Paranaguá para a 1ª de igual natureza nesta capital.
		16	Abril	1885		Entrou em exercício nessa capital (nomeação acima).
		22	Janeiro	1890	4	Ato reintegrando-a na 2ª Cadeira para o sexo feminino da Capital.
		8	Fevereiro	1890		Reassumiu o exercício (reintegração acima).
		24	Setembro	1892	5	Ato aproveitando para reger a 2ª Cadeira (para seu cargo) da Capital. Lei Nº 12 de 21 de julho de 1892.

		14	Janeiro	1893	6	Ato concedendo três meses de licença com vencimentos para tratar de sua saúde, deixando substituta a sua custa.
		17	Abril	1893		Comunicação ao Delegado Literário de haver reassumido o exercício por ter findo a licença.
		28	Setembro	1893	7	Ato classificando-a na 5ª classe (lei de 1892 citada).
		4	Janeiro	1894	8	Ato classificando-a na 4ª classe (idem).
		5	Dezembro	1894		Ato classificando-a na 3ª classe pela Superintendência Geral do Ensino Popular, sendo a apostila assinada pelo Sr. Secretário do Interior (lei citada).

Em virtude da reintegração por ato (Nº 37) de 22 de janeiro de 1890, a professora abaixo assinada com até esta data doze anos e onze meses de exercício a partir de 30 de março de 1882. Durante o tempo em que estava fora do exercício (até 7 de fevereiro de 1890) dirigiu o colégio particular "Santa Luiza", o qual esteve sempre sob as inspeções das autoridades competentes e até 20 de novembro de 1894 tem dado 40 alunos a exame final.

Curitiba, 28 de fevereiro de 1885

Luiza Netto Correia de Freitas

Fonte: AP1012, 1895, v. 4, p. 55-56.

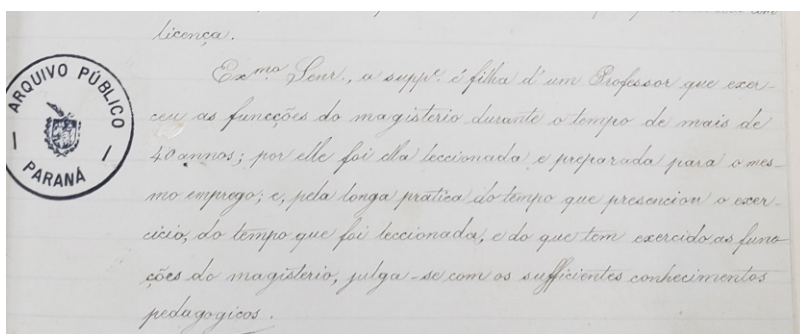
Em julho de 1880, Luiza assume como professora substituta a 2ª Cadeira de Instrução Primária, sexo feminino, em Castro. Ela substituiu a professora Adelaide Menezes Doria que se afastou por motivo de saúde (anexos 1 a 3).

No mês de janeiro de 1882, Luiza envia uma correspondência ao presidente da província, solicitando que seja nomeada para reger em

definitivo a cadeira da cidade de Castro. Na carta ela alega ter vocação para o magistério, e sua atuação como professora substituta em Castro e na Colônia Argelina e Pilarzinho em Curitiba podem comprovar sua atuação no magistério. Ela finaliza a carta evocando a figura do pai, o Professor Custódio Netto (anexo 4, figura 30). Mas seu pedido é indeferido devido ao artigo 52 do Regulamento de 16 de julho de 1876 (anexo 5).

[...] A suplicante é filha de um professor que exerceu as funções do magistério durante o tempo de mais de 40 anos, por ele ela foi lecionada e preparada para o mesmo emprego; e pela longa prática do tempo que presenciou o exercício, do tempo que foi lecionada, e do que tem exercido funções no magistério, julga-se com os suficientes conhecimentos pedagógicos.

Figura 30 - Referência a seu pai Professor Custódio Netto



AP0675, 1882, v.1, p. 55.

Em 13 de março de 1882, foi nomeada para reger, interinamente, a 3ª cadeira de Paranaguá do seção feminina, iniciando sua carreira no magistério (anexos 6 a 8). Em janeiro de 1885 Luiza solicita, devido ao número de alunos, uma ajudante e indica a sua aluna, que também era sua irmã, Olympia da Costa Neto (anexo 9).

A seu pedido, em 27 de março de 1885, foi removida de Paranaguá para Curitiba, e a 16 de abril desse mesmo ano entrou em exercício na 1ª cadeira da seção feminina. Porém, exerceu o cargo por cinco meses e a cadeira foi dada a outra professora, ficando Luiza fora do quadro do magistério público (anexo 10).

Para poder sobreviver, nesse mesmo ano, fundou o Collegio Santa Luiza, quando ainda era solteira, aos 23 anos (figura 31). Essa escola particular, destinada apenas para meninas, ofertava a instrução primária e secundária, além da disciplina de “prendas domésticas”. O Collegio Santa Luiza, quando inaugurado em 1º de outubro de 1885, funcionou na rua do Imperador, número 40, atual rua Marechal Deodoro. Em agosto de 1889 foi transferido para a rua da Imperatriz, número 32, atual rua XV de Novembro. O nome da escola era uma homenagem a santa da qual ela tinha o mesmo nome.

FIGURA 31 – Anúncios do Collegio Santa Luzia fundado em 1885

Collegio Santa Luiza

(Fundado em 1885)

PARA MENINAS.

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA E
PRENDAS DOMESTICAS.

CONTRIBUIÇÃO MENSAL ADIANTADA.

RUA DO IMPERADOR n.º 40

A profesora

LUIZA NETTO CORREA DE FREITAS

Sete de Março, 09/03/1889, p. 4.

COLLEGIO
S. Luiza

RUA 15 DE NOVEMBRO
n. 32 (sobrado).

Reabre-se no dia 2
de Janeiro

A profesora. Luiza Netto
Correia de Freitas. 3

A República, 01/01/1890, p. 1.

Visto a retribuição que estava tendo com o ensino particular não ser suficiente para sua subsistência, Luiza envia uma solicitação de

subsídio ao presidente da província do Paraná. O mesmo encaminha a solicitação para o departamento de Instrução Pública solicitando mais informações sobre as atividades da professora Luiza (anexo 10). Uma vez indeferido seu pedido pela presidência da província, em janeiro de 1887 Luiza envia a solicitação para a Assembleia Legislativa Provincial. Em sua correspondência explica que realizou a troca da sua 3ª Cadeira de Paranguá com a professora da 1ª Cadeira de Curitiba, e que ao assumir a cadeira na capital paranaense, foi destituída de seu cargo sem que lhe fosse atribuída alguma causa de descumprimento de seus deveres. Ela ressalta que a destituição só pode ocorrer sob proposta do Conselho Literário. Para sobreviver ela se “viu obrigada” a instalar uma escola particular, e que uma vez que sua destituição não tem justificativa ela requer uma subvenção anual como auxílio para o seu Colégio Santa Luiza, visto que seus alunos foram aprovados com distinção nos exames (anexo 11). A Assembleia Legislativa Provincial aprovou sua petição da subvenção anual de 800 mil réis.

Em novembro de 1886 Luiza envia para a Direção Geral da Instrução Pública da Província, a relação dos seus alunos do Colégio Santa Luiza aptos a fazer os exames exigidos pela lei. Eram 19 alunos, da escola mista, divididos em três classes:

3ª classe

1. Olympia da Costa Netto
2. Olivis Pereira Alves
3. Eugenia de Andrade

2ª classe

1. Julia Augusta de Souza Wanderley
2. Francisca Macimiana Picheth

3. Rita Augusta de Paula Montes
4. Josephina Hirma Correia Pinto
5. Antonio Ignacio de Miranda
6. Luiza Cimitille Affonso da Costa
7. Aurora de Assis Teixeira
8. Constância Pereira Alves
9. Antonia Maria Cordeiro

1ª classe

1. Josephina de Moura
2. Ignez do Rozario
3. Maria da Luz Ferreira de Andrade
4. Tharcilia Pereira da Costa
5. Alice Pinto Rebello
6. Maria Joaquina da Costa Carneiro]Augusta Picheth

AP0789, 1886, v.22, p. 99-100.

Aos 30 de dezembro de 1889, Luiza envia para a Comissão da Reforma da Instrução Pública uma solicitação de reintegração ao quadro de professores da capital. Seu pedido foi deferido e ela foi nomeada em janeiro de 1890 para a 2ª cadeira do sexo feminino (anexos 12 e 13). Assim, aos 8 de fevereiro de 1890, provisoriamente na Rua XV de Novembro nº 32, Luiza reabre a sua escola da 2ª Cadeira (anexo 14). Em novembro de 1891 ela envia para a Direção Geral da Instrução Pública a relação dos alunos aptos a prestarem os exames do ensino obrigatório.

2ª Cadeira da Capital

Relação dos Alunos que devem fazer exame no corrente ano

1. Josephina da Silva
2. Geraldina Pereira de Camargo

3. Maria Christina Pereira
 4. Olympia da Silva
 5. Judith Arminda da Costa
 6. Constança Maria Augusta
 7. Julia d'Almeida Torres
 8. Serafina Alves do Espírito Santo
 9. Florippa Maria do Nascimento
 10. Carmilina Gomes da Silva Mendes
 11. Leonor Marques da Silva
 12. Maria das Dores dos Santos
 13. Judith Alves Pinheiro
 14. Julai Stenghel
 15. Prisciliana Thereza de Souza
 16. Dolores Lima
 17. Delvina da Costa
 18. Delma da Silva
 19. Alice da Silva Barbosa
 20. Maria Francelina de Lima
 21. Antonia Reignerdt d'Assumpção
 22. Clotilde d'Almeida Torres
 23. Maria Magdalena da Conceição
 24. Firmina Ribeiro
 25. Solange Edminda d'Almeida Torres
 26. Paulina Grabowski de Moura
 27. Eliza Grabowski de Moura
 28. Jacyntha Gomes da Suilva Mendes
 29. Estefânia Reignerdt d'Assumpção
 30. Leocádia Spradt
- AP0932, 1891, v. 18, p. 74-76.

Nesse mesmo ano de 1891, Luiza envia uma carta a Justiniano de Mello e Silva, elogiando seu trabalho frente a Direção da Instrução Pública e a reforma do Regulamento da Instrução Pública (figura 32).

Antes de terminar, seja-me permitido manifestar-vos o meu sincero reconhecimento pelas contínuas provas de consideração e interesse que tendes dispensado em favor do professorado público, e quando outros testemunhos não tivesse eu, para assim pronunciar-me, suficienete é o atual Regulamento da Instrução Pública por vois organizado.

Saúde e fraternidade

Ilustríssimo Senhor Doutor Justiniano de Mello e Silva, Diretor Geral da Instrução Pública

Curitiba, 1º de dezembro de 1891

A professora

Luiza Netto Correia de Freitas

AP0934, 1891, v. 20, p. 67.

Figura 32 - Elogio ao diretor da instrução pública Justiniano de Mello e Silva

Antes de terminar, seja-me permitido manifi-
 estar-vos o meu sincero reconhecimento pelas con-
 tinuas provas de consideração e interesse que ten-
 des dispensado em favor do professorado público; e
 quando outros testemunhos não tivessem eu para as-
 sim pronunciar-me, sufficiente é o actual re-
 gulamento da Instrução Publica por vós organiza-
 do.

Saude e Fraternidade.

o Sr. Doutor Justiniano de Mello e Sil-
 va. Digno Director Geral da Instrução Publica.

Curitiba, 1.º de Dezembro de 1891.

A professora
 Luiza Nello Lins de Freitas.

AP0934, 1891, v. 20, p. 67.

No ano de 1892, no mês de maio, muda-se da rua Pedro Ivo, número 49 para a rua Aquibadan, número 16. E mais tarde, nessa mesma rua, muda do número 49 para o 57.

Solicita três meses de licença para tratamento de saúde em janeiro de 1893. Encontrava-se com cloroanemia, conforme atestado de seu médico, Victor Ferreira do Amaral. Quem a substituiu no magistério foi

sua irmã Olympia da Costa Netto (anexo 15). Em abril reassume o exercício do magistério (anexo 16).

Luiza, que começou a carreira no magistério público na 5ª Classe, em setembro de 1893 solicita sua classificação na 4ª classe, por ter atingindo o número exigido de alunos que realizaram os exames finais e foram aprovadas (figura 33). Assim, em janeiro de 1894 ela é classificada na 4ª Classe e em dezembro do mesmo ano na 3ª Classe.

Figura 33 - Relação das alunas da Professora Luiza Netto Correia de Freitas

Relação das alunas das turmas de escola para a escola geral das mulheres do ensino primario pela professora Luiza Netto Correia de Freitas, residente no bairro de Curitiba, estado do Paraná, em 1893.

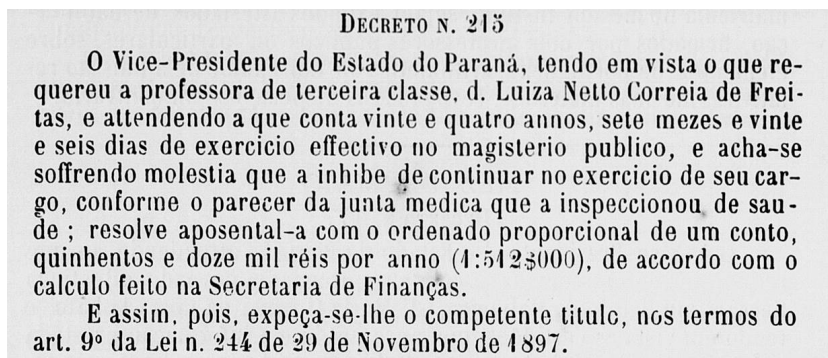
Nº	Nome da aluna	Idade	Classe	Quantidade	Grupos de exames	Observações por presença nos exames	Assinatura
1	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
2	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
3	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
4	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
5	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
6	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
7	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
8	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
9	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
10	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
11	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
12	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
13	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
14	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
15	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
16	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
17	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
18	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
19	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
20	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
21	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
22	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
23	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
24	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
25	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
26	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
27	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
28	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
29	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		
30	Aluna da Costa Netto	112	1ª	1	Exames		

AP0984, 1893, v. 16, p. 54.

Em agosto de 1896, Luiza solicita novo afastamento para tratamento de saúde. A licença é concedida a partir do dia 1º de setembro. Em seu lugar assume a sua irmã Olympia Netto Lage. Aos 30 de novembro, Luiza reassume sua função.

Após 24 anos, 7 meses e 26 dias de exercício efetivo no magistério público e vários pedidos de afastamento para tratamento de saúde, a professora Luiza aposentou-se, por invalidez, em 26 de maio de 1906 conforme Decreto N° 215 (figura 34). Em seu lugar, a professora normalista Maria Angelo Franco, assumiu a escola promíscua⁴ do povoado de Juvevê, última escola pública em que a professora Luiza trabalhou, conforme Decreto N° 218 de 28 de maio de 1906.

FIGURA 34 - Decreto da aposentadoria da Professora Luiza Netto Correia de Freitas



A Escola, Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná, junho 1906, p. 5.

Eram vários os elogios que a Professora Luiza recebeu ao longo da sua carreira, sobretudo dos inspetores da instrução pública que faziam visitas regulares nos diferentes estabelecimentos de ensino, para se certificar de que estavam seguindo o regulamento da Direção da Instrução Pública (figura 35).

Esta escola dirigida pela excelentíssima professora Dona Luiza Netto Correia de Freitas, funcionava com 37 alunos presentes e com muita ordem e regularidade quando fiz-lhe hoje a primeira visita.

⁴ Escola promíscua – termo que designava escolas que atendiam meninos e meninas, diferentemente da maioria das escolas, cujo público era quase que exclusivamente de meninos.

A excelentíssima professora expoz-me com precisão e clareza o seu método de ensino que achei muitíssimo racional, cuja aplicação produz os maiores benefícios relativamente à instrução intelectual dos seus alunos e com que a inteligente professora diminui o seu insano trabalho mal remunerado, sem conduto tirar-lhe nenhuma das vantagens resultantes.

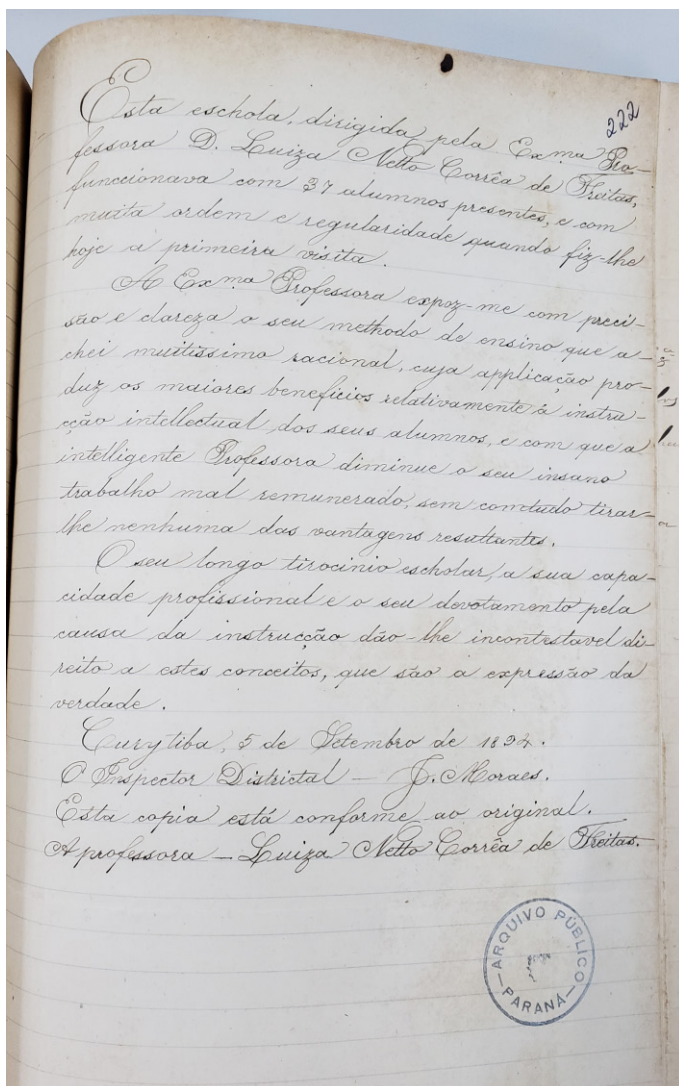
O seu longo tirocínio escolar, a sua capacidade profissional e o seu devotamento pela causa da instrução dão lhe incontestável direito a estes conceitos que são a expressão da verdade.

Curitiba, 5 de setembro de 1894.

O inspetor distrital – J. Moraes

AP1006, 1894, v. 11, p. 222.

Figura 35 – Parecer do inspetor distrital da instrução pública do estabelecimento sob responsabilidade da Professora Luiza



AP1006, 1894, v.11, p. 222.

Em 08 de março de 1906, através do Decreto Nº 89, Luiza assume a cadeira do povoado do Juvevê como professora da 3ª cadeira do sexo feminino de Curitiba), em substituição à professora Maria Elisa da Silva

Fumagalli. A professora Esther Pereira assume a 2ª cadeira para o sexo feminino de Curitiba no lugar de Luiza.

Logo após sua aposentadoria, fundou, em 07 de julho de 1906 o Colégio Soledade, onde atuou como diretora, juntamente com a filha Josepha, já formada professora. Nessa época, a filha Soledade, com 7 anos, que dava nome ao colégio, encontrava-se entre os discentes (figura 36).

Figura 36 – Anúncio do Collegio Soledade fundado em 1906

COLLEGIO
Soledade
(Inaugurado a 7 de Julho de 1906)
Externato para meninos e meninas
Rua Ractcliff n. 10

As aulas começarão a 2 de Janeiro entrante, para o que já se acham abertas as respectivas matriculas.

A professora d. Luiza Netto Corrêa de Freitas, com mais de 25 annos de effectivo exercicio de magisterio, e sua filha d. Josepha Corrêa de Freitas, diplomada pela Escola Normal, serão auxiliadas por d. Carlota Nogueira, professora adjuncta (habilitada neste collegio), e, nas aulas de musica e prendas domesticas, pelos professores Damazo Cardoso Netto e d. Virgilia da Silva Netto.

Dando noticia dos exames realizados neste collegio, o *Diario da Tarde* assim pronunciou-se :

«A assistimos hontem aos exames effectuados no collegio Soledade, sob a competente orientação directiva de d. Luiza Netto Corrêa de Freitas e de sua digna filha, a intell'gente professora normalista senhorita Josepha Corrêa de Freitas.

O methodo educativo, adoptado e seguido no importante estabelecimento, obedece aos principios da moderna pedagogia e norteia de tal modo o espirito da creança, que esta não sente a mais leve difficuldade em solucionar complicadas questões que se lhe apresentem.

Instruindo-se, assim, na observancia de processos racionais e productivos, em accordo perfeito com os dias correntes, os escolares se mostraram aptos para ascender a grãos superiores, dando em respostas oraes e escriptas excellentes provas de sua habilitação.

A menina Soledade Corrêa de Freitas, de 7 annos de idade, salientou-se bellamente pela correção com que se houve em portuguez, geographia, geometria, historia do Brazil e outras materias.»

—

Neste COLLEGIO habilitam-se alumnos para a matricula na Escola Normal.

Curitiba, 28 de Dezembro de 1906.

Faziam parte do corpo docente, a professora Carlota Nogueira, o professor de música Damazo Cardozo Netto, irmão de Luiza, e a professora de prendas domésticas Virgília da Silva Netto, esposa de Damazo e cunhada de Luiza. Antes de ir trabalhar com a cunhada, a professora Virgilia teve sua própria escola – o Collegio Virgilia, fundado em 1895, funcionando na rua 13 de Maio, número 168, quando ainda era solteira. Depois que casou, o colégio mudou para a rua Visconde de Guarapuava, número 47, em 1896. No ano de 1900, foi transferido para a rua São Francisco, número 22 (figura 37). Virgilia também fazia parte do quadro do magistério público sendo professora efetiva da Cadeira do município de Campina Grande.

FIGURA 37 – Anúncio Collegio Virgilia

<p>MUSICA Damaso Cardoso Netto á rua de S. Francisco n. 22, ensina musica das 7 ás 9 horas da noite. 30—16</p>	<p>Collegio Virgilia RUA 7 DE SETEMBRO N. 40 A proprietaria deste estabelecimento de educação, participa ao publico que reabriu o seu collegio no dia 3 de Janeiro proximo, onde continua a ministrar aos seus alumnos as seguintes materias disciplinares: Portuguez, Geographia, Arithmetica, Historia do Brazil, Francez, Trabalhos de agulha como sejam: Bordados a ouro, Froco, seda e bordado branco. <i>Mensalidade :</i> O ensino de todas essas disciplinas 10\$000 Com o Francez. 15\$000 Pagamento adiantado A proprietaria garante ensinar em curto espaço de tempo as materias constantes deste programma. <i>Virgilia Silva Netto.</i></p>
<p>Piano Vende-se um excellente e novo, marca «Ronisch». Informa-se nesta typographia. 8—8</p>	
<p>COLLEGIO VIRGILIA Rua S. Francisco n. 22 Neste Collegio ensinam-se as seguintes disciplinas : primeiras letras, portuguez, arithmetica, geographia, musica e prendas domésticas. Reabrir-se-ha o collegio no dia 1.º de Maio. A professora, <i>Virgilia da Silva Netto.</i> 30—14</p>	

O grupo de professores do Colégio Soledade, além de habilitar os alunos para a Escola Normal, seguia uma metodologia de ensino baseada nos princípios da moderna pedagogia da época, voltada para preparar os alunos para “os dias atuais”, onde os mesmos iriam solucionar complicadas questões sem a menor dificuldade, anunciavam os jornais da época.

O Colégio Soledade, para meninos e meninas, funcionava na rua Ratcliff, número 10, atual rua Desembargador Westphalen, esquina com a rua José Loureiro, onde hoje se localiza o Edifício José Correia de Freitas.

Em 26 de agosto de 1916, a professora Luiza fundou o Colégio Moderno, no qual era auxiliada pelas duas filhas, pois Soledade também já estava formada como professora. O nome do colégio estava relacionado à oferta de um ensino primário baseado em um novo método prático e racional. Aceitava meninos e meninas, a partir dos 5 anos de idade, após o jardim de infância. Em poucos meses, os alunos estavam lendo e escrevendo em português, sem sentirem o menor cansaço. Aprendiam também música, desenho, francês, aritmética e “tudo sem a necessidade de palavras grosseiras ou castigos corporais”. O foco era a leitura, para essa não ser cantada e nem gaguejada, mas sim compreendida. Preparava os alunos para o Ginásio, a Escola Normal, o Instituto de Música Nacional e o Conservatório de São Paulo (figura 38).

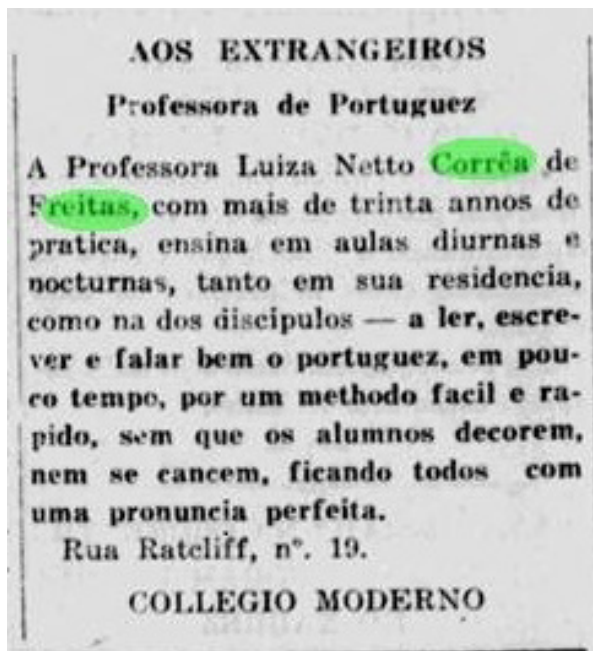
FIGURA 38 – Anúncio do Collegio Moderno fundado em 1916

Collegio Moderno
Rua Ratcliff, n. 19, em frente á Sociedade dos
Boleiros
REABRIU SUAS AULAS NO DIA 2 DE JANEIRO
Até o dia 15 acha-se aberta a matricula para o 1
trimestre do corrente anno.
Neste collegio ensina-se por um novo methodo prati-
co e racional, fortalecendo o organismo dos alumnos per
meio da gymnastica, e não os cansando com lições deco-
radas; mas fazendo-os comprehender todas as materias
constantes do programma, por meio da leitura em voz
alta e com boa pausa, não esquecendo a de respiração,
tão necessaria na leitura como no canto
Preparam-se alumnos para o Gymnasio, Escola Nor-
mal, Universidade e Instituto Nacional de Musica.
Informações no mesmo Collegio, das 2 ás 4 horas,
todos os dias uteis,
Preços modicos) - (Pagamento adeantado
57
A Di estora : *Luiza Netto Corrêa de Freitas.*

A República, 20/02/1919, p. 3.

O Colégio Moderno aceitava alunos nacionais e estrangeiros. A professora Luiza ministrava aulas particulares de português para estrangeiros em sua residência ou na casa dos alunos (figura 39).

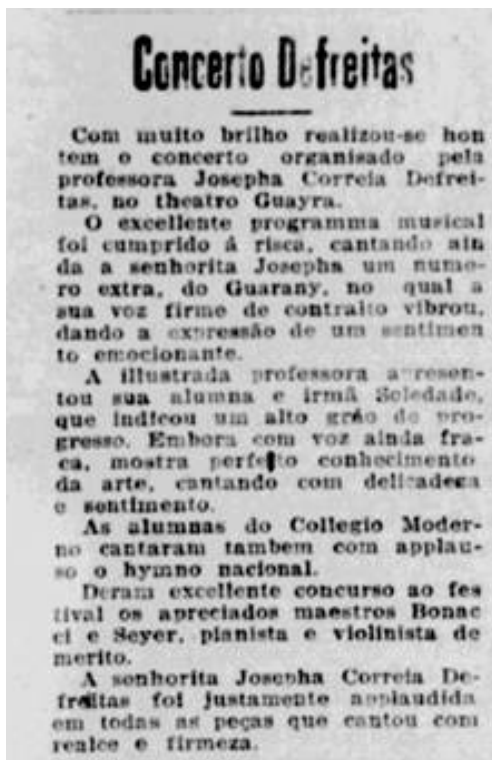
FIGURA 39 – Anúncio de aula de português para estrangeiros



O Dia, 19/04/1924, p. 7.

As aulas de música do Colégio Moderno também seguia os métodos mais modernos para o canto, solfejo, piano, teoria musical, francês e ginástica própria para senhoras e crianças. Sob o comando das professoras Josepha e Soledade os alunos promoviam concertos populares ou de caridade que eram sempre aguardados e bem divulgados na imprensa (figuras 40 e 41).

FIGURA 40 – Concerto dos alunos do Collegio Moderno



Diário da Tarde, 30/07/1917, p. 3.

FIGURA 41 – Audição do Colégio Moderno

Collegio Moderno

O antigo e acreditado estabelecimento de ensino, Collegio Moderno, competentemente dirigido pela prolecta professora d. Luiza Netto C. de Freitas, auxiliada por suas filhas Ds. Josepha e Soledade, ao encerrar os trabalhos do anno lectivo de 1924, apresentou a exames uma brilhante

feitamente educadas cujos timbres variam, desde o contralto até o soprano ligeiro. Foi, enfim, uma festa encantadora a que proporcionou aos seus convidados o Collegio Moderno ao encerrar os trabalhos do seu anno lectivo.



Senhorinhas e senhoras que tomaram parte na audição: Ao Centro, sentadas: Professora Josepha C. de Freitas; á direita senhoritas Estella Amaral e Osminda Tourinho, á esquerda Maria Nazareth V. Cavalcanti e D. Judith Lombardi. Em pé, da esquerda para a direita: senhoritas Yolanda Gross, Lily Wischerai, Maria Bonn, Angelica Colle e Soledade C. Freitas.

...turma de alumnos cujo aproveitamento ficou demonstrado com as magnificas provas a que se submetteram.

Terminados os exames, realizou-se uma encantadora festa de arte.

Iniciou-a o Hymno Nacional, entoado por todos os alumnos do Collegio.

Os intelligentes meninos Flaviano M. Barbosa e Marito Stockler de França cantaram o interessante duetto "Criadinhos de truz" e executaram ao piano, um bello trecho de musica, a quatro mãos.

A distincta professora, senhorita Josepha C. de Freitas realizou uma audição de canto na qual tomaram parte algumas de suas alumnas.

Magnifico foi o successo alcançado por essa demonstração na qual os alumnos da



...meninos flaviano M.

Foi no Colégio Moderno que a professora Luiza Netto Correia de Freitas ensinou as primeiras letras à Enedina Alves Marques, quando esta tinha 12 anos, durante o ano de 1925 (figura 42). Enedina foi a primeira mulher a se formar em engenheira no Paraná, e a primeira mulher negra a ser engenheira no Brasil (NICOLAS, 1977).

Figura 42 - Enedina no dia da sua formatura em 1945



Fonte: Puppi (1986, p.123)

Raul Gomes, em coluna no jornal O Dia, de 30 de setembro de 1926, faz um estudo sobre as condições do professorado no Paraná e entre os vários pontos levantados aponta que “No primeiro ano da república os vencimentos oscilavam entre 1:000\$ e 1:200\$000. Ensinavam na capital: Servulo Lobo, José A. dos Santos, Arminda do Couto, **Luiza Netto Correia de Freitas** e Guilhermina da Luz Gomes – duas veteranas, ainda em plena e eficiente laboriosidade particular” (grifo nosso). Ou seja, Luiza aparece entre os nomes de referência do magistério paranaense no início do século XX. O Colégio Moderno recebia várias visitas de personalidades da época e todos teceram vários elogios à metodologia adotada pela professora, como declarou o Doutor Tenente Felipe de Souza Miranda:

É muito comum entre nós brasileiros, taxar-se de inteligente a criança que manifesta o aproveitamento que teve em certo estabelecimento de ensino, sem nos lembrarmos sequer do professor que lhe ministrou esses uteis ensinamentos e soube pacientemente encaminhá-la nas lides escolares, enquanto cometemos a injustiça inqualificável de responsabilizarmos o professor pelos insucessos dos nossos filhos, quando estes, por culpa própria, deixando de dedicar-se ao estudo, apesar dos cuidados dos mestres, se expoem a um natural fracasso nos respectivos exames. Assim é que, se a criança faz um belo exame, surgem logo as felicitações: - “mas que menino inteligente” – ao passo que, se se sai mal, porque não tem facilidade para assimilar, é um preguiçoso, e não faltam também comentários como: - “mas que professor desleixado e incompetente”.

É, pois um mal contra o qual é mister que lutemos, dando ao professor o que de direito lhe pertence na instrução e formação do caráter de nossos filhos! E eu, que venho acompanhando o progresso, que graças ao método admirável e aos esforços da ilustrada professora Dona Luiza Netto Correia de Freitas, o meu filho de 7 anos de idades – Felipe de Souza Miranda Júnior – vem manifestando quotidianamente, não me posso furtar ao justo

desejo de agradecer-lhe de todo o coração o quanto tem feito e continua carinhosamente a fazer para que o meu filho se torne um homem útil à pátria e à família, pedindo à Deus para que conserve tão preciosa existência, que tanto bem vem espalhando no nosso meio social. (Diário da Tarde, 11/01/1923, p. 4)

No século XIX, era grande a participação feminina na formação do ensino primário. A trajetória de Luiza (Apêndice 1) é marcada por essa atuação no magistério que proporcionou a conquista de seu reconhecimento social e profissional, e pelo círculo de relações bem estreito que a família Correia de Freitas possuía com algumas personalidades e famílias influentes de Curitiba, como Munhoz da Rocha, Cavalcanti, Alves de Camargo, Ferreira do Amaral, etc.

Luiza faleceu em Curitiba, aos 20 de setembro de 1947, aos 85 anos, deixando para as filhas Josepha e Soledade toda uma rede de relações que elas souberam manter (figura 43).

Através das notícias nos jornais da época consegue-se apreender a imagem difundida e consolidada relacionadas às mulheres, especificamente das mulheres da família Correia de Freitas, analisadas nesse trabalho. As transformações ocorridas na sociedade, com a implantação da república, transforma a figura feminina, exigindo novas posturas diante das velhas funções. As filhas das famílias tradicionais tinham acesso a uma instrução mais elaborada, além da aprendizagem das prendas do lar e das primeiras letras, chegavam ao curso superior – como foi o caso das filhas de Luiza.

Figura 43 - Túmulo da Professora Luiza Netto Correia de Freitas



Fonte: Mausoléu da família no Cemitério Municipal São Francisco de Paula/Curitiba
Foto de Murilo Lazzarin

À SUA QUERIDA MÃE
A PROFESSORA

DONA LUIZA NETTO CORREA DE FREITAS,
QUE POR MAIS DE 50 ANOS DEDICOU SUA VIDA A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA.

HOMENAGEM DE SUAS FILHAS
* 6-5-1862 + 20.9.1947

4.2 JOSEPHA CORREIA DE FREITAS (1889-1960)

Professora Josepha Correia de Freitas



Foto do acervo de Paulo José da Costa

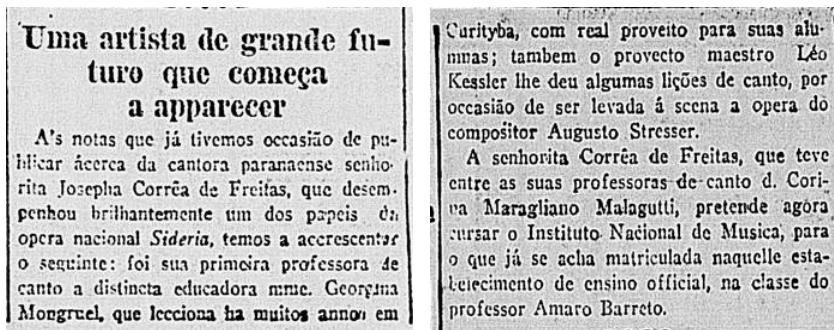
Josepha Correia de Freitas foi a primeira filha do casal Luiza e José Correia de Freitas. Nasceu em Curitiba no dia 07 de janeiro de 1889. Possuía o mesmo nome de sua avó paterna. A atribuição aos filhos dos nomes próprios de membros da família (progenitores, avós, tios) corresponde a “um ato intencional que pretende não deixar esquecer o

passado, um ato que valida o presente pela preteridade partilhada e que integra os recém-chegados na história de vida dos parentes que os precederam, prendendo-os à sua história de família”. (LIMA, 2007, p. 48).

Estudou em escolas públicas de Curitiba que eram regidas pela sua mãe, sendo sempre aprovada com distinção nos exames de instrução primária e secundária. Em 1897 ganhou o prêmio Batista Brandão oferecido pela professora Maria da Luz Miró.

Fez aulas de canto com a professora Georgina Mongruel, defensora do direito da mulher à educação e ao trabalho (figura 44). Estudou desenho e pintura na Escola de Belas Artes.

Figura 44 – Josepha aluna de Georgina Mongruel e Amaro Barreto



Correio da Manhã/RJ, 29/10/1912, p. 4

Em 1906 terminou a Escola Normal de Curitiba. Como normalista, começou a trabalhar na escola particular da mãe, o Colégio Soledade, e passou a fazer parte da Comissão Examinadora da aplicação dos exames de instrução junto com o professor Sebastião Paraná.

Josepha era dona de um capital social de destaque, por ter sido filha e neta de professores, pelo lado materno, teve acesso a uma outra educação, que não a vulgarmente administrada às moças da época. As

mulheres que podiam se dedicar às Artes pertenciam a grupos economicamente mais favorecidos. Recebeu sua formação no Instituto Superior de Música do Rio de Janeiro (figura 45). Lecionava na rede pública, era professora de canto na Escola Normal Secundária (figuras 46 e 48), e na rede privada de ensino, primeiro atuando nas escolas particulares da mãe e depois com a irmã Soledade, dava aulas particulares de música e canto (figura 47).

Josepha, com a irmã Soledade, são consideradas, juntamente com o professor Luís Bastos, os nomes pioneiros no cenário na educação musical no Paraná, tendo sido professores da Escola Normal de Curitiba. São indicados como incentivadores do ensino musical nas escolas, que se preocupavam com o repertório escolar, sendo apontados como grandes mestres do ensino da música nos novos moldes baseados na técnica musical e na psicologia (Apêndice 3). Foi nesse movimento que o antigo programa de Teoria e Solfejo foi substituído pelo Canto Orfeônico no processo de iniciação musical. (JANNIBELLI, 1980).

Além disso, de acordo com Roderjan, o período anterior à década de 1920, tem como marca a inclusão da música como disciplina obrigatória no programa escolar. (1969, p.195). Algumas reformas organizadas por Trajano Sigwalt, em 1917, incluíam obrigatoriamente a música no programa escolar. Esse período também é marcado pela presença de profissionais da música que atuaram como docentes, entre eles, Luiz Bastos, Benedito Nicolau dos Santos, Josepha e Soledade Correia de Freitas. (GILLER, 2013, p. 38).

Figura 45 – Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro
Sede da rua do Passeio onde Josepha estudou.



Fonte: Escola de Música da UFRJ

Figura 46 – Professora de música da Escola Normal Secundária

ESCOLA NORMAL SECUNDARIA	
Director	- Dr. Lysimaco Ferreira da Costa
Vice-Directora	- D. Iracelina Teixeira Bittencourt
Secretario	- Jayme Monteiro
Amanuense	- Bernardina Chaves
LENTES	
Portuguez	- Padre Euripedes Olympio de Oliveira Franca
Mathematica	- Professor Oswaldo Pilotto
Geographia	- Dr. José Sá Nunes
Pedagogia	- Professor Cezar Prieto Martinez
Sciencias Physicas e Naturaes.	- " Nicephoro Modesto Pallarz
PROFESSORES	
Musica	- Professora Josepha Correia de Freitas
Desenho	- Professor Frederico Langer de Morretes
Trebalho Manuaes	- Professor Alberto Ditter
Prendas Domesticas	- Professora Dulce Loyola
Gymnastica	- " Arthemias de O. e Cruz

Porteiro	- Constantino Kaprowinz
Servente	- José Marques de Oliveira
Servente	- Celso Fogo Guedes
Concluíram o curso	- 34
Matricula	- 119
Zeladoras:	
	- Augusta Moraes
	Augusta Martins Ribeiro
	Maria Francisca de Oliveira
	Maria da Conceição
	Emília Vianna.



Figura 47 – Anúncio de aulas particulares de música

LIÇÕES DE MUSICA

As professoras **JOSEPHA E SOLEDADE CORREA DE FREITAS**, diplomadas com distincção pelo **INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA**, do Rio de Janeiro, leccionam em sua residencia, á rua "Ratcliff, n. 19", canto, piano, theoria e solfejo, preparando os alumnos para a matricula e exames daquelle **INSTITUTO** ou de qualquer outro Estabelecimento congenere. Ensinam tambem francez e gymnastica propria para desenvolver e embellezar o organismo de senhoras e creanças; bem como todas as materias concernentes á instrucção primaria, habilitando alumnos para os exames de admissão na **ESCOLA NORMAL, GYMNASIO, ETC., ETC.**

O Estado do Paraná, 12/05/1926, p. 5.

Figura 48 – Professora de canto do Ginásio Paranaense

D. G. E. - 294 - A

GINÁSIO PARANAENSE

Seção Feminina

Estado do Paraná — Curitiba

Ano letivo de 1946

CORPO DOCENTE EM EXERCÍCIO

Série	Matéria	NOME DO PROFESSOR	N.º do registro	Reservado para o visto da Seção de Registro
2ª.	Português	Antonio Carlos Raimundo	10.127	
	Francês	Lilí Eleutério da Luz	16.359	
		Faustino Pávao	12.427	
	Inglês	José Maurício Higgins	2.057	
	Latim	Fernando Corrêa de Azevedo	4.325	
	Hist. Geral	Pe. Olímpio de Sousa	9.477	
	Matemática	Oswaldo Pilotto	170-21.732	
	Desenho	Oswald Lopes	8.746	
	Canto	Josefa Corrêa de Freitas	10.077	
	Geografia	Francisco Raitani	14.638	
Pe. Olímpio de Sousa		9.477		

Censur - 6126 4-540

Diretor
 Inspetor

APP, Fundo PB 074 – IEPPEP – 1946 – Caixa 01.

O fato de não ter casado, coloca Josepha na população definida pelos historiadores como “celibatário definitivo”. (NADALIN, 2007, p.

167). Permanecer no estado de solteira era incomum para uma sociedade centrada na família. Nesse sentido, pode-se apontar que, talvez, por considerar o casamento uma etapa tão importante (devido ao seu cabedal social) ela optou por ficar solteira por, possivelmente, não haver encontrado cômulo a altura de suas expectativas sociais e sentimentais. Nem sempre as condições do mercado matrimonial eram favoráveis, visto que para as famílias abastadas da sociedade:

O casamento dividia o curso dos anos de uma vida em duas etapas distintas. Esse acontecimento social fundava a continuidade social e familiar da elite oitocentista e originava um núcleo que uniria dois troncos anteriores distintos. Essa união era intencionalmente calculada no sentido de proporcionar a manutenção dessas famílias como parte de um grupo seletivo e privilegiado. Contudo, era preciso ir além e gerar novos elementos de poder e prestígio que as distinguíssem socialmente, atualizando as disputas sociais intra e extragrupo. As exigências minuciosas feitas durante os processos de arranjos matrimoniais revelam o esforço de consolidação de novas alianças políticas, econômicas e sociais que objetivaram estruturar uma rede familiar complementar que, em última instância, ia dar continuidade às casas envolvidas. Dessa forma, ao final, acabava-se reproduzindo a dinâmica hierarquizante fundadora da composição social do Império (MUAZE, 2008, p.54-55).

Aos 23 anos, em maio de 1912, Josepha fez parte da equipe artística que estreou no Teatro Guaíra a Ópera Sideria, de Augusto Strosser, considerada a primeira ópera genuinamente paranaense. A ópera fala de uma grande tragédia. Conta a história da jovem Sideria, desejada por Juvenal, mas apaixonada por Alceu, que por sua vez era noivo de Thylda. Uma quadra amorosa que se desenrola em plena Revolução Federalista (1893-1894). (VARGAS, 2021).

Josepha interpretou Thylda (figura 49). O trabalho foi realizado por um elenco formado por amadores de conceituadas famílias da capital

paranaense, tendo apenas um profissional entre eles⁵ (figuras 50 e 51). A ópera teve um grande sucesso, com sete apresentações em Curitiba e duas em Ponta Grossa (figuras 52).

FIGURA 49 - A direita Josepha que interpretou Thylde
A esquerda Marieta Bezerra que interpretou Sideria



Fon-Fon, 22/06/1912, p. 43.

⁵ Jorge Wucherpfennig que interpretou Alceu era o único profissional. Ele havia atuado na Companhia de Operetas Alemã Papke. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=griUDMBz3C0>. Acesso em 14/out/2020.

FIGURA 50 – Elenco da Ópera Sideria



Diário do Paraná, 19/07/1981, p. 6.

FIGURA 51 - No centro Josepha Correia de Freitas com o coro da Ópera Sideria



Fon-Fon, 22/06/1912, p. 43.

Figura 51 - Josepha Correia de Freitas em 1912 aos 23 anos



Boletim Casa Romário Martins, V.19, N.99, 1992, p. 26.

FIGURA 52 – Elenco e orquestra da Ópera Sideria no dia da estreia em 3 de maio de 1912



Diário do Paraná, 06/07/1975, p. 13.

A Ópera Sideria foi escrita por Jayme Ballão e musicada por Augusto Stresser, foi considerada o mais importante acontecimento musical do início do século XX do Paraná. Uma representante da família Correia de Freitas esteve presente neste acontecimento marcante (MENDONÇA, 1992), que contratou quinze professores do Rio de Janeiro para tocar na orquestra, que foi regida pelo maestro Leo Kessler (figuras 53 e 54).

FIGURA 53 – Anúncio da última apresentação da Ópera Sideria em Curitiba

Theatro Guayra

Amanhã 9 de Maio de 1912

Ultima representação da opera em 3 actos

SIDERIA

LETRA DE JAYME BALLÃO E MUSICA DE
AUGUSTO STRESSER

Oschostração do maestro Léo Kessler.—Maestro cor cortador
e director da orche-tra Leo Kessler.—Regente da
scena Jorge Wucherplennig

**Symphonía Brasileira, composição do maestro
Kessler, sobre motivos da opera**

Distribuição :

«Sideria» (soprano)—Senhorita Marietta Bezerra.
«Thylde» » » » Josepha Correia de Freitas.
«Alceu» (Tenor) —Tenor Jorge Wucherplennig.
«Juvenal» » » » Jorge Heiser.
«Paulo» (baritono)—Constante Fruet.
«Camponeza» (mezzo soprano)—Senhorita Anna Kirchgaeßner.
«Camponez» —João Ravaglio.
«Outro camponez» —Luiz Romão.

CAMPONEZES, CAMPONEZAS, SOLDADOS, ETC.

Orchestra de 35 figuras, inclusive 15 professores,
contratados no Rio de Janeiro

CORPO DE COROS DE 50 PESSOAS

Scenarios do pintor e stenographo GUILHERME LOBE

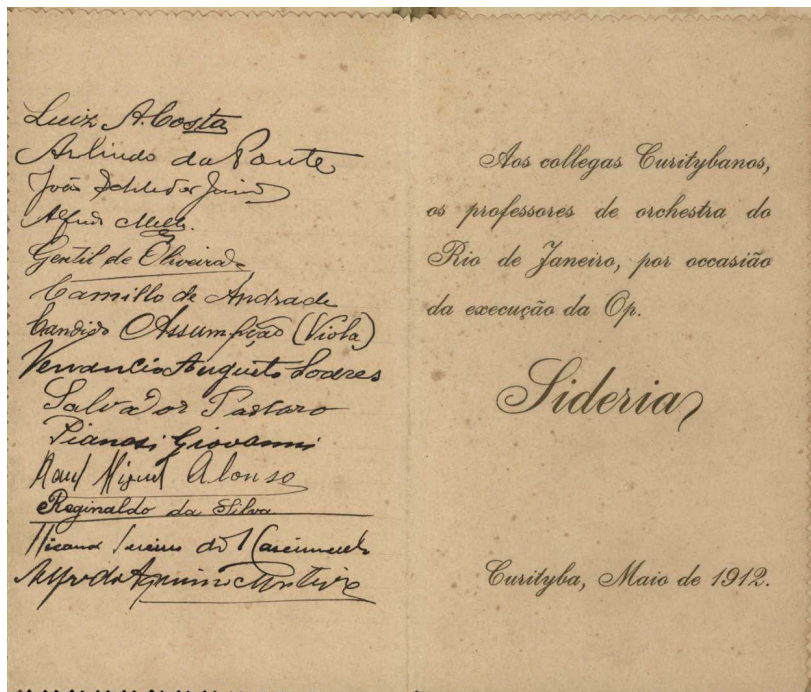
Todos ao Theatro Guayra

PREÇOS POPULARES :

Camerotes e frizas	25\$000
Cadeiras	5\$000
Geraes numeradas	2\$000
Geraes	1\$500

NOTA—Os bilhetes acham-se á venda á 6 hora da tarde na «Casa Vitrix», e d'essa hora em diante, na bilheteria do Theatro «Guayra».

FIGURA 54 – Cartão dos professores de orquestra do Rio de Janeiro ao elenco da Ópera Sideria



Fonte: Acervo do Museu Paranaense

Segundo depoimento de Denise (2019):

Josepha foi inicialmente professora particular de música. Era dotada de boa voz e às vezes cantava nos "saraus" familiares. Por seus dotes musicais ela foi convidada a cantar o papel de Thilde na ópera Sideria em 1912. A ópera foi composta por Augusto Stresser com a colaboração do maestro Leo Kessler, que foi também seu arranjador e regente. O libreto era de Emiliano Perneta. Após o grande sucesso da ópera, Josepha tentou seguir carreira artística, mas não conseguiu e acabou se dedicando ao magistério. Após o sucesso de Sideria ela ganhou uma subvenção do governo paranaense para estudar canto no Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1915, quando retornou a Curitiba. Nesse ano fez algumas apresentações em teatros. Em seguida foi nomeada professora de música da Escola Normal.

Após a temporada da Ópera Sideria, em maio de 1912, Josepha participou do concerto em benefício do maestro Leo Kessler e em memória dos maestros Ricardo Wagner e Carlos Gomes. A apresentação, na primeira parte, foi o dueto da Ópera Sideria, interpretada por Josepha e o tenor Jorge Wuecherpfnnig.

Por sua participação nesses dois eventos, os jornais da época destacavam o talento de Josepha e a apontavam como revelação do cenário artístico paranaense (figuras 55 e 56):

Possuidora de uma esplendida voz de soprano, perfeita sonoridade, de grande volume e extensão, Mll Correia de Freitas mereceu do governo do Paraná um auxílio anal de 3:000\$000 para completar seus estudos. Melhor fora, e nesse sentido dirigiram um apelo ao governo do Paraná, que fosse Mlle Correia de Freitas diretamente para a Europa, para o Conservatório de Paris, como é o seu mais ardente desejo, de onde, dado seu talento e vocação, sairia fatalmente em grande artista, tal como se expressou em seu favor o regente da orquestra do Teatro Ópera-Comédia de Berlim, que em Curitiba instrumentou e regeu a Ópera Sideria. Um auxílio, duplo do atual, seria o bastante, e ao Paraná caberiam os mais vivos aplausos por esse ato de inteira justiça. (A REPÚBLICA, 21/05/1912, p. 1)

FIGURA 55 – Elogios ao talento de Josepha

**UMA ARTISTA DE GRANDE
FUTURO QUE
COMEÇA A APPARECER**



Senhorita Josepha Corrêa Defreitas

A nossa gentil patricia, que brilhantemente desempenhou o papel de Thilde, na opera "Sideria", do maestro A. Streser, libreto de J. Ballo, em Curytiba.

Essa opera foi levada á scena no theatro Goayda, sob os auspicios do dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do Estado, com estrondoso successo.

A senhorita Corrêa Defreitas acha-se presentemente nesta capital, afim de completar os estudos de canto, com a professora d. Corina Maragliano Malaguti, de quem já ha tres annos recebeu as primeiras lições, graças as quaes revelou-se a artista de valor, que dentro em breve o Brasil vae possuir.

FIGURA 56 – Carta de agradecimento de Josepha



A REPÚBLICA, 21/05/1912, p. 1.

Em 20 de setembro de 1912, pelo Decreto Nº 129, foi concedida à Josepha, pelo governo do Paraná, uma bolsa de estudos para estudar música e se aperfeiçoar. No ano seguinte, seguiu para o Instituto Nacional de Música no Rio de Janeiro, e não para a Europa como era seu desejo.

Antes de embarcar para a capital federal, Josepha realizou várias apresentações musicais em Curitiba, como por exemplo, cantou, por motivo da passagem da data de aniversário de Carlos Cavalcanti, presidente do estado do Paraná, em março de 1914, durante a recepção realizada no Palácio do Governo. Em junho de 1914, nos salões do Club Coritibano, o Grêmio das Violetas, do qual participava, levou a efeito uma brilhante soirée.

Os finos costumes, vestidos pelas nossas gentis senhoritas, casado ao encanto sedutor dos sorrisos, davam ao salão de bailes do Coritibano um lindo aspecto que seduzia. A concorrência foi tão numerosa quão seleta. toda a elite curitibana ali compareceu e entre o grande número de senhoritas foi-nos possível anotar as seguintes: ... Josepha Correia de Freitas ... Num dos intervalos das danças Josepha Correia de Freitas, cantou uma ária de "Cid". A senhorita Correia de Freitas mereceu gerais aplausos ... (A República, 16/06/1914, p. 2).

Em agosto de 1914, participou de duas apresentações das sessões das Horas da Arte.

Ontem (23/08/1914) realizou-se a 3ª sessão das Horas. Poucas festividades terão conseguido atrair, em nossa capital tão numerosa e tão seleta concorrência. A fina elegância das coritibanas gentis, aliada à sua beleza admirável, dava ao salão um grande encanto. A senhorita Josepha Correia de Freitas cantou duas peças sendo aplaudida" (A República, 24/08/1914, p.2).

Após um ano de estudos na capital federal, com a professora Corina Maragliano Malaguti, musicista de grande mérito, casada com o pintor Heitor Malaguti, e com o maestro Amaro Barreto, diplomou-se em canto, piano, teoria musical e solfejo. Durante seu período de estudante no Instituto Nacional de Música, Josepha participou de várias

apresentações musicais promovidas na cidade pela Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, pela Sociedade Sinfônica Fluminense, e muitas outras (figura 57).

Figura 57 – Participação em eventos musicais

O PARANA' ARTISTICO

Uma artista brasileira

- Si ha missas que gosem de uma grande e fraditional fama de luxuosas e magnificentes, são incontestavelmente as missas das 12 horas aos domingos, na egreja da Candelaria.



Realmente, essa fama é justificada. Nessas missas ha boa musica, canto e a irmandade acompanha o sacerdote, toda paramentada. A assistencia é finissima e chic.

Vem familias inteiras dos bairros mais fastados á missa das 12, na Candelaria. No domingo passado, cantou pela primeira vez nesta egreja, a senhorita Josepha Corrêa de Freitas.

Acompanhou-a ao orgão o nosso professor do Instituto Nacional de Musica, Sr. Armand Gouvêa.

A senhorita de Freitas é dotada de uma excelente e bonita voz.

Pensionista do Estado do Paraná aqui no Rio, onde estudou, tendo terminado o seu curso este anno, com um grande brilhantismo.

O Paraná deveria envia-la aos centros musicas da Europa, onde eila se pudesse aperfeiçoar, pois beni o merece quem, como a senhorita Corrêa de Freitas, dispõe de tantas qualidades artisticas.

Josepha Corrêa de Freitas

A Noite/RJ, 14/01/1914, p.4.

O Festival Pró-Contestado, evento realizado em beneficio dos órfãos e viúvas das vítimas da Guerra do Contestado, em 3 de julho de 1915, no salão do Jornal do Commercio, promovido pelo Centro Paranaense e pela União dos Empregados no Comércio do Rio de

Janeiro, um dos mais noticiados na época, contou com a participação de Josepha (figura 58).

FIGURA 58 – Anúncios do Festival Pró-Contestado

<p style="text-align: center;">Uma iniciativa nobre</p> <p style="text-align: center;">Pelas victimas do Contestado</p> <p>Esta despertando o maior interesse no meio carioca, a nobre iniciativa da União dos Empregados do Commercio e Centro Paranaense, que tomaram a si o humanitario encargo de socorrer as victimas do Contestado.</p> <p>Como é sabido, pelos relatorios do general Setembrino de Carvalho, comandante das forças que operaram contra os fanaticos, milhares delles tombaram nos reductos do Contestado, deixando na miseria e na orphandade muitas creanças e viúvas, victimas da ignorancia e do fanatismo dos seus paes.</p> <p>O escriptor Nestor Victor, já realizou no <i>Jornal do Commercio</i>, uma conferencia, em beneficio dessas victimas. E o novo festival promete ser muito concorrido, não porque se trata realmente de uma obra humanitaria e é o seu fim dos mais nobres compatíveis com os sentimentos altruisticos dos brasileiros, como também porque o programma deste festival é deveras atrahente e original. Trata-se de um <i>Jornal Falado</i>, a cargo dos apreciados escriptores João Luzo, Alcides Maya, Bastos Tigre, Vinício da Veiga, Luiz Edmundo, Raul Pederneiras, Castellar de Carvalho, Luiz Peixoto. Ha, além do <i>Jornal Falado</i>, uma parte musical, em que se farão apresentar as distinctas artistas brasileiras Marietta de Verney Campello e Josepha Corrêa de Freitas, o professor Francisco Chiaffitelli, Rubens Figueiredo e Ernani Braga.</p> <p>Os bilhetes para este festival acham-se nas seguintes casas: Confeitaria Castellares, Casa Bazin e na sede da União dos Empregados do Commercio, á rua Sete de Setembro, n. 51.</p>	<p style="text-align: center;">Em favor das victimas do Contestado</p> <p style="text-align: center;">O festival de hoje</p> <p>E' hoje que se realiza, á noite, no salão do <i>Jornal</i>, sob os auspicios da União dos Empregados no Commercio e do Centro Paranaense o festival em beneficio das victimas do Contestado. Trata-se de uma idéa generosa, para socorrer patricios dignos de protecção. A nota mais sympathica será a presença dos Governadores do Paraná e de Santa Catharina, os dous Estados que disputam a posse da zona onde tantos bravos morreram defendendo a ordem. Pódesse considerar esse comparecimento das duas altas autoridades estadoaes como um bom prenuncio para a proxima solução harmoniosa da questão. O Chefe de Estado também prometteu comparecer.</p> <p>O programma do festival será este:</p> <p>I — Wagner — Le Vaisseau Fantôme. Ballade du Senda. Senhorinha Josepha Corrêa de Freitas (soprano).</p> <p>II — a) Schumann — Au soir; b) Chopin — Estudo, Sr. Rubens Figueiredo.</p> <p>III — a) — Chopin — Nocturno; b) Lajicki — Mazourka. Professor Francisco Chiaffitelli.</p> <p>IV — a) Alberto Nepomuceno — Soneto (Coelho Netto); b) — Alberto Nepomuceno — Philomela — (Raymundo Corrêa). Senhorinha Marietta de Verney Campello (soprano ligeiro).</p> <p>V — Carlos Gomes — Condor. Monologo de Odaléa. Senhorinha Josepha Corrêa de Freitas.</p> <p>VI — Saint-Saens — Rondo Capriccioso, Professor Francisco Chiaffitelli.</p> <p>VII — Léo Delibes — "Lakmé". Rir clochettes. Senhorinha Marietta de Verney Campello.</p> <p>VIII — Rubinstein — Estudo, Sr. Rubens Figueiredo.</p> <p>Os acompanhamentos serão feitos pelo Professor Ernani Braga.</p> <p><i>Jornal Falado</i> — Artigo de fundo, João Luzo; Chronica, Alcides Maya; Interview, Vinício da Veiga; Secção humoristica, Bastos Tigre; telegrammas da guerra, Luiz Edmundo; Suetos (illustrados), Paul Pederneiras; Reportagem policial, Castellar de Carvalho; Anuncios (illustrados), Luiz Peixoto.</p>
---	--

O CONTESTADO

O grande festival de hoje era benefício das vítimas dos fanaticos

Realiza-se hoje o grande festival em benefício das vítimas do Contestado promovido pelo "Comité" para essa fim constituído sob os auspícios da União dos Empregados do Commercio e Centro Paranaense.

É desnecessário salientar que esse festival vai ser o "clon" das soirées de arte no salão do *Jornal do Commercio*, esta estação. Quer pelos fins, quer pela originalidade do seu programma essa festa terá uma rara culminancia de arte e elegancia, ao par de um espirito de justiça e bondade que muito abona os intuitos altruisticos dos seus organizadores.

O programma é o seguinte:
CANTO — I — Wagner — *La Vaisseau fantôme*. Balade du Senda, senhorita Josephia Corrêa de Freitas (soprano).

PIANO — II a) — Schumann — *Au Seiz*, e b — Chopin — *Estudo*, sr. Rubens Figueiredo.

VIOLINO — III a) — Chopin — *Nocturno*, e b) — Larijcki — *Mazourka*, professor Francisco Chiaffitelli.

CANTO (em portuguez) — IV a) — Alberto Nepomuceno — *Soneto*, (Goethe Netto), e b) — Alberto Nepomuceno — *Phlomena* (Raynundo Corrêa), senhorita Marieta da Verney Campello, (soprato ligeiro).

Intervalo.
CANTO — V — Carlos Gomes — *Condor*, Monologo de Odaíca, senhorita Josephia Corrêa de Freitas.

VIOLINO — VI — Saint Saens — *Rondo Capriccioso*, professor Francisco Chiaffitelli.

CANTO — VII — Léo Delibes — *Lalaine*, Air des clochettes, senhorita Marieta de Verney Campello.

PIANO — VIII — Rubinstein — *Estudo*, sr. Rubens Figueiredo.

Os acompanhamentos serão feitos pelo professor Ernani Braga.

Terceira parte — *Jornal Falado*:
Artigo de fundo, João Luso; Chronica, Alcides Maya; Interview, Venicio da Veiga; Secção humoristica, Bastos Tigre; Telegrammas da guerra, Luiz Edmundo; Suetos (ilustrados), Raul Pederneras; Reportagem policial, Castellar de Carvalho; annuncios illustrados, Luiz Peixoto.

Ocorre uma interessante coincidência no festival em prol das vítimas do Contestado que é um bom pronunciado do "suicida" que o presidente da Republica pretende celebrar entre os reveses de Santa Catharina e Paraná para resolver definitivamente a pendencia de limites do Contestado. Na noite de hoje se encontrarão no salão do *Jornal do Commercio* para assistirem os dres. Carlos Cavalcanti e Philippe Schmidt, presidentes desses dois Estados.

O dr. Wenceslao Braz, presidente da Republica, prometteu comparecer tambem no festival de hoje que terá, por isso, um grande brilhantismo.

Acham-se bilhetes á venda, hoje, nas seguintes casas: Bazin, Watson, Parc Royal, Casa Ivoza, Confiança Industrial e na União dos Empregados do Commercio, á rua 7 de Setembro.

A entrada é franca para os jornalistas.

PELAS VICTIMAS DO CONTESTADO

UMA FESTA ORIGINAL

Realizou ante-hontem o Grande Comité Pró Victimas do Contestado mais uma reunião, em que varias deliberações de importancia foram tomadas.

O grande festival já annuciado, organizado pelo Comité, ficou definitivamente marcado para o dia 2 de julho, ás 8 horas da noite, no salão nobre do *Jornal do Commercio*.

Trata-se de uma festa original, na qual tomarão parte muitos dos nossos literatos e jornalistas.

Constará de um "jornal falado", assim redigido:

Artigo de fundo, João Luso; chronica, Alcides Maya; secção humoristica, Bastos Tigre; "interview", Venicio da Veiga; telegrammas da guerra, Luiz Edmundo; suetos illustrados, Raul Pederneras; reportagem policial, Castellar de Carvalho; annuncios illustrados, Luiz Peixoto.

A parte musical, variada e attrahente, será executada pelas senhoritas Marieta de Verney Campello e Josephia Corrêa de Freitas (canto); professor Francisco Chiaffitelli (violino), e Rubens Figueiredo (piano).

O discurso official foi confiado ao dr. Plinio Marques.

Abrirá a sessão a mesa directora do Comité, presidida pelo sr. La-Fayette Côrtes e senador Ribeiro Gonçalves e secretariada pelos srs. Venicio da Veiga e Israel Costa.

**Grande Comitê Pró-Victimas
do Contestado**

UMA FESTA ORIGINAL

Realizou ante-hontem o Comitê Pró-Victimas do Contestado mais uma reunião em que varias deliberações de importancia foram tomadas.

O grande festival já anunciado organizado pelo Comitê ficou definitivamente marcado para o dia 2 de Julho, ás 20 horas, no salão nobre do Jornal do Commercio.

Trata-se de uma festa original, na qual tomarão parte muitos dos nossos litteratos e jornalistas.

Constará de um Jornal Fallado, assim redigido:

Artigo de fundo, João Luso; Chronica, Alcides Maya; Secção humoristica, Bastos Tigre; Interior, Vinicio da Veiga; Telegrammas da guerra, Luiz Edmundo. Suellos Illustrados, Raul Pederneiras; Reportagem policial, Castellar de Carvalho; Anuncios Illustrados, Luiz Peixoto.

A parte musical variada e atrahente será executada pelas senhoritas Marietta Verney Campello e Josepha Corrêa de Freitas, canto; professor Francisco Chiaffitelli, violino, e Rubens Figueiredo, piano.

O discurso official foi confiado ao Dr. Plinio Marques.

Abrirá a sessão a mesa directora do Comitê, presidida pelos Srs. Dr. Lafayette Cortes e Senador Ribeiro Goncalves e secretariada pelos Srs. Drs. Vinicio da Veiga e Israel Affonso da Costa.

Jornal do Brasil, 24/06/1915

Festas.

Está despertando o maior interesse a iniciativa da União dos Empregados do Commercio e Centro Paranaense, que tomaram a si o humanitario encargo de promover os meios de soccorrer as victimas do Contestado.

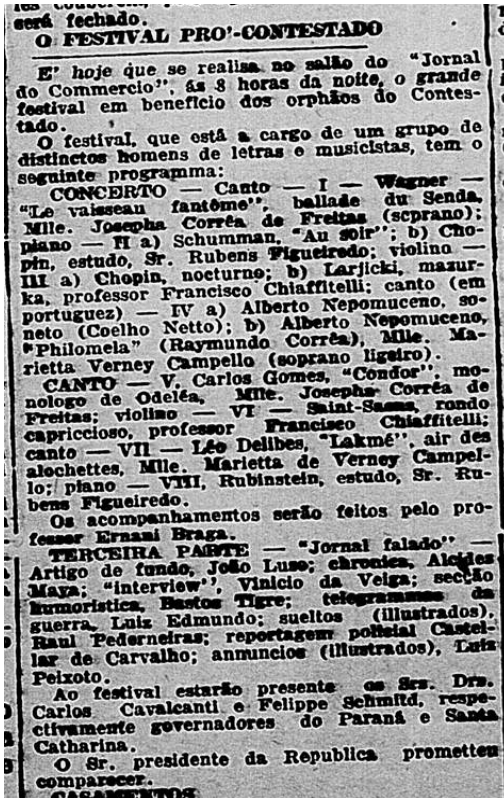
Como é sabido, pelos relatorios do commandante das forças que operaram contra os fanaticos, milhares dellas tombaram nos reductos do Contestado, deixando na miseria e na orphandade muitas crianças e viúvas, victimas da ignorancia e do fanatismo de seus pais.

O escriptor Nestor Victor já realizou no *Jornal do Commercio* uma conferencia em beneficio dessas victimas. E o novo festival promete ser muito concorrido, não só porque se trata, realmente, de uma obra humanitaria, como tambem porque o programma desse festival é devêras atraente e original.

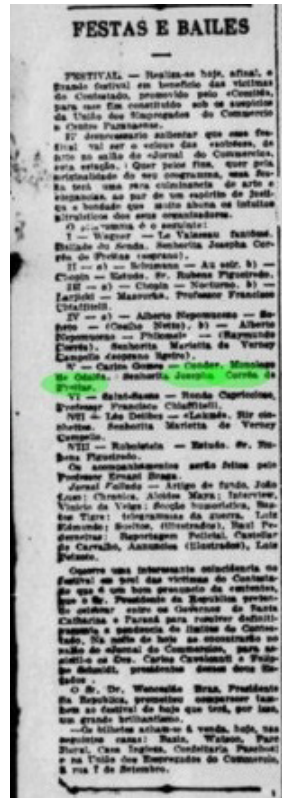
Trata-se de um *Jornal Falado*, á cargo dos escriptores João Luso, Alcides Maya, Bastos Tigre, Vinicio da Veiga, Luiz Edmundo, Raul Pederneiras, Castellar de Carvalho e Luiz Peixoto. Ha, além do *Jornal Falado*, uma parte musical, em que se farão apreciar as senhoritas Marietta de Verney Campello, e Josepha Correia de Freitas e os Srs. professor Francisco Chiaffitelli, Rubens Figueiredo e Ernani Braga.

Os bilhetes para esse festival acham-se á venda nas seguintes casas: Confeitaria Castellões e casa Bazin e na sede da União dos Empregados do Commercio, á rua Sete de Setembro.

O Paiz, 27/06/1915



A Notícia, 03/07/1915



Jornal do Commercio, 02/07/1915

Josepha retornou definitivamente do Rio de Janeiro para Curitiba em 1915, realizando um concerto no Ginásio Paranaense para celebrar essa nova fase.

...no salão do Ginásio Paranaense Josepha Correia de Freitas realizou um concerto. Recém-chegada do Rio de Janeiro, onde aperfeiçou os seus conhecimentos musicais. ... A temporada que a jovem cantora passou na capital federal foi altamente proveitosa. Quando partiu tinha a sua arte afetada por defeitos, alguns dos quais graves. Hoje, após um ano de estudo a mudança foi grande. Os vícios desapareceram, a vocalização se fez firme e perfeita, a voz adquiriu um tom velutino, desapareceram por uma serena correção as asperezas que a faziam por vezes estridente. Josepha foi auxiliada por sua irmã e discípula

Soledade que apesar da idade promete ser um talento do Paraná” (A República, 16/08/1915, p. 1).

Em setembro de 1916, foi realizado um concerto pelo aniversário de Affonso Alves de Camargo, então presidente do estado do Paraná, no salão de música do paleete do aniversariante. Neste concerto, improvisado pelo maestro Levy Costa, foi executado, entre outras peças, a ária de Santuzza, cantada por Josepha, que teve participação ativa nos eventos em homenagem às figuras públicas do Paraná e a famílias tradicionais da capital paranaense. Além destes eventos oficiais, Josepha se apresentou em casamentos, missas, batizados e aniversários.

A caridade era uma prática recorrente de Josepha. Organizava festivais musicais em benefício de pessoas carentes, como o realizado em 22 de julho de 1917, junto com a irmã Soledade, no Teatro Guaíra. Foi um concerto popular em benefício dos pobres de Curitiba, com a participação dos maestros Bonacci e Seyer e dos alunos do Colégio Moderno. Além dos festivais, realizava doações em dinheiro, diretamente para as instituições, como em 3 de agosto de 1917, quando entregou na redação do jornal A República a quantia de 20\$000 para serem distribuídos aos pobres da Santa Casa, à Conferencia de São Vicente, ao Asilo de Nossa Senhora da Luz, ao Albergue Noturno da Maternidade, aos Pobres do Diario da Tarde, aos Pobres do Commercio do Paraná, aos Pobres da A República, aos Pobres da porta da Cathedral e aos pobres da porta da Igreja do Bom Jesus.

Ainda em 1917, foi realizado um concerto no Teatro Guaíra para os participantes do Congresso de Cereais com a participação de Josepha, que interpretou a ária para soprano da ópera La Traviata, de Verdi.

Em 7 de setembro de 1917, por determinação de Enéas Marques, todas as escolas tiveram que comemorar o dia da independência do Brasil. O festival cívico escolar foi realizado pela Escola Prática Pedagógica, no qual participou Josepha, ao piano, na execução de todos os hinos escolares.

Em 1919, Josepha fez parte dos membros diretores do Centro Artístico na seção acadêmica de música. Nesse mesmo ano, no Teatro Guaíra, no dia 29 de junho ocorre o Festival músico-literário do qual participa Josepha (Santuzza - soprano) e sua irmã Soledade (Turiddu - tenor).

Pelo Decreto Nº 41 de março de 1920, foi concedido um ano de licença médica para Josepha tratar da sua saúde. Durante esse ano, os periódicos não noticiaram nenhuma apresentação pública.

Josepha retornou às apresentações cantando na Confraternização dos Povos Americanos, um festival artístico-literário realizado em 14 de julho de 1921, no Teatro Guaíra, em benefício da inauguração das estátuas de três paranaenses: Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento e Emilio de Menezes.

São várias as participações de Josepha, solo, ou com a sua irmã Soledade, ou com suas alunas da Escola Normal, ou do colégio particular de sua mãe, em eventos comemorativos ou beneficentes realizados na capital paranaense. A seguir, são apresentadas algumas das participações de maior destaque.

Em março de 1925, no salão da Sociedade Sangerbund, ocorreu a audição de canto, promovida pela professora Josepha, em homenagem ao senador Affonso Alves de Camargo. Em abril desse mesmo ano, Josepha participou da peça “O Martyr do Calvário”, executado pela Companhia Jayme Costa, cantando a “Ave Maria” de Goumand no

quadro da ceia. Em setembro, Josepha participou das comemorações da independência do Brasil, e nesse mesmo mês, com suas alunas da Escola Normal, participou da inauguração da estátua do compositor Carlos Gomes em Curitiba.

No dia 26 de dezembro de 1926, ocorreu o festival de arte no Teatro Guaíra promovido pelas alunas da Escola Normal Secundária pelo encerramento das aulas. Diversos cantos solos e coros foram dirigidos pela professora Josepha e sua irmã Soledade.

De 19 a 22 de dezembro de 1926, Josepha participou do Congresso de Ensino Primário e Normal (CEPN), que aconteceu em Curitiba com a tese 25 “Da educação musical nas escolas”.

No ano seguinte, de 19 a 23 de dezembro, ocorreu em Curitiba o 1º Congresso Brasileiro de Educação, quando foi criada a Associação Nacional de Ensino, seção do Paraná, filiada à do Rio de Janeiro - presidida pelo Sebastião Paraná. Josepha foi eleita para compor o Conselho Diretor.

Em 1930, durante a III Semana Nacional da Educação participou dias 12 de maio (dia do lar) e 14 de maio (dia da escola), no Teatro Guaíra, dirigindo juntamente com a irmã Soledade as terceiranistas da Escola Normal. E no dia 18 de maio (dia da boa vontade) participou do encerramento do evento na execução do hino nacional realizado pelas terceiranistas da Escola Normal, ajudada pela irmã Soledade.

Em 17 de abril de 1929, Josepha regeu o coro da cerimônia religiosa do casamento de Bento Munhoz da Rocha e Flora Camargo e cantou a Ave-Maria sendo conduzida pelo maestro Romualdo Suriani.

Em maio de 1929, a irmã Soledade diplomou-se pelo Instituto Superior de Música do Rio de Janeiro. A partir de então, as

apresentações começaram a ser em conjunto, agora como duas professoras.

Em abril de 1934 Josepha fez parte do corpo docente do “Instituto de Música do Paraná Menssing-Seyer, idealizado pelo Professor Menssing (piano) e pelo Professor Seyer (violino), funcionou por três anos até a saída do Professor Seyer quando a entidade passou a se chamar Instituto de Música do Paraná Menssing e mais tarde Instituto de Música Raul Menssing.” (GILLER, 2013, p. 39).

Diploma do Instituto de Musica do Paraná Menssing (1955)



Fonte: acervo pessoal de Jacy Augusta de Moraes

Além das apresentações artísticas de destaque e das ações frequentes de filantropia, outro fato relevante chama a atenção na história de Josepha: seu nome aparece na relação dos eleitores de 1933 em Curitiba, numa época em que o voto ainda não era obrigatório para

as mulheres. Lembremos que a conquista do voto feminino no Brasil ocorreu em 1932 e esse ano passou a ser um marco na história da mulher brasileira.

No código eleitoral Provisório, Decreto Nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, o voto feminino no Brasil foi assegurado, após intensa campanha nacional pelo direito das mulheres ao voto. As mulheres conquistavam, depois de muitos anos de reivindicações e discussões, o direito de votar e serem eleitas para cargos no executivo e legislativo. Fruto de uma longa luta, iniciada antes mesmo da Proclamação da República, foi ainda aprovado parcialmente por permitir somente às mulheres casadas, com autorização dos maridos, e às viúvas e solteiras que tivessem renda própria, o exercício de um direito básico para o pleno exercício da cidadania. Em 1934, as restrições ao voto feminino foram eliminadas do Código Eleitoral, embora a obrigatoriedade do voto seguisse sendo um dever exclusivamente masculino. Em 1946, a obrigatoriedade do voto foi estendida às mulheres⁶.

Em 1937, o jornal O Estado, de Curitiba, comparou os estados do Paraná e do Espírito Santo com relação aos investimentos nos campos da arte e literatura e constatou que o Paraná deixava a desejar. Entre os artistas paranaenses, o jornal destacou aqueles que não se deixavam abater com a falta de investimentos, entre eles estava a professora de música Josepha. Nesse mesmo ano foi homenageada pelo jornal O Estado, de Curitiba como uma das figuras que ajudam no progresso

⁶ Há 80 anos mulheres conquistam o direito de votar e ser votadas. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Marco/ha-80-anos-mulheres-conquistaram-o-direito-de-votar-e-ser-votadas>. Acesso em 28/jan/2021.

artístico do estado do Paraná, sendo colocada ao lado de Raul Messing, Antonio Mellilo e Bento Mossurunga. (O ESTADO, 23/12/1937).

Josepha era membro da Associação dos Professores do Paraná, em outubro de 1948, quando, juntamente com a irmã Soledade, assinou o telegrama enviado ao governador Moyses Lupion, elogiando o projeto de lei que estabeleceu a carreira da classe, com padrão inicial M e promoção de cinco em cinco anos.

Em 1949, foi escolhida como um dos membros da Comissão de Arte do Subcomitê Paranaense da Comissão Interamericana de Mulheres, criado no governo de Moyses Lupion, sob o comando do secretário de Educação e Cultura Erasmo Pilotto. Nesse mesmo ano, em 7 de outubro, participou, juntamente com a irmã Soledade e outros fundadores, da criação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI), uma sociedade civil sem fins lucrativos, que atuou na cidade de Curitiba entre os anos de 1944 e 1976, promovendo concertos e recitais de música erudita, palestras e cursos ligados ao desenvolvimento da cultura musical na capital paranaense. (MEDEIROS, 2011).

Josepha iniciou sua carreira no magistério público do Paraná no dia 24 de abril de 1915, quando foi nomeada para exercer o cargo de professora de música no Ginásio Paranaense, Seção Feminina (figuras 59 a 61) . Depois, pelo Decreto Nº 716, de agosto de 1916, foi nomeada professora normalista para exercer o cargo de professora de Música da Escola Normal. Aposentou-se pelo Decreto Nº 10.073, de 6 de março de 1950, aos 61 anos de idade (anexo 17).

Figura 59 – Excerto de ata de reunião dos professores do Ginásio Paranaense 14/03/1939

Música: Noções de Termin Municipal de José Rainaldo da Silva e Embudo Maccentet. Franz Wüllner. Marcha de Santo Ivoal (exercícios e salpejos). Domingo Raymond. Colunutor de Santo Orfeonias.

Antes de encerrar-se a sessão, o professor Adriano Robine, pedindo a palavra, justip. com um voto de louvor, a ficar consignado na ata desta reunião, a Direcção deste estabelecimento, pelo brilhantismo com que se apresentou nas festas Cívicas do ano passado. Se presenc. de as experiências do orador, o Sr. Director pediu seu voto extensivo às professoras Josepha Correia de Freitas e Raquel Loria de Oliveira, respectivamente, de música e educação física, a cujos esforços devia o estabelecimento grande parte do êxito conquistado.

Ninguém mais usando da palavra, o Sr. Director encerrou a sessão, mandando ler as a seguinte

Elogio à Josepha pela participação nas festas cívicas de 1938

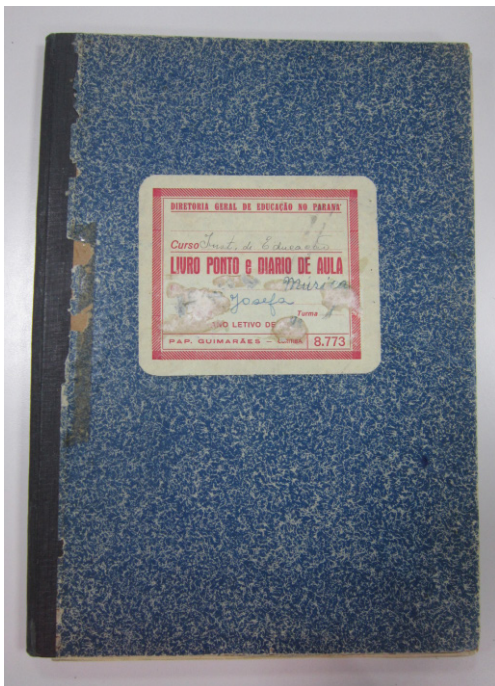
Fundo PB074 – IEPPEP, Livro Ata da reunião em congregação com os professores da seção feminina do Ginásio Paranaense (1939-1963), Nº 112.

Figura 60 – Assinatura de Josepha na ata de reunião de professores do Ginásio Paranaense 14/03/1939

Thales Pacheco Aguiar, Sup. Local
 Evaldo ~~de~~ diretor
 Nicéphore H. Falaz.
 Elit S. da Silva.
 Henrique Petter
 Carlos de Canto Pereira
 Givanildo
~~de~~ Oliveira
 Jerônimo Mazzarotto
 Josepha Correia de Freitas ←
 Rachel de Oliveira
 José do Higgins.
 Francisco
 Oswald
 Vilfredo Frin, Secretário.

Fundo PB074 – IEPPEP, Livro Ata da reunião em congregação com os professores da seção feminina do Ginásio Paranaense (1939-1963), Nº 112.

Figura 61 – Capa do livro de registro de frequência – Professora Josepha



Fundo PB074 – IEPPEP, Nº 281.

Para o ano letivo de 1939, as professoras de canto e música, Josepha e Raquel Doria de Oliveira, selecionaram os seguintes livros:

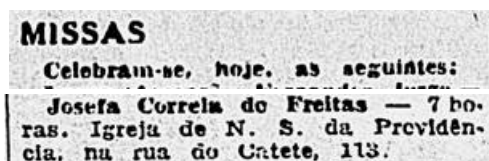
- a) Elementos de canto orfeônico, de Domingos Raymundo;
- b) Noções de teoria musical, de José Raimundo da Silva e Antenor Nascentes;
- c) Escala de canto geral (exercícios e solfejos), de Franz Wüllower.

No ano de 1956, já aposentada, passou a residir, juntamente com a irmã Soledade, na capital federal, na cidade do Rio de Janeiro (anexo 18), porém visitavam, constantemente, a capital paranaense.

Faleceu na capital federal, cidade do Rio de Janeiro aos 10 de outubro de 1960, aos 71 anos de idade. No dia 16 de outubro, foi realizada

sua missa de sétimo dia de falecimento na Igreja Nossa Senhora da Providência, na rua do Catete número 113 no Rio de Janeiro (figura 62). Seus ossos foram trasladados para Curitiba em 25 de outubro de 1965, para o túmulo da família, no Cemitério Municipal São Francisco Xavier de Paula (figura 63).

FIGURA 62 – Missa de 7º dia de Josepha Correia de Freitas



Diário de Notícias/RJ, 16/10/19160, p. 11.

FIGURA 63 – Túmulo da professora Josepha Correia de Freitas



Foto de Murilo Lazzarin

4.3 SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1900 - 1968)

Professora Soledade Correia de Freitas



Foto do acervo de Paulo José da Costa

Soledade nasceu em Curitiba, no dia 07 de julho de 1900. Era a filha caçula de Luiza e José Correia de Freitas.

Iniciou os estudos na Escola Pública do Juvevê, que era dirigida pela mãe. No ano de 1906, passou a estudar na escola particular da mãe, que

levava o seu nome, Colégio Soledade (figura 64). Foi sempre aprovada com distinção nos exames de instrução.

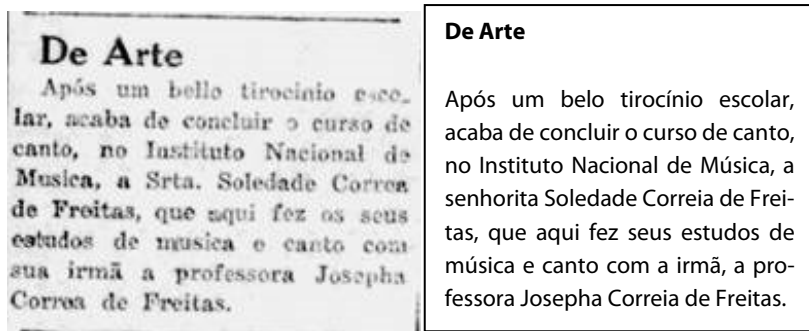
FIGURA 64- Anúncio Colégio Soledade



A Notícia, 07/07/1906, p. 2.

Sendo onze anos mais nova do que a irmã Josepha, Soledade iniciou seus estudos de canto com ela (figura 65). Antes de se formar em música, pelo Instituto Nacional de Música, aparecia nos anúncios como auxiliar da irmã, e depois de formada, como professora. Não seguiu uma carreira solo, sempre atuou em conjunto com a irmã Josepha, sendo ela mezzo soprano e a outra soprano.

FIGURA 65- Soledade aluna de canto da Josepha



O Dia, 27/12/1928

Em março de 1926, partiu para o Rio de Janeiro, para estudar música e canto. Foi aluna do professor catedrático Carlos de Carvalho. Os jornais da época destacavam seu brilhantismo:

A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO PARANÁ

Encontra-se novamente nesta capital de regresso do Rio de Janeiro, acompanhada de sua excelentíssima família a senhorita Soledade Correa de Freitas que no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, concluiu com brilhantismo o curso de solfejo e teclado.

Naquela capital ainda permanece matriculada no mesmo Instituto a senhorita Lili Wischral, que acaba de fazer concurso sendo classificada no 5º ano de canto do professor Carlos de Carvalho e no 3º ano do de solfejo e teoria do professor Alfredo Reichdart, tendo concluído o curso de teclado.

Ambas essas senhoritas, verdadeiras revelações artísticas, prepararam-se, nesta capital com a professora, a senhorita Josepha Correia de Freitas, também diplomada pelo Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Como demonstração eloquente da excelência dos métodos e da competência da professora conterrânea a quem tanto deve a educação artística da mocidade patrícia, transcrevemos abaixo o honroso atestado seguinte:

“O Dr. Alfredo Raymundo Richard, professor cathedrático do Instituto Nacional de Música e vice-diretor da Escola Normal do Distrito Federal atesta que, como presidente de admissão do Instituto Nacional de Música,

examinou a senhorita Soledade Corrêa de Freitas, tendo a mesma revelado excepcionaes qualidades artisticas, merecendo a aprovação grau 9 – máximo de pontos concedidos em concurso de admissão, e que equivale à nota optima em todas as provas. Rio de Janeiro, 27 de março de 1926.”

Alfredo Raymundo Richard

(O DIA, 11/04/1926, p. 5)

FIGURA 66 – A educação artística no Paraná

**A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
- NO PARANÁ -**

Encontra-se novamente nesta capital de regresso do Rio de Janeiro acompanhada de sua exma. família a senhorita Soledade Corrêa de Freitas que no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, concluiu com brilhantismo os cursos de solfejo e teclado.



Naquella capital permanece ainda matriculada no mesmo Instituto a senhorita Lily Wischral que acaba de fazer concurso, sendo classificada no 5º anno de canto, do curso do professor Carlos de Carvalho e no 3º anno do de solfejo e teoria do professor Alfredo Reichardt, tendo concluido o curso de teclado.

Ambas essas senhoritas, verdadeiras revelações artisticas, preparam-se nesta capital com a professora, senhorita Josepha Corrêa de Freitas, tambem diplomada pelo Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro.

Como demonstração eloquente da excellencia dos methodos e da competencia da professora, contorramos a quem tanto deve a educação artistica da mocidade paranaense, transcrevemos abaixo o honroso attestado seguinte:

“O Dr. Alfredo Raymundo Richard, professor Cathedratico do Instituto Nacional de Musica, professor Cathedratico e Vice-Director da Escola Normal do Districto Federal.

Attesta que, como presidente do concurso de admissão no Instituto Nacional de Musica, examinou a senhorita Soledade Corrêa de Freitas, tendo a mesma revelado excepcionaes qualidades artisticas, merecendo a aprovação grau 9 — máximo de pontos concedidos em concurso de admissão, e que equivale à nota optima em todas as provas.

Rio de Janeiro, 27 de Março de 1926
Alfredo Raymundo Richard
(Firma reconhecida pelo tabelião Eugenio L. Muller).”

O Dia, 11/04/1926, p. 5.

A notícia destaca, ainda, a importância do papel da irmã Josepha para a Educação Artística no Paraná, pois tanto Soledade, quanto Lily Wischral, ainda em formação no Instituto Nacional de Música, foram

preparadas por ela. Portanto, a atribuição da nota máxima à irmã também atestava a “eloquente excellencia dos methodos e da competencia da professora contrerranea a quem tanto deve a educação artística da mocidade patrícia”. (O DIA, 11/04/1926, p. 5). O uso de adjetivos para caracterizar as artistas e induzir a opinião do público é evidente nas matérias jornalísticas vinculadas sobre as professoras Correia de Freitas.

Soledade finalizou sua formação no Instituto Nacional de Música em 1928 e retornou para Curitiba. Já em Curitiba, com a irmã Josepha, abriram a Escola de Canto Josepha e Soledade Correia de Freitas (figura 67).

FIGURA 67 – Anúncios da Escola de Canto Josepha e Soledade Correia de Freitas

<p>Josepha e Soledade Correia de Freitas, professoras diplomadas pelo Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro, lecionam pelos metodos mais faceis e modernos — canto, piano, teoria musi- cal, solfejo, ginastica, ins- trução primaria e caligra- fia, preparando os alunos para exames e concursos no referido Instituto. Rua Desembargador Westphalen, 107</p>	<p>JOSEPHA E SOLEDADE CORREA DE FREITAS</p> <p>Professoras diplomadas pelo Insti- tuto Nacional de Música do Rio de Janeiro, lecionam pelos métodos mais fáceis e modernos – canto, pi- ano, teoria musical, solfejo, ginástica, instrução primária e cali- grafia, preparando os alunos para exames e concursos no referido Instituto.</p> <p>Rua Desembargador Westphalen, 107</p>
--	---

Diário da Tarde, 21/04/1936

Ensino de Musica

Em aulas diurnas e noturnas — Josepha e Soledade Corrêa de Freitas, professoras diplomadas pelo Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro, leccionam pelos methodos mais modernos", canto, piano, theoria, solfejo e noções de hygiene da voz, "preparando os alumnos para os concursos e exames de admissão no referido Instituto Nacional, ou em qualquer outro Instituto ou Conservatorio do País.

Auxiliadas por sua Mãe, a profesora jubilada Luiza Neto Corrêa de Freitas — ensinam tambem, por um methodo proprio e facil", todas as materias concernentes á instrução primaria, "apromptando os discipulos para exames na Escola Normal, no Gymnasio", etc. etc.

Ministram ainda — lições de francez e gymnastica propria para fortalecer e embellezar o organismo de senhoras e creanças.

Rua Rr. VWestphalen. 107 (antiga Ratcliff 19, enfrente á Sociedade dos Belleires.

ENSINO DE MÚSICA

Em aulas diurnas e noturnas, Josepha e Soledade Correa de Freitas, professoras diplomadas pelo Instituto de Música do Rio de Janeiro, lecionam pelos métodos mais modernos, canto piano, teoria, solfejo e noções de higiene da voz, preparando os alunos para os concursos e exames de admissão no referido Instituto Nacional, ou em qualquer outro Instituto ou Conservatório do País.

Auxiliada por sua mãe, a professora jubilada Luiza Netto Correa de Freitas, ensinam também, por um método próprio e fácil, todas as matérias concernentes a instrução primária, aprontando os discípulos para exames na Escola Normal, no Ginásio, etc.

Ministram ainda, noções de francês e ginástica própria para fortalecer e embelezar o organismo de senhoras e crianças.
Rua Ds. Westphalen, 107 (antiga Ratcliff, 19)

A República, 01/07/1929.

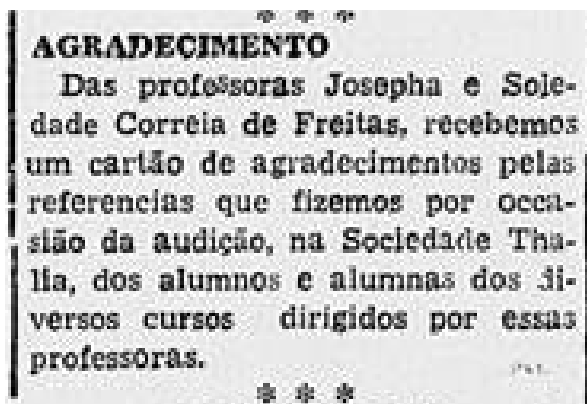
Em maio de 1929, no orfeão da Escola Normal, Soledade, recém diplomada pelo Instituto Nacional de Música, realizou recital de canto orfeônico⁷, acompanhada ao piano pela irmã Josepha, em homenagem a Affonso Camargo e sua esposa Etelvina.

Com frequência, os periódicos locais anunciavam as audições de canto e piano do curso particular das professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas. As professoras frequentemente estavam presentes nas comemorações da semana da pátria, do dia da primavera, de eventos beneficentes, entre outros. Sempre enviavam às redações dos

⁷ O canto orfeônico tem suas origens na França, no início do século XIX, quando era uma atividade obrigatória nas escolas municipais de Paris. É um canto coletivo, de características próprias, no qual se organizam conjuntos heterogêneos de vozes. A prática do canto orfeônico não exige conhecimento musical ou treinamento vocal prévio. (JORDÃO, 2012).

periódicos, cartões de agradecimento pela cobertura que esses faziam da suas participações no mais variados eventos da cidade de Curitiba. (figuras 68 e 69).

FIGURA 68 – Carta de agradecimento das professoras Correia de Freitas



O Estado, 15/12/1937, p. 3.

FIGURA 69 – Anúncios audição dos alunos das professoras Correia de Freitas



Diário da Tarde, 01/08/1936

O Estado, 23/05/1937, p. 2.

Com a irmã Josepha, Soledade se apresentou cantando e tocando, além de haver organizado várias audições de canto, seja com os alunos

da Escola de Canto particular, os alunos da Escola Normal ou os alunos do Ginásio Paranaense. (figura 70, Apêndice 4).

FIGURA 70 – Anúncios audições de canto

<p>Cultura Artística</p> <p>AUDIÇÃO DE CANTO DA SRTA. LETICIA MATTANA</p> <p>Realiza-se amanhã, dia 19 do corrente, com início às 20 e meia horas, nos salões da Sociedade Thalia, uma audição de canto, da gentil senhorita Leticia Mattana, a jovem artista conferiança, que é alumna do Curso Superior de Canto da Prof. Josepha Corrêa de Freitas, vem se destacando com brilhantismo, motivo pelo qual a sua audição de amanhã, irá marcar epocha nos annaes artisticos e sociais da capital.</p> <p>A senhorita Leticia Mattana organizou para o seu recital de amanhã, um caprichoso programma, onde se destacam numeroz de grãti de valor.</p> <p>O programma está assim organizado:</p> <p style="text-align: center;">1.ª PARTE</p> <p>1) Saint Suens — Samson et Da</p>	<p>lila (Air transp. pour soprano)</p> <p>2) Puccini — La Bohème (Solo di Mimi)</p> <p>3) Franz Liszt — Sonho Je Amor (arranjo de Francisco Mignone)</p> <p>4) Paolo Tosti — Non t'amo piu (Melodia)</p> <p>5) Hots chonbey — Dites lui</p> <p>6) Campana — La Farfalla</p> <p>7) Puccini — Mme. Butterfly (acto II solo Butterfly)</p> <p style="text-align: center;">2.ª PARTE</p> <p>1) Mattei — Non torno (Romanza)</p> <p>2) Massenet — Manon (scena della seduzione)</p> <p>3) Buzzl — Peccia — Torra Amore (Melodia)</p> <p>4) Puccini — Manon Lescaut (solo di Manon nel duetto con Lescaut)</p> <p>5) Marcello Tupinambá — Canção Triste.</p> <p>6) Vogeler — A Canção Brasileira — Opereta (Vals)</p> <p>7) Alberto Costa — Canto da Saudade.</p> <p style="text-align: center;">* * *</p> <p>Os acompanhamentos ao piano serão feitos pelas professoras Josepha e Soledade Corrêa de Freitas.</p>
---	---

O Estado, 18/08/1937, p. 2.

<p>AUDIÇÃO DE CANTO E PIANO</p> <p>Após prolongada e ansiosa expectativa, em possos meios artisticos, realisa-se hoje, sabbado, com inicio ás 20,30 horas, na Sociedade Thalia, a audição de canto e piano dos alunos dos cursos particulares das competentes professoras Josepha e Soledade Corrêa de Freitas.</p> <p>O programa a ser apresentado á selecta e culta assistencia que para</p>	<p>alli accorrerò, constará de escolhidas peças dos melhores compositores nacionaes e estrangeiros.</p> <p>Graças ao elevado conceito em que são tidas essas duas projectas educadoras parterranas, que contam em seus cursos com grande numero de alunos de ambos os sexos, o recital de hoje forçosamente irá se revestir de grandioso exito, concorrendo para isso o carinho com que foi organizado o programa e aos interpretes que são, inegavelmente, valores da nova geração artistica paranaense.</p>
---	---

O Estado, 11/12/1937, p. 3.

* * *

AUDIÇÃO DE CANTO

Será realizada hoje, no Orpheão da Escola Normal, com início às 20 horas e meia, uma audição de canto das alumnas das competentes professoras dd. Josepha e Soledade Correia de Freitas.

Essa noite artística, que vem sendo muito esperada em nossas rodas estudantis e sociais, promete revestir-se de grande successo, em vista do caprichoso programma que foi organizado e dos elementos que irão tomar parte.

E' o seguinte o programma:

Primeira parte

Trechos da opereta "Canção Brasileira".

1 — "A Canção" — professora Josepha C. de Freitas.

2 — "O Tango" — João Gloria.

3 — "O Fado" — Wilson Ribeiro.

4 — "O Samba" — Solo por Augusto Rocha e coro por João Gloria, Wilson Ribeiro, Durval Zonani, André Aquim, Horacio Boscardim e Henrique Luz.

Segunda parte

1 — "Estrellita" (canção mexicana) — prof. Josepha C. Freitas.

2 — Canção da opereta "O vendedor de passaros" (adaptada ao portuguez) — meninos Dione Cruz e Henrique Luz.

3 — a) "Cabocla serrana" (tango brasileiro); b) "Tuya" (tango argentino) — prof. Soledade C. de Freitas.

4 — "Oh! Maria" (valsas) — Augusto Rocha.

5 — "Canção gaucha" — d.^a Adalgisa Bhalto.

6 — a) "Cancion de las flores"; b) "Cló-Cló" (canção) — srta. Yolanda de Lima.

7 — "Estello" (valsas) — João Gloria.

8 — a) "Historia de uma violeta"; b) "Manolita" — d.^a Jeanine Borges.

9 — "Seresito" (canção) — d.^a Olga de Lima Macedo.

10 — "Luz culpada" (canção) — Wilson Ribeiro.

11 — a) "La enredadera"; b) "Bonequinha de seda" — srta. Abigail Santos.

12 — a) "La violetera" (canção); b) "Cló-Cló" (valsas) — srta. Carmen Taborda.

13 — "Por una cabeza" (tango argentino) — Augusto Rocha.

14 — "A Severa" (fado) — prof. Soledade C. de Freitas.

Eram constantes as viagens das irmãs Correia de Freitas para a cidade do Rio de Janeiro. De abril a agosto de 1934, permaneceram na capital federal estudando, e quando retornaram, anunciaram a reabertura de sua Escola de Canto (figura 71).

FIGURA 71 – Anúncio reabertura da Escola de Canto

AVISO

As professoras Joséfa e Soledade Corrêa de Freitas, diplomadas pelo Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro, avisam seus alunos e a quem mais possa interessar que, tendo regressado da Capital da Republica, reabriram os seus cursos de teoria e solfejo canto, piano, fisiologia e higiene da voz, ginastica, história da Musica, francês, caligrafia, instrução primaria e elementar, continuando a preparar alunos para exames de admissão e concursos no Instituto da Universidade do Rio de Janeiro ou em qualquer outro estabelecimento congenero do Pais e bem assim para o Ginásio ou para a Escola Normal.

NOTA IMPORTANTE

Todos os alunos preparados pelas referidas professoras têm obtido notas boas e ótimas nos concursos do citado Instituto.

Rua Des. Westphalen, 107

Commercio do Paraná, 19/08/1934, p. 8.

Em 1935, Josepha realizou uma palestra na Estação de Rádio de Curitiba e depois, com sua irmã Soledade, cantaram algumas canções. Em março de 1937, as irmãs enviaram ao então interventor Manoel

Ribas, “*respeitosos cumprimentos e votos de perene solenidade pelo seu aniversário*”. E assim faziam com outras personalidades da sociedade curitibana.

A Sociedade Amigos do Livro e Belas Artes foi fundada, em Curitiba, em 1938, pela iniciativa de Aluízo França. Soledade participou da composição da primeira diretoria como membro do conselho de música, canto, declamação e rádio-difusão. O objetivo dessa sociedade era editar livros e revistas, difundir os trabalhos dos escritores, promover e patrocinar conferências, recitais, concertos e exposições artísticas. Faziam parte dessa sociedade, vários nomes de destaque na sociedade paranaense, como Valfrido Pilotto, David Carneiro, João Turin, Teodoro de Bona, Amélia Assunção, Jayme Ballão Junior, Benedito Nicolau dos Santos, Plácido e Silva, entre outros.

Em 1944, junto com a irmã Josepha, Soledade participou da fundação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê (SCABI), entidade civil, que funcionou até 1976, formada por grupo de intelectuais, dentre os quais se destacaram os paranaenses Raul Gomes (1889-1975) e Erasmo Pilotto (1910-1992), e o carioca Fernando Corrêa de Azevedo (1913-1975).

A entidade fundou a primeira orquestra sinfônica erudita de Curitiba, que ficou conhecida como Orquestra Sinfônica da SCABI, difundindo música sinfônica de caráter erudito durante a segunda metade da década de 1940. As iniciativas da SCABI ligadas à educação artística e à formação de platéia em música erudita, deram continuidade e ampliaram as possibilidades do panorama musical existente em Curitiba, iniciado nas primeiras décadas do século XX, por meio das atividades desenvolvidas por Leo Kessler (1882-1924) e a formação de musicistas no Conservatório de Música do Paraná (1916), do mesmo modo por meio da difusão musical realizada por Romualdo Suriani (1880-1943) e a Banda da Força Militar do Estado (1912),


posteriormente com a Sociedade Sinfônica de Curitiba (1930). O período de atividades artísticas da SCABI e sua orquestra sinfônica, está inserido em um contexto de valorização da identidade regional do Paraná, o Paranismo, comandado pelas camadas intelectuais e culturais locais, responsáveis pela criação de diversas entidades e espaços culturais, visando ao desenvolvimento das práticas artísticas na sociedade curitibana. (MEDEIROS, 2011, p. vi)

Segundo Vieira (2011), o corpo docente da Escola de Professores⁸ era selecionado e composto por profissionais competentes e dedicados. No ano de 1940 era composto por nomes como Erasmo Pilotto, Helena Kolody, Olga Kolody, Josepha e Soledade Correia de Freitas. A professora Lindamir Pianovski, avó da autora Vieira (2011), foi aluna das professoras Josepha e Soledade e fez parte da turma de professorandas de 1940, cuja oradora foi a aluna Chloris Casagrande Justen (figura 72). A missa das professorandas de 1940 foi realizada dia 21 de novembro de 1940, às 8 horas, celebrada por Dom Atico Eusébio da Rocha, na Catedral de Curitiba. As professoras Josepha e Soledade, mais as alunas foram acompanhadas ao órgão pelo musicista Ruy Leal. (O DIA, 21/11/1940, p. 4).

⁸ Com a reforma de 1923 de Lysimaco Ferreira da Costa foi criada a Escola Normal. Em 1938 pelos decretos Nº 6150 de 10 de janeiro e Nº 6597 de 16 de março a Escola Normal passa a se chamar Escola de Professores. Em 1946 com a Lei Orgânica do Ensino Normal passa a se chamar Instituto de Educação. A partir de 1993 passou a se chamar Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto. Disponível em <http://institutoerasmopilotto.blogspot.com.br/>. Acesso em 10/out/2020.

FIGURA 72 - Professorandas de 1940

**AS PROFESSORANDAS
DE 1940
escolheram o seu paraninfo**



DR. BRITO PEREIRA

As professoras que colarão grau este ano e cuja turma é composta de 156 jovens, escolheram como paraninfo o dr. Carlos de Brito Pereira, figura das mais simpáticas e brilhantes do corpo docente da Escola Normal de Curitiba.

Os festejos da colação de grau obedecerão ao seguinte programa:

No dia 21 de novembro às 8 horas da manhã será celebrada na Catedral Metropolitana, missa solene, com comunhão geral de todos os graduandos oficiada por S. E. revmo. d. Atílio E. da Rocha, arcebispo metropolitano.

Às 20 horas, será levado a efeito no Teatro Avenida a entrega dos diplomas; falará nessa ocasião representando a turma a aluna Cloris Casagrande.

Dia 23, nos salões do Clube Concordia, realizar-se-á com início às 22 horas, grandioso baile comemorativo.

Chloris Casagrande Justen, ex-professora do I.E.P. e ex-aluna de Josepha e Soledade, em entrevista concedida à Marilda Iwaya no ano de 2000, fez a seguinte descrição das professoras Correia de Freitas:

E como não se lembrar das irmãs, dona Josefa e dona Soledade Corrêa de Freitas, professoras de canto no curso ginásial, figuras quase folclóricas no I.E.P., sempre de sombrinhas, eram inseparáveis, uma auxiliava a outra. Nós tínhamos duas professoras que hoje a gente admite, se louva como elas eram competentes. Mas como elas tinham um tipo de traje, que era muito antigo para nós, elas ainda usavam chapéus, e poás, então nós as maltratávamos, as maltratávamos muito, porque elas eram duas irmãs, uma bem grande, que tinha um busto bem grande, ela que era a cantora, e a outra era miudinha, e nós nos divertíamos muito brincando com elas. Às vezes eu tenho remorso. (Prof^a. Chloris, 2000). (IWAYA, 2000, p. 74-75).

Em outra entrevista, concedida à Tereza Britto em 2005, Chloris Casagrande complementou a descrição anterior:

Havia duas professoras no Instituto de Educação, que ensinavam música e canto. Eram duas irmãs. Uma, tipo prima-dona, voz possante, prepotente! A outra, miudinha, minha altura mais ou menos, ligeirinha. Elas se completavam. A mais velha se chamava Josefa Correia de Freitas e a mais nova Soledade. Eram muito estranhas. As meninas da escola comentavam que o pai dessas professoras, com medo de que gastassem o dinheiro que ia lhes deixar, comprou um baú de roupas. Então elas se vestiam de maneira esquisita. Usavam guarda-chuvas, casacos, chapéus, tudo fora de moda. Veja, a sociedade naquele tempo era muito fechada. As pessoas que não possuíam famílias, amizades, não tinham aonde ir. Essas irmãs viviam sós. Eram estranhas, mas excelentes professoras. Já no início do último ano, começavam a preparar a missa de colação de grau. As aulas de música eram todas em função dessa missa. Nós cantávamos músicas maravilhosas, hinos!... Daí elas [as professoras] constataram que minha voz era contralto e junto com

outra de voz soprano, fomos escolhidas para fazer o solo. Ensaíamos bastante. (BRITTO, 2005, p. 75-76).

Chloris Casagrande (2015) forneceu mais alguns detalhes da vida dessas professoras, referindo-se ao depoimento que concedeu à Britto (2005) e acima citado,

Essas professoras não tinham dinheiro, elas se mantinham sozinhas, por isso elas andavam com as roupas “*fora de moda*” utilizando chapéus, sombrinhas e poás, que não eram mais comuns para a época. Essas professoras “eram de vanguarda”, pois tingiam os cabelos e naquela época essa ainda não era uma prática comum, a maioria das mulheres deixavam os *cabelos grisalhos*. iam sozinhas, caminhando da casa delas, na rua Desembargador Westphalen, até à Escola Normal, na rua Emiliano Pernet, numa época em que não era comum as mulheres saírem à rua sem uma companhia masculina. Na rua andavam com a postura ereta, “*empinadas*” e com passos muito rápido. Muitas vezes eu cruzava com as professoras na rua. Durante as aulas de música, na Escola Normal, Soledade ficava ao piano e Josepha ensinava a música aos alunos. (CHLORIS, 2015).

Outra ex-aluna, a senhora Jacy Augusta Moraes Travasso (2021) declarou que Josepha, a mais velha e de maior estatura, repreendia a irmã Soledade toda vez que essa errava a música. Comentou que as duas brigavam muito, mas não se largavam. Ambas tinham “*vozes lindas e uma grande cultura, pois conheciam todas as óperas*”. Lembra, com saudosismo, como a arte estava presente na formação intelectual na sociedade da primeira metade do século XX.

As professoras Josepha e Soledade eram o “pagode” da escola, as alunas debochavam delas por terem cheiro de mofo e usarem sombrinhas, cada uma tinha a sua, Josepha sempre andando na frente e a Soledade atrás. Via sempre essa cena na saída da escola. Nos dias de aula de canto e música com

elas era uma bagunça, uma falação, elas demoravam colocar ordem na turma e depois ainda tinham que nos fazer cantar. A maioria não cantava nada. (JACY, 2021).

Lucília Defreitas, ex-aluna e também parente das professoras, estudou com as primas de sua mãe no ano de 1945, relata:

Elas eram muito exóticas, foram minhas professoras de canto no ginásio. Em pleno calor um dia apareceram usando casacos de pele de urso que diziam ter comprado quando de sua viagem para a Rússia. Elas viajavam muito. A Josefa mandava na Soledade e várias vezes a repreendia. A turma ria muito com as brigas delas, por causa de uma nota ou ritmo. Lembro que certa vez Josefa brigou com o maestro Bento Mossurunga e ele saiu da sala batendo a porta. (LUCILIA, 2021).

Joseline Pedroso, irmã de Lucilia, também foi aluna das irmãs Josepha e Soledade no ano de 1951. Entre as recordações que possui das professoras, que também eram suas parentes, declarou:

Quando eu tinha 11 anos tive aulas de canto com elas [Josepha e Soledade]. Eram aulas particulares na casa delas. Elas falaram para o meu pai que atendiam em casa, aí ele me levou e elas me deram aulas. Sei que se formaram em canto e piano no Conservatório do Rio de Janeiro e receberam medalha de ouro. Elas me deram uma partitura com dedicatória, tirada da página de uma revista (figura 73). Comigo eram muito dedicadas e atenciosas. Lembro que a Josefa era autoritária com a Soledade. Josefa exercia poder de mando sobre a Soledade. (JOSELINE, 2021).

Elas exageravam muito na maquiagem. Lembro que a Josefa tinha um anel grande com pedra as vezes negra, as vezes azul, e eu ficava intrigada porque era o mesmo modelo de anel, eram iguais, não sei se tinha dois anéis ou se pintava a pedra. Josefa era muito bonita tinha uma pele bem clara e aveludada, parecia uma figura daqueles medalhões antigos. (JOSELINE, 2021)

Figura 73 - Partitura da canção “A Francezinha”, de autoria de Eustórgio Wanderley com dedicatória da Professora Josepha para a aluna Joseline. Curitiba, 27 de março de 1951.

À inteligente Joseline, lembrança de sua professora Josepha

27-33-951.

A FRANCEZINHA
(CANÇONETA)

Musica e versos de E. Wanderley

Allegretto

ff

Sua francezinha que te ensinou a cantar.

ff = seu fa. cer. ra. Voad. B. na nos. a. ca. ta. Ver s.

pa. trô. s. tra. ce. lei. ra. Si. fal. lora. sum. tá. dor. rém. ... te.

F. queda. ten. vir. ra. z. que. To. me. um. ma. f. ore. lo. que. ta. Le. por. tu. g. u. ez. a. pre. ce.

de. Al. lon. ça. par. tí. do. la. pa. trô. La. par. tí. do. de. re. co. re. r. ra. (jullu)

I

Sua francezinha elegante,
Seu gosto eu lembro,
Vim de Paris aqui instalada,
Ver a pátria brasileira.

Se fala assim, tão corrente,
E que vive de vir pra aqui,
Comel um mestre... estancante,
E o português parodiado.

(Fala): — Tis o motivo por que
não se nota o menor sotaque es-
trangeiro na minha fala. Sem por-
tugaço enqui e nêl, o idioma do meu
paiz, e todos os dias canto meu
querido hymno. (Canta):

"Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé..."

II

Tu vivo sempre sorrindo,
Sou alegre e prazenteiro,
Pra mim o mundo é tão lido,
E não sei de ninguém.

Sei, entretanto, ser sério
Quando é preciso também,
Deixo de lado a pilheria
E falo como ninguém.

(Fala): — Realmente eu sei fa-
lar muito sério, quando por exem-
plo, digo: — Cominho não se brin-
ca! Mas a mim ser sério, vivo sim-
ples, rindo, brincando e cantando.
(Canta):

"Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé..."

III

Nunca constante elegia
Passo assim a vida inteira,
Tenho niso e primazia,
No riso eu sou a primeira.

Dar-me sorrindo e contente,
Aprecio meu amanhã,
E' meu viver innocente
Ser alegre e folgada.

(Fala): — Digen os velhos que
"muito riso é sinal de pouco sa-
ber". Ora, eu tambem já soui dizer
que esse tal riso só chega com o
ultimo deite que nos abraça em
loco, aos 18 ou 20 annos, e daqui
para lá, resto muitos annos ainda
para rir e brincar, cantando sem
fim... (Canta):

"Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé..."
(Seu Hado alegremente).

E. WANDERLEY
1951

Fonte: acervo pessoal de Joseline Pedroso

Os relatos acima destacam as atitudes e traços de excentricidade das irmãs Correia de Freitas. Características que poderíamos considerar como “sendo de família” uma vez que o tio paterno, Manoel Correia de Freitas, também ficou conhecido, na história do Paraná, como alguém excêntrico, dado aos sentimentos de igualdade e justiça que acabaram

caracterizando-o como socialista, e isso, na sociedade do final do século XIX e primeira metade do século XX, causava horror. (VANALI, 2017). Além dessa imagem de excentricidade e vanguardismo das irmãs Correia de Freitas, ficou também gravada na memória dos familiares também, o fato de serem bastante religiosas. Ibis Rodrigues Busse, neto de uma das primas de Josepha e Soledade, destaca:

Elas sempre acompanhavam as procissões e novenas. Eu era criança e era obrigado a participar. Lembro que durante as procissões haviam paradas e as duas subiam em palcos já instalados e cantavam. E cantavam bem. Nas novenas que eram dentro das igrejas elas subiam nos púlpitos e cantavam. Frequentavam direto a igreja e eram muito religiosas. Como eram solteiras, elas doaram os seus bens para a igreja. Antes não havia a rua José Loureiro ligando as ruas Doutor Murici e Desembargador Westphalen. Quando a prefeitura abriu essa parte da rua, pegou bem o espaço aonde ficava a casa delas. Todo o quarteirão ali pertencia a elas. Então elas receberam a indenização da prefeitura e com esse dinheiro construíram o prédio que leva o nome do pai delas – José Correia de Freitas. Elas iam direto para o Rio de Janeiro, principalmente durante o inverno quando ficava muito frio em Curitiba e quem podia fugia da cidade que ficava deserta e sem nada para fazer. Era chique, quem podia e tinha posses, alugava ou até mesmo comprava uma casa no Rio de Janeiro ou ficava em pensão. Naquela época não tinha tanto hotel. Elas tinham uma parente que movara no Rio de Janeiro, a Olympia, e elas sempre a iam visitar. As vezes, essa parente vinha para Curitiba visitá-las e ela promovia encontros junto com o poeta Santa Rita [Antônio Francisco de Santa Rita Júnior], de declamação de poemas. Eu era criança e acha aquilo muito chato, mas tinha que ficar porque minha mãe e avó me levavam e não me deixavam sair da sala. Com minha avó Thereza, íamos visitar a dona Luiza e as primas Josepha e Soledade, mas antes minha avó me recomendava: “- Não coma e não beba nada que te oferecem!” e eu perguntava: “-mas vó, vamos na hora do lanche, como é que vou fazer se me oferecerem algo?”, ela respondia: “- empurre o prato e o copo para o lado e não coma”. Tudo isso porque comentavam na família que

a dona Luiza era feiticeira. Costumávamos ir entre 3 a 4 horas da tarde, então sempre ofereciam um lanche, mas minha avò era taxativa: “- se você comer alguma coisa, ela pode te enfeitiçar!” Lembro que a dona Luiza ficava sentada em uma cadeira, com as pernas cobertas, sentada ao lado da porta e atrás um terreno bem grande. Ela não falava muito. Minha avò falava mais. Das professoras Josepha e Soledade lembro que as bochechas estavam sempre bem vermelhas de tanto rouge que usavam. Eu achava engraçado. (IBIS, 2019).

Os jornais da época ilustram alguns dos pontos levantados pelo senhor Ibis, como em dezembro de 1941, quando Josepha e Soledade cantaram a Ave-Maria na missa de amizade em comemoração ao nascimento do historiador paranaense Romário Martins. Também cantaram a Ave-Maria na missa de ação de graças mandada rezar para as telefonistas pela senhora Acácia de Macedo e Costa e sua filha Edy Costa. No início do século XX começou a afirmar-se um novo conjunto de profissões, quase por definição urbanas, nascidas da industrialização e das inovações tecnológicas, que já não se restringiam ao mundo fabril das operárias ou das costureiras e empregadas de balcão das casas comerciais. A telefonista tornou-se um dos tipos profissionais femininos urbanos, exemplo da emancipação feminina e da sua penetração em novos domínios do mercado de trabalho, que a imprensa começou a representar com alguma admiração.

A parente relatada no depoimento do senhor Ibis era uma prima das professoras Josepha e Soledade. Ela se chamava Olympia Lage. Era filha da irmã da professora Luiza, a senhora Olympia Netto com o comandante geral da Polícia Militar do Paraná, o coronel Benjamin Lage. O casal se mudou com os filhos para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1919, após o coronel Lage passar para a reserva da Força de

Segurança Pública do Paraná. Na capital federal, ele fez parte da primeira diretoria, como segundo tesoureiro, do Centro Paranaense que foi fundado em 27 de junho de 1925 e reunia os paranaenses residentes na cidade do Rio de Janeiro.

A prima Olympia nasceu em Curitiba no dia 17 de abril de 1911 e faleceu no Rio de Janeiro em 21 de janeiro de 2000. No ano de 1927, juntamente com a irmã Odalia, foi estudar na Escola de Artes do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Odália, nascida em 22 de setembro de 1908, se tornou funcionária pública. (figuras 74 e 75).

FIGURA 74 – Odália em 1934



Revista Light, setembro de 1934, p. 37

FIGURA 75 – Odália em 1936



Revista Light, agosto de 1936, p. 26

Olympia continuou os estudos de dança. Em 1943 se casou com o jornalista Vicente Sereno e passou a assinar Olympia Lage Sereno. No ano de 1953 ela era a assistente da primeira dama do Brasil, a senhora Darcy Vargas, e era considerada uma das colaboradoras de destaque da Legião Brasileira de Assistência (LBA). (figura 76).

FIGURA 76 – Olympia em 1953



Jornal do Brasil/RJ, 08/12/1953, p. 1.

Em abril de 1918, ocorreu o concurso: “Qual a moça mais bela de Curitiba?” Josepha Correia de Freitas recebeu 2 votos e Soledade Correia de Freitas recebeu 1 voto. A mãe Luiza, no entanto, fez uma reclamação referente ao concurso e solicitou a retirada do nome da sua filha, Josepha da lista de moças votadas como mais bonita de Curitiba, uma vez que a Igreja condenava a exposição física da mulher, que não podia se apresentar além da estética permitida pela moral católica.

O “temor em ficar solteira” parece não ter sido uma preocupação para Soledade, assim como para sua irmã Josepha, apesar de a sociedade curitibana da época não ser diferente da sociedade nacional, ou seja, era patriarcal e educava suas filhas para as funções de mãe e esposa. O casamento era frequentemente o meio escolhido entre as famílias com a mesma situação social. Apesar da família Correia de Freitas partilhar do mesmo espaço de outras famílias da classe dominante tradicional, nenhuma das irmãs se casou, mantendo, no entanto, um papel muito ativo na vida social e cultural da cidade. A representação da professora solteirona é muito utilizada para justificar a completa entrega das mulheres à atividade docente, reforçando a ideia de que essa mulher deixava de viver sua própria vida, vivendo-a através de seus alunos e alunas, esquecendo de si.

Com relação às professoras Correia de Freitas, não encontramos nenhum registro que nos possibilitasse reconstruir suas posições perante esse assunto. Mas o ser mulher, em seu período histórico, ainda que inserido num contexto republicano, era marcado pelo ideal católico e da classe dominante. Assim, o magistério era visto como a ocupação feminina por excelência, por ser a “continuação do lar”. Foi o espaço de atuação profissional aceita pela sociedade em relação a mulher. Pesquisas anteriores demonstram que as camadas médias e dominantes não aceitavam com naturalidade que suas filhas exercessem a profissão de professoras, só em casos extremos, devido a condições financeiras, ou falta de casamento. Para outras famílias, a profissão era um meio de aumentar a renda familiar. Esses estudos apontam a importância do papel social exercido pela mulher na Primeira República, período de transição entre o novo e o velho na sociedade brasileira que provocou mudanças em várias esferas da sociedade e nas quais a mulher

participou, ainda que enclausurada pelos ideais católicos e oligárquicos da sociedade republicana. (NAGLE, 1974; NOVAES, 1995).

Em 1945, na colação de grau da seção feminina do Ginásio Paranaense, que significava uma expressiva vitória intelectual para as mulheres, Josepha e Soledade regeram o coro da cerimônia (figura 77).

FIGURA 77 – REGÊNCIA DE CORO PELAS IRMÃS CORREIA DE FREITAS

**Colação de Grau no
Ginásio Paranaense**

No próximo dia 10, mais uma numerosa e luzida turma de estudantes colará grau, pelo Ginásio Paranaense, Seção Feminina, desta Capital.

Foi organizado excelente programa para solenizar essa expressiva vitória intelectual, constando o mesmo do seguinte:

— Dia 10 — A's 8 horas —
Attilio Euzébio da Rocha, Côro Catedral Metropolitana; celebração por S. Excia. Revma. D. Attilio Euzébio da Rocha, Côro a cargo das graduandas, sob a regência das rotas, Josefa e Soledade Correia de Freitas. A's 20 horas — Solene entrega dos certificados no salão da Sociedade Thalia.

As graduandas de 1945 serão parâinifadas pelo prof. dr. Raul Gomes, figura de larga projeção nos círculos magisteriais e intelectuais contemporâneas.

No ano de 1949, as duas irmãs fizeram parte da relação dos professores homenageados pelas formandas do Instituto de Educação do Paraná (figura 78).

Em 1950, é concedida à Soledade, que entrou para o magistério público do Paraná como professora auxiliar de música do Ginário Paranaense da Seção Feminina, licença especial de seis meses por não ter se afastado do exercício de suas funções durante o decênio de 1936 a 1946 (anexo 19). Após esse período, ela entra com vários pedidos de licença médica para tratamento de saúde e não retornou mais às salas de aula⁹. Esses pedidos de licenças coincidem com a aposentadoria da irmã Josepha, ou seja, juntas deixaram as salas de aulas do magistério público do Paraná.

⁹ Portaria nº 2524 de 11/09/1952 (APP, Ficha Funcional nº 13.679).

FIGURA 78 – PROFESSORANDAS DE 1949

Turma Professora Ledi de Melo Cid

As professorandas de 1949 do Instituto de Educação de Curitiba, da Turma Professora Ledi de Melo Cid, estarão presentes à missa das 10 horas, na Catedral Metropolitana, domingo próximo, dia 24 do corrente. A turma de graduandas de 1949 foi assim constituída:

PATRONA DA TURMA DE 1949

Prof. Ledi de M. Cid

HOMENAGENS

<p>Dr. Faustino Fávoro — Director</p> <p>América Sabóia Ana Cléia B. Moritz Annete C. P. Macedo Ceclia M. Westphalen</p>	<p>Emilia D. Ribas Eny Caldeira Esther Tourinho Helena Kolody Jorge Kaszas Josephá Corrêa de Freitas</p>	<p>Beatriz Quadros Ribas — Assistente Técnica</p> <p>Lenira Faria Lilian Vieira z Lourdes Pegoraro Miracy Britto</p>	<p>Porcia G. Alves Prudência Vellozo Rosinha C. de Macedo Roselís V. Roderjan Rubens A. Miranda Soledade Corrêa de Freitas</p>
--	--	--	--

PARANINFO

Dr. Flávio Molleta Maurer.

PROFESSORANDAS

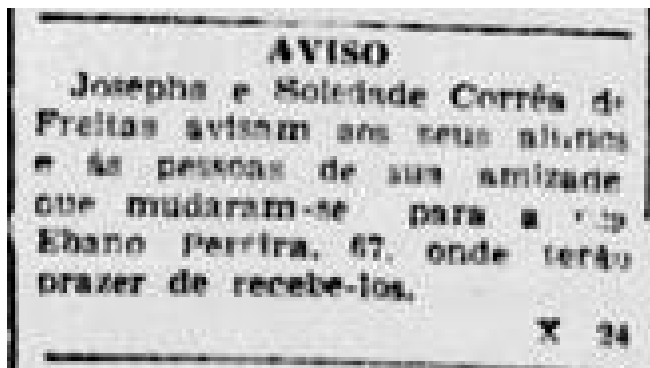
<p>Acácia Inês Marchesini Ada Kozoski Aida Cordeliro Viana Alino Moraes Rodrigues Alodé Mogenstern Ana Somnitzki Archiléia Hoog Aurea Fernandes Vidaurreta Avany Wert Axíoldi Therezinha Martins Beklia Angelotti Betty Itzovich Circe Cordeliro Cléia Lúck Rubelle Dahny Maria Michielotto Diláh Boscardin Bello Dirce Wolff Lima Ely Macedo Eny de Camargo Maranhão Esther Stroberg Eunice Maria Cortiano Eunice Lobo Geny Cordeliro Glacy Mercês Melster Glenha Berger</p>	<p>Guilomar Monteiro Pereira Inez G. M. Azevedo Irene Gaznok Iva de Abreu Costa Ivete Costa Josefina Deszaunet (Oradora) Lais Maria G. de Oliveira Lima Léa Lourdes B. da Rosa Leonor Cruz Neiva de Lima Leony Müller Bittencourt Leony Vieira Torres Leyla Gomes de Mattos Levyá Gradowski Bittencourt Lia Maria Abreu Souza Lindamir Mattos Johansen Lizele Nanci de Medeiros Lorette Cunico Lourdes Zeni Lucy Lessman Maria da Conceição C. da Silva Maria da Conceição T. Menegalli Maria de Lourdes B. Azevedo Maria de Lourdes B. Canziani Maria de Lourdes Carneiro Maria de Lourdes A. Seade</p>	<p>Maria de Lourdes Vograut Maria do Carmo R. Brunatto Maria Lucy Andreatta Santos Maria Magdalena Garcia Maria Onilde P. Saldanha Maria Rufina de Freitas Maria Thereza Ferreira Zanatto Mariana Mercedes Baeta Vieira Mercedes K. Wojciechowski Nádiria Kovalchuk Nedyr Fernandes Hein Nair Freitas Trancoso Nagiba Salemo Neuzá Aracy Piazzetta Norma Rosa Silva Oléssa Kovalchuk Odete Brandão Pontes Odete Pujak Olga Hafez José Olga Lydia Bochenek Olga Pujak Olga M. Sessak Prudência Maria dos Santos Rachel Balle</p>	<p>Regina Angely Regina Mazer Rosa Maria Santos Rosari Maria Santos Roselís Franco Ferreira Rose Mary Mansur Moreira Rozemary Irene D. B. Zaza Rosy do Oliveira Ruth P. de Andrade Ruth Vassão de Araújo Sigríd C. Cesar da Costa Tereza H. O. de Paula e Silva Therezinha M. C. da Silva Therezinha de Jesus Müller Therezinha de Jesus B. Vallejo Valderez Peixoto Walny Moraes Rubelle Yara Fortes de Sá Yeda Rainha S. Graczyk Yone Teixeira Machado Yvonete Bond Zimara Gheur Maciel Zoé Costa Zuleika Batista</p>
---	--	---	---

Diário do Paraná, 23/05/1949, p. 3.

No ano de 1951, mudaram de endereço, da rua Desembargador Westphalen para a rua Êbano Pereira (figura 79). No endereço da antiga residência, foi construído um edifício que levou o nome do pai das professoras, José Correia de Freitas. Elas passaram, então, a contar com a renda dos aluguéis das salas dessa nova construção localizada na Rua José Loureiro, número 12 (figura 80). Com a irmã Josepha, nessa época, se mudaram para a cidade do Rio de Janeiro, onde ela permaneceu até o falecimento de Josepha em 1960.

Soledade faleceu em Curitiba no dia 09 de setembro de 1968 aos 69 anos de idade, de colapso cardíaco, em sua residência.

FIGURA 79 – Aviso de mudança de endereço



AVISO

Joseph e Soledade Corrêa de Freitas avisam aos seus alunos e as pessoas de sua amizade que mudaram-se para a rua Ebano Pereira, 67, onde terão prazer de recebe-los.

X 24

Diário da Tarde, 24/10/1951, p. 4.

FIGURA 80 – Edifício José Correia de Freitas em 2017



Fotografia: Elizabeth Amorim de Castro

Fonte: <https://www.memoriaurbana.com.br/morar-nas-alturas-edificio/065>

EDIFÍCIO JOSÉ CORRÊA DE FREITAS

OPORTUNIDADE EXCELENTE

Adquirir agora seu apartamento residencial, ou seu conjunto para Escritório, pagando em suaves prestações.

★

Os apartamentos residenciais possuem elevadores e entrada própria e são independentes dos conjuntos para Escritórios.

★

Para mais informações com os proprietários

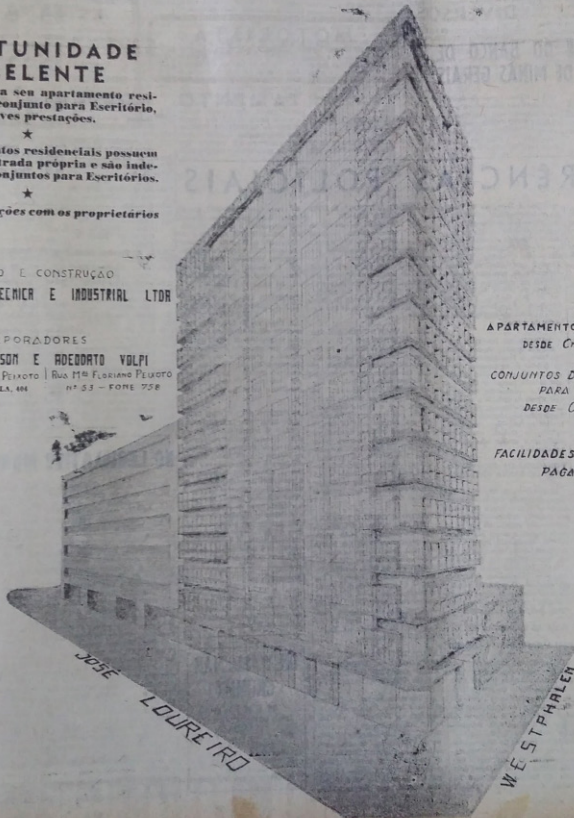
PROJETO E CONSTRUÇÃO
CONSTRUTORA TÉCNICA E INDUSTRIAL LTDA

INCORPORADORES
PERCY ISARACSON E ROBERTO VALPI
Rua 119º Floriano Peixoto | Rua 119º Floriano Peixoto
LAVI - 3ª AND. - SALA. 404 | Nº 33 - FONE 738
POSTE 63-1-1

APARTAMENTOS RESIDENCIAIS
DESDE Cr\$ 133.000,00

CONJUNTOS DE SALAS
PARA ESCRITÓRIOS
DESDE Cr\$ 102.000,00

FACILIDADES NOS
PAGAMENTOS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem biográfica, tanto das mulheres “excepcionais” quanto das mulheres comuns, na totalidade de seus percursos, ou em outro segmento de existência, e até mesmo na fugacidade de uma circunstância ou de um instante, permite apreender a força da resistência ou do desejo pelo qual uma mulher se afirma como sujeito e reivindica o direito de escolher seu destino. (PERROT, 2005, p. 478)

Conhecer um pouco da vida das mulheres da família Correia de Freitas permite vislumbrar o que significava ser mulher na capital paranaense, no contexto da Primeira República. Ainda que esta percepção ocorra através do contraste entre o que se ‘esperava’ socialmente do papel da mulher e aquilo que as irmãs de fato viveram, uma vez que elas não correspondiam, em grande medida, às expectativas do que a sociedade pensava para uma ‘mulher direita’.

A pesquisa para este livro iniciou por uma breve revisão histórica sobre a imagem da mulher e as expectativas que sobre ela recaíam, na sociedade patriarcal, brasileira e paranaense, ao longo do tempo. A partir da apresentação das imagens hegemônicas e padronizadas do se esperava por ‘ser mulher’, destaca-se a trajetória das mulheres da família Correia de Freitas como exemplo do período de transição que já se anunciava para imagem da mulher na sociedade curitibana.

Ancorada em documentos históricos, como periódicos do período republicano, editados na cidade de Curitiba, em arquivos históricos e em entrevistas com ex-alunas e familiares das irmãs, a pesquisa revisita, através de suas histórias e vivências, caminhos percorridos por mulheres que fugiam do padrão social exigido de uma mulher.

Surpreendiam a tradicional sociedade curitibana por seu comportamento público, desde seu modo de vestir e maquiagem, até o investimento na exitosa carreira profissional, ou a escolha pelo não matrimônio e, especialmente, por abdicar ao papel mais sublime do ‘ser mulher’, a maternidade.

O Paraná do início do século XX era essencialmente agrícola, com recentes tentativas de se industrializar. Observar, neste contexto, a constituição e funcionamento das escolas em Curitiba permite recompor parte da trajetória das mulheres Correia de Freitas na sociedade curitibana e das relações estabelecidas com a sociedade paranaense e, até mesmo, com o restante do país, além de conferir importantes dados sobre o período histórico em questão. As fontes documentais consultadas informam-nos, por exemplo, sobre a forma de manutenção das escolas públicas e particulares, o perfil dos alunos que atendia, as feiras, exposições, recitais e audições realizadas pelas professoras Correia de Freitas com o intuito de mostrar e comercializar sua produção.

Suas atuações ocorrem exatamente no momento das reformas educacionais da jovem república brasileira, que referendava o esquecimento do legado educacional do século XIX, trazendo: a difusão de novos métodos de ensino; a expansão da iniciativa privada nos colégios, escolas e os cursos de preparatórios; o progressivo incremento da atuação de mulheres no magistério público e privado; e o processo de criação das Escolas Normais, como modelo de formação escolarizada de professores, a partir da construção de prédios específicos para o ensino primário e a afirmação de uma ‘arquitetura escolar moderna’.

É importante destacar que havia um modelo educativo destinado às mulheres do povo e outro às mulheres da burguesia, ainda que ambas

vivenciassem as mesmas fases de vida, definidas socialmente: infância, maioridade, casamento e maternidade. Além dos ensinamentos básicos relacionados à orientação dos serviços e à gestão da casa (mulheres do povo), era importante, para as jovens burguesas, a aprendizagem de línguas estrangeiras (geralmente inglês e francês), saber tocar piano, executar alguns trabalhos manuais (como os bordados) e saber comportar-se em público, matérias essenciais para que as ‘meninas de família’ fossem reconhecidas em sociedade. Educavam-se as meninas da classe burguesa para os jogos de aparência dos salões, dos teatros e soirées, mas não para os verdadeiros assuntos da vida.

Assim como a educação, as aspirações particulares das mulheres variavam conforme a sua origem social. Os projetos de vida de uma mulher nascida em uma família do povo, era diferente dos projetos de vida de uma mulher nascida em uma família burguesa, pois os contextos e as possibilidades acessíveis a cada uma delas eram diversas. Não podemos confundir mulheres que trabalhavam por necessidade de subsistência, com aquelas que aspiravam desenvolver uma ocupação por prestígio e auto-realização, adequada a quem possuía trajeto acadêmico e pretendia alcançar autonomia econômica e destaque social, assim como poderia fazê-lo qualquer homem em situação similar.

Apesar de constituir-se uma época de transição social e cultural, a imagem da mulher republicana, no entanto, pouco se alterou, uma vez que as exceções ao padrão exigido, como o caso das irmãs Correia de Freitas, eram vistas como excêntricas. Ainda que já não ardessem em fogueiras medievais, as mulheres que rompiam com o que delas se esperava, seguiam ardendo sob os olhares críticos da sociedade e sob a nem sempre velada suspeita de feitiçaria.

Por meio de estereótipos coloniais, sacramentados por valores éticos e morais rígidos, a Igreja Católica consolidou e perpetuou e incentivou um conjunto de práticas culturais que expressavam a submissão da mulher perante a sociedade, atribuindo-lhe a missão exclusiva de reprodutora e administradora do lar. Por esse motivo, toda sua formação estava direcionada às prendas domésticas. A educação escolar feminina, por exemplo, em nome das necessidades morais e sociais de preservação da família patriarcal por muito tempo, inexistiu na sociedade brasileira. Neste sentido, na contramão dos ditames sociais e morais, as irmãs da família Correia de Freitas representam um bom exemplo de ruptura e de precursoras da educação formal para mulheres, assim como no ingresso na carreira docente, rompendo com muitos estereótipos.

As trajetórias das mulheres da família Correia de Freitas na sociedade paranaense, apontam para seu reconhecimento social e profissional. Essas mulheres conseguiram se inserir num processo social mais amplo, não somente através de sua atuação no magistério e no campo da música, mas por serem mulheres da camada social média. Se não eram privilegiadas economicamente, possuíam capitais cultural e simbólico, por serem filhas de professores, intelectuais, artistas e políticos, o que lhes proporcionou uma rede de relação estabelecida entre as famílias tradicionais e históricas. Eram muito mais membros da elite cultural, do que da elite econômica.

A exemplo das irmãs Correia de Freitas, a profissionalização feminina iniciou através da carreira no magistério, pelo fato de a docência ser considerada uma continuidade do lar e do trabalho do cuidado, atribuição que foi de exclusividade feminina por muito tempo. A mulher atendia às condições exigidas por esta forma de

profissionalização, uma vez que já era, no âmbito privado, a responsável pela educação dos filhos. Assim, a docência parecia ser uma forma ‘aceitável’ de profissionalização da mulher.

O caminho aberto por algumas, em áreas específicas, como a docência, foi, aos poucos se ampliando para outras mulheres e outras áreas de atuação. Cada conquista individual feminina, como a atuação e independência conquistada pelas mulheres da família Correia de Freitas, ajudou a pavimentar a estrada pela qual muitas outras mulheres caminhariam no futuro. O jogo político entre o individual e o coletivo, vai se tecendo e modificando a paisagem social.

As lutas feministas são, e sempre foram, individuais e coletivas, públicas e privadas. Nos últimos anos, muito foi conquistado, porém muitos desafios, todavia, estão por serem vencidos! Existe muito futuro pela frente! A luta continua!

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.
- ALEP (Assembleia Legislativa do Paraná). *Biografia de Joaquim Ignácio Silveira da Motta*. Disponível em <https://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/joaquim-ignacio-silveira-da-motta>. Acesso em: 23 dez. 2022.
- ARAÚJO, Silvete Aparecida Crippa. *Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918)*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Arquitetura e Espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928)*. In: *Revista Educar, Curitiba*, n. 18, 2001, p. 103-141.
- BONA JUNIOR, Aurelio. *Educação e modernidade nas Conferências educacionais da década de 1920 no Paraná*. Curitiba: Dissertação Mestrado em Educação UFPR, 2005.
- BONA JUNIOR, Aurélio e VIEIRA, Carlos Eduardo (2007). *“O discurso da modernidade nas conferências educacionais na década de 1920 no Paraná”*. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (org). *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*. Curitiba: Editora da UFPR, 2007, p. 13-40.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.

- BORIS, George Daniel J. B.; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. In: Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, n. 2, v. 7, p. 451-478, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? In: Psicologia Clínica. v.30, n.3. Rio de Janeiro: set-dez, 2018. p. 427 - 446. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BRITTO, Teresa Teixeira de. Chloris: uma história de resistência. Curitiba: Gráfica Vitória, 2005.
- CABRAL, João de Pina. “Recorrências antroponímicas lusófonas”. In: Etnográfica, V.12, N.1, 2008, p. 237-262.
- CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). História da família e demografia histórica: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CEPN - CONGRESSO DE ENSINO PRIMARIO E NORMAL. Regulamento da Inspeção Geral do Ensino. Curitiba: s.e, 1926.
- CITELLI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. In: Revistas de Estudos Feministas. v.9, n. 1, 2001, p. 131-145.
- CHLORIS. Entrevista de Chloris Casagrande Justen, ex-aluna das professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 28 de outubro de 2015 em Curitiba.
- CORDEIRO, Mariana Sbaraini. Mãe: A Invenção Da História. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373138836_ARQUIVO_maeainvencaodahistoria.pdf> Acesso em: 15 set.2021.
- DANTAS, Mariana Líbano Resende. Resenha texto da DEL PRIORE, Mary. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia In Varia Historia. n. 13. Belo Horizonte: Junho, 1994. p.172-177

DECRETO 21.076, de 24 de fevereiro de 1932 (Código Eleitoral). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 ago.2021.

DENISE. Entrevista de Denise Ernlund Metynoski, filha de uma ex aluna de Josepha, concedida a Ana Crhstina Vanali no dia 14 de fevereiro de 2019 em Curitiba.

DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. In: Cadernos de Crítica Feminista, n. 4, ano V, p. 6-28, dez. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/jj/se/a/MMP766vNSt4kG5fQskyrMD/> Acesso em: 15 ago. 2021.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In DEL PRIORE, MARY (org.) História das mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DONATH, Orna. Mães arrependidas: outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ. Disponível em <https://musica.ufrj.br/>. Acesso em: 20 ago.2021.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Rio de Janeiro: Teses de doutorado em História da UFRJ, 2007.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. In: Revista Fatos e Versões, V.1, N.2, 2009, p. 3-16.

FONSECA, Maria Manuel Vieira da. Educar herdeiros. Práticas educativas da classe dominante lisboeta nas últimas décadas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FREITAS, Josepha Correia de. “Da educação musical nas escolas”. Curitiba: Tese N. 25 do CEPN/Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, 1926.

GILLER, Marília. O jazz no Paraná entre 1920 e 1940: um estudo da obra O Sábia, fox trot shimmy de José da Cruz. Curitiba: Mestrado em Música da UFPR, 2013.

GONZALEZ, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, Bell. Teoria Feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IACONELLI, Vera. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. 2ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

IBIS. Entrevista de Ibis Rodrigues Busse, neto de Thereza Machado Busse, prima de Josepha e Soledade Correia de Freitas, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 16 de janeiro de 2019 em Curitiba.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínuo 2012-2019. 2020. Diretoria de Pesquisas. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Estatísticas Sociais]. Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. [Agência de notícias IBGE on-line], 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2018-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Estatísticas Sociais]. Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. [Agência de notícias IBGE on-line], 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

IWAYA, Marilda. Palácio da Instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960). Curitiba: Mestrado em Educação da UFPR, 2000.

JACY. Entrevista de Jacy Augusta Moraes Travasso, ex-aluna das professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 09 de janeiro de 2021 em Curitiba.

JANNIBELLI, Emilia D'Anniballe. A musicalização na escola. 2ª edição. Rio de Janeiro: Poligráfica Editora, 1980.

JORDÃO, Gisele. *A música na escola*. São Paulo: MEC e VALE, 2012.

JOSELINE. Entrevista de Joseline de Freitas Pedroso, filha de Meuma de Freitas Pedroso, prima de Josepha e Soledade Correia de Freitas, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 24 de janeiro de 2021.

LIMA, Antonia Pedroso de. “*Intencionalidade, afeto e distinção: as escolhas de nomes em famílias de elite de Lisboa*”. In: CABRAL, João Pina; VIEGAS, Susana de Mattos (orgs). *Nomes: Género, Etnicidade e Família*. Coimbra: Edições Almedina, 2007, p. 39-61.

LUCILIA. Entrevista de Lucília Defreitas Pedroso, filha de Meuma Defreitas Pedroso, prima de Josepha e Soledade Correia de Freitas, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 21 de janeiro de 2020.

LUZ, Nanci Stancki; GITHAY, Leda. *Divisão sexual do trabalho e profissões científicas e tecnológicas no Brasil*. In: LUZ, Nanci Stancki; SALETE, Lindamir C. *Entrelaçando Género e Diversidade: matrizes da divisão sexual do trabalho*. Curitiba: Ed UTFPR, 2016.

MACHADO, Maria C.G e CURY, Carlos R.J. “A educação nos anais da Constituinte Republicana do Estado do Paraná – 1892”. In: *Educar em Revista*, N.49, jul/set 2013, p.227-243.

MARIANO, Silvana Aparecida. *O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo*. In *Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1-, 1999, p. 483-506.

MARQUES, Ana Maria. *Feminismos e gênero: uma abordagem histórica*. In: *Revista Eletrônica Trilhas da História*, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 8, 2015. Disponível em <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/556>. Acesso em: 24 ago.2021.

MARQUES, Melanie Cavalcante; XAVIER, Kella Rivetria Lucena. *A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil*. In: *Anais do 6º Seminário CEDROS*, Itaperi/CE, 2018. Disponível em http://uece.br/eventos/viseminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.doc. Acesso em: 02 set.2021.

MARTINS, Ana Paula Antunes. *O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade*. In: *Revista Café com Sociologia*. v. 4, n. 1, p. 231-245. Maceió, 2015. Disponível em <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>. Acesso em: 31 ago.2021.

- MATOS, Marilse. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? In: Revista Sociologia e Política. v. 18, n. 36. p. 67-92, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/d3NZRM8zPZb49RYwdSPr5jQ/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 01 set. 2021.
- MEDEIROS, Alan Rafael de. Sociedade de Cultura Artística Brasília Itibirê (SCABI): promoção da música sinfônica erudita em Curitiba por meio da Orquestra Sinfônica da SCABI (1946-1950). Curitiba: Dissertação Mestrado em Música da UFPR, 2011.
- MELO, Daniel. Brasil tem mais de 20 milhões de mães solteiras, aponta pesquisa. In: Agência Brasil [Jornal on-line]. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 02 set. 2021.
- MELLO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. In: Mulheres e poder: história, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- MENDONÇA, Maí N., HLADCZUK, Ana Maria. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Augusto Stresser e a Ópera Sideria. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, V.19, N.99, 1992.
- MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. As memórias de Viscondessa: família e poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- NADALIN, Sergio Odilon. História e demografia: elementos para um diálogo. Campinas: ABEP, 2007.
- NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. SP: DIFEL, 1974.
- NARVAZ, Marthe Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In: Psicologia & Sociedade, v. 1, n. 18, p. 49-55, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkpBDpL4Xn/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- NICOLAS, Maria. A Alma das ruas. Curitiba: Imprensa Oficial, 1977.
- NOVAES, Maria Eliana. Professora primária: mestra ou tia. SP: Cortez, 1995.
- PALLAR, Juliana Vargas; SILVA, Maria Beatriz Oliveira. O Direito como instrumento contra a opressão feminina. In: Revista Direito Práxis. v.9 n.2 Rio de Janeiro, 2018. p. 721-748.

PARANÁ. Leis, decretos e regulamentos do estado do Paraná. Regimento interno das escolas públicas do estado do Paraná. Curitiba: Typ. Da Penitenciária do Ahu, 1903.

PERROT, Michele. As mulheres ou os silêncios da História. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: Anais do 10º Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 2019. Monterrey/México. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez>. Acesso em: 01 set.2021.

PINHEIRO, Antonio Tupy. Parecer referente à tese sobre a Música. n. 9. Curitiba: CEPN/Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, 1926.

PUPPI, Ildefonso. Fatos e reminiscências da faculdade: retrospecto da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: FUNPAR, 1986.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REIS, Ana Regina Gomes. Do segundo sexo à segunda onda: discursos feministas sobre a maternidade. Salvador: Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher. Universidade Federal da Bahia, 2008.

REIS, Jayme Drumond dos. Das principaes endemias e epidemias de Curityba. Rio de Janeiro: Typ. Ribeiro Macedo, 1898.

REZZUTTI, Paulo. Mulheres no Brasil – a história não contada. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2019.

ROMÃO, Jeruse. Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil. Florianópolis: Cais, 2021.

SAFFIOTI, Heleieith. A mulher na sociedade de classes. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. In: Revista Katál,

Florianópolis, v. 13, n. 1, 2010, p. 11-19. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rk/a/HqLvNHVzXPJkDYSCHsb94hP/?lang=pt>. Acesso em: 24 ago.2021.

SEED – Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Escola Antonio Tupy Pinheiro (colégio estadual de ensino fundamental, médio e profissionalizante em Guarapuava). Disponível em <http://www.grptupypinheiro.seed.pr.gov.br/>. Acesso em 16 ago.2021.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima. Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política. Belo Horizonte: Dissertação Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019a. Disponível em <http://gg.gg/brunasilva>. Acesso em: 24 ago.2021.

SILVA, Jacilene Maria. Feminismo na atualidade a formação da quarta onda. Recife: Publicação Independente, 2019b.

SIMMEL, George. “Fashion”. In: **The American Journal of Sociology**, LXII (6), 1957, p. 541-558.

SOIHET, Rachel. Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920). 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2004.

SOUZA, Cristiane dos Santos. “Vozes de mulheres professoras no Congresso de Ensino Primário e Normal (Curitiba-1926)”. Disponível em [https://www.google.com.br/#q=Vozes+de+mulheres+professoras+no+Congresso+de+Ensino+Prim%C3%A1rio+e+Normal+\(Curitiba-1926\)](https://www.google.com.br/#q=Vozes+de+mulheres+professoras+no+Congresso+de+Ensino+Prim%C3%A1rio+e+Normal+(Curitiba-1926)). Acesso 20 ago.2021.

SOUZA, Sandra Maria Nascimento. Mulheres em Movimento: memória da participação das mulheres nos movimentos de transformação das relações de gênero, nos anos de 1970 a 1980. 2ª ed. São Luiz/MA: EDUFMA, 2009.

TEPERMAN, Daniela. Família, parentalidade e época: um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2014.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. In: Galaxia. São Paulo, n. 29, p. 155-166, jun. 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/gal/n29/1982-2553-gal-29-0155.pdf>> Acesso 20 ago.2021.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/Farol do Saber, 1996.

VANALI, Ana Crhistina. *Ao povo paranaense: a vida do cidadão Manoel Correia Defreitas*. Curitiba: Tese de Doutorado em Sociologia da UFPR, 2017.

VARGAS, Marília. *Augusto Stresser - Serenata da Ópera Sideria*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=grIUDMBz3C0>. Acesso 20 ago.2021.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. *História de vida de professores: relações entre a formação inicial e a prática pedagógica*. Curitiba: PUC/PR, Anais do X Congresso Nacional de Educação, 7 a 19 de novembro de 2011.

FONTES

APP – Arquivo Público do Paraná. Ficha funcional nº 13.612 de Josepha Correia de Freitas.

APP – Arquivo Público do Paraná. Ficha funcional nº 13.679 de Soledade Correia de Freitas.

APP – Arquivo Público do Paraná. Fundo PB 074 – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Piloto – Caixa 103 (1939-1963) – livro ata da reunião em congregação com os professores da seção feminina do Ginásio Paranaense.

APP – Arquivo Público do Paraná. Fundo PB 074 – Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Piloto – Caixa 296 (ano letivo 1945-1946) – Ginásio Paranaense, seção feminina, quadro corpo docente.

MEMORIAL LYSIMACO FERREIRA DA COSTA (1926). Congresso de Ensino Primário e Normal. Curitiba.

Processo 5625/1957 do 3º Ofício Cível de Curitiba. Ação executiva de Josepha e Soledade Correa de Freitas contra Moriyama Kawakami & Cia Ltda.

TJ/PR - Inventário de Josepha Leite Bastos e Manoel Correia de Freitas. Juízo Municipal da Cidade de Paranaguá, 1880.

Registro 2403 do Museu da Justiça do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ

Correspondências da professora Luiza Netto Correia de Freitas ao Diretor Geral da Instrução Pública do Paraná e outros departamentos governamentais.

Ano: 1880 Volume: 15 AP0603 Páginas: 79, 188, 201	Ano: 1885 Volume: 11 AP0746 Páginas: 228 a 230	Ano: 1891 Volume: 18 AP0932 Páginas: 74,75
Ano: 1882 Volume: 02 AP0648 Páginas: 257, 258	Ano: 1886 Volume: 03 AP0795 Páginas: 55	Ano: 1891 Volume: 20 AP0934 Páginas: 67
Ano: 1882 Volume: 01 AP0675 Páginas: 53, 55 a 58, 205	Ano: 1886 Volume: 22 AP0789 Páginas: 99, 184	Ano: 1892 Volume: 05 AP0946 Páginas: 198
Ano: 1882 Volume: 13 AP0659 Páginas: 161	Ano: 1887 Volume: 05 AP0828 Páginas: 82	Ano: 1892 Volume: 07 AP0968 Páginas: 149
Ano: 1882 Volume: 16 AP0662 Páginas: 119	Ano: 1877 Volume: 06 AP0805 Páginas: 157, 166	Ano: 1892 Volume: 11 AP0952 Páginas: 36
Ano: 1882 Volume: 18 AP0644 Páginas: 243, 244	Ano: 1888 Volume: 03 AP0851 Páginas: 183, 184	Ano: 1892 Volume: 20 AP0961 Páginas: 05, 07
Ano: 1882 Volume: 28 AP0674 Páginas: 261	Ano: 1888 Volume: 08 AP0836 Páginas: 157	Ano: 1893 Volume: 01 AP0969 Páginas: 22
Ano: 1883 Volume: 15	Ano: 188 Volume: 13	Ano: 1893 Volume: 01

AP0694 Páginas: 262, 268	AP0841 Páginas: 221	AP0990 Páginas: 63 a 65
Ano: 1885 Volume: 05 AP0740 Páginas: 177	Ano: 1889 Volume: 05 AP0878 Páginas: 209	Ano: 1893 Volume: 09 AP0977 Páginas: 09
Ano: 1885 Volume: 07 AP0742 Páginas: 144	Ano: 1890 Volume: 02 AP0908 Páginas: 165, 177	Ano: 1893 Volume: 10 AP0978 Páginas: 178
Ano: 1885 Volume: 07 AP0767 Páginas: 165	Ano: 1890 Volume: 05 AP0883 Páginas: 41	Ano: 1893 Volume: 16 AP0984 Páginas: 52 a 54
Ano: 1885 Volume: 09 AP0744 Páginas: 260	Ano: 1890 Volume: 10 AP0888 Páginas: 131	Ano: 1894 Volume: 02 AP1008 Páginas: 140
Ano: 1894 Volume: 11 AP1006 Páginas: 222	Ano: 1896 Volume: 20 AP1047 Páginas: 87, 88	Ano: 1898 Volume: 10 AP1085 Páginas: 155
Ano: 1895 Volume: 15 AP1023 Páginas: 150	Ano: 1896 Volume: 25 AP1052 Páginas: 94	Ano: 1898 Volume: 12 AP1087 Páginas: 172
Ano: 1895 Volume: 17 AP1025 Páginas: 102 a 104	Ano: 1896 Volume: 04 AP1056 Páginas: 63 a 65	Ano: 1899 Volume: 01 AP1092 Páginas: 57
Ano: 1895 Volume: 03 AP1011 Páginas: 87	Ano: 1897 Volume: 02 AP1059 Páginas: 221	Ano: 1899 Volume: 04 AP1095 Páginas: 205
Ano: 1895 Volume: 04 AP1012 Páginas: 55 a 58	Ano: 1897 Volume: 03 AP1060 Páginas: 71, 223	Ano: 1899 Volume: 05 AP1096 Páginas: 202
Ano: 1895 Volume: 11 AP1019 Páginas: 89	Ano: 1897 Volume: 09 AP1066 Páginas: 179	Ano: 1899 Volume: 11 AP1102 Páginas: 128
Ano: 1896 Volume: 12	Ano: 1897 Volume: 12	Ano: 1899 Volume: 02

AP1039 Páginas: 01	AP1069 Páginas: 139	AP1105 Páginas: 127 a 129
Ano: 1896 Volume: 13 AP1040 Páginas: 98 a 100	Ano: 1898 Volume: 02 AP1077 Páginas: 156	Ano: 1899 Volume: 11 AP1102 Páginas: 128
Ano: 1896 Volume: 15 AP1042 Páginas: 79	Ano: 1898 Volume: 05 AP1080 Páginas: 147	Ano: 1899 Volume: 05 AP1096 Páginas: 202
Ano: 1896 Volume: 18 AP1045 Páginas: 146	Ano: 1898 Volume: 07 AP1082 Páginas: 148	Ano: 1899 Volume: 04 AP1095 Páginas:

PERIÓDICOS

A Notícia, 01/06/1906

A Notícia, 09/06/1906

A Notícia, 23/07/1917

A Notícia, 04/02/1933

A República, 02/06/1903

A República, 29/05/1906

A República, 18/12/1906

A República, 27/04/1912

A República, 08/05/1912

A República, 20/09/1912

A República, 23/03/1914

A República, 14/10/1915

A República, 17/08/1916

A República, 26/09/1916

A República, 07/10/1916

A República, 14/08/1917

A República, 08/09/1917

A República, 08/06/1919

A República, 28/06/1919

A República, 13/03/1920

A República, 06/07/1921

A República, 18/04/1929

A República, 13/05/1929

A República, 18/05/1930

A República, 23/09/1947

Commercio do Paraná, 11/03/1925

Commercio do Paraná, 19/08/1934

Commercio do Paraná, 22/11/1935

Correio do Paraná, 04/02/1933

Correio do Paraná, 08/12/1941

Correio do Paraná, 19/12/1941

Diário da Tarde, 01/06/1906

Diário da Tarde, 02/06/1906

Diário da Tarde, 22/09/1947

Diário do Paraná, 27/04/1957

Diário do Paraná, 09/11/1960

O Dia, 28/04/1933

O Dia, 24/08/1938

O Dia, 08/10/1944.

O Dia, 10/10/1948

O Dia, 15/02/1949

O Estado, 11/03/1937

O Estado, 23/05/1937

O Estado, 15/12/1937

O Estado do Paraná, 08/09/1925

O Estado do Paraná, 17/09/1925

O Estado do Paraná, 24/12/1926

Última Hora, 28/11/1945

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - CRONOLOGIA DE LUIZA CARDOZO NETTO CORREIA DE FREITAS (1862-1947)

DATA	ACONTECIMENTO
07.05.1862	Nasceu em Paranaguá.
12.02.1880	Prestou exame de habilitação na Diretoria Geral de Instrução Pública, sendo aprovada plenamente com distinção em todas as disciplinas.
13.03.1882	Nomeada para reger interinamente a 3ª cadeira de Paranaguá, sexo feminino.
27.03.1885	Removida de Paranaguá para Curitiba. Aos 16 de abril entrou em exercício na 1ª Cadeira do sexo feminino.
01.10.1885	Fundou Collegio Santa Luiza, somente para meninas, visto ter sido removida do exercício do magistério público.
08.09.1886	Casamento com José Correia de Freitas.
1887	Pede reparação pela injustiça que sofreu com destituição do magistério público e solicita subvenção anual de 800\$000.
07.01.1889	Nascimento da primeira filha – Josepha.
???.??.????	Nascimento da segunda filha - Maria, falecida ao nascer.
22.01.1890	Reintegrada ao quadro do magistério pública na 2ª cadeira do sexo feminino.
02.05.1890	Nascimento da terceira filha – Conceição.
07.08.1891	Nascimento do quarto filho – Domingos.
01.10.1892	Falecimento da filha Conceição, com 30 meses.
12.11.1892	Falecimento do filho Domingos, com 15 meses.
14.01.1893	Afastamento de 3 meses para tratamento de saúde.

	Sua irmã Olympia a substitui.
Abril 1893	Reassume sua função após fim da licença médica.
28.09.1893	Classificada na 5ª Classe do Magistério Público.
04.01.1894	Classificada na 4ª Classe do Magistério Público.
05.12.1894	Classificada na 3ª Classe do Magistério Público.
07.07.1900	Nascimento da quinta filha – Soledade.
27.12.1905	Doação de 5\$000 para as filhas da falecida professora Martha Senff Vallões, vítima de desastre.
08.03.1906	DECRETO Nº 89 – assume a cadeira do povoado do Juvevê (professora da 3ª cadeira do sexo feminino de Curitiba) em substituição à professora Maria Elisa da Silva Fumagalli. A professora Esther Pereira assume a 2ª cadeira para o sexo feminino de Curitiba no lugar de Luiza Netto.
26.05.1906	Aposentou-se do magistério público por invalidez.
07.07.1906	Fundou Colégio Soledade, auxiliada pela filha Josepha.
31.12.1906	Juntamente com a filha Josepha, esteve presente na distribuição de prêmios da Escola Republicana.
20.12.1913	Evento de comemoração do 60º aniversário da emancipação política do Paraná promovido pelo Centro de Letras do Paraná - estavam presentes José Correia de Freitas, Luiza Netto Correia de Freitas, Josepha e Soledade Correia de Freitas.
26.08.1916	Fundou Colégio Moderno, auxiliada pelas filhas Josepha e Soledade.
30.04.1918	No concurso: qual a moça mais bela de Curitiba? Sua filha Josepha Correia de Freitas recebeu 2 votos e Soledade Correia de Freitas recebeu 1 voto. Faz uma reclamação referente ao concurso e desejava a retirada do nome da sua filha, Josepha, da lista de moças votadas como mais bonita de Curitiba.
13.12.1918	Participa, juntamente com a filha Josepha, da missa de 7º dia da menina Emy, filha de Affonso Alves de Camargo.

02.06.1923	Visita de Victor Ferreira do Amaral (diretor Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná) ao Colégio Moderno.
30.06.1923	Visita do professor e militar Felipe de Souza Miranda ao Colégio Moderno.
1925	Alfabetizadora de Enedina Alves Marques.
Maio/1938	Doação de 10\$000 para o Sanatório São Sebastião da Lapa que cuida de tuberculosos.
20.09.1947	Falecimento em Curitiba.

Elaboração das autoras

APÊNDICE 2 - CRONOLOGIA DE JOSÉ CORREIA DE FREITAS (1856-1933)

DATA	ACONTECIMENTO
05.12.1856	Nascimento em São Francisco do Sul/SC Pai: Domingos Correia de Freitas Mãe: Josepha Bastos Correia de Freitas
08.10.1857	Batizado na Paróquia Nossa Senhora das Graças em São Francisco do Sul.
?	Em Paranaguá trabalhou na farmácia de Joaquim Antonio Pereira Alves.
1876	Aparece na lista dos eleitores gerais de Paranaguá.
1876-1880	Vai para o Rio de Janeiro estudar farmácia no Instituto de Pharmaceuticos. Passou 5 anos na cidade e trabalhou em diversas farmácias cariocas.
1880	Retornou ao Paraná e colaborou em prol da causa republicana em vários jornais, tais como Jornal do Commercio, A República, Diário da Tarde, entre outros. Foi guarda-livros da Emporio Commercial de propriedade do Comendador Antonio de Barros em Paranaguá.
1881	Trabalhou como agente das Pílulas Paulistas (MORPHEA) do Dr. Etchecon em Curitiba.
28.02.1885	Ofereceu para a quermesse da Paróquia de Curitiba, como prenda uma pena Águia Negra.
22.11.1885	Fundação do Clube Republicano de Curitiba, estava entre os presentes.
15.08.1886	Assina a ata da inauguração das obras parciais do Passeio Público como representante do Club Republicano de Curitiba.
08.09.1886	Casamento, em Paranaguá, com a professora Luiza Cardozo Netto.
1887	Aprovado como eleitor de Curitiba (segunda sessão - primeiro quartelão) por José Joaquim Teixeira, juiz de direito da comarca de Curitiba.
27.02.1887	Eleito vice-presidente da diretoria do Club Republicano de Curitiba.
21.08.1887	Fundação do Clube Republicano de Paranaguá.

	No mesmo dia foi escolhido Jorge Desmarrais para concorrer às eleições provinciais como deputado republicano (José Correia de Freitas ganhou apenas 1 voto).
18.09.1887	Deixou a redação do jornal A República.
1888	Assinou abaixo-assinado em manifesto de apreço ao padre José Joaquim do Prado que deixava a Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Curitiba.
11.02.1888	José Correia de Freitas recebe seu DIPLOMA DO ELEITOR REPUBLICANO (título de eleitor da 2ª seção, 4º quarteirão, Nº 496 – Curitiba.) Profissão: funcionário público e comerciante.
07.01.1889	Nascimento da primeira filha – Josepha. Nessa época era empregado no escritório da Estrada de Ferro.
1890	Nomeado fiscal de auxílio à lavoura do Banco do Estado do Paraná.
17.04.1890	Nomeado secretário da Escola de Artes e Indústria do Paraná.
02.05.1890	Nascimento da terceira filha – Conceição.
Março 1891	Eleito ADJUNTO ORADOR do Club dos Girondinos.
Mai 1891	Nomeado contador da Delegacia da Inspeção Geral das Terras e Colonização.
07.08.1891	Nascimento do quarto filho – Domingos.
1892	Deputado à Assembleia Constituinte Estadual.
16.05.1892	A Lei Nº 10 de 16 de maio de 1892, votada pelo Congresso Paranaense autorizou o governo a construir a Escola Tiradentes, projeto do deputado José Correia de Freitas, que foi apoiado pelo Barão do Serro Azul.
01.10.1892	Falecimento da filha Conceição com 30 meses.
12.11.1892	Falecimento do filho Domingos com 15 meses.
19.12.1892	Com a presença do governador, prefeito, chefe de segurança, congressistas, magistrados e grande concorrência de populares foi lançada a pedra fundamental para a Escola Tiradentes. O deputado estadual José

	Correia de Freitas pronunciou um discurso no ato. Esse mesmo dia, por ser o 39º aniversário da criação da província do Paraná, foi considerado feriado. Esse ano era comemorado o centenário da morte de Tiradentes.
15.11.1893	Nomeado Capitão Secretário do Comando Superior da Guarda Nacional da Comarca de São José dos Pinhais pelo comandante superior Eduardo Augusto de Vasconcellos Chaves.
12.09.1893	Assina o seguinte telegrama que foi enviado ao Marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da república. <i>Curitiba, 12 de setembro de 1893</i> <i>A mesa do Congresso Legislativo do Paraná, em nome desse mesmo Congresso, confiante no vosso comprovado patriotismo e amor à República, vos protesta inteira solidariedade na defesa da Constituição.</i> <i>Manuel José de Faria Albuquerque – presidente</i> <i>José Correia de Freitas - 1º secretário</i> <i>Octávio Ferreira do Amaral da Silva - 2º secretário</i>
1893-1894	REVOLUÇÃO FEDERALISTA José Correia de Freitas e Lauro Muller foram legalistas, pica-pau, florianistas
1894-1895	Reeleito Deputado Estadual Membro da Comissão Executiva compondo a mesa como 1º secretário.
1895	Nomeado Diretor Geral da Secretaria do Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização
21.07.1895	O prefeito de Curitiba, Cyro Persiano de Almeida Velloso, fez público os nomes dos mesários que compuseram as 13 seções eleitorais do distrito de Curitiba para a eleição dos juizes distritais, que serviram no triênio de 21 de setembro de 1895 a 21 de setembro de 1898. José Correia de Freitas foi mesário da 6ª seção.
24.08.1895	Divulgada a ata da apuração geral da eleição a que se procedeu no dia 21 de julho de 1895 para três juizes distritais de São Casemiro do Tabuão e Nova Poloma, que pertencem ao município de Curitiba. José Correia de Freitas, empregado público, residente em Curitiba, recebeu um voto.
05.01.1896	Na abertura da exposição dos trabalhos dos alunos da Escola de Artes e Indústrias, o diretor Mariano de Lima ergueu um brinde ao deputado José Correia de Freitas e ao governador do estado.

14.03.1896	O presidente da Câmara Municipal de Curitiba, Jorgen Hermano Meyer, faz público os nomes dos mesários compuseram as 13 seções eleitorais de Curitiba para a eleição de seis deputados para o Congresso Legislativo Estadual. José Correia de Freitas foi o mesário da 6ª seção.
1896-1897	Deputado Estadual Membro da Comissão Permanente de Instrução, Catequese e Civilização do Índios.
Julho de 1897	Nomeado membro da comissão do CLUB DOS PURITANOS que iria discutir as festas do carnaval.
05.02.1898	Eleitor em Curitiba na 5ª seção, 21º quarteirão.
30.04.1898	Prestou termo de promessa como 4º suplente de juiz distrital de Curitiba (havia sido eleito em 30.06.1895).
07.07.1900	Nascimento da quinta filha – Soledade.
21.02.1901	Presente na catedral quando dos ofícios religiosos pelo falecimento de Alderico Bastos, ministrado pelo padre Lamartine Miranda (seu sobrinho), junto do Monsenhor Alberto Gonçalves e o Cônego Celso Cunha.
1903	2º suplente do juiz substituto Claudino R. Ferreira dos Santos.
1904	Oficial do gabinete do governador Vicente Machado
14.07.1905	Participou do picnic realizado no Capão da Amora (entre o Batel e a Santa Quitéria) em homenagem aos irmãos Bube (Gustavo, João e Roberto).
1907	Sorteado como jurado na 3ª sessão ordinária do dia 02 de setembro de 1907.
10.09.1907	Participou no julgamento de Manoel Pinheiro de Lima acusado de homicídio - o réu foi absolvido.
1908	2º suplente do juiz substituto Samuel Chaves.
1908 - 1917	Atuou como Secretário do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.
20.12.1913	Evento de comemoração do 60º aniversário da emancipação política do Paraná promovido pelo Centro de Letras do Paraná - estavam presentes

	José Correia de Freitas, Luiza Netto Correia de Freitas, Josepha e Soledade Correia de Freitas.
1928	Aposentou-se como funcionário do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.
03.02.1933	Falecimento em Curitiba.

Elaboração das autoras

APÊNDICE 3 - CRONOLOGIA DE JOSEPHA CORREIA DE FREITAS (1889-1960)

DATA	ACONTECIMENTO
07.01.1889	Nascimento em Curitiba.
26.01.1889	Batizada em Curitiba na Catedral Nossa Senhora da Luz.
1898-1899	Aprovada com distinção nos exames de instrução primária da Escola Pública da 2ª cadeira para o sexo feminino de Curitiba, regido pela professora Luiza Netto Correia de Freitas.
1906	Diplomou-se na Escola Normal de Curitiba. Como normalista passou a fazer parte da Comissão Examinadora da aplicação dos exames de instrução junto com Sebastião Paraná.
31.12.1906	Juntamente com a mãe Luiza, esteve presente na distribuição de prêmios da Escola Republicana.
03 a 09.05.1912	Estreou na Ópera Sideria de Augusto Stresser no Teatro Guaíra em Curitiba na qual interpretou a personagem Thylde.
08.05.1912	Participou do concerto em benefício do maestro Leo Kessler e em memória dos maestros Ricardo Wagner e Carlos Gomes.
20.09.1912	Decreto Nº 129 concedeu o auxílio de 3:000\$ para ir estudar música no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.
1913	Foi para o Rio de Janeiro para estudar no Instituto Nacional de Música.
20.12.1913	Evento de comemoração ao 60º aniversário da emancipação política do Paraná promovido pelo Centro Paranaense na capital federal/Rio de Janeiro - estavam presentes José, Luiza, Josepha e Soledade Correia de Freitas.
22.03.1914	Cantou com Marieta Bezerra durante a recepção no salão do Palácio do Governo por ocasião do aniversário de Carlos Cavalcanti, presidente do estado do Paraná.
23.08.1914	Participou do terceiro evento "Horas da Arte", na segunda parte do programa cantando duas peças.
16.06.1914	Participou no Clube Curitibano do baile promovido pelo Grêmio das Violetas cantando uma ária de "Cid".

24.04.1915	Nomeada para exercer o cargo de professora de Música no Ginásio Paranaense – Seção Feminina.
Agosto/1915	Diplomou-se em canto, piano, teoria musical e solfejo no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro. Retornou definitivamente para Curitiba.
Setembro/ 1915	Começou a anunciar nos jornais de Curitiba aulas de cantos particulares.
14.10.1915	Apresentação da ária Schiavo de Carlos Gomes e a cena de Ruy Blas de Marchetti, no Smart Teatro, que havia sido reformado para receber as “Soirées de Artes”.
17.08.1916	Decreto Nº 716 a nomeou para exercer o cargo de professora de música da Escola Normal de Curitiba.
26.09.1916	Executou a ária de Santuzza, no concerto improvisado pelo maestro Levy Costa, durante a recepção pelo aniversário de Affonso Alves de Camargo, presidente do estado do Paraná, realizado no salão de música do palacete do aniversariante.
22.07.1917	Realizou no Teatro Guaíra um concerto popular em benefício aos pobres de Curitiba, com o concurso dos maestros Bonacci e Seyer e dos alunos do Colégio Moderno.
14.08.1917	Participou do concerto do Congresso de Cereais realizado no Teatro Guaíra.
30.04.1918	No concurso: qual a moça mais bela? Ganhou 2 votos. Sua mãe Luiza Netto fez uma reclamação referente ao concurso e desejava a retirada do nome da sua filha, Josepha, da lista de moças votadas como mais bonita de Curitiba.
13.12.1918	Participou, juntamente com a mãe Luiza, da missa de 7º dia da menina Emy, filha de Affonso Alves de Camargo.
18.06.1919	Eleita como membro acadêmico da Seção Acadêmica de Música do Centro Artístico.
29.06.1919	Participou no Teatro Guaíra do festival músico-literário em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto.

13.03.1920	Decreto Nº 41 - autorizando o poder executivo a conceder um ano de licença em prorrogação a Josepha Correia de Freitas para tratamento de saúde.
23.11.1920	Juntamente com a irmã Soledade, comandou um grupo de senhorinhas que cantaram na Catedral de Curitiba em comemoração ao dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos.
14.07.1921	Participou cantando, no Teatro Guaíra, da Confraternização dos Povos Americanos.
12.03.1925	Realizou audição de canto no Salão Sangerbund em homenagem ao senador Affonso Camargo. Foi acompanhada pela irmã Soledade e várias alunas do curso particular que a professora mantinha na cidade de Curitiba.
Março/1925	Participou de uma das comissões do festival para angariar fundos em benefício das vítimas combatentes, viúvas e órfãos do Paraná. A Comissão central, a Comissão angariadora de donativos e a Comissão diretora do festival eram compostas apenas de mulheres. A Direção orquestral tinha o maestro Antonio Mellilo e Josepha.
10.04.1925	Participou na peça "O Martyr do Calvário" da Companhia Jayme Costa, no Teatro Guairá, no quadro da ceia cantando "A Ave Maria" de Goumand.
07.09.1925	Participou das comemorações da Independência do Brasil cantando L'estasi.
17.09.1925	Na inauguração da estátua do compositor Carlos Gomes dirigiu o canto das alunas da Escola Normal e o conjunto da Força na execução do Hino Acadêmico.
18.10.1925	Caetano Munhoz da Rocha, sob proposta da Inspetoria Geral de Ensino, nomeou a normalista Josepha Correia de Freitas para ensinar música e canto na Escola Intermediária de Curitiba (mediante gratificação mensal de cem mil réis).
09.03.1926	Professora de música da Escola Normal Secundária e da Escola Intermediária de Curitiba. Tem 2 meses de licença médica para tratamento de saúde.
13.12.1926	Participou na recepção oficial do 73º aniversário da Emancipação Política do Paraná, ofertada a Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado, no Palácio Rio Branco.

19 a 22.12.1926	Participou no Congresso de Ensino Primário e Normal (CEPN) que aconteceu em Curitiba com a tese 25 "Da educação musical nas escolas".
26.12.1926	Ocorreu um festival de arte no Teatro Guaíra promovido pelas alunas da Escola Normal Secundária pelo encerramento das aulas. Diversos cantos solos e coros foram dirigidos pelas professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas.
Outubro 1927	Realizou viagem de estudos ao Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, juntamente com a irmã Soledade.
19 a 23.12.1927	Como resultado do 1º Congresso Brasileiro de Educação, que aconteceu em Curitiba, foi criada a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENSINO, seção do Paraná, filiada à do Rio de Janeiro - presidida pelo Sebastião Paraná. No Conselho Diretor, entre os membros está Josepha.
17.04.1929	Participou na cerimônia de casamento de Bento Munhoz da Rocha e Flora Camargo.
13.05.1929	No orpheon da Escola Normal acompanhou ao piano a irmã Soledade (recém diplomada pelo Instituto Nacional de Música) que realizou recital de canto em homenagem a Affonso Camargo e sua esposa Etelvina.
12 a 18 de Maio de 1930	Participou da III Semana Nacional da Educação dirigindo juntamente com a irmã Soledade as terceiranistas da Escola Normal.
1933	Faz parte da lista de eleitores de Curitiba.
12.12.1933	Ofereceu à maternidade Victor do Amaral a quantia de 20\$000.
25.04.1934	Sua aluna Laura Netto do Vale obteve o primeiro lugar no curso de canto no Instituto Nacional de Música.
Abril 1934	Fez parte do corpo docente do INSTITUTO DE MUSICA DO PARANA MENSING-SEYER com sede na rua XV de Novembro, 275.
Agosto 1934	Retornou do Rio de Janeiro com a irmã Soledade e avisou que reabriu sua escola de música.
21.12.1934	Participou da missa em ação de graças pelo jubileu profissional do Victor Ferreira do Amaral.

22.11.1935	Realizou palestra na Estação de Rádio Club e depois com sua irmã Soledade cantaram algumas canções.
03.10.1936	Apresentou-se na Festa de Santa Terezinha na Igreja de São Francisco.
Mai 1937	Audição do curso particular de canto das professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas.
06.07.1937	O jornal O Estado, de Curitiba, comparou os estados do Paraná e do Espírito Santo com relação aos investimentos nos campos da arte e literatura e constatou que o Paraná deixava a desejar. Entre os artistas paranaenses destacados que não se deixavam abater com a falta de investimentos destacou a professora de música Josepha.
18.08.1937	Audição de canto de Leticia Mattana no Salão da Sociedade Thalia - uma das alunas Josepha. Leticia teve o acompanhamento ao piano de Josepha e Soledade.
22.09.1937	Participou nos festejos do dia da primavera em Curitiba.
19.11.1937	Junto com a irmã Soledade participou das comemorações em homenagem ao dia da bandeira como membros da comissão de propaganda cívica, canto orfeônico e declamações.
11.12.1937	Audição de canto e piano das professoras Josepha e Soledade para finalizar o ano de 1937.
23.12.1937	É homenageada pelo jornal O Estado, de Curitiba como uma das figuras que ajudam no progresso artístico do estado do Paraná. É colocada ao lado de Raul Messing, Antonio Mellilo e Bento Mossurunga.
Setembro 1938	Participou da Semana da Pátria dirigindo a banda de música da 15ª B.C, elementos da guarnição de Curitiba e Orfeão da Escola Normal.
08.12.1941	Com a irmã Soledade cantaram a Ave-Maria na missa de amizade em comemoração ao nascimento do historiador paranaense Romário Martins.
19.12.1941	Com a irmã Soledade cantaram a Ave-Maria na missa de ação de graça pelo dia da telefonista mandada rezar pela senhora Acácia de Macedo e Costa e sua filha Edy Costa.
07.10.1944	Participou da fundação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê em Curitiba (SCABI).

28.11.1945	Na colação de grau da Seção Feminina do Ginásio Paranaense, junto com a irmã Soledade regou o coro da cerimônia.
1946	Participou, com a irmã Soledade, das solenidades de inauguração do Grupo Escolar Julia Wanderley
1948	Fez parte da Associação dos Professores do Paraná. Em outubro desse ano assinou telegrama enviado ao governador Moyses Lupion pela Associação elogiando o projeto de lei que estabeleceu a carreira da classe, com padrão inicial M e promoção de cinco em cinco anos.
1949	Apareceu entre as homenageadas das professorandas de 1949 do Instituto de Educação de Curitiba.
1949	Membro da Comissão de Artes do Subcomitê da Comissão Interamericana de Mulheres instalado pelo Secretário de Educação e Cultura, o senhor Erasmo Pilotto, sendo governador Moyses Lupion. Hermínia Lupion era a patrocinadora.
17.04.1950	Aposentou-se como professora de música pelo governo do Estado do Paraná.
08.07.1951	Participou da 2ª Semana de Carlos Gomes realizado no Clube Concórdia em Curitiba sob o patrocínio do Centro de Letras do Paraná.
1956	Juntamente com a irmã Soledade fixou residência no Rio de Janeiro/capital federal.
10.10.1960	Falecimento no Rio de Janeiro.
25.10.1965	Traslado dos ossos do Rio de Janeiro para Curitiba.

Elaboração das autoras

APÊNDICE 4 - CRONOLOGIA DE SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1900-1968)

DATA	ACONTECIMENTO
07.07.1900	Nascimento em Curitiba.
02.12.1905	Aprovada com distinção nos exames de 1ª série, 2ª classe da Escola Pública da 2ª cadeira para o sexo feminino de Curitiba, regido pela professora Luiza Netto Correia de Freitas, sua mãe.
Dezembro 1906	Aprovada nos exames do Colégio Soledade dirigido pela mãe Luiza e pela irmã Josepha.
23.08.1914	Participou do 3º evento Horas da Arte com a irmã Josepha.
21.08.1915	Participou do festival artístico da irmã Josepha, que havia recentemente chegada do Rio de Janeiro, realizado no salão nobre do Ginásio Paranaense.
22.07.1917	Participou no Teatro Guaíra do concerto popular realizado pela irmã Josepha em benefício dos pobres de Curitiba, e que contou com a participação dos maestros Bonacci e Seyer e dos alunos do Colégio Moderno.
30.04.1918	No concurso: qual a moça mais bela? Recebeu um voto.
29.06.1919	Participou no Teatro Guaíra do festival músico-literário em homenagem ao Marechal Floriano com a irmã Josepha.
23.11.1920	Juntamente com a irmã Josepha e mais um grupo de senhorinhas, cantou na Catedral de Curitiba em comemoração ao dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos.
Março 1926	Seguiu para o Rio de Janeiro estudar no Instituto Nacional de Música.
26.12.1926	Ocorreu um festival de arte no Teatro Guaíra promovido pelas alunas da Escola Normal Secundária pelo encerramento das aulas. Diversos cantos solos e coros foram dirigidos pela professora Josepha e por Soledade Correia de Freitas.
Dezembro 1928	Concluiu os estudos no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro e retornou para Curitiba.

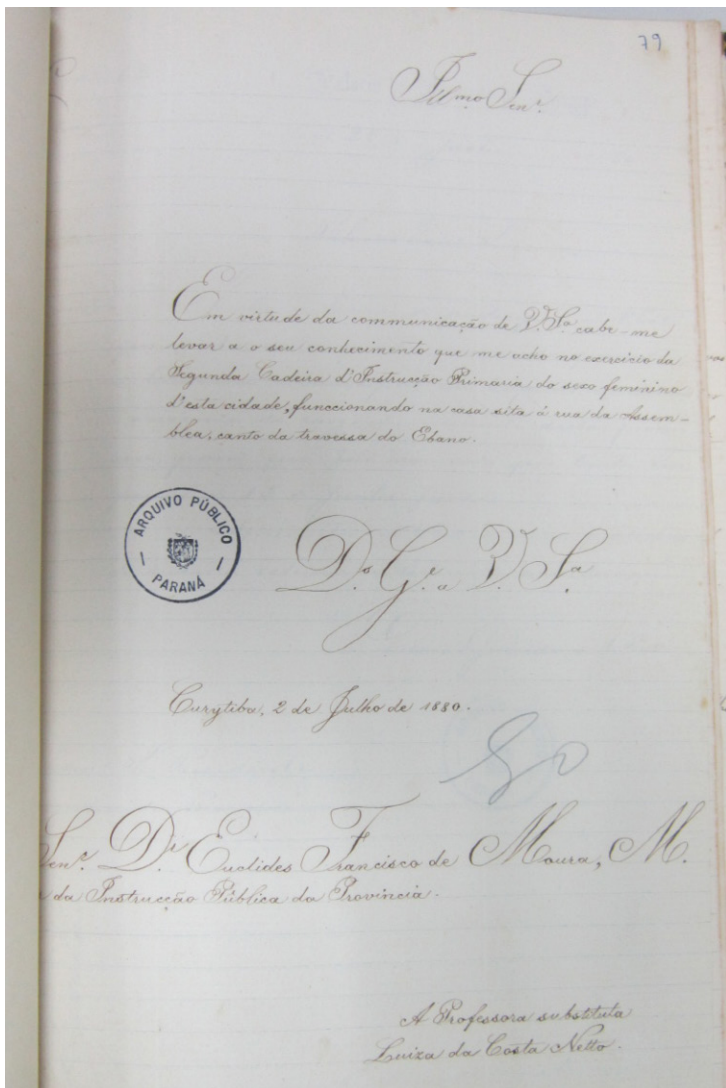
Maio 1930	Durante a III Semana Nacional da Educação participou dias 12 de maio (dia do lar) e 14 de maio (dia da escola), no Teatro Guaíra, dirigindo juntamente com a irmã Josepha as terceiranistas da Escola Normal. Participa também no encerramento dia 18 de maio (dia da boa vontade) na execução do hino nacional realizado pelas terceiranistas da Escola Normal, ajudada pela irmã Josepha.
Agosto 1934	Retornou do Rio de Janeiro com a irmã Josepha e reabriram sua Escola de Canto particular.
21.12.1934	Participou da missa em ação de graças pelo jubileu profissional do Victor Ferreira do Amaral.
22.11.1935	A irmã Josepha realizou palestra na Estação de Rádio Club e depois juntas cantaram algumas canções.
11.03.1937	Enviou telegrama ao interventor Manoel Ribas com votos pelo seu aniversário.
Maio 1937	Audição do curso particular de canto das professoras Josepha e Soledade Correia de Freitas.
19.11.1937	Junto com a irmã Josepha participou das comemorações em homenagem ao dia da bandeira, como membros da comissão de propaganda cívica, canto orfeônico e declamações.
11.12.1937	Audição de canto e piano das professoras Soledade e Josepha para finalizar o ano de 1937.
1938	Fundado em Curitiba a Sociedade Amigos do Livro e Belas Artes pela iniciativa de Aluízo França e em cuja primeira diretoria Soledade era do conselho de música, canto, declamação e rádio-difusão.
03.09.1938	Comemorações da Semana da Pátria durante a qual a Canção Brasil executada pela Escola Normal foi comandada pela professora Soledade.
08.12.1941	Com a irmã Josepha, cantaram a Ave-Maria na missa de amizade em comemoração ao nascimento do historiador paranaense Romário Martins.
19.12.1941	Com a irmã Josepha, cantaram a Ave-Maria na missa de ação de graças pelo dia da telefonista mandada rezar pela senhora Acácia de Macedo e Costa e sua filha Edy Costa.

Abril 1943	Doação de 5 Cruzeiros para a campanha nacional de aquisição de mãos mecânicas para o chofeur Solon Cavalcante de Melo que perdeu as duas mãos carregando fogos de artifícios em Pernambuco.
07.10.1944	Participou da fundação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê em Curitiba
28.11.1945	Na colação de grau da Seção Feminina do Ginásio Paranaense, junto com a irmã Josepha regeram o coro da cerimônia.
1946	Participou, com a irmã Josepha, das solenidades de inauguração do Grupo Escolar Julia Wanderley.
1948	Faz parte da Associação dos Professores do Paraná. Em outubro desse ano assinou telegrama enviado ao governador Moyses Lupion pela Associação elogiando o projeto de lei que estabeleceu a carreira da classe, com padrão inicial M e promoção de cinco em cinco anos (Lei nº 135 de 10/11/1948).
1949	Apareceu entre as homenageadas das professorandas de 1949 do Instituto de Educação de Curitiba.
1950	Após a aposentadoria da irmã Josepha, Soledade entra com pedido de licença especial e depois com vários pedidos de licença médica para tratamento de saúde e não retorna mais às salas de aula.
08.07.1951	Participou da 2ª Semana de Carlos Gomes em Curitiba sob o patrocínio do Centro de Letras do Paraná, no Clube Concórdia.
1956	Juntamente com a irmã Josepha fixou residência no Rio de Janeiro/capital federal.
1960	Volta a morar em Curitiba.
1966	Participa da campanha Pró Associação Paranaense de Reabilitação doando CR\$ 2000.
09.09.1968	Falecimento em Curitiba aos 69 anos.

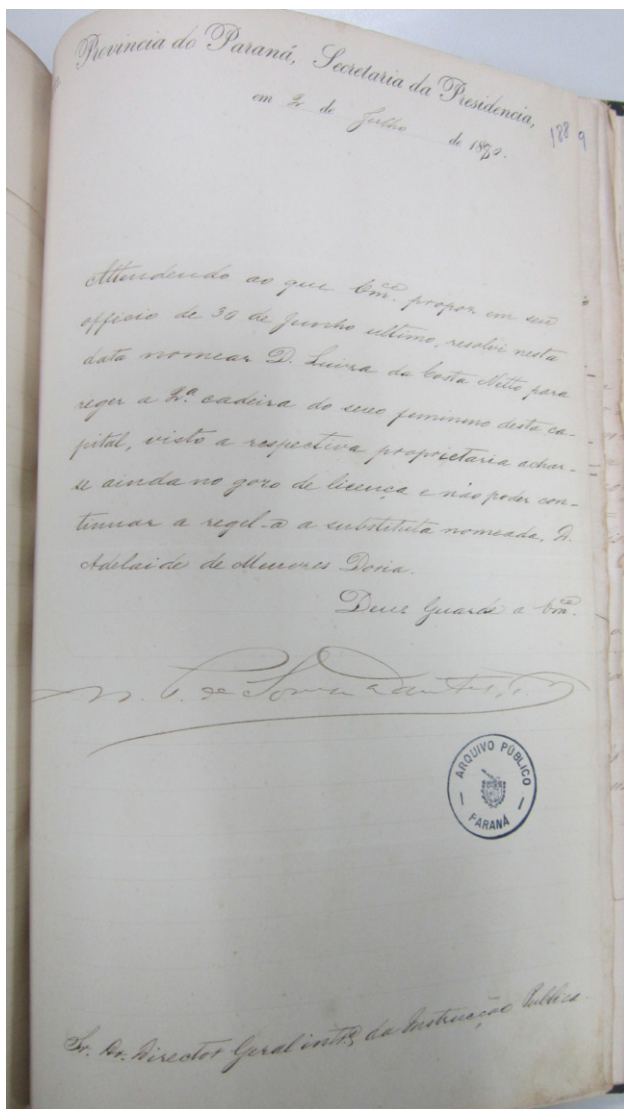
Elaboração das autoras

ANEXOS

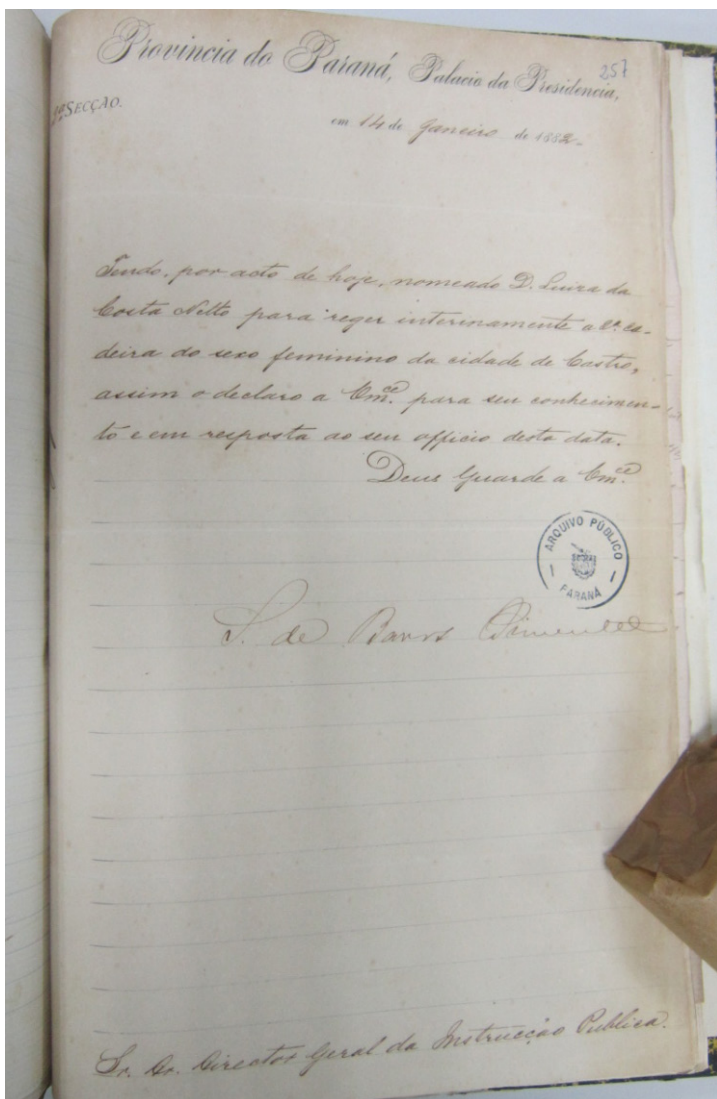
ANEXO 1 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO



ANEXO 2 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO

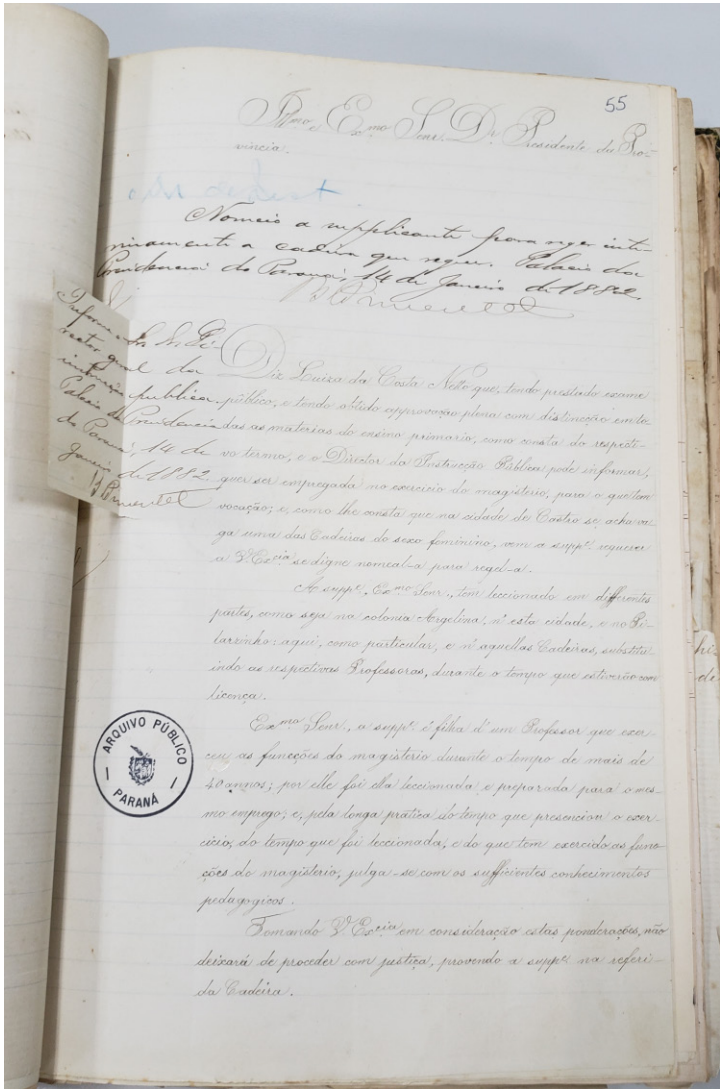


ANEXO 3 - LUIZA NETTO – PROFESSORA SUBSTITUTA EM CASTRO



AP0648, 1882, v.2, p. 257.

ANEXO 4 - SOLICITAÇÃO LUIZA NETTO PARA SER NOMEADA DEFINITIVO EM CASTRO



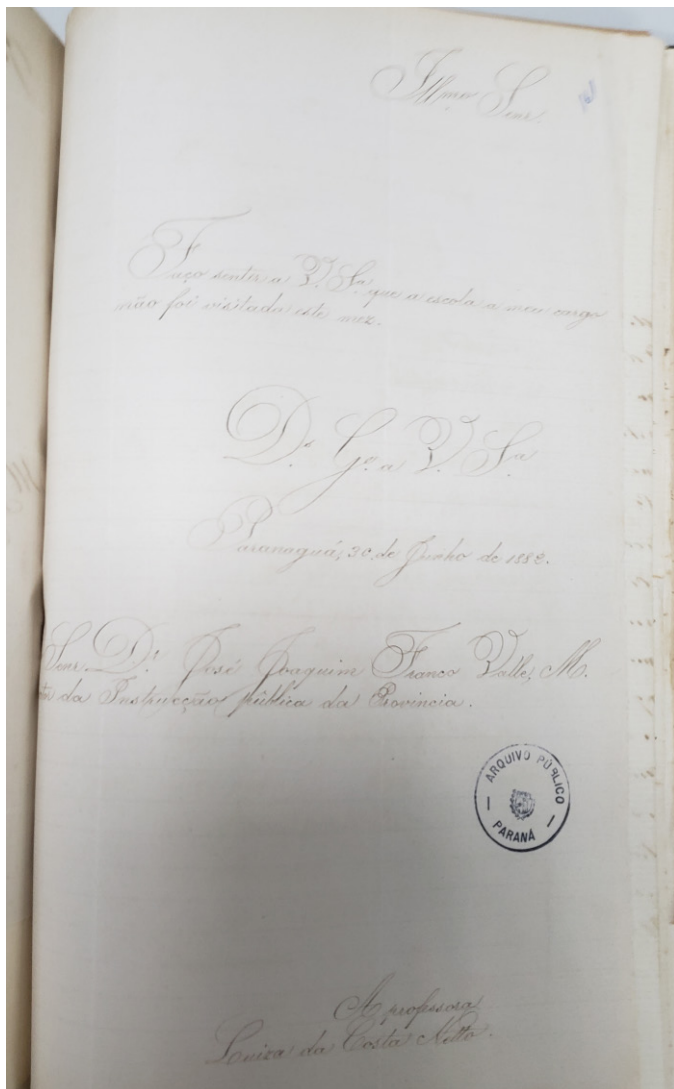
AP0675, 1882, v.1, p. 55.

ANEXO 5 - SOLICITAÇÃO DE PAGAMENTO DE LUIZA NETTO



AP0675, 1882, v.1, p. 58.

ANEXO 6 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ



AP0659, 1882, v.13, p. 167.

ANEXO 7 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ

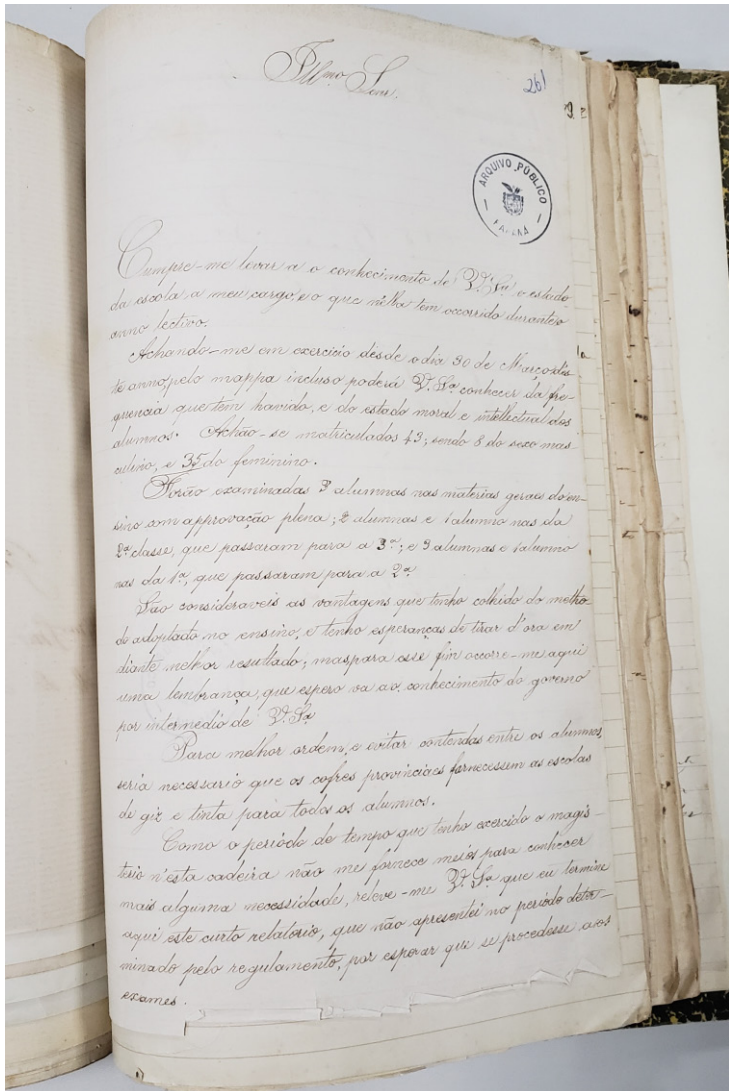
Pereira *M. H. S.* 45
244

Tenho de visita feita a escola regida pela Ex. mpa. Sena.ª
D. Luiza da Costa Neto em 30 de Maio de 1882.
Tubo de visitar a escola acima e encontrei a respeito
da professora bem como 11 alumnos sendo de sexo masculino
no 3 e 14 do sexo feminino. Não podendo ainda julgar do
metodo de ensino empregado por essa professora, e com algumas
o adiantamento de suas alumnas, visto como achei-se ella a
poucas e 2 meses no exercicio da cadeira; em as minhas visitas
quentes visitas, porém, estou convencido de que estrear-me-hei
em prol de seu methodo e do adiantamento dos alumnos, por
que reconheço n'essa professora muita vocação para o magis-
terio. A sala em que funciona a escola está situada
em boas condições, é espacosa. Não está ainda mobili-
da convenientemente por não ter o marceneiro promptificado
a mobilia que ha mais de um mes, fora encomendada.
Viem-se as copias do costume e mis. comtas para dar o
conveniente destino. — Paranaguá, 30 de Maio de 1882.
O Inspector Parochial — Joaquim Antonio Pereira
Alves. — Está conformes. — Paranaguá, 1 de Junho de
1882. — A professora — Luiza da Costa Neto.



AP0664, 1882, v.18, p. 244.

ANEXO 8 - PROFESSORA LUIZA NETTO DA 3ª CADEIRA DE PARANAGUÁ



AP0674, 1882, v.28, p. 261-262.(frente)

Junto achados P. Sa. e arcamento da despesa no anno
1882.

D. G. a P. Sa.

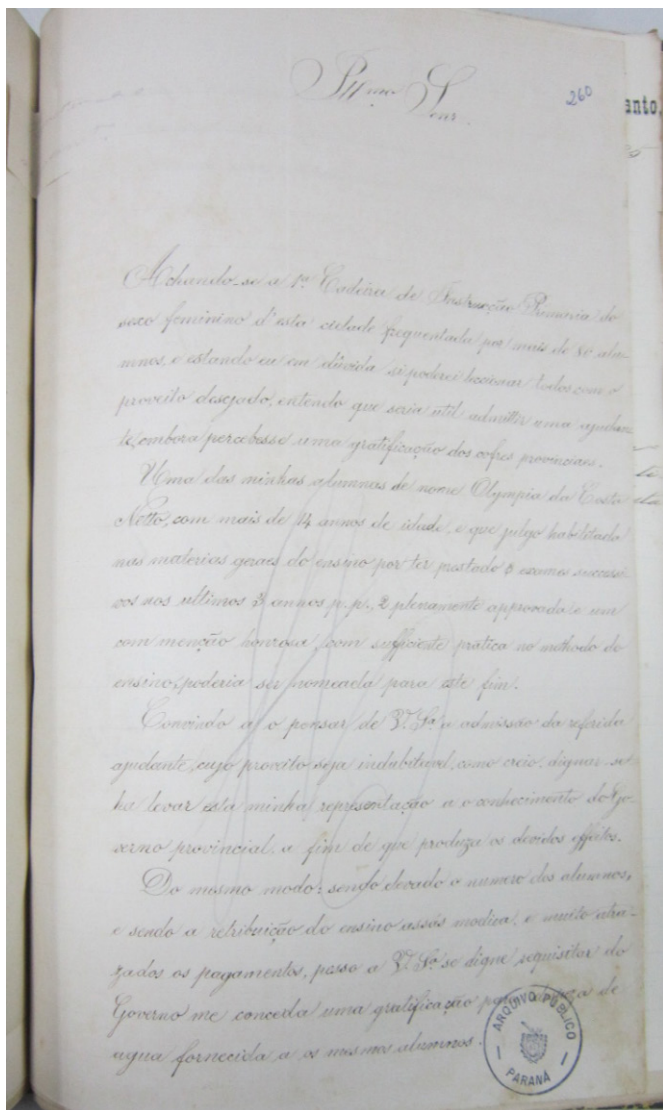
Paranaguá, 4 de Dezembro de 1882.

Mmo Senr. Te Coronel Joaquim Antonio
Pereira Alves, M. D. Inspector Parochial das escolas d'a-
ste municipio.

A professora dou 3.^a cadeira
Luiza da Costa Netto.



ANEXO 9 - SOLICITAÇÃO DE UMA AUXILIAR PARA A PROFESSORA LUIZA NETO



AP0744, 1885, v.9, p. 260-261. (frente)


Curitiba, 30 de Junho de 1885.

Ex.ª Sr. D. J. da S.ª

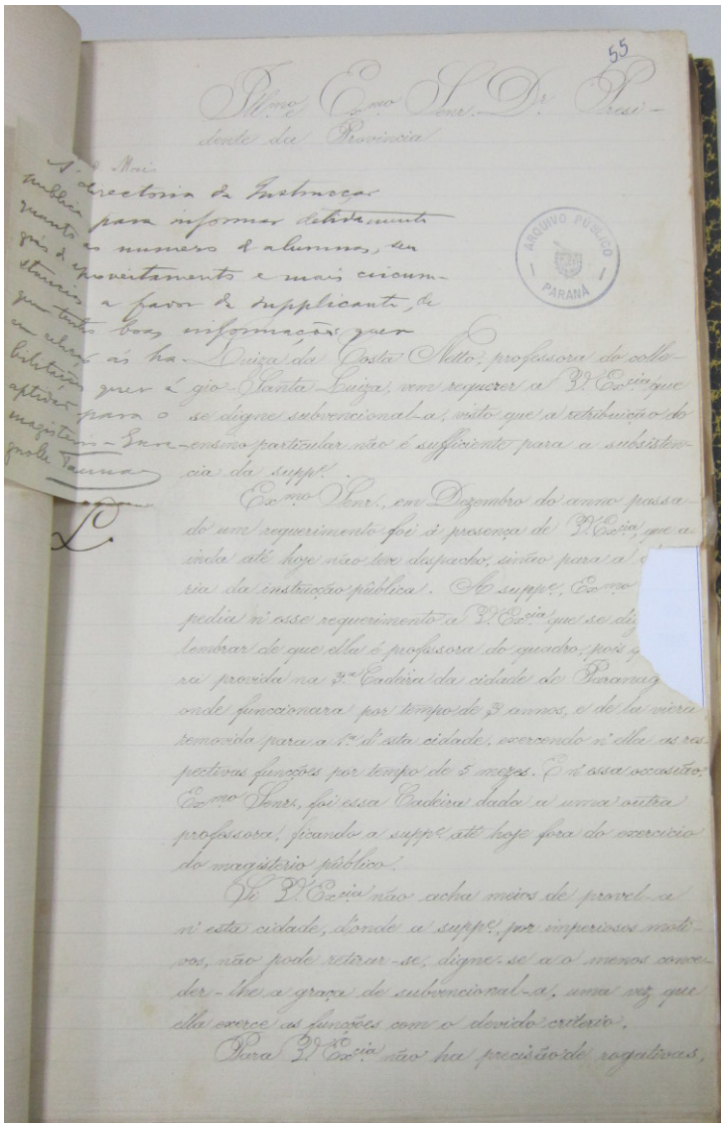
Curitiba, 30 de Junho de 1885.

M.ª Sr. D. João Manoel da Cunha,
M.ª D. Director da Instrucção publica da provincia.

A professora
Luiza da Costa Netto.



ANEXO 10 – TRANSFERÊNCIA DE PARANAGUÁ PARA CURITIBA – LUIZA NETTO




AP0795, 1886, v. 3, p. 55-56. (frente)

porque em vista das circunstancias que concorrem
a este assumpto, fora ocioso tomar-se pratica, pois
que da realidade e justiça de S. Ex.ª a suppl. confiu e

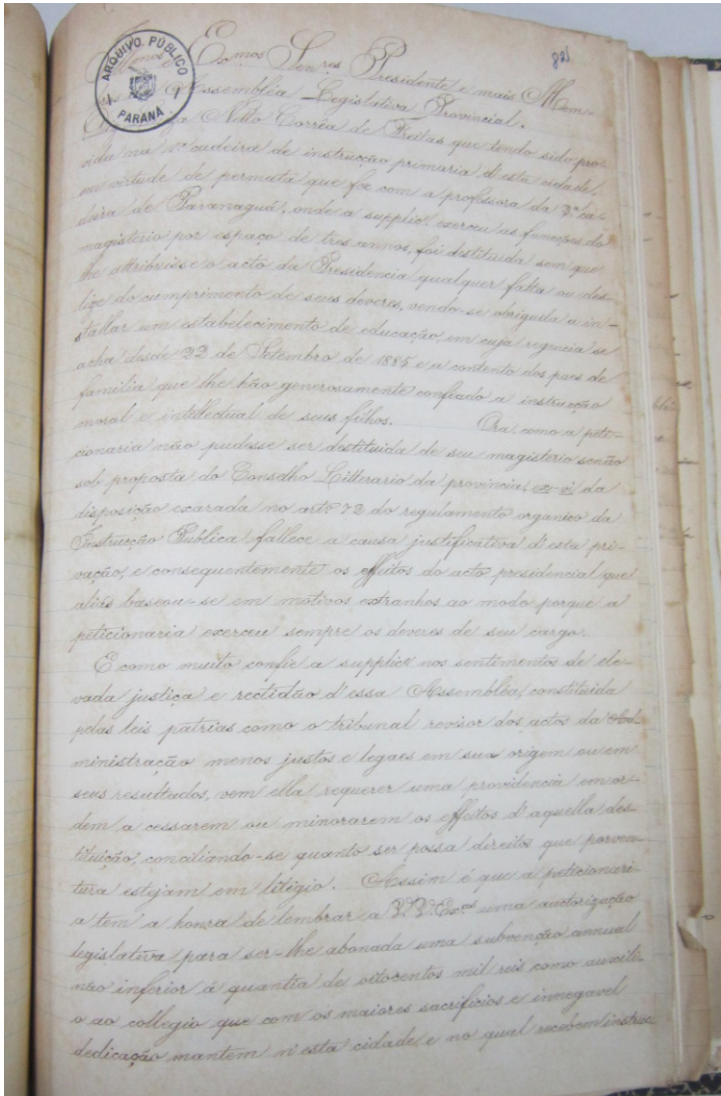
E. R. M.^o

Luiz da Costa Netto.

Curitiba, 30 de Abril de 1886.



**ANEXO 11 - PETIÇÃO DE SUBVENÇÃO ANUAL A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
PROVINCIAL**



AP0828, 1887, v. 5, p. 82-83. (frente)

devaluar os saberes de todas as classes, e a vontade de se
entender para tanto, prestado como fidalgo, em Dezembro de
1885, os alunos que foram aproveitados em distribuição.
Cabe ao Sr. Int. que tem convidado a outora de
vendas, expedidas para estabelecer um estabelecimento de
ensino primário, apoio da 'impia' do ensino e de proteção
a uma capital, onde há abundancia de instituições de ensi-
no; se pode ser repellido por quem tem a sempre
abundancia e superabundancia de leturais, maras e a 'força' de uma
que se fazem de mulher, no desempenho de sua vinda
do que se chama 'magisterio' primario. Concluido o
periodo para 'gra' do classe a que prendiam, ira a
magisto e os habito adquiridos durante quatro annos de effe-
cto 'magisterio' publico, além do exercicio interino em apo-
das a dicitura, com que, a sua 'apago', the 'foco' irogada qual
que, pena/pelo seus legitimos superiores, a 'peticao' varia op-
pelo 'confiant' para a sua propria iniciativa, mas si
se contrangida la cede, aos obicos que se antepõem as apa-
ras a depositadas no concurso livre e franco da população;
e a 'est' ante, obla-se para P.P. Co. a quem, não se allega
si impossivel, uma separação, embora tardia, mas que se
sectaria, nas largas bases da 'justiça' e da equidade.
Nisto termos. P. a digna 'Assemblea' de tomar
em consideração a que vem de expôr, se vindo-se de docu-
tar em sua sabedoria o que mais convenientemente parecer a ben-
dos direitos da 'supplor', do respeito à Lei e dos interesses
civino.

C. P. C. N.º

Curitiba, 26 de Fevereiro de 1887.

Luiza Neta Correia de Freitas.

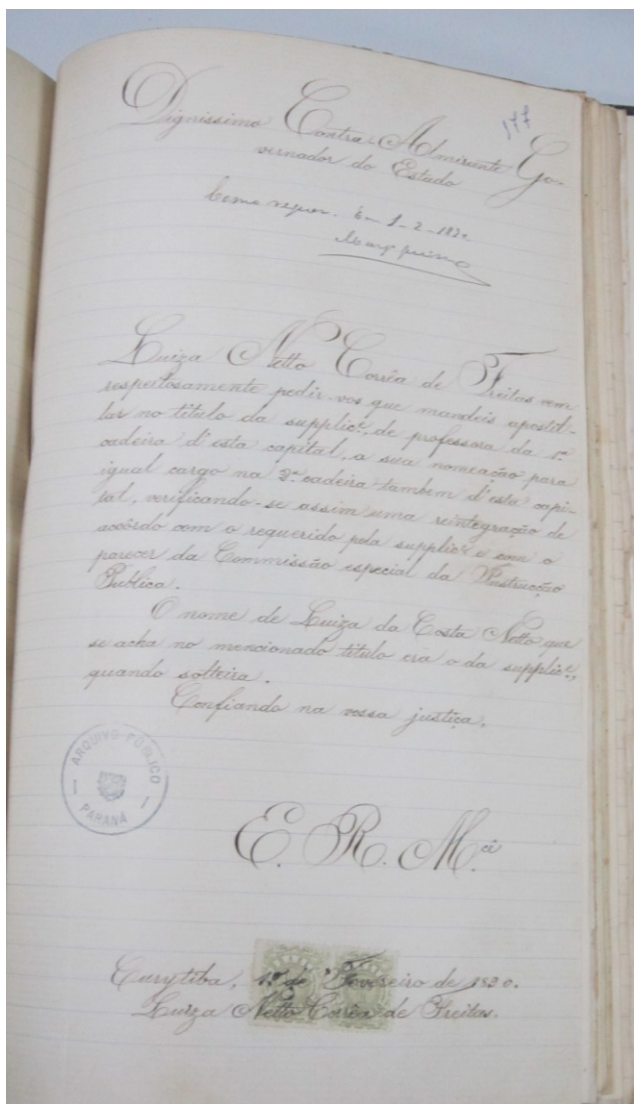


ANEXO 12 - SOLICITAÇÃO DE REINTEGRAÇÃO AO QUADRO DO MAGISTÉRIO PÚBLICO



AP0878, 1889, v.5, p. 209.

ANEXO 13 - REINTEGRAÇÃO AO QUADRO DO MAGISTÉRIO - 2ª CADEIRA



ANEXO 14 - LOCAL DE FUNCIONAMENTO DA 2ª CADEIRA

Mestre Cidadão 41

Comunicação de
10 de Fevereiro 1890

ARQUIVO PÚBLICO
PARANÁ

Tenho a honra de comunicar - vos que, tendo eu sido, por acto de 23 de Janeiro último reintegrado na 2ª cadeira para o sexo feminino d' esta capital, reassumi o exercício do magistério publico, recebendo hoje, provisoriamente a sua Quinze de Novembro n.º 32 (sobrado), a escola que me foi confidada.

Asseguro-vos que não pouparei esforços para corresponder, não só á benevolencia da illustrada commissão encarregada da reforma da Instrução Publica e da qual fostes distincto membro, como ao acto do benemerito Governador que se dignou ratificar o parecer da referida commissão.

Reitero-vos os meus protestos de respeitosa estima e subida consideração.

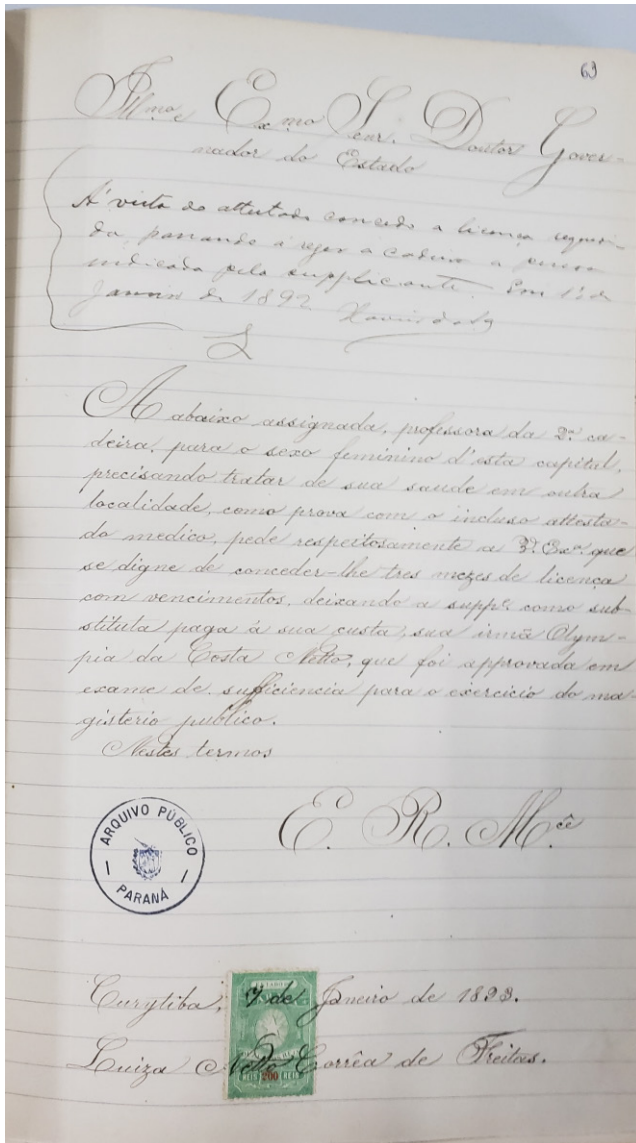
Suave e paternidade.

Mestre Cidadão Doutor José Joaquim Franco Valle, M. D. Director Geral da Instrução Publica.

Curitiba, 8 de Fevereiro de 1890.

Luiza Netto Corica de Freitas.

ANEXO 15 - PEDIDO LICENÇA MÉDICA DE LUIZA NETTO



AP0990, 1893, v. 1, p. 63-64. (frente)

64

Victor Ferreira do Amaral, Silva,
doutor em medicina pela Faculdade
de Rio de Janeiro, etc.

Attesto que a Sr.^a Professora
D.^a Julia, digo Luiza Netto Correia
de Freitas, sofre de chloro-anemia,
pelo que necessita de tratamento
fóra d'esta Capital.

Curitiba, 6 de Janeiro de 1893

D.^a Victor Ferreira do Amaral, Silva



ANEXO 16 - FIM DA LICENÇA MÉDICA DE LUIZA NETTO


Delegacia da 1ª Circunscrição do Ensino Popular do Estado do Paraná 09
Euzal de Abil de 1893

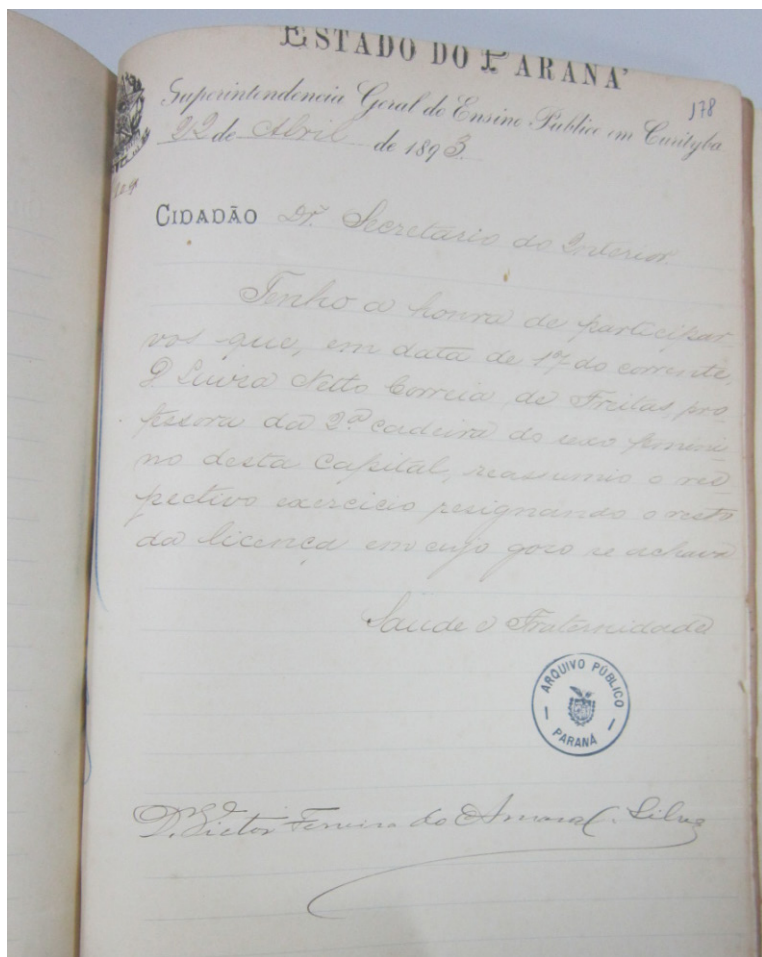
Ao Cidadão Sr. Superintendente
e Geral do Ensino.

Tenho a honra de trazer a vos-
so conhecimento para os fins a-
nunciados que a professora Sr.ª Ce-
cília deste Capital e Luiza Netto Correia
de Freitas, que se acham licenciada,
assumiram o exercício de seu cargo
no dia 17 do corrente.

Saúde e Fraternidade

Delegado Literário
Aluis J. de Silva





ANEXO 17 - FICHA FUNCIONAL Nº 13.612 DE JOSEPHA CORREIA DE FREITAS

1943

227

Ficha n.º _____ de 196 _____

Nome: JOSEPHA CORREIA DE FREITAS nomeado por _____ nº de _____

Para exercer o cargo de PROP. DE MUSICA de SECRETARIA DA PREFEITURA

VENCIMENTO MENSAL: 13 612

DESCONTOS:

Ordemado G. 307 110 Seguro de vida: G. 75,00
 Gratificação G. 153,50 Caixa de construção: G. _____
 Qualificação especial G. 117,70 Assoc. Funcionários Públicos: Mensal: G. 11,00
 Instituto de Funcion. Públic. Mensal: G. _____
 Instituto de Funcion. Públic. Mensal: G. _____
 União dos Servid. do Paraná: Mensal: G. 14,70

TOTAL: G. 563,20

Data do fólio	Turno do classe	Ano para folha pagto	Data do pagamento	Vencimento	D E S C O N T O S									TOTAL DOS DESCONTOS				
					Pagto de vitta	Caixa de constr.	Caixa Econômica Simples	Un. Econ. Públic.	Instit. Econ. Públic.	União dos Serv.	Seguro de vida	Banco de Curitiba	Aluguel de casa					
1	330/54	Frei		368,92	35,00												363,92	8
2	335/4	Frei		368,92	35,00												363,92	8
3	338/5	Frei		368,92	35,00												363,92	8
4	340	Frei		368,92	35,00												363,92	8
5	341	Frei		368,92	35,00												363,92	8
6	342	Frei		368,92	35,00												363,92	8
7	343	Frei		368,92	35,00												363,92	8
8	344	Frei		368,92	35,00												363,92	8
9	345	Frei		368,92	35,00												363,92	8
10	346	Frei		368,92	35,00												363,92	8
11	347	Frei		368,92	35,00												363,92	8
12	348	Frei		368,92	35,00												363,92	8
13	349	Frei		368,92	35,00												363,92	8
14	350	Frei		368,92	35,00												363,92	8

Apresentou recibô do imposto sobre a renda, recibo n.º 20485 de 10/8/42. Relação da Diretoria Geral da Educação.

Declaração de Renda, sob. n.º 2362 de 29/4/43.
Apresentada em 1/6/43.

Portaria 97 de 13/4/44, designa para reger turmas suplementares.

Ofício n.º 831, datado de 8/5/1943, Protocolo n.º 6578, datado de 10/5/1943, da Diretoria Geral da Educação, comunica que o professora de Musica do Ginásio Paranaense desta Capital, Sra. Josepha Correia de Freitas, apresentou nesta Diretoria, o recibo do pagamento do Imposto de Renda, n.º 2362 de 29/4/1943, estando isento do Imposto de Guerra.

A.S.P./

Portaria n.º 115, de 5-4-1943, designa a professora Josepha Correia de Freitas, para reger turmas suplementares do Ginásio Paranaense, desta Capital, a cadeira de Canto Orfeonico-a contar de 15 de Março de 1943.-

A.S.P./

Portaria 97, de 13/4/44, designa para reger turmas suplementares do referido educandário de ensino.-

Portaria n.º 528 de 12/5/45, designa para reger turma suplementar do Curso "Ginásio de MÚSICA", do Ginásio Paranaense durante o ano letivo de 1945.

C.P.

Portaria n.º 547 de 25/9/45, designa para ministrar aulas suplementares na Escola de Professores de Capital, durante o período iniciado a 15 de julho de 1945.

C.P.

Portaria nº 722 de 10/5/46, designa JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, para reger turmas suplementares do Curso Ginásial do Ginásio Paranaense, (Secção Feminina), desta Capital, para a cadeira de Canto Orfeônico, durante o ano letivo de 1946.

***** M/S

Portaria nº 767 de 20-5-46, designa para reger turmas suplementares no Curso Ginásial no Instituto de Educação, durante o ano letivo de 1946, até 10 aulas semanais de Canto Orfeônico.

***** *

Portaria nº 1633 de 10-10-46 designa para reger turmas suplementares no Ginásio Paranaense, Secção Feminina desta Capital, durante ano de 1946, ficando sem efeito a portaria nº 722 de 10-5-46, até 12 aulas semanais

Decreto nº 888, de 18/11/47, incorpora, de acordo com o § único do art. 154, da Constituição Estadual, para todos os efeitos legais, ao acervo de serviço público de JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor, padrão "I", do Quadro do Ensino, com exercício no Ginásio Paranaense, desta Capital, o tempo de 1 (um) ano em virtude de não haver a referida funcionária gozado licença, durante o decênio compreendido entre 1º de março de 1929 e igual dia e mês do ano de 1939.

Apresentou título em 14/4/50

O.G.A.

Decreto nº 2.869, de 20/5/48, atualiza, de acordo com o art. 152, item I, da Constituição Estadual, a partir de 1/1/48, a quarta parte sobre os vencimentos de JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor padrão "I", do Quadro do Ensino, com exercício no Ginásio Paranaense.

O.G.A.

Portaria nº 578, de 16/4/48, designa a professora JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, para durante o corrente ano letivo, reger turmas suplementares, no Ginásio Paranaense, Secção Feminina, desta Capital.

O.G.A.

Decreto nº 3.923, de 16/8/48, concede, de acordo com o art. 152, item II, da Constituição Estadual e a partir de 1/1/48, a JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor, padrão "I", do Quadro do Ensino, com exercício no Ginásio Paranaense, desta Capital, o acréscimo dos adicionais de 10% (dez por cento) sobre os seus vencimentos.

O.G.A.

Decreto nº 4.967, de 10/11/48, concede, de acordo com o art. 152, item II, da Constituição Estadual, a JOSEPHA CORREIA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor, padrão "I", do Quadro do Ensino, com exercício no Ginásio Paranaense, desta Capital, o acréscimo dos adicionais, sobre seus vencimentos, de 15 (quinze por cento) a partir de 24 de Abril de 1.948, data em que completou 33 (trinta e tres) anos de serviço.

O.G.A.

Decreto nº 6867 de 6/5/49, incorpora de acôrdo com a lei nº 135 de 10 de Novembro de 1948, para todos os efeitos legais, ao acôrvo de serviço público de JOSEPHA CORREA DE FREITAS, ocupante do cargo de prof. padrão "M", do Quadro de Ensino, com exercicio no Ginásio Paranaense, Secção Feminina, o tempo de 1 ano, em virtude de não haver a mesma afastado do exercicio de suas funções durante o bécênio compreendido entre 2 de março de 1939 e igual data de 1949.

L/P

Decreto nº 8023 de 13/9/49, concede de acôrdo com o artº 152, item II, da Constituição Estadual a JOSEPHA CORREA DE FREITAS, ocupante do cargo de prof. padrão M, do Quadro do Ensino, com exercicio no Ginásio Paranaense, Secção Feminina, desta Capital, os acrescimos do adicionais, sobre seus vencimentos, de 15% (quinze por cento) 20% (vinte por cento), a partir de 1º de Janeiro de 1948 ~~até~~ de 23 de Agosto do mesmo ano, e 25% (vinte e cinco por cento) a partir de 23 de Agosto de 1949, ficando, em consequencia, sem efeito os decretos nrs. 3923 e 16 de Agosto de 1948, e 4767 de 10 de Novembro de 1948, que lhe concederam os acrescimos do adicionais de 10% (dez por cento) e 15% (quinze por cento), deduzindo-se-lhe a importancia já paga por força destes decretos. (D.O. nº 166 de 14/9/49.)

Apresentou titulo em 14/4/50

Decreto nº 9245 de 19/12/49, classifica, no cargo de prof. aux. em carter efetivo, padrão P, JOSEFA CORREIA DE FREITAS, no Colégio Estadual do Paraná, a partir de 1/1/50.

Apresentou titulo em 14/4/50

J.W.B.

Decreto nº 10073 de 6/3/50. Resolve conceder aposentadoria, de acôrdo com o art. 111, alinea B, da Lei n. 293, de 24 de novembro de 1949, a JOSEPHA CORREA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor catedrático, padrão P, do Quadro do Ensino com exercicio no Instituto de Educação desta Capital, com os proventos de inatividade de cr\$ 67.500,00 (sessenta e sete mil e quinhentos cruzeiro) anuais e integrais na conformidade do art. 113, item I, da referida Lei.

Apresentou titulo em 14/4/50

A.B.M.

18/3/50.

ASSENTAMENTOS.

Decreto nº 10073 de 6/3/50, Resolve conceder aposentadoria, de acôrdo com o art. 111, alinea B, da Lei n. 293 de 24 de novembro de 1949, a JOSEPHA CORREA DE FREITAS, ocupante do cargo de professor catedrático, padrão P do Quadro do Ensino, com exercicio no Instituto de Educação desta Capital, com os proventos de inatividade de Cr\$ 67.500,00 (sessenta e sete mil e quinhentos cruzeiros) anuais e integrais na conformidade de art. 113, item I, da referida Lei.

A.B.M.

19/3/50.

Em data de 17/4/50, foi registrado no Tribunal de Contas do Estado, o processo de aposentadoria de JOSEPHA CORREA DE FREITAS, de acôrdo com o protocolo nº 2.285, de 17/3/50, do Tribunal de Contas do Estado, e 3.724, de 3/2/50, desta Secretaria.

O.G.A.

REAJUSTADO "ex-officio" no Cargo de Inativo Josepha C. Freitas com os vencimentos de Cr\$ 7.925,00 mensais de acôrdo com a Lei 2907/56. 15/10/56.

Registrado no T.C. Prot. nº 8.951/57 " S.F. " " 13.893/56

Em 11/7/57

ABond

DECRETO Nº 9.680, de 26/4/57, resolve reajustar, de acôrdo com o art. 4º, da lei 497, de 25/12/50, os proventos da professora do Ensino Médio Inativo, JOSEFA CORREA DE FREITAS, em Cr\$ 101.874,00 (cento e um mil e oitocentos e setenta e quatro cruzeiros) anuais e inclusive a quarta parte e os adicionais de 25% (vinte e cinco por cento) correspondentes ao padrão "U".

Em 11/7/57

ABond

REAJUSTADO "ex-officio", de acôrdo com 4074/59, 2/3 da lei 497/50.

Em 15/9/59

ABond

ANEXO 18 - AUTOS DE JOSEPHA E SOLEDADE CORREIA DE FREITAS (1957)

1400,00

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO.

R. A. Sim, em termos.
Em 23-2-57.
M. Prádis J. Mendes
36-2-57

JOSEPHA CORRÊA DE FREITAS e SOLEDADE CORRÊA DE FREITAS, brasileiras, solteiras, proprietárias, residentes e domiciliadas na Capital da República, por seu bastante procurador (ut instrumento de substabelecimento incluso), com o acatamento e respeito que lhe são devidos e com fundamento no artigo 298, inciso IX, do Código de Processo Civil, vêm à sua presença propor uma AÇÃO EXECUTIVA contra a firma comercial "MORIYAMA KAWAKAMI E CIA. LTDA.", sediada à Rua José Loubeiro, 16 (loja), no edifício "Corrêa de Freitas, nesta cidade, pelos motivos que passa a expor :-

I - As Suplicantes firmaram com a Suplicada, em data de 21 de maio de 1956, esta representada pelo seu sócio Sr. JORGE KAWAKAMI, brasileiro, casado, do comércio, um contrato de locação de sua propriedade, sita no endereço acima, com o limite de prazo para 21 de maio do ano de 1959, mediante o aluguel mensal de CR\$8.300,00 (oito mil e trezentos cruzeiros, a ser pago até o dia 21 de cada mês;

II - Acontece, porém, que a Suplicada, desde o dia 21 de dezembro pp., não vem mais efetuando o aluguel em questão, encontrando-se, nesta data, com dois meses de atraso, ou seja a importância de CR\$16.600,00 (dezesseis mil e seiscentos cruzeiros), mais os juros de mora que vão a CR\$249,00 (duzentos e quarenta e nove cruzeiros);

III - A despeito de ter sido procurada com insistência, a Suplicada não se prontificou a saldar o débito e a pôr em dia o aluguel;

IV - E, por não cumprir ela com sua obrigação, é que as Suplicantes vêm se servir do disposto no artigo 298, inciso IX, do Código Processual Civil, que determina sejam processadas pela forma executiva as ações dos credores de aluguéis, provenientes de contrato escrito ou ver -

2

-2-

3
11/1

verbal;

V - Nestas condições, rezaem a citação da Suplicada, na pessoa de seu sócio Sr. JORGE KAWAKA MI, domiciliado à Rua José Loureiro, 18, na forma do artigo 299, do cit. Cód., para que pague a importância de CR\$..... 16.849,00 (dezesseis mil e oitocentos e quarenta e nove cruzeiros) e, não o fazendo, se proceda à penhora em tantos de seus bens quantos bastem para a solução do débito, juros de móra, custas judiciais e honorários de advogado à base de 20%, ficando citada para no prazo legal contestar a ação e para todos os seus demais termos até final, pena de revelia.

Protestam pela apresentação futura de qualquer gênero de provas admitido em Direito e, juntando os documentos precisos e exigidos por Lei, dão ao feito o valor de CR\$16.849,00, para o pagamento da taxa judiciária.

N. Termos

P. deferimento.

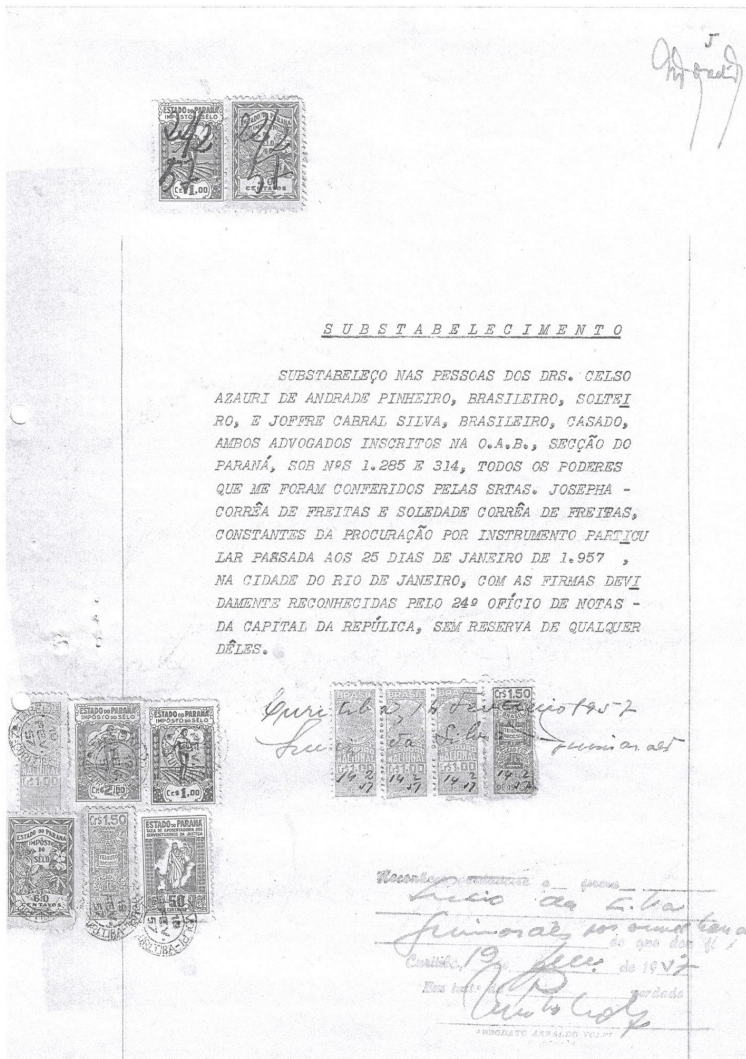
Qui...
pp. A/s...


Em tempo - A prova a que se refere o § único do art. 299 será apresentada oportunamente, mediante 2ª via a ser tirada na Prefeitura Municipal, em virtude de ter sido enviada a 1ª às Suplicantes, na Capital da Republica.

920.00
5.340
122.40

Distribuido sob N.º 11.667.
Ao Dr. Juiz da 1ª CÂMARA Vara Cível

Recebu em Cível

Fonte: 3ª Vara do Cível e Comércio de Curitiba, Nº 5625, 1957.

ANEXO 19 - FICHA FUNCIONAL Nº 13.679 DE SOLEDAD CORREIA DE FREITAS

1903

05/ SOLIDARIEDADE CORREIA DE FREITAS nomeado por _____ de _____

Para exercer o cargo de PRO. AUXILIAR DE MUSICA na CATEGORIA PARAMUNICIPAL - RPP - RPP/MT

VENCIMENTO MENSAL: 13 679,00 **CONTOS:**

Ordemado G. 270,00-
 Gratificação G. 105,00-
 Qualificação especial G. _____
TOTAL: G. 105,00

Caixa Economica Federal (Mensal) Sup. G. _____ Seguro de vida G. _____
 " " (Mensal) Sup. G. _____ Caixa de contribuição G. _____
 Assoc. Funcionarios Publicos (Mensal) G. _____ Pensão de Invalidez G. _____
 Instituto de Funcion. Public. (Mensal) G. 11,00 Instituto de Curatela G. _____
 " (Mensal) G. _____ Aluguel de casa G. _____
 União dos Servid. do Estado (Mensal) G. _____ " (Mensal) G. _____

Numero do registro	Data de registro	Data do pagamento	Vencimento	D E S C O N T O S										Bônus de férias	Bônus de gratificação	Aluguel de casa	TO DESP		
				Seguro de vida	Caixa de economias	Caixa Economica	Assoc. Func. Publicos	Instituto de Funcion. Publicos	Mensal	Sup.	Mensal	Sup.	Mensal					Sup.	
116	22/08/07	10/09/07	4050,00	35,00											4,00		12,20		57,20
634	32/04/08	10/05/08	4050,00	35,00											4,00		12,20		57,20
1240	31/07/08	10/08/08	4050,00	35,00											4,00		12,20		57,20
1581	30/09/08	08/10/08	4050,00	35,00											4,00		12,20		57,20
1582	26/09/08	10/10/08	4550,00																
3070	11/09/08	10/09/08	500,00														4,50		4,50
2047	12/08/08	10/08/08	4050,00	35,00											4,00		16,20		55,20
2048	12/08/08	10/08/08	4050,00	35,00											4,00		16,20		55,20
2946	14/03/09	10/03/09	4050,00	35,00											4,00		16,20		55,20
2947	14/03/09	10/03/09	500,00																
3543	14/03/09	10/03/09	500,00																
2048	12/08/08	10/08/08	4050,00	35,00											4,00		16,20		55,20

Portaria 97 de 13/4/44, designa para reger turmas supletares.

Portaria nº115, de 5-4-1943, designa a professora Soledade Correia de Freitas, para reger turmas suplementares do Ginásio Paranaense, desta Capital, a cadeira de Canto Orfeônico, a contar de 15 de Março de 1943.

A.S.P./

Portaria nº 97 de 13/4/44, designa para reger turmas suplementares.-

Portaria nº1 329 de 12/5/45, designa para reger turma suplementar do Curso Ginasial de "MÚSICA", do Ginásio Paranaense durante o ano letivo de 1945.

C.P.

Portaria nº. 943 de 25/9/45, designa para ministrar aula suplementar na Escola de Professores da Capital, durante o período letivo iniciado a 15 de julho de 1945.

C.P.

Portaria nº 183, de 23/4/49, designa a professora SOLEDADE CORREIA DE FREITAS, para durante o corrente ano, reger turmas suplementares, da cadeira de Canto Orfeônico de 10(dez) aulas semanais, no Ginásio Paranaense, Seção Feminina desta Capital, a partir do mês de Março de 1.949.

O.G.A.

Decreto nº 9245 de 19/12/49, classifica, no cargo de prof. aux. em caráter efetivo, padrão 0, SOLEDADE CORREIA DE FREITAS, no Colégio Estadual do Paraná, a partir de 1/1/50.

apresentou título em 6/2/50

J.W.B.

Decreto nº 9645. 21 /1 /1950. Resolve conceder, de acordo com a lei n. 135, de 10 de novembro de 1948 a SOLEDADE CORREIA E FREITAS?, ocupante do cargo de professor auxiliar padrão 0, do Quadro do Ensino com exercício no Curso Ginasial (1º ciclo) do Instituto de Educação do Paraná, 6 meses de licença especial, por não haver a mesma se afastado do exercício de suas funções durante o decênio compreendido entre 21 de julho de 1936 e igual data de 1946. Nº276. m21 /1 / 1950. A.B.M.

PORTARIA Nº 812, de 25.4.51, designa a prof. SOLEDADE CORREIA DE FREITAS, para ministrar (8) aulas suplementares semanais, na cadeira de "Canto Orfeônico", do Curso Ginasial (diurno) do Instituto de Educação, desta Capital, a partir do mês de março, p. passado.

MCQ/.-

Por PORTARIA N. 850 de 26 de março de 1.952, da S.E.C., resolve LICENCIAR para tratamento de sua saúde, nos termos do artigo 185º, da lei n. 293, de 24.11.49, SOLEDADE CORRÊA DE FREITAS, professora Auxiliar, padrão 0, com exercício no Instituto de Educação, desta Capital, por (60) sessenta dias, a partir de 1º do corrente.

DM/- Em, 3.IV.52.

PORTARIA Nº 1157, de 3.5.52, resolve licenciar para tratamento de sua saúde, nos termos do art.185, da lei nº 293, de 24.XI.49, SOLEDADE CORRÊA DE FREITAS, com exercício no Instituto de Educação, da Capital, por (60) sessenta dias, a partir de 30 de Abril, p.p., em prorrogação.

MOQ/.-12.5.52. -

PORTARIA Nº 2323, de 21.8.52, resolve licenciar para tratamento de sua saúde, nos termos do art.185, da lei nº 293, de 24.XI.49, SOLEDADE CORRÊA DE FREITAS, prof.padrão 0, com exercício no Ginásio Paranaense de Curitiba, por (60) sessenta dias, em prorrogação, a partir de 29 de Junho do corrente ano.

MOQ/-10.9.52

PORTARIA Nº 2.524 de 11 de setembro de 1.952. RESOLVE licenciar para fins de tratamento de saúde, nos termos do artº 185º da lei nº 293 de 24 de novembro de 1.949. SOLEDADE CORRÊA DE FREITAS professora normalista padrão "0" com exercício no Instituto de Educação, desta Capital, por (60) sessenta dias em prorrogação a partir de 28 de agosto proximo passado..... anor. em 23.9.52.... TVC.

Mausoléu da Família de Custódio Cardozo Netto
Cemitério Municipal São Francisco De Paula - Curitiba



Foto de Murilo Lazarin

Mausoléu da Família de José Correia de Freitas
Cemitério Municipal São Francisco De Paula - Curitiba



Foto de Murilo Lazarin

SOBRE AS AUTORAS

ANA CRHISTINA VANALI

Doutora em Sociologia pela UFPR.

Mestra em Antropologia pela UFPR.

Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFPR.

Professora da Faculdade da Indústria/Campus São José dos Pinhais.

Professora de Sociologia do Colégio da Polícia Militar do Paraná.

Principais interesses de pesquisa: biografias e Movimento do Contestado.

Contato: anacvanali@gmail.com

ANDREA MAILA VOSS KOMINEK

Doutora em Sociologia pela Universidade de Salamanca.

Mestra em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR.

Licenciada em Filosofia pela UFPR.

Professora do Programa de Pós-Graduação Tecnologia e Sociedade (PPGTE).

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Principais interesses de pesquisa: Relações de Gênero; Educação para as Relações Étnico-Raciais; Africanidades; Branquitude Crítica.

Contato: amvkominek@gmail.com

VANESSA VARGAS BOBER

Mestre em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. Residência em Saúde da Mulher.

Bacharelado em Terapia Ocupacional pela instituição.

Principais interesses de pesquisa: Maternidade; feminilidade; Relações de Gênero; Relações Étnico-raciais; Branquitude Crítica.

Contato: bober.vanessa@gmail.com



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org